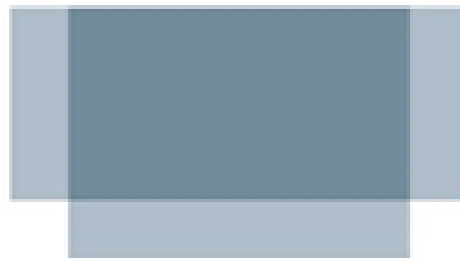


UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
NAS BIBLIOTECAS ESCOLARES**

Cláudia Cristina Lopes Marques

Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares

Dissertação orientada por Professor Doutor José António Moreira

Lisboa, fevereiro 2026

Resumo

Nas últimas décadas tem-se verificado uma forte evolução tecnológica onde as Tecnologias de Informação e Comunicação se têm tornado essenciais e, conseqüentemente, também na educação e nas Bibliotecas Escolares.

Um dos pressupostos da Biblioteca Escolar é disponibilizar recursos que possibilitem aos alunos e professores o acesso a informação, em qualquer tipo de formato, a fim de se poder construir conhecimento de uma forma ampla e atualizada. Neste sentido, esta dissertação tem como objetivo principal compreender como é que as Tecnologias da Informação e Comunicação estão a ser integradas nas Bibliotecas Escolares, com vista ao desenvolvimento da literacia associada a essa integração e à promoção da melhoria das práticas desenvolvidas neste contexto.

Os dados deste estudo foram recolhidos através dos questionários elaborados pela Rede de Bibliotecas Escolares, no âmbito do Modelo de Avaliação da Biblioteca Escolar, dos ciclos de avaliação: 2015, 2017 e 2019, no distrito de Vila Real. A sua utilização é legitimada por protocolo estabelecido entre a Rede de Bibliotecas Escolares e a Universidade Aberta. Adicionalmente, e para enriquecimento dos resultados da investigação, foram feitas entrevistas aos coordenadores das BE de Vila Real, em setembro de 2025.

Este estudo recorreu a uma metodologia mista, conjugando métodos quantitativos, com base na análise estatística de dados, e métodos qualitativos, através da análise de conteúdo, com o objetivo de dar resposta às questões de investigação.

Os resultados revelam uma integração gradual, mas desigual, das Tecnologias da Informação e Comunicação nas Bibliotecas Escolares, condicionada por limitações de recursos e de formação, destacando-se o papel da Biblioteca Escolar na promoção da literacia digital.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar, Digital, Rede de Bibliotecas Escolares, Vila Real, Tecnologias de Informação e Comunicação

Abstract

In recent decades, there has been a strong technological evolution in which Information and Communication Technologies have become essential, including in education and School Libraries.

One of the assumptions of the School Library is to provide resources that enable students and teachers to access information in any type of format, so that broad and up-to-date knowledge can be built. In this sense, this dissertation will address the following central question: How are Information and Communication Technologies being integrated into School Libraries, with the purpose is to develop literacy on the integration of Information and Communication Technologies in School Libraries, as well as to promote the improvements in the work carried out in this context.

The data was collected through questionnaires prepared by the School Libraries Network, as part of the School Library Evaluation Model, from the evaluation cycles of 2015, 2017 and 2019, in the district of Vila Real. Their use is legitimized by a protocol established between the School Libraries Network and Universidade Aberta. Additionally, and to enrich the research results, interviews were conducted with the coordinators of the School Libraries in Vila Real, in September 2025.

This study will adopt a mixed methodology, combining quantitative methods, based on statistical data analysis, and qualitative methods, involving content analysis, in order to find answers to the research questions.

The results reveal a gradual but uneven integration of Information and Communication Technologies in school libraries, hampered by limitations in resources and training, highlighting the role of the school library in promoting digital literacy.

Keywords: School Library, Digital, School Libraries Network, Vila Real, Information and Communication Technologies

Agradecimentos

A realização desta dissertação marca o culminar de um percurso académico e pessoal que não teria sido possível sem o apoio incondicional de várias pessoas. A todos, expresso o meu profundo reconhecimento e gratidão.

Os meus sinceros agradecimentos aos elementos que, com a sua sabedoria e orientação, tornaram este trabalho uma realidade:

Ao Professor Doutor António Moreira, meu Orientador, pela confiança depositada, pela contínua disponibilidade, pela valiosa orientação científica e pelos preciosos contributos que guiaram o desenvolvimento desta investigação.

À Professora Doutora Ana Novo, Coordenadora de Curso, por todo o suporte institucional e pela criação das condições necessárias para a prossecução deste percurso.

À Professora Doutora Glória Bastos, Vice-Coordenadora de Curso, pela sua constante preocupação, incentivo e apoio.

Por fim, o meu reconhecimento mais sentido dirige-se à minha família, o meu porto seguro e a minha maior fonte de inspiração e motivação.



DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

STATEMENT OF INTEGRITY

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente dissertação/tese. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer outra forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Regulamento Disciplinar da Universidade Aberta, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 215, de 6 de novembro de 2013.

I hereby declare having conducted my thesis with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the thesis elaboration.

I further declare that I have fully acknowledged Disciplinary Regulations of the Universidade Aberta (regulation published in the official journal Diário da República, 2.ª série, N.º 215, de 6 de novembro de 2013).

Universidade Aberta, 17 de fevereiro de 2026

Cláudia Cristina Lopes Marques:

Assinatura/Signature:

manuscrita ou digital / handwritten or digital

ÍNDICE

Resumo	i
Abstract	ii
Agradecimentos	iii
ÍNDICE DE TABELAS	viii
ÍNDICE DE GRÁFICOS	ix
Lista de Abreviaturas e Siglas	x
INTRODUÇÃO	1
PARTE I - ENQUADRAMENTO	4
1. AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	5
1.1. Definição e Evolução das TIC	6
1.2. O Papel das TIC na Sociedade da Informação	8
1.3. As TIC na Educação	10
1.3.1. O papel das TIC na transformação educativa	12
1.3.2. Novas metodologias e práticas pedagógicas	15
1.3.3. Competências digitais e formação docente	17
1.3.4. Análise reflexiva e prospetiva	20
2. A BIBLIOTECA ESCOLAR	24
2.1. Definição de biblioteca escolar	25
2.2. Papel pedagógico e informacional	28
2.2.1. A biblioteca como estrutura pedagógica	28
2.2.2. A biblioteca como centro de informação	30
2.2.3. Intervenção colaborativa e inovação	32
2.3. A biblioteca como centro de recursos	33
2.3.1. Um centro de recursos para o currículo e a aprendizagem	34
2.3.2. Planeamento, gestão e desenvolvimento da coleção	36
2.3.3. Um espaço físico e simbólico de aprendizagem	37
3. A INTEGRAÇÃO DAS TIC NAS BIBLIOTECAS ESCOLARES	39
3.1. Potencialidades das TIC para as bibliotecas	40
3.2. Transformação digital nas bibliotecas escolares	42
3.2.1. Biblioteca híbrida: Integração do físico e do digital	43
3.2.2. O papel do professor bibliotecário na transformação digital	44
3.2.3. Inovação, cultura digital e pedagogia	46
3.2.4. A pandemia como acelerador da mudança	48
3.2.5. Implicações e perspetivas	50
3.3. Ambientes, plataformas, conteúdos e recursos digitais	51
4. COMPETÊNCIAS DIGITAIS DE PROFESSORES, BIBLIOTECÁRIOS E ALUNOS	53
4.1. Formação e literacia digital	54
4.2. Uso pedagógico das TIC	58

4.2.1. Modelos de referência para a integração pedagógica das TIC	60
4.2.2. Práticas pedagógicas inovadoras com TIC	62
4.2.3. TIC ao serviço da diferenciação e inclusão.....	65
4.2.4. Avaliação com TIC	67
4.3. Obstáculos e estratégias de ação	68
5. O MODELO DE AVALIAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR.....	72
5.1. Origem e evolução do MABE	73
5.2. Estrutura e indicadores do MABE.....	75
5.3. O papel do MABE na avaliação das TIC nas bibliotecas escolares	76
5.4. Relevância do MABE para a presente investigação.....	77
PARTE II - ESTUDO EMPÍRICO	79
1. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO E ASPETOS METODOLÓGICOS.....	80
1.1. Instrumentos de recolha de dados	81
1.2. Procedimentos.....	84
1.3. Métodos para a análise dos dados.....	87
2. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	89
2.1. Caracterização da Amostra - Escolas participantes	89
2.2. Questionário aos alunos	90
2.2.1. Caracterização da Amostra	90
2.2.2. Utilização de computadores/ <i>tablets</i> e acesso à <i>internet</i>	93
2.2.3. Avaliação do número de computadores e/ou <i>tablets</i> e acesso à <i>internet</i>	94
2.2.4. Avaliação da participação em algumas atividades promovidas pela biblioteca	96
2.2.5. Opinião sobre recursos existentes na biblioteca ou que esta faz circular na escola	99
2.2.6. Classificar o trabalho e contributo da biblioteca escolar para “gostares mais de ler e leres mais”	101
2.3. Questionário aos Docentes	103
2.3.1. Caracterização da Amostra	103
2.3.2. Com que objetivos, os docentes, utilizam a biblioteca ou os seus recursos.....	106
2.3.3. Em que contextos e com que frequência o docente costuma articular e/ou planear atividades com a biblioteca	107
2.3.4. Trabalho e serviços da biblioteca	109
2.3.5. Avaliar o nível dos recursos existentes na biblioteca ou que esta faz circular na sua escola	111
2.3.6. Classificar o trabalho e contributo da biblioteca escolar para o desenvolvimento das literacias digitais, da informação e dos média dos alunos.....	113
2.4. Entrevistas aos Coordenadores das Bibliotecas Escolares.....	115
2.4.1. Caracterização da Amostra	115
2.4.2. Infraestruturas das bibliotecas escolares.....	117
2.4.3. Utilização das TIC nas bibliotecas escolares	120
2.4.4. Utilização da Biblioteca Escolar por parte da Comunidade Educativa.....	122
2.4.5. Dificuldades das bibliotecas escolares na integração das TIC.....	126
2.4.6. Estratégias de integração das TIC nas bibliotecas escolares.....	128
2.4.7. Complementares.....	131
CONCLUSÕES.....	134
BIBLIOGRAFIA	141
APÊNDICES	153
APÊNDICE I.....	154

Guião de entrevista.....	154
APÊNDICE II.....	155
Carta de entrevista.....	155
APÊNDICE III.....	156
Transcrição de entrevistas.....	156
ANEXOS.....	157
ANEXO I.....	158
Questionários MABE - Alunos.....	158
ANEXO II.....	159
Questionários MABE - Docentes.....	159
ANEXO III.....	160
Plano de Melhoria.....	160
ANEXO IV.....	161
Relatório - PB.....	161

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Estabelecimentos de ensino de Vila Real pertencentes à amostra	89
Tabela 2 - Número de alunos pertencentes à amostra	90
Tabela 3 - Distribuição da amostra em termos de escolaridade	92
Tabela 4 - Resultados quanto ao número de computadores/ <i>tablets</i> e <i>internet</i>	94
Tabela 5 - Resultados da participação em algumas atividades promovidas pela biblioteca	97
Tabela 6 - Resultados quanto aos recursos existentes na biblioteca ou que esta faz circular na escola	100
Tabela 7 - Número de docentes pertencentes à amostra	103
Tabela 8 - Resultados da utilização da biblioteca ou seus recursos	106
Tabela 9 - Resultados da exploração de tecnologias e ferramentas em ambientes digitais	107
Tabela 10 - Resultados do trabalho e serviços da biblioteca	109
Tabela 11 - Resultados dos docentes do nível de recursos existentes na biblioteca ou que esta faz circular na sua escola	111
Tabela 12 - Número de Coordenadores de Bibliotecas Escolares pertencentes à amostra	115
Tabela 13 - Caracterização da amostra em termos de coordenadores de bibliotecas escolares	116

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição de participantes por género	91
Gráfico 2 - Resultados da utilização de computadores/ <i>tablets</i> e acesso à <i>Internet</i>	93
Gráfico 3 - Resultados do contributo da biblioteca escolar para “gostares mais de ler e leres mais”	102
Gráfico 4 - Distribuição da amostra em termos de grupo disciplinar	104
Gráfico 5 - Desenvolvimento das literacias digitais, da informação e dos média dos alunos	113

Lista de Abreviaturas e Siglas

AVA - Ambientes Virtuais de Aprendizagem

BE - biblioteca escolar

DGE - Direção-Geral da Educação

DigCompEdu - Quadro Europeu de Competência Digital para Educadores

flipped classroom - sala de aula invertida

IA - Inteligência Artificial

IoT - Internet das Coisas

MABE - Modelo de Avaliação da Biblioteca Escolar

m-learning - mobile learning

PAA - Plano Anual de Atividades

PADDE - Plano de Ação para o Desenvolvimento Digital da Escola

PB - professor bibliotecário

PBL - aprendizagem baseada em projetos

PC - computador pessoal

PNL - Plano Nacional de Leitura

RA - Realidade Aumentada

RBE - Rede de Biblioteca Escolares

REA - Recursos Educativos Abertos

RV - Realidade Virtual

TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação

INTRODUÇÃO

Num cenário de digitalização acelerada, a Biblioteca Escolar (BE), enquanto estrutura pedagógica e centro de recursos informacionais, é impelida a evoluir e a reposicionar-se. A BE desempenha um papel vital no acompanhamento da evolução da sociedade, e para isso, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) são fundamentais, fornecendo acesso à informação, recursos digitais, colaboração, desenvolvimento de competências digitais e impulsionando a inovação educativa.

A opção pela temática “As Tecnologias da Informação e Comunicação nas Bibliotecas Escolares” alicerçou-se no interesse pessoal por esta área e na utilização das TIC neste mesmo contexto. Este interesse, consubstanciado pelo exercício de funções de Professora de Informática, é revigorado pela constatação das potencialidades dos recursos digitais como impulsionadores do interesse e da aprendizagem no ambiente escolar.

Desta forma, e atendendo ao facto de cada BE apresentar uma realidade, torna-se pertinente investigar de que forma as Tecnologias da Informação e Comunicação estão a ser integradas nas bibliotecas escolares, traçando, neste caso, um retrato do distrito de Vila Real. Pretende-se, assim identificar os meios e as práticas adotadas na integração das TIC, a perceção dos intervenientes envolvidos neste processo e as dificuldades sentidas.

Assim, a dissertação tem como questão central: De que forma é que as TIC estão presentes nas BE? Neste contexto, com o intuito de refletir sobre as práticas desenvolvidas para a integração das TIC, bem como sobre as perceções, as dificuldades sentidas e as estratégias adotadas para as ultrapassar, foram delineados os seguintes objetivos:

- Analisar se as infraestruturas da BE disponibilizam meios adequados para a utilização das TIC;

- Caracterizar as formas de integração das TIC nas suas atividades desenvolvidas na BE;
- Verificar a perceção dos professores e dos alunos relativamente à integração das TIC na BE;
- Identificar as dificuldades sentidas das BE na integração das TIC, bem com as estratégias adotadas para a sua superação.

Para a concretização destes objetivos, os dados empíricos foram obtidos através de uma abordagem de método misto. O ponto de partida foi a análise de dados quantitativos recolhidos a partir dos questionários realizados pela Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), no âmbito do Modelo de Avaliação da Biblioteca Escolar (MABE). O estudo baseou-se na análise das respostas dos anos 2015, 2017 e 2019, no distrito de Vila Real, disponibilizadas através de um protocolo de colaboração estabelecido entre a Universidade Aberta e a RBE. Adicionalmente, e para enriquecimento dos resultados da investigação, foram realizadas entrevistas aos coordenadores das BE de Vila Real, visando aprofundar a compreensão sobre os dados estatísticos e compreender as suas perceções sobre as estratégias, os desafios para integração das TIC.

Para a concretização do estudo, a dissertação encontra-se organizada em duas partes. A primeira parte é dedicada ao enquadramento teórico, integrando os capítulos de natureza concetual e de revisão da literatura. Nela são abordadas as Tecnologias da Informação e Comunicação, a sua definição e evolução, bem como o seu papel na sociedade da informação e na educação, com especial destaque para as metodologias e práticas pedagógicas e para as competências digitais dos professores. Esta parte contempla ainda uma análise aprofundada da Biblioteca Escolar, enquanto estrutura pedagógica, centro de informação e recurso estratégico para a aprendizagem, refletindo sobre as suas funções, organização e potencialidades no contexto digital. Por fim, apresenta-se a integração das TIC nas bibliotecas escolares, destacando as suas transformações, a digitalização dos serviços, o papel do professor bibliotecário e a importância do Modelo de Avaliação da Biblioteca Escolar como instrumento de monitorização e desenvolvimento da ação educativa.

A segunda parte, correspondente ao estudo empírico, descreve o desenho metodológico adotado e o processo de recolha e análise de dados. São apresentados os instrumentos utilizados, nomeadamente os questionários do MABE aplicados a alunos e docentes, os planos de melhoria e relatórios do professor bibliotecário (anos 2015, 2017 e 2019) e as entrevistas aos coordenadores das bibliotecas escolares (2025), bem como os procedimentos de recolha e tratamento da informação. O capítulo dedicado à apresentação, análise e discussão dos resultados inclui a caracterização da amostra, a interpretação dos resultados e a discussão crítica dos dados, em articulação com os objetivos definidos e a literatura de referência.

Finalmente, o capítulo das conclusões sumaria os principais aspetos abordados, evidencia as implicações pedagógicas e tecnológicas do estudo, identifica as limitações encontradas e linhas de investigação futura.

PARTE I - ENQUADRAMENTO

1. AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

As Tecnologias da Informação e Comunicação constituem um campo vasto, dinâmico e em constante transformação, cuja relevância se manifesta em múltiplas dimensões da vida contemporânea - económica, social, cultural e educativa. Num cenário cada vez mais digitalizado, marcado pela conectividade global e pela crescente utilização de dispositivos digitais, as TIC tornaram-se essenciais para comunicar, aprender, gerir conhecimento e interagir socialmente.

“A inserção da tecnologia da informação e da comunicação na sociedade trouxe transformações diversas ao ser humano, pois, por meio dela, é possível gerir conhecimento em qualquer lugar do mundo, permitindo a troca de informações entre as pessoas, independentemente da distância ou do formato envolvido” (Geraldi & Bizelli, 2016, p. 121).

No domínio educativo, as TIC deixaram de ser meros instrumentos de apoio, passando a configurar-se como elementos centrais na redefinição das práticas pedagógicas, nos processos de ensino-aprendizagem e na produção colaborativa do conhecimento. Como destacam Geraldi & Bizelli (2016), “as tecnologias da informação e comunicação (TIC) trazem novas formas e métodos de produção do conhecimento no ambiente escolar” (p. 115), alterando profundamente a lógica do processo educativo e os papéis tradicionais de professores e alunos.

O presente capítulo propõe uma análise sistematizada das TIC a partir de três eixos fundamentais: a sua definição e evolução histórica; o papel que desempenham na sociedade da informação; e as implicações e desafios decorrentes da sua integração no sistema educativo, com especial atenção à biblioteca escolar.

1.1. Definição e Evolução das TIC

O termo Tecnologias da Informação e Comunicação refere-se às tecnologias que permitem a recolha, o armazenamento, o processamento, a transmissão e a disseminação da informação. Inclui não apenas dispositivos eletrónicos (como computadores, *smartphones*, servidores, *tablets* e periféricos), mas também redes de comunicação (como a *internet*, redes sem fios, redes móveis), *software* (sistemas operativos, aplicações, plataformas digitais) e os serviços baseados nestas tecnologias (como o *e-mail*, a videoconferência, o armazenamento em nuvem, etc.) (Silva, 2012, p. 15; Valente, 1999, p. 41).

Segundo Silva (2012), “as tecnologias da informação e comunicação incluem um vasto leque de ferramentas e suportes que permitem a mediação da informação, desde os suportes mais tradicionais até às tecnologias digitais mais recentes” (p. 17).

A evolução das TIC é indissociável da história do desenvolvimento tecnológico e da comunicação humana. Como observa Valente et al. (2018), “as mídias e as tecnologias digitais, acopladas à *internet*, estão transformando a maneira como desenvolvemos as atividades em praticamente todos os segmentos da sociedade, bem como o modo como as pessoas pensam, resolvem problemas, acessam a informação e se relacionam socialmente” (p. 21).

Este percurso evolutivo não foi linear nem homogéneo. Pelo contrário, desenvolveu-se ao longo de décadas, marcado por inovações técnicas, ruturas paradigmáticas e diferentes ritmos de apropriação por parte dos diversos contextos sociais. Na literatura propõe-se uma divisão cronológica das TIC em fases, de modo a clarificar os marcos que moldaram o seu desenvolvimento.

Com base numa análise funcional, é possível distinguir quatro grandes etapas, cada uma marcada por características tecnológicas, sociais e comunicacionais específicas:

1. Fase analógica (final do século XIX até meados do século XX): marcada pelo desenvolvimento de tecnologias de comunicação analógicas, como o telégrafo, o telefone, a rádio e a televisão. Estas tecnologias permitiram o

envio de mensagens a longas distâncias, mas com capacidades limitadas de interação e armazenamento de dados.

2. Fase da digitalização (décadas de 1950 a 1980): com o surgimento da informática, surgem os primeiros computadores, inicialmente utilizados em contextos militares e científicos. A partir da década de 1970, com a microinformática e o desenvolvimento dos computadores pessoais (PC), inicia-se a disseminação das TIC em ambientes empresariais, educativos e domésticos. Segundo Castells (2001), “a revolução da informação é caracterizada por uma nova capacidade tecnológica de agir sobre a informação” (p. 45).
3. Fase da convergência digital e da *internet* (décadas de 1990 e 2000): a criação da *World Wide Web* por Tim Berners-Lee, em 1989, marca um ponto de viragem. A *internet* deixa de ser apenas uma rede de comunicação e transforma-se num ecossistema digital interativo e dinâmico. Segundo O’Reilly (2005), “a *Web* como plataforma” é uma das características fundamentais da *Web 2.0*, centrada na produção colaborativa de conteúdos.
4. Fase da hiperconectividade e da emergência da *Web 3.0* (2010-presente): caracterizada pelo surgimento de tecnologias emergentes como a Inteligência Artificial (IA), *Big Data*, *blockchain*, *Internet* das Coisas (IoT), Realidade Aumentada (RA) e Realidade Virtual (RV). Estas inovações tornam as TIC mais contextuais, preditivas e integradas na vida quotidiana. De acordo com Floridi (2014), “a infosfera tornou-se o novo ambiente onde vivemos, trabalhamos, aprendemos e interagimos” (p. 86).

Estas fases, embora organizadas cronologicamente, não se sucedem de forma estanque. Muitas vezes coexistem e sobrepõem-se, refletindo a diversidade dos contextos de utilização e os diferentes níveis de acesso e apropriação das tecnologias. À medida que se difundem, as TIC colocam também desafios éticos, políticos e sociais, como a privacidade, a segurança, a dependência tecnológica e a exclusão digital. Van Dijk (2005) alerta que “a desigualdade no acesso à informação e ao conhecimento transforma-se rapidamente numa nova forma de exclusão social” (p. 17).

Compreender a evolução das TIC exige, portanto, uma leitura crítica, contextualizada e multifocal, indispensável para perceber a sua influência na sociedade contemporânea e, em particular, no campo educativo.

1.2. O Papel das TIC na Sociedade da Informação

A emergência da sociedade da informação constitui uma das mudanças mais significativas da contemporaneidade. Este conceito remete para um modelo social, económico e cultural em que a informação se torna elemento central na geração de valor, nas relações sociais e na organização do conhecimento. Neste novo paradigma, o domínio das competências digitais e informacionais é considerado essencial para a integração plena do cidadão na sociedade. Como refere Oliveira (2019) “o acesso ao domínio da linguagem da informática e de suas possibilidades - é indispensável para a participação do indivíduo no mundo social e do trabalho” (p. 218). Assim, o acesso crítico, ético e participativo à informação torna-se uma competência fundamental da cidadania contemporânea.

Como explica Castells (2001), a sociedade em rede é marcada pela predominância das tecnologias da informação, sendo que “a capacidade de gerar, processar e aplicar eficientemente a informação torna-se a principal fonte de produtividade e poder” (p. 52). Neste contexto, as TIC assumem um papel estratégico, pois são os instrumentos que permitem a recolha, o armazenamento, o tratamento e a difusão massiva da informação.

Segundo Lévy (1999), “a cibercultura é o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (p. 17). A sociedade da informação caracteriza-se por uma interconectividade global, pela aceleração da comunicação e pela virtualização das interações sociais, o que favorece o surgimento de novas formas de inteligência coletiva. As TIC constituem os pilares desse ecossistema digital, permitindo a desmaterialização dos processos e a flexibilidade dos contextos de produção, aprendizagem e comunicação.

Do ponto de vista económico, as TIC impulsionam o crescimento de setores baseados no conhecimento, como as indústrias criativas, os serviços digitais, o comércio eletrónico e as plataformas colaborativas. Facilitam também a automação de processos, a inovação organizacional e a competitividade global. No plano político, as tecnologias da informação contribuem para a democratização do acesso à informação e para o reforço da participação cidadã. Contudo, como alertam Mansell & Steinmueller (2000), estas dinâmicas introduzem “novas formas de desigualdade e exclusão” (p. 98) e colocam em causa “a equidade no acesso às oportunidades” da sociedade da informação (p. 100), sendo por isso necessária uma abordagem crítica, ética e regulada da sua utilização em contextos educativos e sociais.

No plano social e cultural, as TIC influenciam profundamente comportamentos, hábitos de consumo, práticas de lazer e formas de sociabilidade. Através das redes sociais, blogs, fóruns e comunidades virtuais, emergem novas formas de expressão individual e coletiva, bem como dinâmicas participativas inéditas. No entanto, a apropriação destas tecnologias não ocorre de forma uniforme: persiste uma divisão digital que se traduz em desigualdades no acesso, na utilização e na competência crítica para lidar com a informação. Como destaca Van Dijk (2005), “as lacunas digitais refletem e reforçam desigualdades sociais existentes” (p. 12).

Neste quadro, a sociedade da informação é atravessada por tensões entre inclusão e exclusão, liberdade e controlo, inovação e dependência tecnológica. A apropriação crítica das TIC exige não apenas acesso técnico, mas também desenvolvimento de literacias digitais e capacidade de análise ética, cultural e política sobre os seus impactos. Isto é particularmente relevante no contexto educativo, onde as tecnologias devem ser mobilizadas para promover a equidade, a autonomia e a participação cidadã.

1.3. As TIC na Educação

O uso das TIC em contexto educativo pode assumir diferentes abordagens pedagógicas, ora reforçando práticas tradicionais de transmissão da informação, ora potenciando a construção ativa do conhecimento. Quando utilizadas de forma crítica e estratégica, estas tecnologias permitem ao professor acompanhar melhor o pensamento do aluno e intervir de forma mais eficaz na mediação da aprendizagem.

Valente (2005) salienta que as TIC podem

tanto enfatizar o processo de transmissão da informação quanto da construção de conhecimento. No segundo caso, é possível explorar certas características dessas tecnologias de modo que o professor possa ter uma visão mais apurada sobre o que o aprendiz está pensando e, com isso, poder auxiliá-lo no processo de construção de seu conhecimento. Assim, existem facilidades que as TIC oferecem, embora a exploração das mesmas demande um novo papel que o professor deve assumir na interação com o aprendiz (p. 17).

As Tecnologias da Informação e Comunicação têm vindo a transformar profundamente o modo como se concebe, organiza e concretiza a educação. Este fenómeno evidencia o papel estruturante que a educação desempenha no desenvolvimento social e tecnológico das sociedades contemporâneas. Como sublinham Coelho et al. (2007), a “Educação tem um papel determinante e condicionante do ritmo de evolução da Sociedade” (p. 163). A sua presença nas escolas, universidades, bibliotecas e centros de aprendizagem não se limita ao uso instrumental de dispositivos tecnológicos, mas representa uma reconfiguração dos espaços, tempos, conteúdos e relações pedagógicas. Apesar do potencial transformador das TIC, muitas instituições de ensino continuam a reproduzir modelos pedagógicos tradicionais, desajustados às exigências da sociedade contemporânea. Como alerta Valente et al. (2018), “ainda oferecem uma educação tradicional, baseada na informação que o professor transmite e em um currículo que foi desenvolvido para a era do lápis e papel” (p. 18), permanecendo centradas

na transmissão de conteúdos e pouco sintonizadas com a cultura digital e com as necessidades dos alunos no século XXI.

Este impacto estrutural leva a repensar os processos pedagógicos em profundidade, convocando os docentes a um novo posicionamento profissional e didático. Mais do que incorporar dispositivos, trata-se de integrar criticamente as TIC em práticas que valorizem a construção ativa do conhecimento e o desenvolvimento integral do aluno.

Essa transformação implica, inevitavelmente, uma mudança de paradigma. A integração das TIC no processo educativo deixa de ser uma simples inovação técnica para se tornar um catalisador de novas formas de ensinar e aprender, fomentando modalidades mais colaborativas, interativas e centradas no aluno. Neste novo cenário, a autonomia, a criatividade e a participação ativa dos estudantes ganham maior relevo, exigindo dos educadores uma postura crítica, reflexiva e estrategicamente orientada para a inovação pedagógica.

De acordo com a UNESCO (2023), a integração pedagógica das TIC deve ser orientada por princípios de inclusão, equidade e inovação, sendo essencial garantir acesso universal, formação docente contínua e conteúdos digitais de qualidade.

No mesmo relatório, a UNESCO (2023) também alerta que o acesso e uso da tecnologia educacional continuam marcados por desigualdades, acentuadas durante a pandemia da COVID-19. Os elevados custos de infraestrutura tecnológica e a constante evolução das ferramentas digitais levantam preocupações quanto à sua sustentabilidade social, económica e ambiental. Neste contexto, é essencial que as decisões sobre a sua adoção sejam orientadas por especialistas independentes, embora tal orientação possa ser comprometida por interesses financeiros (p. 140).

Segundo Selwyn (2012), “as tecnologias educativas não são neutras nem inevitáveis: são escolhas políticas, sociais e pedagógicas que refletem prioridades e valores” (p. 32).

Neste sentido, é fundamental compreender que o uso das TIC em contexto escolar deve ser orientado por princípios pedagógicos claros, e não apenas por tendências

tecnológicas ou pressões externas. A sua incorporação deve estar articulada com os objetivos curriculares, as necessidades dos alunos e os contextos de aprendizagem, promovendo uma educação mais inclusiva, crítica e significativa.

A utilização das TIC na educação também exige o desenvolvimento de políticas públicas consistentes, estratégias de formação docente contínua e a criação de ecossistemas digitais integrados, que envolvam a biblioteca escolar como núcleo de apoio pedagógico e tecnológico.

1.3.1. O papel das TIC na transformação educativa

Num contexto de profundas transformações sociais e culturais, é imperativo que a escola se repositone criticamente, reconhecendo as exigências do mundo digital que já molda o quotidiano dos alunos. Como sublinha Oliveira (2019),

as concepções de educação, escola e educando precisam ser redimensionadas diante do ‘novo cenário social e cultural’ em que vivemos. Os tempos, literalmente, são outros e cabe à escola se posicionar de forma crítica, trazendo para dentro dos seus muros esse mundo digital que já faz parte do cotidiano da grande maioria dos nossos educandos. Não há como barrar as inovações tecnológicas, tampouco fingir que elas não interferem nas situações comunicacionais e comportamentais dentro e fora da sala de aula (p. 218).

É cada vez mais evidente que o digital se tornou parte integrante das práticas sociais, culturais e educativas. A escola, enquanto reflexo e agente transformador da sociedade, não pode ignorar esta realidade. As práticas educativas devem, por isso, alinhar-se com este novo paradigma, reconhecendo o digital não como um complemento, mas como uma dimensão essencial da vida contemporânea. Como destaca I. Oliveira et al. (2022), “a ação a desenvolver deverá ser digital, dado que o digital faz cada vez mais parte intrínseca da nossa atividade e das nossas vidas” (p. 17).

A integração das TIC nas práticas escolares exige uma abordagem crítica e contextualizada, que responda às especificidades da realidade social e educativa

atual. Como defendem Santos & Carvalho (2019), “o sistema educacional precisa encontrar formas de integrar essa nova conjuntura - tecnológica, comunicativa, comportamental - às atividades educacionais, de modo que o aluno aprenda a utilizar os dispositivos digitais como um meio para obter e produzir conhecimento” (p. 222). Esta integração deve ser feita de modo a não evidenciar a “dificuldade que a escola tem para acompanhar a inserção dessas tecnologias nos contextos sociais, fazendo com que ela se mostre obsoleta e pouco pertencente ao universo fluido e interativo dos jovens” (Silva, sem data).

A presença das TIC nas escolas não deve ser entendida de forma superficial ou segmentada, mas como um elemento transversal que transforma o cotidiano educativo em todas as suas dimensões. A escola, ao incorporar as TIC, deve assumir uma postura proativa na criação de ambientes dinâmicos e inovadores, capazes de responder às exigências da sociedade do conhecimento.

Valente (2005) argumenta que a implementação das TIC na escola não deve ser limitada à instalação de laboratórios ou ações isoladas de formação, mas sim estar “impregnada em todas as atividades” de alunos, professores e gestores, promovendo uma escola viva e integrada na sociedade do conhecimento (p. 26, 27).

Inicialmente, as TIC foram introduzidas nas escolas sobretudo como ferramentas auxiliares, com o objetivo de apoiar a administração escolar e algumas atividades educativas pontuais. No entanto, com a expansão da *internet* e a crescente ubiquidade dos dispositivos digitais, a sua integração nos currículos tornou-se uma exigência não apenas pedagógica, mas também social. Segundo a UNESCO (2008), a adoção das TIC na educação contribui para melhorar a qualidade do ensino, promovendo a equidade e a inclusão.

As TIC têm vindo a reconfigurar as práticas pedagógicas tradicionais, permitindo a diversificação de estratégias de ensino, a personalização da aprendizagem e o fomento de ambientes colaborativos e interativos. Como sublinha Selwyn (2012), “a tecnologia, quando utilizada de forma crítica e reflexiva, pode apoiar melhorias significativas nos resultados da aprendizagem” (p. 63). Neste sentido, as TIC não

devem ser vistas apenas como ferramentas instrumentais, mas como catalisadoras de uma transformação profunda na forma de ensinar e aprender.

De acordo com Moran (2007), “as TIC ampliam o espaço e o tempo da aprendizagem, permitindo que esta ocorra de forma contínua, em diferentes contextos e com maior protagonismo dos alunos” (p. 28). Esta visão enfatiza a superação das barreiras espaço-temporais do modelo educativo tradicional, reforçando a autonomia dos alunos e a aprendizagem centrada no estudante.

Num contexto de sociedade digital em constante mudança, as TIC permitem a criação de ecossistemas de aprendizagem flexíveis e adaptativos, onde os alunos se tornam produtores de conhecimento e agentes da sua própria formação. Esta transformação exige, no entanto, que os educadores desenvolvam competências para integrar pedagogicamente as TIC, favorecendo práticas educativas inovadoras, inclusivas e orientadas para a construção do conhecimento. Neste sentido,

as TICs devem ser encaradas como ferramentas para o processo de emancipação crítica do indivíduo diante do mundo contemporâneo em que o mesmo vive, haja vista que o domínio de ferramentas tecnológicas tornou-se uma necessidade tão importante quanto o conhecimento da escrita e da leitura. Trata-se de uma exigência do mercado de trabalho, uma vez que a maioria dos empregos com alta remuneração aponta como imprescindível o sólido conhecimento de tal área (Santos & Carvalho, 2019).

Assim, as TIC assumem uma função educativa que transcende o plano instrumental, integrando-se plenamente na formação crítica e cidadã dos alunos. Além disso, a educação deve preparar os alunos para a incerteza e a mudança, desenvolvendo competências que lhes permitam atuar com autonomia, criatividade e adaptabilidade em diferentes contextos. Como salienta Bates (2017),

para sobreviver no mercado de trabalho atual, os alunos precisam ser flexíveis e adaptáveis, capazes de trabalhar tanto para si como para empresas que cada vez mais têm uma vida útil muito curta. O desafio, então, não é refazer os objetivos da educação, mas ter certeza de que atenda a esse propósito de forma mais eficaz (p. 58).

1.3.2. Novas metodologias e práticas pedagógicas

As TIC têm impulsionado o surgimento de novas metodologias de ensino e aprendizagem, centradas na construção ativa do conhecimento, na colaboração e na personalização dos percursos educativos. Como salienta Valente et al. (2018),

as metodologias ativas de ensino e de aprendizagem estão relacionadas com a realização de práticas pedagógicas para envolver os alunos, engajá-los em atividades em que são protagonistas da própria aprendizagem. Assim, essas metodologias procuram criar situações de aprendizagem nas quais os aprendizes possam fazer coisas, pensar e conceituar o que fazem, construir conhecimentos sobre os conteúdos envolvidos nas atividades que realizam (p. 25).

Este modelo permite que os professores acompanhem em tempo real as dificuldades dos alunos, ajustando a sua intervenção e promovendo percursos de aprendizagem mais personalizados. A personalização resulta da análise de dados recolhidos durante as atividades, o que contribui para a melhoria contínua dos processos e dos resultados educativos. Abordagens como a sala de aula invertida (*flipped classroom*), a aprendizagem baseada em projetos (ABP), a aprendizagem híbrida (*blended learning*) ou o ensino a distância tornaram-se mais viáveis e eficazes com o apoio das tecnologias digitais.

Segundo Valente (1999a), a utilização pedagógica das TIC pode evoluir em quatro níveis: “a utilização do computador como máquina de ensinar, como ferramenta para explorar novos conteúdos, como instrumento de expressão e criação de ideias e como ambiente de aprendizagem” (p. 27). Esta visão destaca a transição de um uso meramente técnico para uma integração mais profunda e transformadora das tecnologias na prática educativa.

Como afirma Bates (2015), “a integração eficaz das tecnologias digitais na educação requer não apenas acesso técnico, mas também repensar as metodologias de ensino, de forma a explorar as potencialidades pedagógicas das TIC” (p. 104). O uso de plataformas de aprendizagem *online* (como o *Moodle* ou o *Google Classroom*), ferramentas de criação digital (como o *Padlet*, o *Canva* ou o

Genially) e ambientes interativos permite aos docentes diversificar as atividades e adaptar os conteúdos aos diferentes estilos e ritmos de aprendizagem dos alunos.

Destaca-se a crescente valorização das ferramentas que promovem a participação ativa dos alunos. Estas ferramentas não apenas transformam as metodologias de ensino, como também favorecem uma aprendizagem mais centrada no aluno, colaborativa e interativa. Como sublinha Casanova et al. (2024), “as ferramentas digitais permitem uma maior interatividade, colaboração e personalização da aprendizagem, o que contribui para um melhor envolvimento e motivação” (p. 282).

Neste contexto, o Quadro Europeu de Competência Digital para Educadores (DigCompEdu), desenvolvido por Redecker (2017), propõe seis áreas-chave de competência: “compromisso profissional, recursos digitais, ensino e aprendizagem, avaliação, capacitação dos alunos e promoção das competências digitais dos alunos” (p. 16). Além disso, estabelece níveis de proficiência que orientam os docentes desde a familiarização até à inovação transformadora na prática com tecnologias digitais.

A gamificação, a aprendizagem móvel (*mobile learning*), o uso de redes sociais com fins educativos e a realidade aumentada são exemplos de práticas emergentes que tornam o processo de aprendizagem mais motivador e significativo. Estas abordagens valorizam a participação ativa dos alunos, o pensamento crítico, a resolução de problemas e a colaboração, competências essenciais no século XXI.

Também Valente (1999b) defende que “o uso das TIC implica uma mudança no processo educativo, em que o professor deixa de ser o centro do conhecimento e passa a ser o orientador da aprendizagem” (p. 47). O aluno assume um papel mais ativo, participando na seleção, organização e aplicação dos conteúdos em contextos significativos.

Estas metodologias também se revelaram fundamentais no contexto da pandemia de COVID-19, onde as TIC foram essenciais para assegurar a continuidade educativa em regime remoto, reforçando a importância da sua integração planeada e consistente nos sistemas de ensino (Redecker, 2017, p. 31).

1.3.3. Competências digitais e formação docente

No atual contexto de aceleração tecnológica e transformação digital, a formação de professores torna-se uma prioridade estratégica para garantir uma educação de qualidade, inclusiva e atualizada. A urgência de desenvolver competências digitais não é apenas técnica, mas estratégica num mundo em rápida transformação. Como salienta Valente et al. (2018), “a educação deverá ser cada vez mais importante para todos. Isso significa, primeiro, que mais pessoas deverão ter acesso aos processos de ensino e de aprendizagem. Segundo, que deve aumentar a demanda por profissionais melhor qualificados” (p. 36).

A integração das Tecnologias da Informação e Comunicação no contexto educativo exige uma reconfiguração profunda do papel do professor, não apenas como transmissor de conteúdos, mas como orientador, mediador e produtor de conhecimento. Esta transformação requer um conjunto de competências digitais que permitam planejar, implementar e avaliar práticas pedagógicas inovadoras e sustentadas nas tecnologias. Como observa Guimarães & Ribeiro (2011), é necessário superar o modelo de aula expositiva tradicional, em que o professor ocupa “o centro do processo” e se limita a “fazer uma boa apresentação”, muitas vezes sem considerar se os alunos “têm a motivação ou os conhecimentos necessários para adquirir os novos saberes”. O papel do professor deve ser reconceptualizado, passando a centrar-se na “criação de ambientes de estudo” e na mediação da aprendizagem, auxiliando os alunos “na construção própria de seu conhecimento” (p. 37, 38).

Segundo Valente (2005), a escola deve ser encarada como uma instituição geradora de conhecimento, sendo que professores e gestores atuam como gestores desse conhecimento produzido no seio da comunidade educativa (p. 13). Esta perspetiva reforça a necessidade de desenvolver competências digitais que permitam aos docentes e gestores não só utilizar as TIC, mas também transformá-las em instrumentos de construção e partilha de saberes, alinhando-se com o papel ativo da escola na sociedade da informação.

A transição para uma educação digital exige professores preparados para integrar criticamente as TIC nas suas práticas. A literacia digital docente não se limita ao

domínio técnico das ferramentas, mas implica a capacidade de planear, implementar e avaliar práticas pedagógicas sustentadas no uso eficaz e ético das tecnologias.

Silva (2012) salienta que “a mudança significativa no uso das TIC na educação só ocorre quando os professores são capacitados para reconstruírem a sua prática pedagógica com base nas novas possibilidades tecnológicas” (p. 95). Neste âmbito, o Quadro Europeu de Competência Digital para Educadores define seis áreas de competências, entre as quais a utilização de recursos digitais, a pedagogia digital, a avaliação com TIC e o empoderamento dos alunos (Redecker, 2017, p. 16-22).

Assim, como destaca Casanova et al. (2024), os docentes devem estar preparados para integrar criticamente as tecnologias no processo de ensino e aprendizagem. Segundo o autor, “os professores precisam de desenvolver competências digitais e pedagógicas para poderem utilizar as ferramentas digitais de forma eficaz e poderem criar ambientes de aprendizagem inovadores que, por seu turno, venham a causar repercussões na capacitação digital dos alunos” (p. 283)

A formação contínua, o trabalho colaborativo entre pares e o acesso a comunidades de aprendizagem profissional são estratégias eficazes para apoiar os docentes neste processo de desenvolvimento. Neste novo contexto, o docente deve assumir uma postura criativa e inovadora, dominando os recursos digitais de forma crítica e estratégica. Como defende Guimarães & Ribeiro (2011), os novos professores do século XXI, chamados por Pierre Lévy de “Arquitetos Cognitivos”, precisam apropriar-se das novas tecnologias com segurança e conhecimento, de forma favorável aos seus alunos, permitindo maior variedade nos processos de ensino e aprendizagem e tornando-se criadores de ambientes de aprendizagem, utilizando os novos meios que surgiram e que continuam evoluindo (p. 9).

Desta forma, tem havido diversos esforços no sentido de fortalecer as competências digitais nas escolas, como por exemplo o Plano de Ação para o Desenvolvimento Digital das Escolas (PADDE) e o Plano de Ação para a Educação Digital (2021-2027), que, como refere Moreira (2021), têm

linhas de ação estratégicas semelhantes, sobretudo, associadas à necessidade, por um lado, de criar e desenvolver um ecossistema de

educação digital eficaz e de qualidade, com infraestruturas, conectividade e equipamento digitais e conteúdos de aprendizagem de elevada qualidade, e por outro, de reforçar as competências e aptidões digitais para a transformação digital de todos os atores educativos.

Também a Missão para a Sociedade da Informação (1997) faz referência a medidas como “Apetrechar os Estabelecimentos Escolares para a Sociedade da Informação”, “Equipar as Bibliotecas e Arquivos Públicos com Computadores Multimédia”, “Promover o Desenvolvimento de Bibliotecas Digitais”, “Instalar em todas as Bibliotecas Escolares do 5º ao 12º anos um Computador Multimédia Ligado à *Internet*”, “Desenvolver Projectos Escolares em Telemática Educativa”, “Promover a Formação de Professores para a Sociedade da Informação”, “Promover a Revisão dos Programas Escolares para Contemplar a Sociedade da Informação”, “Avaliar o Impacto dos Programas em Tecnologias da Informação” ou a projetos como “MINERVA”, “Programa Nónio-Século XXI”...

Pereira & Pereira (2011) exhibe o projeto Minerva como sendo o primeiro desta área. Este programa, da responsabilidade do Ministério da Educação, pretendia introduzir as TIC no ensino não superior e durou quase dez anos. Ponte (1994) realçou que, com base neste projeto, os

computadores começaram por ser vistos numa forma dual: ou para o ensino da informática ou para serem usados como tecnologia. (...) trata-se do estabelecimento de novos objectivos e do desenvolvimento de novas capacidades, o que se faz através duma variedade de novos recursos tecnológicos. Os computadores são máquinas. Mas as tecnologias de informação, mais do que isso, são uma perspectiva cultural. Elas constituem uma importante ferramenta intelectual que permite estender as capacidades de pensamento e de acção dos seres humanos nos mais diversos domínios (p. 54).

Destaca ainda que este projeto teve impacto em centenas de milhares de alunos e que envolveu numerosas instituições.

O Plano Tecnológico da Educação e a iniciativa do e-escolinhas, que aparece no seu seguimento como uma medida de enorme impacto na sociedade portuguesa é

também salientado por Pereira & Pereira (2011) em particular na generalização do uso de computadores pelos alunos do 1.º ciclo do ensino básico e em permitir às escolas beneficiar de um conjunto de equipamentos informáticos, infraestruturas tecnológicas e diversos serviços para uma melhoria da aprendizagem e ensino.

Atualmente está a ser implementado o programa de digitalização para as Escolas, uma das medidas estabelecidas no âmbito do Plano de Ação para a Transição Digital, de 21 de abril de 2020, que prevê o desenvolvimento de um programa para a transformação digital das escolas públicas. Este programa prevê diversas medidas, tal como a capacitação dos docentes e a implementação do programa “Escola Digital”, que consiste na atribuição, a todos os alunos e docentes, de um kit composto por um computador portátil, um hotspot, um cartão SIM, uma mochila e uns *foones*.

Estão ainda em curso várias iniciativas/projetos que têm a aprovação/apoio do Ministério da Educação com o objetivo de fomentar as TIC nas escolas. São exemplos disso os seguintes projetos, que fazem parte de um vasto elenco disponível para a comunidade educativa em geral: Portugal INCoDe; eTwinning; Laboratórios de Aprendizagem (LA); APPS FOR GOOD; UAC - Using Arduíno in the Classroom; EduScratch; Clubes de Programação e Robótica; MILAGE Aprender; Sitestar; ArdRobotic; 3Digital, Laboratórios de Educação Digital, Manuais Digitais, Escola Segura...

A Rede de Bibliotecas Escolares também tem desenvolvido diversas formações específicas para professores bibliotecário e lançado projetos como “(Re)criar a biblioteca - biblioteca digital”, “Conta-nos uma história”, etc., com o objetivo de estimular e apoiar a utilização das novas tecnologias.

1.3.4. Análise reflexiva e prospetiva

Para pensar o futuro da educação, é necessário adotar uma visão sistémica e coerente com as dinâmicas da cultura digital, indo além de intervenções pontuais na sala de aula. Como refere Valente et al. (2018),

na cultura digital as transformações afetam a maneira como vivemos e lidamos com o comércio, os serviços, a produção de bens, o entretenimento e a vida social. Quando pensamos nas mudanças do sistema educacional, não faz sentido repensar somente a sala de aula ou o aspecto pedagógico. As mudanças (...) deverão afetar toda a estrutura que dá suporte ao que acontece nessa nova sala de aula (p. 36).

Ainda assim, apesar da crescente presença das TIC nas escolas, muitas salas de aula permanecem presas a modelos tradicionais, pouco articulados com a realidade digital dos alunos. Esse desfasamento entre inovação potencial e práticas consolidadas evidencia a discrepância entre a escola e a sociedade contemporânea. Como observa Valente et al. (2018),

no geral, a sala de aula pouco mudou e ainda não usufrui dos benefícios proporcionados pela cultura digital. Nesse sentido, pode-se dizer que a sala de aula está completamente fora de sintonia com o resto da sociedade, especialmente em relação aos seus alunos (p. 20).

Esta constatação reforça a necessidade de ações estruturadas, sustentadas por modelos pedagógicos e tecnológicos coerentes, que permitam superar a distância entre inovação teórica e prática efetiva. A adoção de novas tecnologias na educação, por si só, não garante melhorias significativas na aprendizagem. Como alerta Bates (2017), “todas essas estratégias tendem a ter um impacto negativo sobre a qualidade, se os métodos de ensino se mantiverem inalterados” (p. 62). É, portanto, fundamental que a introdução das TIC seja acompanhada de um repensar profundo das práticas pedagógicas, que valorize a intencionalidade didática, a interação significativa e a personalização do percurso educativo.

Apesar das inúmeras potencialidades, a integração das Tecnologias da Informação e Comunicação na educação continua a enfrentar diversos obstáculos estruturais e pedagógicos. Um dos principais entraves prende-se com as desigualdades no acesso, tanto ao nível dos dispositivos tecnológicos como da conectividade à *internet*, o que compromete a equidade educativa e perpetua formas de exclusão digital. A par destas assimetrias, mantêm-se resistências institucionais e individuais

à mudança, deficiências na formação dos docentes e limitações infraestruturais em muitos contextos escolares, dificultando a adoção eficaz e integrada das TIC.

Adicionalmente, o uso das tecnologias em contexto educativo acarreta riscos que não podem ser ignorados. A superficialidade na utilização das ferramentas digitais, o excesso de informação, a dispersão da atenção e a diminuição da qualidade das interações pedagógicas humanas são desafios cada vez mais presentes. Como alerta Prensky (2001), “a tecnologia não resolve os problemas educativos por si só: ela exige um novo modo de pensar a educação, adequado à cultura digital dos nativos digitais” (p. 4), sublinhando a necessidade de um pensamento educativo renovado, centrado nas especificidades culturais e cognitivas dos alunos contemporâneos.

Neste sentido, torna-se imperativo cultivar uma postura crítica e reflexiva perante o papel das tecnologias na escola. Como defendem Lemos & Cunha (2003),

devemos assim estar abertos às potencialidades das tecnologias da cibercultura e atentos às negatividades das mesmas. Devemos tentar compreender a vida como ela é e buscar compreender e nos apoderar dos meios sócio-técnicos da cibercultura. Isso garantirá a nossa sobrevivência cultural, estética, social e política para além de um mero controle maquínico do mundo (p. 23).

Estes desafios, que decorrem da excessiva exposição à informação e da dispersão gerada pelos meios digitais, colocam em evidência a necessidade de resgatar a dimensão motivacional e relacional do ensino. Neste contexto, torna-se claro que a eficácia pedagógica não depende apenas do acesso a tecnologias, mas da forma como estas são mobilizadas para promover relações significativas e aprendizagens relevantes. É neste ponto que o papel do professor assume renovada centralidade, como mediador, orientador e fonte de inspiração. Como sublinha Guimarães & Ribeiro (2011), “o papel mais significativo do professor é motivar os alunos para a importância do que vai ser ensinado, mostrar como esse conhecimento será importante na vida do aluno” (p. 38).

Neste sentido, é fundamental que o uso das TIC seja orientado por princípios éticos, críticos e pedagógicos, que garantam a sua contribuição efetiva para uma educação mais inclusiva, participativa e centrada no desenvolvimento humano.

Às oportunidades, somam-se os contributos do modelo TPACK (Technological Pedagogical Content Knowledge), que identifica os conhecimentos necessários para que os professores integrem a tecnologia de forma eficaz na prática pedagógica. Este modelo salienta a importância de articular o conhecimento tecnológico, pedagógico e de conteúdo, promovendo abordagens flexíveis, adaptativas e centradas no contexto (Koehler et al., 2013).

Além disso, o quadro europeu *DigCompEdu* tem sido fundamental para identificar e desenvolver as competências digitais dos educadores, tendo em conta dimensões como a pedagogia digital, a avaliação com TIC e a promoção da autonomia dos alunos. Estudos em Portugal demonstram que, embora os professores revelem motivação para utilizar as tecnologias, enfrentam dificuldades em adaptar metodologias aos ambientes digitais (Dias-Trindade & Moreira, 2018).

No campo das práticas educativas emergentes, destaca-se o Blended Learning como estratégia que combina realidades analógicas e digitais, ambientes físicos e digitais e tempos de comunicação síncrona e assíncrona, potenciando a flexibilidade, a autonomia e a diversificação metodológica. Este modelo enquadra-se na perspetiva da Educação Digital em Rede (Moreira et al., 2020), e da Educação *Onlife*, proposta por Floridi (2015), em que as fronteiras entre o *online* e o *offline* se tornam obsoletas num ecossistema educativo hiperconectado.

A escola, como espaço dinâmico e inclusivo, deve assumir-se como protagonista na criação de ecossistemas digitais inovadores, colaborativos e integradores, que articulem diferentes tempos, espaços, tecnologias e culturas educativas (Moreira & Horta, 2020; Schlemmer & Moreira, 2020). Para tal, é imprescindível assegurar condições estruturais adequadas, como infraestrutura tecnológica, conectividade e equipamentos, assim como promover a formação contínua dos docentes, o trabalho em rede e a definição de políticas educativas sustentadas que valorizem a inovação pedagógica (Comissão Europeia, 2020; Redecker, 2017, p. 10).

As Tecnologias da Informação e Comunicação revelam-se promissoras para potenciar a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais, personalizar percursos de aprendizagem, diversificar práticas pedagógicas e fomentar competências essenciais para a cidadania digital (UNESCO, 2008; Dias-Trindade & Moreira, 2018). A inteligência artificial, a realidade aumentada, a realidade virtual, a aprendizagem móvel e a análise de dados educativos são algumas das tecnologias emergentes com grande potencial para transformar os ambientes educativos, promovendo experiências imersivas, adaptativas e centradas no estudante (Redecker, 2017; Moran, 2007; Floridi, 2015).

A escola deve, por isso, posicionar-se como espaço de apropriação crítica das TIC, de promoção da literacia digital e de construção de uma cultura de inovação e colaboração. Como sintetiza Moran (2007), “as TIC podem humanizar o processo educativo, desde que sejam utilizadas com intencionalidade pedagógica e foco na aprendizagem” (p. 36).

2. A BIBLIOTECA ESCOLAR

A biblioteca escolar ocupa hoje um lugar de destaque na arquitetura pedagógica das instituições educativas. Mais do que um espaço de acesso à leitura e à informação, a biblioteca escolar constitui-se como um ambiente de aprendizagem, inclusão e inovação, desempenhando um papel estratégico na promoção da literacia, da cidadania e da equidade educativa. A sua ação estende-se ao apoio curricular, à mediação cultural, ao desenvolvimento de competências transversais e à dinamização de projetos educativos que articulam o saber, a criatividade e a tecnologia.

Num contexto marcado pela globalização da informação, pela diversificação dos suportes e pela digitalização crescente da sociedade, a biblioteca escolar assume-se como interface crítica entre os recursos informacionais e os processos educativos. A sua missão evoluiu da mera disponibilização de documentos para a formação ativa de leitores, utilizadores e produtores de informação, preparados para participar criticamente na sociedade do conhecimento.

Este capítulo propõe uma reflexão aprofundada sobre o conceito e as funções da biblioteca escolar, estruturando-se em três vertentes fundamentais: a sua definição e evolução conceptual; o seu papel pedagógico e informacional; e a sua configuração como centro de recursos físicos e digitais ao serviço da aprendizagem.

A biblioteca escolar deve ser capaz de responder às exigências emergentes da era digital. Como salienta RBE (2017), “a biblioteca escolar deve ser capaz de dar resposta a estas necessidades e de promover a mudança, quer em áreas tradicionais de trabalho, quer naquelas que emergem do uso massificado das tecnologias e que exigem novas literacias” (p. 9). Esta perspetiva reforça a centralidade da biblioteca como estrutura dinâmica e inovadora, capaz de se adaptar e evoluir em função dos novos desafios educativos e tecnológicos.

2.1. Definição de biblioteca escolar

A nova versão do Manifesto da Biblioteca Escolar da IFLA/UNESCO sublinha a missão da biblioteca enquanto espaço inclusivo, acessível e dinamizador da aprendizagem ao longo da vida, promovendo não só o acesso equitativo à informação, mas também o desenvolvimento da cidadania global e o compromisso com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, nomeadamente o ODS 4 (educação de qualidade) e o ODS 16.10 (acesso à informação) (IFLA-UNESCO, 2025).

Esta conceção da biblioteca enquanto estrutura ao serviço da aprendizagem tem sido reiterada na literatura especializada. Como referem Carvalho et al. (2020), “a biblioteca escolar é um instrumento fundamental de apoio às atividades pedagógicas através da leitura” (p. 14), reforçando o seu papel como recurso estratégico para a concretização do currículo.

A biblioteca escolar é, na sua essência, um espaço educativo polivalente, orientado para a promoção do sucesso escolar e educativo, da literacia, da inclusão e da cidadania. A sua definição tem vindo a evoluir ao longo do tempo, acompanhando as transformações sociais, tecnológicas e pedagógicas. Atualmente, é amplamente

reconhecida como um centro de recursos de aprendizagem que articula funções pedagógicas, culturais, informacionais e tecnológicas, sendo considerada parte integrante do sistema educativo (IFLA/UNESCO, 1999; Rede Bibliotecas Escolares, 2011; Barroco, 2004).

Segundo o Manifesto da IFLA/UNESCO (1999) a BE “proporciona informação e ideias fundamentais para sermos bem-sucedidos na sociedade contemporânea baseada na informação e no conhecimento”, desenvolvendo competências de aprendizagem ao longo da vida e preparando os alunos para serem cidadãos ativos e responsáveis. Esta visão tem sido adotada em Portugal através da Rede de Bibliotecas Escolares, que define a biblioteca escolar como uma unidade orgânica da escola, articulada com o Projeto Educativo, promotora de uma cultura de escola assente no conhecimento, na leitura e na literacia digital (RBE, 2021).

A BE é, assim, muito mais do que uma sala com livros: é um espaço formativo, físico e virtual, que promove a construção do conhecimento, a aprendizagem autónoma e cooperativa, a investigação, a criatividade e a participação crítica e responsável na sociedade da informação (Novo, 2023; J. Rodrigues, sem data). Esta função estruturante é ainda mais evidente quando se compreende que a biblioteca se configura como um ambiente de mediação entre a informação e a aprendizagem, entre o currículo e o desenvolvimento pessoal e social dos alunos.

Diversos autores reforçam esta ideia. Barroco (2004) sustenta que as BE “são um recurso do nosso sistema educativo, que devem promover não só o sucesso escolar, mas também o sucesso educativo”, pois contribuem para a formação global dos alunos, desenvolvendo hábitos de leitura, competências de pesquisa, seleção e uso crítico da informação. Silva (2002) acrescenta que a BE deve incutir nos alunos o gosto pela leitura e promover a responsabilidade, a autonomia e a capacidade investigativa. J. Rodrigues (sem data) destaca a importância da BE como espaço multifuncional de aprendizagem, impulsionador de competências para a vida.

No contexto da sociedade digital e em rede, a BE deve também assumir um papel ativo na integração das Tecnologias da Informação e Comunicação, desenvolvendo

ambientes híbridos de aprendizagem, centrados no aluno e ajustados às exigências do século XXI (Conde, 2005; Furtado, 2013; Gasque & Casarin, 2016).

Assim, a biblioteca escolar do século XXI é definida não apenas pelas suas funções tradicionais, mas sobretudo pela sua capacidade de adaptação, articulação curricular e promoção de novas literacias - de informação, digitais, mediáticas e críticas. As transformações exigem uma biblioteca centrada nos utilizadores, atenta às suas necessidades, com um acervo atualizado e pertinente, espaços físicos flexíveis e ambientes digitais acessíveis e integrados no quotidiano escolar (Gasque & Casarin, 2016; Stripling, 1996).

Além disso, a BE é hoje reconhecida como fator de equidade e inclusão, especialmente em contextos onde os alunos enfrentam desigualdades no acesso a recursos educativos. Barroco (2004) sublinha que a biblioteca reduz disparidades sociais e culturais, ao fornecer a todos os alunos os mesmos materiais e oportunidades de aprendizagem. Os estudos internacionais (e.g., New York Comprehensive Center, 2011) mostram que escolas com bibliotecas dinâmicas, bem geridas por professores bibliotecários qualificados, obtêm melhores resultados académicos e promovem maior envolvimento dos alunos.

Também Lonsdale et al. (2003) demonstra que estudos realizados na Austrália indicam que as escolas que possuem bibliotecas bem equipadas, com profissionais qualificados e programas pedagógicos estruturados, apresentam melhores resultados académicos. Esta evidência empírica reforça a importância da biblioteca escolar como promotora de sucesso educativo e como infraestrutura estratégica no desenvolvimento das literacias e competências do século XXI (p. 5).

Como espaço que reflete a cultura da escola, a BE deve ser constantemente repensada e redesenhada - quer fisicamente, quer na sua missão pedagógica - como um ecossistema de aprendizagem aberto, colaborativo, híbrido e inovador (RBE, 2021; Moreira & Horta, 2020). Só assim poderá responder aos desafios da contemporaneidade e continuar a ser um recurso essencial para a promoção de uma educação de qualidade, equitativa e inclusiva.

2.2. Papel pedagógico e informacional

A biblioteca escolar desempenha um papel essencial no desenvolvimento das funções educativas da escola, constituindo-se como um agente pedagógico ativo e estratégico na promoção das aprendizagens, no acesso à informação e na formação integral dos alunos. A sua ação educativa não se limita ao apoio logístico ou documental, mas concretiza-se na mediação de saberes, no apoio ao currículo, na promoção da literacia e no desenvolvimento de competências transversais, como o pensamento crítico, a autonomia e a cidadania informada (RBE, 2021; Stripling, 1996).

A valorização do papel da biblioteca enquanto estrutura educativa passa também pela construção de uma cultura de cooperação entre docentes e bibliotecários. Neste sentido, importa reconhecer que

a biblioteca deve ser um centro de referência do conhecimento e da sabedoria. Para isso, a instituição deve cada vez mais possibilitar a interação entre professores e bibliotecários, que, como facilitadores do processo de leitura, têm como missão formar bons leitores (Fonseca & Machado, 2016).

2.2.1. A biblioteca como estrutura pedagógica

Num mundo em constante mudança, em que a informação se multiplica e se transforma a um ritmo acelerado, torna-se imperativo repensar o papel das bibliotecas escolares como agentes educativos. Também Isabel Veiga et al. (1996) salientam o papel das bibliotecas no desenvolvimento de competências informacionais. Segundo os autores,

no mundo em que a informação e o conhecimento científico e tecnológico se produzem a um ritmo acelerado e em que é indispensável formar pessoas capazes de acompanhar a mudança, cabe às escolas e às suas bibliotecas a função essencial de criar e desenvolver nos alunos competências de informação, contribuindo assim para que os cidadãos se tornem mais conscientes, informados e participantes, e para o desenvolvimento cultural da sociedade no seu conjunto (p. 16).

Esta citação enfatiza a importância de uma biblioteca que não apenas apoia, mas se articula ativamente com o processo educativo, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento pedagógico e pessoal dos alunos.

A função pedagógica da BE manifesta-se na sua articulação com os objetivos curriculares, através de ações e projetos que contribuem diretamente para o sucesso escolar e educativo dos alunos. A biblioteca deve estar alinhada com o Projeto Educativo da escola, funcionando como um espaço de experimentação pedagógica, que promove metodologias ativas, diversificação dos suportes de aprendizagem, desenvolvimento de literacias múltiplas e apoio à diferenciação pedagógica (Barroco, 2004; Conde et al., 2017, p. 21-23; Zmuda & Harada, 2008).

Como refere a RBE (2021), a biblioteca deve “assumir uma função estratégica na implementação de práticas pedagógicas inovadoras, promovendo a articulação curricular, o trabalho colaborativo e o uso pedagógico da informação e das tecnologias”. Neste sentido, o Professor Bibliotecário (PB) torna-se um parceiro pedagógico dos docentes, promovendo a integração da BE nos processos de ensino-aprendizagem, através da planificação conjunta de atividades, da dinamização de projetos interdisciplinares e da formação em literacia da informação e digital (Eisenberg & Miller, 2002; Stripling, 1996). Também Small (2002) defende que a colaboração entre bibliotecários e professores é essencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas eficazes. Esta parceria melhora significativamente os resultados dos alunos ao fomentar competências de pesquisa, organização e uso crítico da informação, reforçando o papel da biblioteca escolar como espaço pedagógico ativo (p. 12). A valorização da colaboração entre professores e bibliotecários ganha cada vez mais destaque na literatura, sendo considerada um fator determinante para a construção de ambientes de aprendizagem mais eficazes, inovadores e centrados no aluno. Esta parceria permite, não só uma maior articulação curricular, como também o planeamento e desenvolvimento de práticas pedagógicas que motivam os alunos e os envolvem ativamente nos processos de construção do conhecimento. Como sublinha Lanzi (2012), “A parceria entre bibliotecário e professores só vem agregar motivação e estímulo ao conhecimento do aluno. Por meio do trabalho conjunto, o aluno é incentivado a aprender a aprender” (p. 76), destacando a relevância do trabalho

colaborativo como promotora de autonomia, curiosidade intelectual e aprendizagem significativa.

Esta dimensão colaborativa e curricular da biblioteca escolar justifica a sua centralidade no processo educativo. Como referem Fonseca & Machado (2016), “a biblioteca escolar, que tem um papel fundamental não só na construção do sucesso educativo, como também, na prática docente ao se colocar como um centro de aprendizagem ao serviço do projeto, do currículo, e da avaliação”, deve ser encarada como uma estrutura estratégica na promoção da qualidade do ensino.

É neste enquadramento que o professor bibliotecário adquire relevância estratégica: como mediador pedagógico, gestor da informação, dinamizador cultural, formador em literacia e parceiro na construção de projetos educativos inovadores (Stripling, 1996; Lowe, 2000; Zmuda & Harada, 2008). O PB deve trabalhar de forma colaborativa com os docentes, a direção e a comunidade educativa, garantindo que a BE contribui de forma efetiva para o plano de ação da escola e para a aprendizagem dos alunos.

O Manifesto de 2025 reforça também o papel do professor bibliotecário enquanto líder educativo e gestor do programa da biblioteca, responsável por promover literacias em evolução e competências digitais em articulação com a comunidade escolar. O professor bibliotecário é ainda incentivado a colaborar com bibliotecas públicas e outras instituições, fomentando práticas de coaprendizagem e redes de partilha interinstitucional.

2.2.2. A biblioteca como centro de informação

Enquanto espaço informal e acessível, a biblioteca escolar pode também desempenhar um papel motivador e mobilizador na aprendizagem dos alunos, permitindo-lhes explorar os seus próprios interesses e desenvolver o gosto pela aquisição de informação. Como refere Lanzi (2012), a BE pode estimular o aluno “a manifestar-se naquilo que tem interesse em aprender, e pelo fato de ser um ambiente informal e acessível, é um espaço ideal para incitá-lo a pesquisar e compartilhar as informações” (p. 114).

A função informacional da biblioteca escolar está associada à sua missão de garantir o acesso equitativo e orientado à informação, formando alunos capazes de localizar, avaliar, selecionar, usar e criar informação de forma crítica e ética. Este papel ganha particular relevância na sociedade da informação, caracterizada pela abundância e complexidade de fontes e suportes (Veiga et al., 1997; Furtado, 2013).

Esta necessidade de integração e modernização tecnológica está também refletida na forma como as Tecnologias da Informação e Comunicação moldam a prática informacional da biblioteca. A transversalidade da ação da biblioteca escolar torna-se evidente quando analisamos o papel que as tecnologias da informação e comunicação desempenham na sua dinâmica interna. Como sublinha Conde (2005),

a natureza das TIC, enquanto suporte de informação, meio de comunicação e ferramenta de trabalho, faz com que elas ocupem uma posição de transversalidade na biblioteca, relacionando-se com todas as suas funções, quer estas respeitem à gestão e prestação de serviços de informação à comunidade escolar, às actividades de ensino, ou ainda a iniciativas de natureza extra-curricular (p. 5).

Assim, a biblioteca escolar afirma-se como o espaço privilegiado para desenvolver nos alunos competências de literacia da informação, indispensáveis para a aprendizagem ao longo da vida, para a participação cidadã e para a construção do conhecimento. Estas competências incluem a pesquisa, a avaliação crítica das fontes, o respeito pelos direitos de autor, a produção de conteúdos e a utilização de ferramentas digitais de forma segura e eficiente (Gasque & Casarin, 2016).

Contudo, para que a biblioteca escolar cumpra plenamente esta missão, é essencial garantir que os meios tecnológicos disponíveis são compatíveis com as exigências da sociedade atual. Como refere Coelho et al. (2007),

é tão importante que existam meios, como que se saiba utilizá-los. O tipo de infra-estruturas existentes nas escolas e locais de ensino em geral, assim como os recursos para a educação têm de ser pelo menos compatíveis com

as tecnologias e as necessidades de comunicação actuais numa sociedade desenvolvida (p. 163).

Neste sentido, torna-se também “necessário capacitar pessoas para o acesso qualitativo dos conteúdos” (Garcez, 2009, p. 22), o que reforça a importância de estratégias formativas eficazes e de uma ação pedagógica orientada para a literacia digital.

2.2.3. Intervenção colaborativa e inovação

A biblioteca escolar do século XXI deve ser concebida como um centro dinâmico de aprendizagem, onde o conhecimento é construído em conjunto por diferentes agentes educativos. Para que este potencial se concretize, torna-se essencial promover uma articulação efetiva entre o professor bibliotecário, os docentes, a coordenação pedagógica e outros membros da comunidade escolar. Esta articulação deve alicerçar-se numa cultura de colaboração, planeamento partilhado e compromisso pedagógico.

Como defende Lanzi (2012), “O bibliotecário precisa trabalhar em sintonia com a coordenação pedagógica e demais professores, desenvolvendo um trabalho de parceria” (p. 63). Esta sintonia permite a criação de sinergias promotoras da inovação, da diversificação metodológica e da valorização da biblioteca como espaço pedagógico ativo.

O Manifesto da IFLA/UNESCO (1999) reconhece que, quando “os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto, os alunos atingem níveis mais elevados de literacia, de leitura, de aprendizagem, de resolução de problemas e de competências no domínio das tecnologias da informação e comunicação”. A colaboração entre professores e PB é, por isso, condição essencial para que a BE cumpra eficazmente as suas funções pedagógicas e informacionais.

Esta importância da cooperação tem sido reiterada por diversos estudos. Carvalho et al. (2020) defendem que “bibliotecário e professores precisam trabalhar em conjunto, visando a aprendizagem, a resolução de problemas e atendendo da melhor forma ao aluno” (p. 13). Tal implica a construção de um plano de ação

partilhado, centrado no sucesso educativo e na promoção de competências transversais.

A BE é, assim, um espaço privilegiado para a implementação de práticas pedagógicas colaborativas e interdisciplinares, que valorizam a experimentação metodológica, a avaliação formativa e a integração significativa das TIC no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com RBE (2020) e com Novo (2015), esta colaboração deve estar ancorada em objetivos comuns e no reconhecimento do PB como parceiro pedagógico.

Contudo, esta articulação exige tempo, formação contínua e uma mudança de paradigma institucional. Como sublinha Small (2002), é necessário reconhecer o professor bibliotecário como gestor do conhecimento e facilitador da aprendizagem, capaz de liderar projetos inovadores, apoiar o desenvolvimento de literacias múltiplas e fomentar uma cultura de partilha.

No atual panorama marcado pela desinformação, pela proliferação de conteúdos artificiais e pela influência crescente dos algoritmos nas dinâmicas sociais e educativas, a biblioteca escolar assume um papel crítico na formação da cultura digital dos alunos. Como refere Furtado (2013), é sua responsabilidade formar leitores críticos, informados e reflexivos, capazes de atuar com autonomia na sociedade da informação.

Neste sentido, a biblioteca escolar não se limita a apoiar o currículo: ela intervém ativamente na promoção da cidadania digital, na formação ética e no combate à manipulação informacional. O seu contributo para a inovação educativa reside precisamente na sua capacidade de articular saberes, integrar tecnologias e construir uma comunidade de aprendizagem mais justa, crítica e consciente.

2.3. A biblioteca como centro de recursos

A biblioteca escolar, enquanto centro de recursos educativos, afirma-se como uma estrutura multifuncional e estratégica no apoio à missão da escola. O seu papel ultrapassa largamente a função tradicional de repositório de livros, assumindo-se hoje como um espaço formativo, informacional, cultural, tecnológico e colaborativo,

orientado para o desenvolvimento das aprendizagens e das literacias essenciais à vida na sociedade contemporânea (Conde et al., 2017, p. 21-23; RBE, 2021).

RBE (2017) salienta que “a biblioteca escolar deve ser capaz de dar resposta a estas necessidades e de promover a mudança, quer em áreas tradicionais de trabalho, quer naquelas que emergem do uso massificado das tecnologias e que exigem novas literacias” (p. 9), reconhecendo assim o seu papel dinâmico na adaptação às exigências de uma sociedade em transformação.

Para tal, é indispensável assegurar que a biblioteca escolar disponha de condições físicas e técnicas adequadas às suas funções. Como sublinha Lanzi (2012), “a biblioteca escolar precisa contar com uma boa infraestrutura bibliográfica, audiovisual e principalmente tecnológica, além de espaços adequados e profissionais qualificados” (p. 30), o que reforça a necessidade de investimentos contínuos para garantir a sua eficácia.

Para cumprir essa missão, é essencial que a biblioteca disponibilize um leque diversificado de recursos ajustados às necessidades dos utilizadores, numa lógica de complementaridade curricular, cultural e informativa. Como afirmam Fonseca & Machado (2016), “para que a biblioteca escolar cumpra seu papel na promoção do conhecimento ela precisa disponibilizar acesso a um leque de recursos que correspondam às necessidades dos utilizadores, nomeadamente livros, música, jogos, recursos informativos eletrônicos, etc.”

Neste sentido, “a biblioteca escolar assume-se como lugar privilegiado de acesso a recursos diversificados e de desenvolvimento desta literacia, em ambientes cada vez mais tecnológicos e complexos” (RBE, 2017, p. 41), o que reforça o seu papel como mediadora entre os alunos e o conhecimento, preparando-os para os desafios da era digital.

2.3.1. Um centro de recursos para o currículo e a aprendizagem

A biblioteca escolar, quando devidamente equipada e dinamizada, disponibiliza um conjunto diversificado de recursos, físicos e digitais, que sustentam as aprendizagens curriculares e extracurriculares dos alunos. Estes recursos incluem

livros, periódicos, material audiovisual, computadores, acesso à *internet*, plataformas digitais, bases de dados, conteúdos interativos e repositórios multimédia. Esta diversidade permite à biblioteca funcionar como ponto de encontro entre diferentes fontes de conhecimento e diferentes estilos de aprendizagem (Barroco, 2004; RBE, 2020).

“As condições de acesso e os recursos que a biblioteca oferece responsabilizam-na pela criação de oportunidades de aprendizagem” (RBE, 2017, p. 37), o que reforça a importância de garantir não só a diversidade de recursos, mas também a sua acessibilidade equitativa por toda a comunidade escolar. Este princípio torna-se ainda mais relevante quando se reconhece o papel da biblioteca como mediadora entre o currículo formal e os interesses individuais dos alunos.

Como destaca a RBE (2021), a BE deve ser “um espaço de acesso e utilização de recursos educativos e culturais em formatos variados, organizados de forma sistemática e acessível, potenciando a apropriação do conhecimento por parte de toda a comunidade escolar”. O seu acervo deve ser planeado estrategicamente, de forma a responder às necessidades do currículo e ao perfil dos utilizadores, apoiando projetos pedagógicos, atividades letivas e não letivas, iniciativas de leitura e formação de competências transversais (Rodrigues, sem data; Zmuda & Harada, 2008).

A articulação entre recursos e objetivos pedagógicos assume particular relevância no contexto digital. Como menciona Valente (2016),

a questão da Informática na Educação não é discutir o *software* em si, mas sim, como o *software* pode ser usado como parte da mudança pedagógica da escola: de uma pedagogia que enfatiza a transmissão da informação para uma pedagogia que incentiva o aluno a buscar e selecionar informações e a construir o seu conhecimento (p. 886).

Esta perspetiva sublinha o potencial das tecnologias digitais na personalização da aprendizagem e na promoção da autonomia do aluno.

Esta lógica integradora é ampliada quando se reconhece o potencial da biblioteca como espaço híbrido e aberto, articulador entre fontes diversas e múltiplos atores educativos. Assim,

a biblioteca escolar deve ser um ambiente que reúna livros, informações, textos, vídeos, e as diversas fontes de informações disponíveis e dispersas na *Web* para que professores, alunos, pais e demais intervenientes da comunidade escolar, possam pesquisar, consultar e usar ferramentas que contribuam para obter resultados satisfatórios em suas atividades pedagógicas, além de aumentar o nível de literacia dos alunos. (Fonseca & Machado, 2016).

2.3.2. Planeamento, gestão e desenvolvimento da coleção

O funcionamento eficaz de uma biblioteca como centro de recursos depende de uma gestão estratégica e pedagógica do acervo. A Rede Bibliotecas Escolares (2011) defende que o desenvolvimento da coleção deve ser orientado por critérios de qualidade, pertinência curricular, diversidade, acessibilidade e atualização contínua. Deve também atender às orientações do Projeto Educativo da escola e articular-se com os planos curriculares e metas de aprendizagem dos diferentes ciclos e disciplinas.

A gestão da coleção, centrada nos conteúdos, é um aspeto fundamental para apoiar o currículo escolar. Como aponta Bates (2017),

Para muitos professores e instrutores, o conteúdo permanece sendo um dos focos principais. Conteúdo inclui fatos, ideias, princípios, evidências e descrição de processos e procedimentos. Grande parte do tempo é gasto discutindo qual conteúdo deve ser incluído no currículo, quais necessidades devem ser atendidas em uma disciplina ou curso, quais fontes de conteúdo (tais como livros) os alunos devem acessar e por aí vai (p. 532).

Além disso, a coleção deve contemplar recursos inclusivos e acessíveis, que respondam à diversidade linguística, cultural e funcional dos utilizadores. Isto inclui

livros em formatos acessíveis (braille, audiolivros, leitura fácil), tecnologias de apoio e ferramentas que promovam o acesso universal à informação.

O professor bibliotecário assume a responsabilidade de avaliar, selecionar, adquirir, organizar e divulgar os recursos, com base em diagnósticos das necessidades da comunidade escolar, trabalhando em articulação com os docentes, os alunos e a direção. Esta gestão exige competências em biblioteconomia, tecnologias da informação, pedagogia e comunicação estratégica (Stripling, 1996; RBE, 2021).

Para além destas tarefas técnicas e pedagógicas, o papel do professor bibliotecário está intimamente ligado ao desenvolvimento de uma cultura de aprendizagem contínua na escola. Como referem Pereira et al. (2021),

O bibliotecário escolar é um educador dentro do contexto escolar. O espaço da biblioteca deve ser considerado um local de aprendizagem contínua, em que o bibliotecário, além de outras atividades, promova o contato da comunidade escolar, em especial os estudantes, com a leitura, a informação e o conhecimento (p. 8).

Esta perspetiva reforça a importância do envolvimento do bibliotecário não apenas na gestão da coleção, mas também na gestão estratégica dos recursos e serviços da biblioteca. Neste sentido, “o bibliotecário escolar colabora com a gestão da escola na elaboração do orçamento, explorando opções responsáveis de disponibilização de recursos e serviços de qualidade a toda a comunidade escolar” (IFLA, 2015, p. 28), o que evidencia o seu papel na tomada de decisões que impactam o funcionamento e o alcance da biblioteca.

2.3.3. Um espaço físico e simbólico de aprendizagem

A configuração física da biblioteca escolar deve ser concebida para favorecer a aprendizagem ativa, a permanência prolongada, o conforto e a interação entre os seus utilizadores. Ao proporcionar um ambiente funcional, esteticamente agradável e emocionalmente acolhedor, a biblioteca transforma-se num espaço de pertença e de motivação para os alunos. Como menciona Lanzi (2012), a biblioteca deve ser “ativa, com ambiente acolhedor e agradável” (p. 63), reforçando a importância de

um espaço estimulante e confortável que favoreça o bem-estar e a aprendizagem significativa.

Importa sublinhar que “o espaço físico da biblioteca influencia e condiciona o comportamento de quem dele usufrui: um espaço acolhedor, organizado e confortável é muito mais estimulante e potenciador de uma fruição que facilitará a promoção de situações formais e informais de aprendizagem” RBE (2024a). Esta dimensão física está diretamente ligada à função pedagógica e cultural da biblioteca escolar, pois contribui para o desenvolvimento de práticas educativas mais dinâmicas, criativas e centradas no aluno.

A biblioteca é, também, um espaço com uma dimensão simbólica relevante: representa o acesso ao saber, à cultura e ao pensamento crítico. A sua organização física deve facilitar a autonomia, a inclusão, o trabalho individual e colaborativo, o uso diversificado de suportes e a permanência confortável dos utilizadores. Um mobiliário flexível, zonas de leitura informal, espaços de produção criativa, equipamentos digitais acessíveis e sinalética clara são elementos essenciais para uma biblioteca eficaz e acolhedora (Barroco, 2004; Softlink, 2020; Gasque & Casarin, 2016).

Estas transformações no espaço físico da biblioteca têm contribuído para uma revalorização do seu papel no quotidiano escolar. Como destaca a RBE (2024b), “a transformação da biblioteca escolar não apenas melhorou o espaço físico, mas também revitalizou o seu papel na comunidade escolar. Ao criar um ambiente acolhedor, acessível e multifuncional, a biblioteca agora serve como um verdadeiro centro de aprendizagem e criatividade”.

A biblioteca escolar, enquanto espaço físico e simbólico, precisa também de se afirmar perante a comunidade, tornando visível o seu potencial educativo e cultural.

A divulgação da biblioteca escolar à comunidade é essencial para tornar seu espaço utilizado, de maneira que, os serviços devem ser promovidos de forma proativa de modo que o público alvo tenha consciência de seu papel como parceiro na construção de competências (Fonseca & Machado, 2016).

Ao mesmo tempo, o ambiente da BE deve promover uma cultura de respeito pelo saber, pela diversidade e pela liberdade intelectual, sendo um espaço democrático e motivador, onde se cultivam hábitos de estudo, pesquisa, leitura e criação.

3. A INTEGRAÇÃO DAS TIC NAS BIBLIOTECAS ESCOLARES

A crescente digitalização da sociedade impõe desafios e oportunidades às instituições educativas, exigindo-lhes a adoção de práticas pedagógicas e organizacionais compatíveis com as dinâmicas da era da informação. Neste cenário, a biblioteca escolar não pode permanecer alheia à transformação digital: deve incorporar as Tecnologias da Informação e Comunicação de forma estratégica, crítica e pedagógica, alinhando-se com as necessidades formativas dos alunos e com as exigências do currículo.

Torna-se evidente que a biblioteca escolar não pode permanecer à margem da evolução tecnológica que atravessa todas as esferas da sociedade. Tal como qualquer outra organização que busca manter-se relevante e funcional no século XXI, a biblioteca precisa apropriar-se das tecnologias disponíveis e integrá-las ao seu funcionamento quotidiano, assumindo um papel ativo na formação digital dos seus utilizadores. Como defende Neves et al. (2020), “a utilização dos recursos tecnológicos se faz necessária para qualquer organização. Pensando dessa forma, a biblioteca escolar também deve se apropriar dela” (p. 161). Esta afirmação reforça a urgência de repensar o papel da biblioteca à luz das exigências contemporâneas da sociedade digital, atribuindo-lhe um papel ativo na promoção do acesso à informação e da literacia digital.

As TIC têm o potencial de reconfigurar profundamente a biblioteca escolar, quer ao nível dos serviços prestados, quer da mediação pedagógica que esta oferece. A sua integração permite diversificar os recursos, ampliar o acesso à informação, promover novas formas de leitura e aprendizagem, e reforçar o papel da biblioteca como ecossistema inovador e inclusivo.

Este capítulo propõe uma análise da integração das TIC nas bibliotecas escolares, estruturada em três eixos fundamentais: as potencialidades pedagógicas e informacionais das TIC; os processos de transformação digital e inovação; e a utilização de ferramentas digitais e recursos eletrônicos no quotidiano da biblioteca escolar.

A articulação entre professores e bibliotecários surge, assim, como uma condição estratégica para potenciar o impacto das TIC na escola. Como mencionam Fonseca & Machado (2016),

ao aliar-se às TICs e aos recursos da *Internet* poderá superar o fosso existencial entre professores e bibliotecários conciliando o acervo bibliográfico e livros digitalizados aos meios para promoção do sucesso educativo. Já que ao trabalharem em conjunto, professores e bibliotecários, podem influenciar no desempenho dos alunos no que se refere ao alcance de maior nível de literacia e escrita, pesquisa, aprendizagem, resolução de problemas e também na utilização das TICs.

3.1. Potencialidades das TIC para as bibliotecas

A integração das Tecnologias da Informação e Comunicação nas bibliotecas escolares representa uma oportunidade estratégica para renovar práticas, ampliar o acesso à informação e consolidar o papel da biblioteca como espaço formativo e inclusivo. As TIC não devem ser vistas apenas como ferramentas operacionais, mas como meios de transformação pedagógica, cultural e organizacional.

Entre as principais potencialidades destacam-se:

- Expansão do acesso à informação: através de catálogos em linha (OPAC), repositórios digitais, bases de dados e bibliotecas virtuais, é possível consultar informação atualizada, fidedigna e diversificada, em qualquer momento e lugar (RBE, 2020; Gasque & Casarin, 2016).

- Apoio à aprendizagem personalizada: os ambientes digitais favorecem percursos de aprendizagem diferenciados, adaptados ao ritmo e estilo de cada aluno, potenciando a autonomia e o envolvimento.
- Promoção da literacia digital e informacional: as TIC constituem-se como instrumentos fundamentais para desenvolver competências como a pesquisa, a avaliação crítica de fontes, o respeito pelos direitos de autor e a criação de conteúdos (Conde, 2005; Eisenberg & Miller, 2002).
- Inclusão de públicos com necessidades educativas especiais: *softwares* de leitura de ecrã, audiolivros, síntese de voz, legendagem automática, entre outros, permitem que a biblioteca seja um espaço acessível a todos.
- Dinamização cultural e pedagógica: as TIC permitem criar exposições digitais, clubes de leitura *online*, vídeos educativos, projetos de *storytelling*, jogos pedagógicos e redes colaborativas de partilha de saberes (Furtado, 2013; Moreira & Horta, 2020).

Neste enquadramento, as TIC permitem que a biblioteca escolar se afirme como um espaço educativo integrador e inclusivo, onde a tecnologia é utilizada para eliminar barreiras de acesso à informação, apoiar a diversidade de estilos de aprendizagem e proporcionar oportunidades equitativas de desenvolvimento pessoal e académico. A mediação digital possibilita o envolvimento de todos os alunos, incluindo os que apresentam necessidades específicas, através de soluções acessíveis, recursos adaptados e estratégias diferenciadas de ensino e aprendizagem.

Além disso, a presença das TIC na biblioteca estimula a aprendizagem ativa, investigativa e colaborativa, incentivando os alunos a produzir, partilhar e reconstruir conhecimento de forma crítica. A biblioteca deixa de ser apenas um local de consulta e leitura passiva, tornando-se um ambiente de experimentação e criação, onde a tecnologia serve de ponte entre a curiosidade do aluno e o conhecimento do mundo. Assim, a biblioteca escolar transforma-se num laboratório de literacia digital e informacional, promotor de competências essenciais para a cidadania no século XXI.

Este posicionamento da biblioteca enquanto espaço de integração pedagógica das tecnologias e de articulação com a comunidade educativa é igualmente reforçado por Fonseca & Machado (2016), ao sublinharem: “Evidenciamos a importância da biblioteca escolar e as TICs, num ambiente informal de aprendizagem favorável à mediação e à informação integrada no processo educativo de professores, funcionários, alunos e pais”.

3.2. Transformação digital nas bibliotecas escolares

A transformação digital nas bibliotecas escolares deve ser entendida como parte de um processo mais vasto de inovação educativa sustentada. Esta transformação não se reduz à introdução de equipamentos ou plataformas, mas pressupõe uma mudança cultural e pedagógica, alicerçada em modelos híbridos de aprendizagem, nos quais os ambientes físicos e digitais se articulam em função dos objetivos pedagógicos e da autonomia dos alunos (Moreira & Horta, 2020).

Neste sentido, a biblioteca escolar pode ser reconfigurada como um ecossistema de aprendizagem híbrida, dinamizando projetos educativos em articulação com os docentes e promovendo práticas flexíveis, personalizadas e sustentadas. Modelos como o 'self-blend', a 'sala de aula invertida' ou o 'laboratório rotacional' oferecem pistas para o trabalho pedagógico em ambientes presenciais e digitais combinados.

A transformação digital das bibliotecas escolares não se resume à introdução de equipamentos ou *softwares*. Trata-se de um processo mais vasto, sistémico e pedagógico, que implica a reconfiguração das práticas biblioteconómicas e educativas, a adoção de novas culturas organizacionais e o reposicionamento da biblioteca como ecossistema de aprendizagem digital. Esta transformação responde às exigências da sociedade da informação, à evolução dos perfis de literacia dos utilizadores e às metas das políticas educativas contemporâneas (Comissão Europeia, 2020; RBE, 2021).

3.2.1. Biblioteca híbrida: Integração do físico e do digital

A transição de um modelo tradicionalmente centrado no livro impresso para um ecossistema informacional diversificado reflete de forma clara a transformação da biblioteca escolar na era digital. Esta metamorfose, impulsionada pelas dinâmicas tecnológicas e educativas do século XXI, implica repensar o papel da biblioteca no seio da escola e na forma como se articulam os seus recursos, serviços e espaços com os objetivos educativos e as necessidades dos utilizadores. Como referem Fonseca & Machado (2016), “o livro está sendo substituído pela informação”, expressando a crescente centralidade do acesso ao conhecimento por meio de formatos digitais e ambientes híbridos.

Neste novo paradigma, a biblioteca escolar deixa de ser um repositório predominantemente físico para se tornar um espaço híbrido, onde se cruzam o analógico e o digital, o presencial e o virtual, o individual e o colaborativo. Esta evolução manifesta-se na implementação de catálogos em linha, plataformas de leitura eletrónica, bases de dados digitais, tutoriais multimédia, blogs, podcasts, newsletters, clubes de leitura virtuais e outros serviços digitais que expandem o alcance e o impacto da biblioteca (Furtado, 2013; RBE, 2020).

Neste contexto, a biblioteca digital torna-se uma extensão da biblioteca física, superando barreiras geográficas e temporais e garantindo o acesso equitativo e personalizado aos recursos de informação. A este respeito, a Comissão Europeia (2020) sublinha que “a tecnologia digital, quando utilizada de forma eficiente, equitativa e eficaz pelos educadores, pode contribuir significativamente para uma educação e formação inclusivas e de elevada qualidade para todos” (p. 1).

A realidade híbrida é hoje uma condição da existência contemporânea, como defende Floridi (2015), ao afirmar que os limites entre o físico e o digital estão cada vez mais esbatidos. Esta condição *onlife* exige uma integração plena das tecnologias no quotidiano escolar e bibliotecário, não apenas como ferramentas auxiliares, mas como componentes estruturantes das práticas pedagógicas, promotoras de uma cidadania digital informada e crítica (p. 2).

Neste novo enquadramento, a biblioteca atua como hub de literacias digitais, promovendo a seleção crítica e ética da informação, o uso responsável dos media e a produção de conteúdos digitais. O professor bibliotecário desempenha um papel fundamental neste processo, enquanto formador, facilitador e gestor de ambientes digitais de aprendizagem (Gasque & Casarin, 2016; Eisenberg & Miller, 2002).

A estruturação de uma biblioteca escolar híbrida exige, por conseguinte, uma visão integrada e sistémica. Como sublinham Moreira & Horta (2020), os ambientes híbridos de aprendizagem valorizam “a flexibilidade, a interatividade e a personalização”, características que respondem às exigências de uma sociedade digital em constante transformação. Essa visão deve contemplar simultaneamente os recursos tecnológicos, as estratégias pedagógicas e as necessidades da comunidade escolar.

Neste sentido, a biblioteca híbrida não se limita à disponibilização de serviços digitais, mas propõe uma nova cultura pedagógica, centrada na autonomia do aluno, na colaboração entre docentes e PB, e na utilização criativa da informação para resolver problemas e construir conhecimento. Assim, a biblioteca escolar afirma-se como ecossistema de aprendizagem conectado, dinâmico e inclusivo, preparado para responder às exigências da educação do século XXI.

3.2.2. O papel do professor bibliotecário na transformação digital

De acordo com o Manifesto da IFLA-UNESCO (2025), o professor bibliotecário é considerado um líder educativo responsável pela gestão do programa da biblioteca escolar, promoção das literacias digitais e informacionais, e mediação do acesso à informação e ao conhecimento. É também incentivado a desenvolver parcerias com bibliotecas públicas, outras escolas e instituições, promovendo redes de colaboração que ampliam as oportunidades de aprendizagem para toda a comunidade educativa.

A consolidação da biblioteca digital depende, em larga medida, do papel desempenhado pelo professor bibliotecário, enquanto gestor de informação, mediador pedagógico e agente de inovação. Este profissional é responsável não

só pela curadoria dos conteúdos digitais, mas também pela capacitação digital dos utilizadores, pela articulação com os docentes e pela dinamização de projetos interdisciplinares apoiados nas TIC (Stripling, 1996; Zmuda & Harada, 2008).

A pesquisa corrobora esta importância, mostrando que “a inclusão do professor bibliotecário é uma característica aspiracional que a pesquisa demonstra ter um impacto na aprendizagem dos alunos” (Oberberg, 2018, p. 28).

Esta necessidade de adaptação contínua às transformações tecnológicas e sociais exige que o professor bibliotecário esteja atento à evolução dos perfis dos seus utilizadores. Como destaca Carvalho et al. (2020), “o bibliotecário escolar deve acompanhar a evolução daqueles que são os usuários reais e potenciais da biblioteca” (p. 15).

O PB deve estar envolvido no planeamento estratégico da escola, em especial na implementação do Plano de Ação para o Desenvolvimento Digital da Escola, colaborando na definição de metas e iniciativas relacionadas com a literacia digital, a integração das TIC no currículo e o uso ético e crítico da informação (RBE, 2021). Para isso, é essencial garantir formação contínua, apoio técnico e tempo para o desenvolvimento de práticas inovadoras.

Neste contexto de mudança acelerada, o papel do professor bibliotecário torna-se ainda mais exigente. Como sublinham Fonseca & Machado (2016), “exige-se, porém, um profissional preparado para mediar diferentes técnicas, um gestor da informação, um ‘cibertecário’ pois à medida que a tecnologia trafega em velocidade desenfreada, precisa-se de profissionais em constante atualização”.

O papel do professor bibliotecário, neste cenário de transição e inovação, deve ser compreendido como elemento-chave para a construção de uma escola mais inclusiva, motivadora e centrada nas aprendizagens dos alunos. De acordo com Carvalho et al. (2020), o professor bibliotecário deve constituir

um dos mais fortes apoios para o desenvolvimento e a melhoria do ensino-aprendizagem. A biblioteca escolar deve se constituir como fator essencial para que o estudante atinja as metas educacional propostas, motivando-o e compactuando com os professores para o desenvolvimento pleno do aluno.

Deve ser um espaço dinâmico, e, motivar o hábito do uso da biblioteca por meio de um processo contínuo.

Desta forma, a “biblioteca na escola pode favorecer a inclusão das crianças no contexto da nossa sociedade atual” (p. 14).

3.2.3. Inovação, cultura digital e pedagogia

A transformação digital da biblioteca não é apenas tecnológica, mas também pedagógica e cultural. Envolve uma mudança de paradigma na forma como se entende o acesso ao saber, a construção do conhecimento e a função educativa da biblioteca. Neste novo paradigma, a biblioteca é concebida como ambiente de aprendizagem participativo, centrado no aluno, onde se cruzam os conteúdos curriculares, a cultura digital e a literacia da informação (Conde et al., 2017, p. 21-23; Eisenberg & Miller, 2002).

Os projetos digitais implementados pelas bibliotecas escolares têm vindo a demonstrar a sua relevância pedagógica, nomeadamente através da promoção da leitura digital, da gamificação de atividades de literacia, da produção de conteúdos multimédia pelos alunos, da participação em redes de bibliotecas virtuais, e da mediação de debates éticos sobre a tecnologia (Barroco, 2004; Softlink, 2020).

Os jogos digitais surgem como instrumentos particularmente eficazes na mediação entre cultura digital e aprendizagem ativa. Paula & Valente (2016) também destaca o potencial dos jogos digitais enquanto instrumentos pedagógicos:

os jogos possuem um potencial para realmente modificar as abordagens utilizadas no processo educacional, especialmente favorecendo o desenvolvimento de uma visão de mundo mais complexa, que articula saberes de diferentes áreas, e a construção do conhecimento ativa por parte do educando (p. 25).

Esta perspetiva valoriza a utilização das tecnologias não apenas como ferramentas operacionais, mas como recursos que transformam as práticas educativas e promovem uma aprendizagem mais significativa, crítica e multidimensional.

Para além dos jogos digitais, outras ferramentas tecnológicas têm demonstrado grande utilidade em contextos educativos. Como sublinha Paixão (2018), “o uso de aplicativos, animações, ambientes virtuais de aprendizagem e *softwares* de simulação são algumas das vantagens trazidas pelas TIC” (p. 14). Estas ferramentas, quando utilizadas de forma intencional e pedagógica, podem enriquecer significativamente as experiências de aprendizagem, tornando-as mais dinâmicas, interativas e alinhadas com os contextos culturais e cognitivos dos alunos.

Para que a biblioteca escolar possa responder adequadamente às exigências do contexto digital contemporâneo, é essencial compreender o perfil e as necessidades dos seus utilizadores. Essa compreensão é fundamental para assegurar a qualidade dos serviços prestados e a eficácia das estratégias de mediação da informação. Como defendem Carvalho et al. (2020),

conhecer as necessidades de Informação dos usuários se torna fator indispensável para habilitar o bibliotecário a oferecer um serviço de excelência a essa nova geração digital. (...) imprescindível é , que a biblioteca e o bibliotecário estejam preparados para se adaptar as novas condições e seus desenvolvimentos sociais e tecnológicos, assumindo assim o seu papel de mediador da informação junto aos nativos digitais e as tecnologias de informação. (...) é preciso estar atento e observar a sua extrema facilidade e pré-disposição cognitiva para o mundo digital (p. 15).

As bibliotecas escolares devem assumir um papel proativo na integração das tecnologias de forma articulada com os objetivos curriculares e com a construção de saberes significativos. A adoção de estratégias digitais deve ir além da mera disponibilização de recursos e focar-se na criação de ambientes de aprendizagem dinâmicos, acessíveis e interativos. As tecnologias não apenas ampliam o acesso à informação, mas também contribuem para uma maior aproximação entre a biblioteca e a comunidade educativa. A utilização estratégica das redes digitais reforça o papel da biblioteca como um espaço ativo e relevante no ecossistema escolar. Mudanças como “o desenvolvimento de redes sociais para biblioteca, tanto para divulgar o que nela está sendo feito quanto para tirar dúvidas”, assim como “a

criação de um site para a divulgação do catálogo e das novas aquisições, destaques de livros, informações importantes sobre a biblioteca” (B. C. Neves et al., 2020, p. 161), são benéficas para a instituição, contribuindo para a sua visibilidade e maior interação com os utilizadores. Esta valorização simbólica e comunicacional das TIC potencia a centralidade da biblioteca como espaço dinâmico, visível e reconhecido na cultura escolar.

3.2.4. A pandemia como acelerador da mudança

O contexto pandémico da COVID-19 acelerou de forma abrupta os processos de digitalização nas escolas e bibliotecas. O encerramento físico das bibliotecas obrigou a uma rápida adaptação dos serviços e à criação de estratégias digitais para continuar a apoiar alunos e docentes à distância. Muitas bibliotecas criaram blogs, canais de vídeo, encontros *online*, clubes de leitura virtuais, tutoriais e bibliografias digitais. Estas práticas mostraram a resiliência e capacidade de reinvenção da biblioteca escolar, reforçando a sua relevância num ecossistema educativo em crise (RBE, 2020; Softlink, 2020).

A resposta das bibliotecas escolares ao confinamento imposto pela pandemia não se limitou a uma adaptação técnica, mas revelou um movimento mais profundo de inovação organizacional. Diante das restrições de acesso físico, as bibliotecas procuraram alternativas digitais para manter os seus serviços, criando oportunidades de reinvenção institucional e de aproximação com a comunidade escolar. Como sublinha Budin et al. (2023), “ao utilizar tecnologias e meios de comunicação que estavam fora de sua rotina, os gestores destas unidades de informação se encaminharam para a inovação na biblioteca escolar” (p. 5). Nesse sentido, Neves (2021) acrescenta que “o confinamento acabou por provocar o aperfeiçoamento dos serviços digitais que a biblioteca oferece”.

Neste esforço de adaptação, o uso intensivo das redes sociais como Facebook, Instagram, Twitter, ou plataformas como YouTube e Spotify, foi uma estratégia recorrente entre as bibliotecas escolares. Como referem Granados & Silva (2025), “essas redes se tornaram as melhores formas de se comunicar com seus usuários. Essas foram as melhores ferramentas para que as bibliotecas enfrentassem os

desafios do século XXI” (p. 11). Também se destacam as práticas de mediação de leitura e dinamização cultural em ambiente digital, tais como contação de histórias, clubes de leitura *online*, saraus de poesia, teatro de fantoches virtual e outras formas criativas de interação à distância referem (Granados & Silva, 2025, p. 20).

No plano docente, este período desafiador exigiu uma profunda reinvenção por parte dos professores, que tiveram de repensar metodologias, adaptar conteúdos e encontrar novas formas de manter a ligação com os alunos. Como referem Valente & Almeida (2022), “durante a pandemia os professores tiveram de se reinventar (...) visando não perder o aluno nem prejudicar o processo de aprendizagem” (p. 6). Essa reinvenção passou por mudanças significativas nos modos de desenvolver os processos de ensino e de aprendizagem, privilegiando-se uma atuação docente centrada na participação, no engajamento e na autoria dos alunos (Valente & Almeida, 2022, p. 7). Nesse sentido, como Budin et al. (2023), os professores “precisaram adquirir uma nova gama de competências de forma a se adaptar para a repentina realidade imposta sobre a educação” (p. 5).

Contudo, este processo também evidenciou fragilidades estruturais, como as desigualdades de acesso às tecnologias e a dificuldade em atender de forma equitativa os alunos em condição de vulnerabilidade social (Valente & Almeida, 2022, p. 7). Granados & Silva (2025) assinalam que “muitas bibliotecas enfrentaram problemas, como desligamento de pessoal e *internet* de má qualidade, sem falar naquelas que sequer têm acesso a um serviço de *internet*” (p. 11).

Importa ainda destacar que, apesar de todas as dificuldades encontradas pelos bibliotecários no seu ambiente de trabalho durante a pandemia, muitos conseguiram adaptar-se ao novo formato de ensino. Segundo Rodrigues et al. (2022),

apesar de todas as dificuldades encontradas pelos bibliotecários em seu ambiente de trabalho durante a pandemia, como a falta de recursos e de ferramentas para atender aos alunos de forma remota, os bibliotecários conseguiram ser inseridos nesse novo formato de ensino. Entretanto, para que isso acontecesse, tiveram que se reinventar, usando a criatividade e até mesmo recursos pessoais, criando e disponibilizando ações aos alunos de

forma virtual, como: clube de leitura, vídeos de contação de histórias, dicas de leitura, estantes virtuais, quiz, games, entre outras (p. 16).

Esta capacidade de reinvenção e empenho reforça a importância do papel do bibliotecário escolar como agente dinâmico e resiliente.

Estas limitações colocaram em evidência a urgência de políticas de investimento em infraestrutura digital. Como concluem Granados & Silva (2025), “a pandemia destacou a necessidade de investir em tecnologia para a prestação de serviços, forçando os profissionais do setor a se reinventarem e aprimorarem suas práticas” (p. 21).

Neste contexto, a transformação digital deve ser acompanhada de medidas estruturais e políticas de capacitação, que garantam a sustentabilidade e a inclusão de todos os intervenientes. A biblioteca escolar deve ser compreendida como um centro de inovação, aprendizagem e inclusão. A sua capacidade de resposta depende do reconhecimento institucional, da formação dos seus profissionais e da integração estratégica das tecnologias digitais.

3.2.5. Implicações e perspectivas

A transformação digital nas bibliotecas escolares coloca diversos desafios. Entre eles, destacam-se: a escassez de recursos financeiros e humanos; a necessidade de atualização constante de equipamentos e *software*; a falta de reconhecimento institucional do papel pedagógico da BE; e a resistência à mudança por parte de alguns membros da comunidade educativa.

Como mencionam Carvalho et al. (2020), “desenvolver bibliotecas com o bibliotecário mediador que atendam a comunidade de ‘nativos digitais’ é um desafio para as escolas” (p. 14).

Neste contexto, Lanzi (2012) alerta para a realidade de muitas bibliotecas escolares ao afirmar que

o descaso pela biblioteca e a sua subutilização evidenciam o desinteresse pelo seu emprego, que deve começar na educação de base, em que o

professor, a pretexto de cumprir o ‘programa curricular’, não utiliza os recursos disponíveis em seu acervo, ou não compartilha com a bibliotecária ideias, interesses e projetos uma disseminação do conhecimento, transformando-se, ele e o livro didático, nas únicas fontes de conhecimento (p. 28).

Esta crítica evidencia a urgência de uma maior valorização da biblioteca escolar como espaço de articulação pedagógica, e da colaboração efetiva entre professores e bibliotecários.

Para além disso, importa considerar as exigências específicas colocadas pelo paradigma da inclusão digital. Como defendem Ritta & Scherer (2024), “é fundamental ampliar o conhecimento sobre as tecnologias assistivas, investir em recursos acessíveis e promover a inclusão de estudantes com deficiência” (p. 11), consolidando o papel da biblioteca enquanto espaço de equidade e inovação. Esta perspetiva reforça a necessidade de garantir que todos os alunos, independentemente das suas condições, possam usufruir plenamente dos recursos e serviços disponibilizados pela biblioteca escolar.

Contudo, as perspetivas futuras são animadoras. A biblioteca digital pode tornar-se um eixo estruturante da inovação pedagógica, desde que apoiada por políticas públicas coerentes, financiamento adequado e estratégias de desenvolvimento profissional para os seus responsáveis. A criação de redes colaborativas entre bibliotecas, o investimento na interoperabilidade de sistemas e a partilha de boas práticas são caminhos que podem contribuir para uma biblioteca escolar digitalmente madura, inclusiva e orientada para o futuro.

3.3. Ambientes, plataformas, conteúdos e recursos digitais

A integração das TIC na biblioteca escolar implica a utilização de ferramentas digitais e recursos eletrónicos adaptados aos objetivos pedagógicos, às características dos alunos e à realidade da escola. A diversidade de ferramentas disponíveis exige seleção criteriosa, fundamentada nos princípios da acessibilidade, da relevância pedagógica e da usabilidade.

Entre as mais relevantes para o contexto da biblioteca escolar destacam-se:

- Catálogos e plataformas de gestão de bibliotecas: como o *OPAC/RBE* e o *Koha*, que permitem a consulta e organização do acervo de forma digital, promovendo a literacia bibliográfica.
- Ambientes virtuais de aprendizagem (AVA): como o *Moodle*, o *Google Classroom* ou o *Microsoft Teams*, onde o professor bibliotecário pode integrar recursos, propor atividades, gerir projetos de leitura e acompanhar o progresso dos alunos.
- Ferramentas de produção e criação: como *Genially*, *Canva*, *Padlet*, *Book Creator*, que facilitam a criação de conteúdos visuais e interativos, tanto por parte dos professores como dos alunos.
- Recursos educativos digitais: como a *Europeana*, a *Biblioteca Digital Mundial*, a *Pordata*, a *Biblioteca Camões* e a *Infopédia*, que disponibilizam informação validada e acessível para projetos escolares.
- Apps e jogos educativos: como *Kahoot*, *Quizizz* ou *Wordwall*, que dinamizam a aprendizagem com metodologias lúdicas e participativas, muitas vezes utilizadas em projetos de gamificação da leitura.
- Guias e tutoriais de literacia digital: disponíveis na RBE, no Plano Nacional de Leitura ou em organismos internacionais (UNESCO, ERTE, Common Sense Education), que apoiam a formação de competências críticas e criativas nos utilizadores.

É fundamental reconhecer que a integração das TIC na biblioteca escolar deve abranger também abordagens pedagógicas inovadoras que respondam às dinâmicas culturais e tecnológicas dos alunos do século XXI. Entre essas abordagens, os videojogos destacam-se como instrumentos particularmente eficazes no desenvolvimento de competências cognitivas e sociais, promovendo ambientes de aprendizagem envolventes e motivadores. Longe de se limitarem ao entretenimento, os jogos digitais possuem características que podem ser pedagogicamente exploradas: desafiam o raciocínio, exigem resolução de problemas, promovem a colaboração e valorizam a experimentação. Como sublinha Paula & Valente (2016), “videogames se mostram como um elemento

poderoso para transformação da Educação, favorecendo um processo no qual os educandos são mais ativos, constroem conhecimento profundamente e se preparam para a vida na sociedade atual, permeada por tecnologias digitais” (p. 26).

A eficácia destas ferramentas depende da sua integração pedagógica e estratégica, sendo essencial que o professor bibliotecário tenha formação contínua, apoio institucional e tempo para planejar, experimentar e avaliar o uso das tecnologias na biblioteca.

4. COMPETÊNCIAS DIGITAIS DE PROFESSORES, BIBLIOTECÁRIOS E ALUNOS

A era digital trouxe consigo mudanças profundas na forma como o conhecimento é produzido, disseminado e apropriado. Neste novo paradigma, as competências digitais emergem como condições essenciais para a atuação eficaz de professores, bibliotecários e alunos num ecossistema educativo cada vez mais complexo, híbrido e interconectado. A biblioteca escolar, enquanto espaço formativo e promotor de literacia, desempenha um papel estratégico na capacitação digital da comunidade educativa, colaborando para uma educação centrada nos aprendentes, personalizada, crítica e socialmente inclusiva.

Antes de aprofundarmos as competências específicas de professores, bibliotecários e alunos, importa considerar uma perspetiva mais ampla e humanista da educação. Como sublinha Lanzi (2012),

a educação deve permitir ao homem que tome consciência de si mesmo, do entorno, e desempenhe melhor sua função social no mundo do trabalho e na vida pública. Não se pode esperar que o acervo inicial de conhecimento adquirido na juventude baste para toda a vida. A evolução do mundo exige uma atualização permanente do saber. Portanto, o período de aprendizagem se estende pela vida toda e cada tipo de conhecimento adquirido invade o âmbito dos demais e os enriquece (p. 17).

Segundo o Plano de Ação para a Educação Digital 2021-2027 da Comissão Europeia (2020), é urgente assegurar que todos os cidadãos adquiram competências digitais fundamentais, com especial foco nos agentes educativos, cuja formação contínua e proficiência tecnológica são determinantes para o sucesso da integração das TIC no processo ensino-aprendizagem. Estas competências abrangem desde a utilização básica de tecnologias até à capacidade de criação de conteúdos digitais, resolução de problemas tecnológicos, colaboração em ambientes virtuais e respeito pelas normas de segurança, acessibilidade e ética digital.

De acordo com Moreira & Horta (2020), a formação de professores e bibliotecários deve privilegiar práticas integradoras e inovadoras, que promovam a autoria pedagógica e o design de experiências de aprendizagem híbridas, interativas e significativas.

Mais do que a mera instrumentalização tecnológica, a literacia digital deve ser pensada no quadro de uma educação *onlife* (Floridi, 2014), em que o digital não é um ambiente separado, mas constitutivo da própria realidade social e educativa. Neste paradigma, as competências digitais passam a incluir a gestão de redes, a colaboração distribuída, a curadoria de informação e a reflexão crítica sobre os impactos da tecnologia na aprendizagem e na cidadania.

A Rede de Bibliotecas Escolares, em alinhamento com o Plano de Ação de Desenvolvimento Digital da Escola, sublinha a importância de desenvolver uma cultura digital transversal, integrando as TIC como dimensão pedagógica, colaborativa e inclusiva da prática educativa. Neste sentido, as bibliotecas escolares assumem um papel de mediação entre a escola e a inovação digital, facilitando a transição para ambientes de aprendizagem mais flexíveis, interativos e colaborativos.

4.1. Formação e literacia digital

Como destaca a UNESCO (2023), as TIC podem promover equidade e inclusão, alcançando alunos desfavorecidos e oferecendo conteúdos acessíveis e

envolventes. Em contextos adequados, podem melhorar aprendizagens, apoiar a gestão educativa e o desenvolvimento de competências básicas e digitais. Contudo, quando mal implementadas, podem acentuar desigualdades ou mesmo prejudicar o processo educativo. Assim, é essencial que o seu uso se baseie em evidências de eficácia, e que complemente - e nunca substitua - a interação presencial entre docentes e alunos (p. 419).

Neste contexto, torna-se evidente que o papel do professor é central na mediação do uso das TIC em ambientes educativos. A sua formação contínua, aliada ao desenvolvimento de competências pedagógicas e digitais, constitui um dos pilares fundamentais para assegurar a eficácia da integração tecnológica. É igualmente fundamental reconhecer o papel da biblioteca escolar como espaço formativo para os docentes. Se os professores não tiverem formação como utilizadores da biblioteca, não poderão transmitir essas competências aos seus alunos. Tal como defende Viñao (2002):

Sólo formando a los profesores como usuarios de las bibliotecas y centros de recursos podemos esperar que éstos formen a sus alumnos como tales. Formemos, pues, primero a los profesores y maestros y hagamos que el trato con lo escrito, y a reflexión sobre dicho trato, sejam elementos habituais de sua cultura profissional.

É, por isso, essencial que os programas de formação docente contemplem não apenas o domínio técnico das ferramentas, mas também a sua aplicação crítica, ética e pedagógica no quotidiano escolar.

Programas de capacitação precisam focar-se não apenas no domínio técnico das ferramentas digitais, mas também em competências reflexivas e críticas para avaliar os riscos e as implicações éticas destas tecnologias emergentes (Schlemmer & Moreira, 2020).

A formação em literacia digital deve também considerar a preparação para compreender e utilizar tecnologias emergentes como a Inteligência Artificial, *Big Data* e algoritmos, cujo impacto na educação e na sociedade é cada vez mais significativo (Floridi, 2014).

A formação digital dos professores, bibliotecários e outros agentes educativos constitui um dos alicerces da transformação digital da escola. Esta formação não se limita ao domínio técnico das ferramentas tecnológicas, mas estende-se a uma compreensão mais ampla da cultura digital e à sua aplicação pedagógica, crítica e ética. Como sublinham Schlemmer & Moreira (2020), a transição para uma educação digital *onlife* exige uma profunda revisão das práticas educativas, das dinâmicas de ensino-aprendizagem e dos modelos de literacia que sustentam a atuação docente.

A literacia digital, neste contexto, deve ser entendida como a capacidade de compreender, avaliar, criar e comunicar informação através de meios digitais, integrando dimensões técnicas, cognitivas, sociais e éticas. Silva (2012) define-a como “o domínio das linguagens multimodais e a fluência na utilização de múltiplos suportes e canais comunicacionais”. No caso dos profissionais da educação, esta literacia envolve ainda a capacidade de integrar as tecnologias nos processos de ensino e aprendizagem de forma pedagógica e reflexiva.

A biblioteca escolar, enquanto centro de recursos de informação e de literacia, desempenha um papel estratégico na promoção destas competências, quer através do apoio direto à formação docente, quer como espaço de experimentação pedagógica com tecnologias. Como reforça a RBE (2021), as bibliotecas devem ser espaços privilegiados para “formar para a literacia digital, para o uso ético da informação e para a cidadania ativa”.

Assim, torna-se essencial que os programas de formação contínua - quer promovidos por centros de formação, quer dinamizados internamente nas escolas - sejam contextualizados, colaborativos e orientados para a prática pedagógica. A investigação de Dias-Trindade & Moreira (2018) mostra que muitos docentes reconhecem a importância das TIC, mas sentem-se pouco preparados para usá-las de forma significativa. A formação deve, por isso, ir além da simples exploração de ferramentas, contemplando também a sua articulação com os conteúdos curriculares, os estilos de aprendizagem e a inclusão.

Complementarmente, o Quadro Europeu de Competência Digital para Educadores (DigCompEdu) (Redecker, 2017, p. 10) tem sido uma referência central na definição

das competências digitais para a docência. Este modelo organiza as competências em seis áreas: (1) competências profissionais; (2) recursos digitais; (3) ensino e aprendizagem; (4) avaliação; (5) capacitação dos alunos; e (6) desenvolvimento das competências digitais dos alunos. Este referencial tem sido adotado em várias iniciativas europeias, incluindo em Portugal, no âmbito do Plano de Ação para o Desenvolvimento Digital das Escolas, onde a biblioteca é considerada ator-chave na implementação das ações de capacitação (Direção-Geral da Educação, 2022; RBE, 2021).

Além da formação formal, assume especial importância a aprendizagem entre pares, a constituição de redes colaborativas de docentes e bibliotecários e a valorização das práticas reflexivas partilhadas. A literatura recomenda, neste sentido, modelos de desenvolvimento profissional baseados na coensinação, na observação mútua, nos grupos de trabalho e nos laboratórios de inovação pedagógica (Moreira & Horta, 2020). Estas abordagens promovem a construção de saberes coletivos e ajustados ao contexto, favorecendo uma cultura digital escolar integrada e sustentável.

Também é importante sublinhar que a formação em literacia digital deve estender-se aos alunos, enquanto futuros cidadãos digitais. A biblioteca escolar pode desempenhar aqui uma função essencial ao promover oficinas de literacia mediática, projetos de investigação com fontes digitais, e atividades que desenvolvam o pensamento crítico e a responsabilidade no uso da tecnologia (UNESCO, 2018; Gasque & Casarin, 2016). Neste sentido, a formação digital não é um fim em si mesmo, mas um meio para promover a autonomia, a criatividade, a participação democrática e o sucesso educativo.

Segundo Schlemmer & Moreira (2020), o paradigma da educação digital *OnLIFE* propõe uma superação dos modelos tradicionais baseados na simples transposição de metodologias presenciais para o ambiente digital. Este paradigma valoriza a multimodalidade, a hibridização de espaços e tempos, e a integração plena entre os mundos físico e digital, promovendo experiências de aprendizagem imersivas, significativas e colaborativas. Neste contexto, destacam-se modalidades como o *mobile learning*, *pervasive learning*, *immersive learning* e *game-based learning*, que

ampliam as possibilidades de interação e construção de conhecimento num ecossistema digital mais inclusivo e inovador.

No que respeita à fluência digital, Dias-Trindade & Moreira (2018) destacam que muitos docentes portugueses apresentam um nível moderado de proficiência digital, com maiores fragilidades nas dimensões relacionadas com a diferenciação pedagógica e o trabalho com os estudantes. A investigação evidencia que, embora os professores revelem interesse e abertura à utilização das tecnologias, continuam a necessitar de formação contínua para explorar de forma crítica e eficaz os recursos digitais, adaptando-os às necessidades e contextos educativos diversos. Neste sentido, torna-se fundamental apostar em estratégias formativas que promovam não apenas a literacia digital instrumental, mas também uma fluência digital contextualizada, reflexiva e pedagógica.

Apesar da crescente familiaridade com conceitos como o de tecnologias assistivas, subsistem desafios significativos relacionados com a sua aplicação prática. Muitos bibliotecários, embora reconheçam o termo, demonstram um conhecimento ainda limitado sobre a diversidade de recursos que estas tecnologias englobam. Esta limitação constitui uma lacuna preocupante no que diz respeito às competências digitais exigidas aos profissionais da informação e da educação. Como referem Ritta & Scherer (2024), “embora a maioria dos bibliotecários esteja familiarizada com o termo 'tecnologias assistivas', ainda há um desconhecimento sobre os diversos recursos disponíveis” (p. 11), o que evidencia a necessidade de reforçar a formação e a capacitação nesta área emergente.

4.2. Uso pedagógico das TIC

A integração das Tecnologias da Informação e Comunicação na prática pedagógica representa uma das mais profundas transformações educativas das últimas décadas. O uso pedagógico das TIC vai muito além da utilização instrumental de equipamentos ou aplicações: exige um reposicionamento didático e metodológico, ancorado numa visão construtivista da aprendizagem, na promoção da autonomia do aluno e na mediação crítica da informação (Moran, 2007; M. M. Silva, 2012).

Estas práticas ganham ainda mais força quando integradas com metodologias ativas de aprendizagem, como a sala de aula invertida, a aprendizagem baseada em projetos e a aprendizagem por investigação. Nestes modelos, os alunos assumem o papel de protagonistas da sua aprendizagem, utilizando as TIC como meio para explorar, construir e apresentar conhecimento de forma autónoma e colaborativa (M. M. Silva, 2012; Dias-Trindade & Moreira, 2018).

A biblioteca escolar pode ser um espaço privilegiado para a experimentação destas metodologias, funcionando como laboratório de aprendizagem, onde os recursos digitais se articulam com os impressos e com a mediação dos professores e do professor bibliotecário.

Para além das práticas já identificadas, é importante reconhecer que o uso pedagógico das TIC deve incluir dimensões reflexivas e críticas sobre o seu impacto na aprendizagem e na formação da cidadania. A utilização consciente e ética da tecnologia deve ser um objetivo educativo prioritário, promovendo nos alunos a compreensão de fenómenos como a privacidade digital, a pegada digital, a cibersegurança e o papel dos algoritmos na curadoria da informação (Floridi, 2014; Schlemmer & Moreira, 2020).

Outro eixo relevante é o *mobile learning*, que permite uma aprendizagem ubíqua e situada. O uso pedagógico de dispositivos móveis - como *tablets* ou *smartphones* - dentro e fora da biblioteca escolar pode enriquecer experiências de aprendizagem, nomeadamente em projetos de georreferenciação, recolha de dados em tempo real ou visitas culturais aumentadas (Moreira & Horta, 2020). Estas práticas promovem maior articulação entre escola, comunidade e território, favorecendo a aprendizagem significativa.

A biblioteca pode ainda dinamizar fóruns digitais, clubes de debate ou *podcasts* onde os alunos discutam temas da atualidade ou dilemas éticos relacionados com a tecnologia, estimulando o pensamento crítico, a literacia mediática e a participação cívica. Assim, o uso pedagógico das TIC na biblioteca escolar não se limita ao domínio técnico das ferramentas, mas envolve uma abordagem integrada, humanista e crítica, promotora de uma cultura digital democrática e inclusiva.

Importa distinguir entre um uso meramente tecnológico e um uso pedagógico das TIC. O primeiro refere-se à simples presença de tecnologia nas salas de aula ou na biblioteca (como projetores, computadores ou *tablets*). Já o segundo implica intencionalidade educativa, integração curricular, adequação metodológica e articulação com objetivos de aprendizagem significativos (Dias-Trindade & Moreira, 2018).

A biblioteca escolar pode apoiar diretamente os professores na exploração de diferentes modelos de organização do ensino híbrido, tais como a sala de aula invertida, os modelos de rotação (estações, laboratório), o modelo flex ou o virtual enriquecido. Estes formatos permitem integrar as TIC com metodologias ativas centradas no aluno, com a mediação contínua de professores e bibliotecários (Moreira & Horta, 2020). Complementarmente,

a adoção do ensino à distância híbrido e o uso mais acentuado de tecnologias de aprendizagem oferecem mais opções para professores e instrutores. Para que essas tecnologias sejam bem utilizadas, os professores e instrutores não precisam somente conhecer os pontos fortes e fracos dos diferentes tipos de tecnologia, mas também precisam ter uma boa compreensão sobre como os estudantes aprendem (A. W. (Tony) Bates, 2017, p. 520).

Daí a importância de articular os modelos híbridos com uma compreensão pedagógica aprofundada, garantindo que a tecnologia serve de forma eficaz o processo de ensino-aprendizagem.

4.2.1. Modelos de referência para a integração pedagógica das TIC

A crescente complexidade dos ambientes educativos digitais exige que os educadores repensem as suas abordagens pedagógicas de forma crítica e criativa. Não se trata apenas de incorporar novas ferramentas, mas de rever profundamente os modos de ensinar e aprender, alinhando-os com as exigências da sociedade contemporânea. A rápida transformação tecnológica e as exigências colocadas pela sociedade digital requerem uma reconfiguração das práticas docentes tradicionais. Como destaca Moran (2007), é necessário um planeamento que

articule objetivos pedagógicos, contextos de aprendizagem e recursos tecnológicos, visando sempre a construção de conhecimento significativo.

Bates (2017), sublinha que

novas tecnologias e as necessidades dos alunos em uma era digital exigem uma reformulação do ensino presencial tradicional, especialmente por estar baseado na transmissão de conhecimentos. Isso significa reavaliar a maneira como você ensina e determinar como realmente gostaria de ensinar em uma era digital. Isso exige imaginação e visão, em vez de técnica (p. 491).

Esta reflexão torna-se ainda mais pertinente quando se consideram os modelos de integração pedagógica das TIC, como o TPACK e o SAMR, que orientam os docentes na articulação entre tecnologia, pedagogia e conteúdo.

Entre os modelos teóricos mais relevantes destaca-se o TPACK - Technological Pedagogical Content Knowledge (Koehler et al., 2013) que propõe que a eficácia no uso das TIC exige a articulação entre três tipos de conhecimento: tecnológico (saber usar as ferramentas digitais), pedagógico (saber como ensinar) e de conteúdo (saber o que ensinar). A intersecção destes domínios permite desenhar práticas inovadoras, ajustadas aos contextos e às necessidades dos alunos.

Complementarmente, o modelo SAMR (Substitution, Augmentation, Modification, Redefinition), proposto por Puentedura (2013), oferece uma leitura evolutiva da integração das TIC, desde a substituição de práticas tradicionais até à redefinição de tarefas educativas que seriam impossíveis sem a tecnologia. Este modelo tem sido usado por professores bibliotecários e formadores para avaliar o nível de transformação proporcionado pelas TIC nas suas atividades.

A rápida evolução das tecnologias educativas desafia os educadores a manterem-se atualizados e críticos na sua seleção e utilização. Não basta incorporar novas ferramentas: é fundamental que estas estejam alinhadas com os objetivos pedagógicos e as necessidades reais dos alunos. Como destaca Selwyn (2012), as escolhas tecnológicas refletem visões educativas e devem ser feitas com consciência crítica.

Segundo Bates (2017),

esses rápidos desenvolvimentos das tecnologias educacionais significam que professores e instrutores precisam de um modelo sólido para avaliar o valor de diferentes tecnologias, novas ou existentes, e para decidir como ou quando faz sentido para eles e seus alunos as utilizarem (p. 71).

Esta avaliação, contudo, não deve incidir exclusivamente sobre a ferramenta tecnológica, mas sobretudo sobre a adequação do método pedagógico ao contexto e aos objetivos de aprendizagem.

Silva (2012) lembra que a tecnologia só promove mudança educativa se for acompanhada de um redesenho didático consistente. A intencionalidade pedagógica é, portanto, central na integração eficaz das TIC.

Bates (2017) reforça que “o que importa, de uma perspectiva de aprendizagem, não é tanto a escolha da tecnologia, mas a eficiência e os conhecimentos especializados na escolha e no uso apropriados do método de ensino” (p. 152).

Entre os recursos digitais disponíveis, os Recursos Educativos Abertos (REA) têm vindo a assumir um papel relevante no apoio à aprendizagem *online*. Contudo, a sua utilização não deve ser dissociada de uma abordagem pedagógica estruturada. Como salienta Bates (2017), “recursos educacionais abertos têm um importante papel na educação *online*, mas precisam ser adequadamente concebidos e desenvolvidos dentro de um contexto mais amplo de aprendizagem que inclua as atividades críticas necessárias ao apoio à aprendizagem” (p. 428-429). Esta visão converge com a de Huang et al. (2020), que defende uma utilização pedagógica criteriosa dos REA, como contributo para a democratização do conhecimento e a inovação educativa.

4.2.2. Práticas pedagógicas inovadoras com TIC

O uso pedagógico das TIC concretiza-se em múltiplas práticas que contribuem para enriquecer os processos de ensino e aprendizagem. No espaço da biblioteca escolar, destacam-se as seguintes:

- Projetos de literacia digital e informacional, que ensinam os alunos a pesquisar, selecionar, avaliar e usar informação *online* de forma ética e crítica;
- Clubes de leitura digitais, que utilizam plataformas interativas (*Padlet*, *Flipgrid*, *Zoom*) para promover o diálogo em torno dos livros, com participação ativa e criativa dos alunos;
- Produção multimédia (vídeos, *podcasts*, infografias, *blogs*), que estimula a expressão pessoal, a autoria digital e a apropriação do conhecimento;
- Gamificação da leitura e da investigação, através de jogos digitais educativos, *quizzes*, desafios interativos ou *escape rooms* virtuais;
- Projetos colaborativos interdisciplinares, como jornais digitais, revistas escolares, feiras de ciência *online* ou projetos *eTwining*, que articulam TIC com cidadania, sustentabilidade ou património.

Para além dos recursos tecnológicos já referidos, importa destacar o papel das TIC na promoção de práticas pedagógicas verdadeiramente centradas no aluno. O uso de ferramentas digitais que permitem feedback imediato, aprendizagem adaptativa ou personalização de itinerários (como plataformas de tutoria inteligente ou sistemas de gestão da aprendizagem com rastreamento de progresso) favorece o envolvimento de todos os alunos no processo educativo (UNESCO, 2018, p. 7-10). Segundo Huang et al. (2020), é “o uso de metodologias de ensino que podem ajudar os alunos a construir seus próprios caminhos de aprendizagem (autorregulados) e contribuir ativamente para a construção do conhecimento” (p. 11). Esta perspetiva é complementada por Valente (2014), que discute a eficácia das TDIC na criação de condições para o aluno construir conhecimento, mencionando atividades como a educação a distância no modelo de “estar junto virtual”, o uso de *software* de simulação, a construção de narrativas digitais e a “sala de aula invertida” (p. 1).

A tecnologia permite também aumentar o tempo de prática, diversificar os públicos atendidos e otimizar o desempenho do sistema educativo. As novas tecnologias oferecem novas possibilidades de ensino, que incluem a oferta de mais prática ou tempo na realização da tarefa, o alcance de novos grupos-alvo e o aumento da

produtividade tanto do professor como do sistema como um todo (T. Bates, 2017, p. 153).

Estas práticas, quando mediadas pelo professor bibliotecário em articulação com os docentes, potenciam a aprendizagem ativa, significativa e colaborativa, ao mesmo tempo que promovem a criatividade, a literacia crítica e o uso responsável da tecnologia (Conde et al., 2017, p. 21-23; Furtado, 2013). O estudo R. M. de Oliveira et al. (2022) corrobora esta visão ao evidenciar que a adoção de estratégias pedagógicas para autoavaliação, participação, desempenho e colaboração dos estudantes em ambiente digital é um elemento indispensável para a sua formação integral e curricular (p. 1).

A eficácia destas práticas está, em grande medida, relacionada com a capacidade do professor de adaptar metodologias e ferramentas ao perfil dos alunos e ao contexto educativo. Como refere Redecker (2017) no *DigCompEdu*, a competência pedagógica digital dos educadores passa por saber selecionar ferramentas adequadas aos objetivos e características dos alunos. Neste sentido, Balça & Fonseca (2009) defendem a necessidade de repensar o papel das bibliotecas escolares numa sociedade de crescimento ilimitado de informação, o que exige dos professores um constante aprimoramento e adaptação (p. 1). Bates (2017) complementa esta ideia, destacando que “bons professores geralmente têm um arsenal de ferramentas, métodos e abordagens que podem utilizar, dependendo das circunstâncias” (p. 77), sublinhando a importância da versatilidade metodológica.

Adicionalmente, Valente (2016) argumenta que a questão da Informática na Educação não é apenas o *software* em si, mas sim como este pode ser usado como parte de uma mudança pedagógica, transitando de uma pedagogia de transmissão de informação para uma que incentive o aluno a buscar e construir seu próprio conhecimento (p. 886).

Como conclui Bates (2017), “nenhum método atenderá a todas as exigências que os professores enfrentam em uma era digital” (p. 152), pelo que se justifica o desenvolvimento de equipas pedagógicas multidisciplinares. Estas equipas tornam-se particularmente relevantes no ensino híbrido e *online*, que, segundo o autor,

“exigem uma série de habilidades que a maioria dos professores tendem a não ter” (p. 492).

Entre os métodos mais eficazes neste contexto, destacam-se aqueles que promovem o desenvolvimento conceptual, a aprendizagem experiencial e a construção de conhecimento em contextos autênticos, como sublinha o mesmo autor (p. 152).

4.2.3. TIC ao serviço da diferenciação e inclusão

Outro aspeto relevante do uso pedagógico das TIC prende-se com a sua capacidade de responder à diversidade dos alunos. A tecnologia, quando utilizada com intencionalidade pedagógica, pode facilitar a diferenciação de tarefas, a acessibilidade dos conteúdos e a adequação às necessidades específicas de cada aluno.

O planeamento pedagógico híbrido requer uma integração coerente entre objetivos, metodologias e avaliação, tanto nos ambientes digitais como presenciais. A biblioteca escolar pode colaborar neste processo através da criação de instrumentos digitais de avaliação que respeitem princípios de flexibilidade, personalização e equidade.

A adoção de guiões pedagógicos digitais, como os propostos por Moreira & Horta (2020), pode apoiar os docentes e bibliotecários na planificação de percursos formativos alinhados com os desafios da educação digital contemporânea.

Recursos como leitores de ecrã, legendagem automática, sintetizadores de voz, audiolivros ou interfaces simplificadas permitem que a biblioteca e a sala de aula sejam mais inclusivas. Além disso, as TIC possibilitam múltiplas formas de expressão e comunicação, respeitando os diferentes estilos de aprendizagem (visual, auditivo, cinestésico) e promovendo a equidade educativa (Gasque & Casarin, 2016; Van Dijk, 2005).

Assim, é essencial reconhecer que a integração das TIC em contextos educativos inclusivos exige não apenas recursos tecnológicos acessíveis, mas também práticas pedagógicas diferenciadas e intencionalmente desenhadas para respeitar

o ritmo, os estilos de aprendizagem e as especificidades de cada aluno. A diferenciação pedagógica com base em tecnologia digital deve estar ancorada numa visão centrada no aluno e sustentada por políticas de equidade digital, onde o papel da biblioteca escolar é também o de mediadora pedagógica e tecnológica (UNESCO, 2018, p. 7-10).

A transição para modelos híbridos de aprendizagem implica igualmente uma reorganização dos espaços escolares, de modo a acolher diferentes formatos, ritmos e modos de interação. Como sublinha Bates (2017), “a mudança para a aprendizagem mista ou híbrida em particular significa repensar o uso do campus e as instalações necessárias para apoiar a aprendizagem de modo híbrido” (p. 400). A biblioteca escolar, enquanto espaço flexível e multifuncional, pode assumir aqui um papel estratégico, articulando recursos físicos e digitais em função das exigências da aprendizagem contemporânea.

As bibliotecas escolares, ao disponibilizarem recursos multiformato e acessíveis (ex.: livros digitais com leitura em voz alta, materiais com linguagem simples, vídeos com legendas), contribuem para a criação de ambientes inclusivos e equitativos de aprendizagem, fundamentais para uma escola democrática (Gasque & Casarin, 2016). Embora os Recursos Educacionais Abertos, os MOOCs e os livros digitais tenham potencial para democratizar o acesso ao conhecimento, não devem ser vistos como soluções isoladas para os desafios estruturais da educação. Como destaca Bates (2017),

REAs, MOOCs, livros abertos e outras formas digitais de abertura são importantes para ajudar a ampliar o acesso às oportunidades de aprendizagem, mas, em última análise, estas são melhorias em vez de um substituto para um sistema de educação pública bem financiada, que continua a ser o núcleo para fornecer igualdade de acesso às oportunidades educacionais (p. 430-431).

Esta perspetiva reforça a importância de investir em infraestruturas públicas robustas, onde a biblioteca escolar pode assumir um papel essencial no acesso equitativo ao digital.

4.2.4. Avaliação com TIC

A utilização das TIC na avaliação permite uma recolha mais sistemática e visualização dos dados de aprendizagem dos alunos. A análise de dados educativos, mesmo em pequena escala, pode ser usada por professores e bibliotecários para identificar dificuldades, monitorizar o progresso individual ou de grupo e tomar decisões pedagógicas mais fundamentadas (Moreira & Horta, 2020). Esta prática vai ao encontro da conceção de avaliação como “uma ação sistemática, contínua e dinâmica, que envolve professores e alunos numa relação de cooperação” e que influencia não só os processos de aprendizagem, mas também a organização escolar (Casanova et al., 2024, p. 273).

Ferramentas como dashboards de avaliação, rúbricas digitais e sistemas automatizados de correção podem ser usados em articulação com o trabalho da biblioteca escolar, permitindo uma abordagem mais integrada, justa e personalizada da avaliação. Segundo I. Oliveira et al. (2022), a avaliação digital deve mobilizar “dispositivos digitais que vão ao encontro de tarefas próximas do real” (p. 17), promovendo aprendizagens significativas e contextualizadas.

O uso pedagógico das TIC implica também repensar os modelos de avaliação. Ferramentas como *Google Forms*, *Socrative*, *Mentimeter*, ou mesmo ambientes de aprendizagem como o *Moodle*, permitem construir instrumentos de avaliação formativa, interativos, que oferecem feedback imediato e dados para regulação da aprendizagem. De acordo com R. M. de Oliveira et al. (2022), os professores precisam de ter “critérios claros sobre quais competências e habilidades quer desenvolver no seu estudante” e selecionar as ferramentas digitais que facilitem o processo avaliativo (p. 19).

A biblioteca escolar pode colaborar com os docentes na construção destes instrumentos, fornecendo tutoriais, exemplos de boas práticas e apoio na escolha de plataformas acessíveis e seguras. Esta cooperação permite alinhar a avaliação com os princípios da aprendizagem ativa e da educação autêntica, uma vez que, como refere I. Oliveira et al. (2022), a avaliação digital deve assumir-se como “avaliação para a aprendizagem”, com atividades motivadoras e ligadas ao quotidiano ou ao mundo pré-profissional (p. 17).

Neste contexto, torna-se essencial focar a atenção em modelos de avaliação que considerem de forma integrada as competências, os conhecimentos, as atitudes e os comportamentos dos alunos, tal como defende Casanova et al. (2024): “importa focar a atenção em modelos de avaliação que apresentem uma visão quanto à qual as competências, o conhecimento, as habilidades e as atitudes/comportamentos (...) são integradas e promovidas através de diversas abordagens” (p. 283).

Esta abordagem integrada, crítica e pedagógica do uso das TIC fortalece a missão educativa da escola e da biblioteca escolar. Ao mobilizar as TIC para promover aprendizagens mais ricas, inclusivas e sustentadas, os educadores e bibliotecários não apenas respondem aos desafios da era digital, como contribuem para a formação de cidadãos mais autónomos, informados e socialmente conscientes. Como destaca R. M. de Oliveira et al. (2022), a adaptação à avaliação digital é um processo incontornável: “é incontrovertível que os professores precisaram se adaptar a essa nova realidade de avaliar de modo on-line” (p. 18), o que exige o desenvolvimento de competências digitais tanto por parte de docentes como de alunos, com especial enfoque na avaliação formativa (R. M. de Oliveira et al., 2022, p. 7).

4.3. Obstáculos e estratégias de ação

Apesar das intenções políticas e dos avanços registados na integração das TIC em contexto escolar, persistem situações em que a biblioteca escolar é completamente desvalorizada e excluída do projeto educativo. Como denuncia Lanzi (2012),

a biblioteca, que nesse contexto é considerada como um 'apêndice' da escola, vê-se fadada ao fracasso, sem professores, sem alunos, entregue às mãos de pessoas que, em muitos casos, não têm compromisso e nem o mínimo de formação na área, foram 'sorteadas' para tomar conta dela. Seu espaço é utilizado como lugar de punição, de castigo, ou é o espaço onde os alunos vão para copiar verbetes de enciclopédias ou consultar os computadores para uma pesquisa baseada no 'copiar e colar' (p. 29).

Esta visão crítica revela um dos maiores obstáculos estruturais à consolidação das competências digitais e ao reconhecimento da biblioteca enquanto motor de inovação pedagógica.

A consolidação de competências digitais por parte de professores, bibliotecários e alunos enfrenta ainda diversos obstáculos estruturais, organizacionais, pedagógicos e culturais que dificultam uma integração plena e eficaz das tecnologias digitais no quotidiano educativo. Estes entraves não se limitam à dimensão técnica, mas refletem também desafios epistemológicos, éticos e formativos que carecem de uma abordagem crítica.

Um dos principais constrangimentos identificados é a desigualdade no acesso às tecnologias, tanto ao nível dos equipamentos como da conectividade. A ausência ou insuficiência de dispositivos e de acesso à *internet* em casa continua a afetar significativamente os alunos provenientes de contextos socioeconómicos desfavorecidos, acentuando o fosso digital e educativo (Van Dijk, 2005; UNESCO, 2018, p. 7-10). Este desequilíbrio reflete-se igualmente no acesso a recursos digitais de qualidade nas bibliotecas escolares, comprometendo a missão inclusiva destes espaços.

No plano docente, persiste a resistência à mudança de práticas pedagógicas enraizadas, muitas vezes centradas na transmissão unidirecional do conhecimento. A introdução das TIC exige uma reconfiguração profunda das metodologias de ensino, assente numa pedagogia ativa, colaborativa e centrada no aluno. Esta transição nem sempre é acompanhada pela formação contínua adequada ou pelo tempo necessário para o desenvolvimento (RBE, 2021; Dias-Trindade & Moreira, 2018).

Outro obstáculo significativo é a fragmentação das competências digitais. Muitos docentes e alunos apresentam um domínio limitado e desarticulado das tecnologias, sendo comuns as dificuldades na utilização crítica, criativa e ética das ferramentas digitais. A ausência de referenciais comuns e de estratégias institucionais claras para o desenvolvimento progressivo destas competências agrava o problema, dificultando a sua mobilização em contextos reais de aprendizagem (Redecker, 2017, p. 10).

As bibliotecas escolares, embora desempenhem um papel central na promoção da literacia digital, enfrentam também desafios próprios. A escassez de recursos humanos especializados, a sobrecarga de funções atribuídas aos professores bibliotecários e a falta de reconhecimento formal do seu papel como agentes de inovação pedagógica constituem entraves à sua plena atuação no domínio digital (Gasque & Casarin, 2016).

Por fim, deve-se considerar a complexidade crescente do ambiente digital contemporâneo, marcado por fenómenos como a desinformação, o discurso de ódio, a vigilância algorítmica e as questões de privacidade e segurança *online*. Estes fatores exigem uma abordagem pedagógica mais robusta e crítica, que vá para além do domínio técnico das ferramentas e capacite os alunos e educadores para uma participação ética e informada na cultura digital (Floridi, 2014; Schlemmer & Moreira, 2020).

Superar estes obstáculos exige uma visão estratégica que articule políticas educativas, investimento em infraestruturas, formação contínua e valorização institucional da biblioteca escolar como espaço de experimentação e desenvolvimento de competências para o século XXI. Neste processo de superação, é fundamental redefinir as práticas de ensino e aprendizagem, com base em objetivos claros e métodos centrados no aluno. Como sublinha Bates (2017),

para desenvolver tais conhecimentos e habilidades, os professores e instrutores devem definir resultados claros de aprendizagem e selecionar os métodos que apoiarão o desenvolvimento de tais conhecimentos e habilidades, e, uma vez que todas as habilidades exigem prática e feedback para serem desenvolvidas, aos aprendizes devem ser concedidas amplas oportunidades para praticá-las. Isso exige o abandono de um modelo baseado na transmissão de informações em privilégio de um maior envolvimento do aluno, mais ensino centrado no aprendiz e novos métodos de avaliação que meçam habilidades e domínio de conteúdos (p. 519).

Esta abordagem destaca a importância de práticas pedagógicas transformadoras como parte da estratégia de consolidação das competências digitais. Só através

desta abordagem integrada será possível construir uma escola digital verdadeiramente inclusiva, crítica e transformadora. Neste sentido, importa delinear perspectivas de desenvolvimento e estratégias de ação sustentadas, que favoreçam a consolidação de competências digitais em todos os atores educativos. A implementação de planos de ação institucionais, como o PADDE, revela-se fundamental para orientar este processo, integrando a biblioteca escolar como agente de inovação pedagógica e tecnológica (RBE, 2021). Estes planos devem promover ciclos contínuos de diagnóstico, planeamento, ação e avaliação, com base em referenciais como o *DigCompEdu* (Redecker, 2017, p. 10), permitindo intervenções contextualizadas e progressivas.

A formação contínua e colaborativa dos profissionais da educação constitui outro eixo central. Para além da aquisição de competências técnicas, é crucial desenvolver capacidades de design pedagógico digital, centrado em práticas reflexivas e autorais. A criação de comunidades de prática, redes colaborativas entre docentes, bibliotecários e técnicos TIC, e a valorização de espaços como os Laboratórios de Inovação Pedagógica, são apontadas na literatura como estratégias eficazes para promover a aprendizagem entre pares e a transferência de práticas (Moreira & Horta, 2020).

As bibliotecas escolares devem assumir-se como ecossistemas de aprendizagem híbrida, dinamizando metodologias ativas e projetos interdisciplinares com tecnologias digitais. A sua articulação com os currículos disciplinares deve ser reforçada através de projetos de literacia digital, produção de conteúdos multimédia, curadoria da informação e atividades de cidadania digital ativa (Gasque & Casarin, 2016).

Do lado dos alunos, importa apostar na personalização das aprendizagens, com itinerários digitais diferenciados que respeitem os estilos de aprendizagem, ritmos e interesses individuais. Para isso, é essencial garantir a acessibilidade universal dos recursos e plataformas digitais, bem como fomentar uma educação digital centrada na ética, na responsabilidade e na participação crítica (UNESCO, 2018, p. 7-10; Schlemmer & Moreira, 2020).

As estratégias de avaliação devem acompanhar esta transformação, privilegiando instrumentos digitais que favoreçam a monitorização formativa, a metacognição e o feedback contínuo. O uso de *dashboards*, guiões pedagógicos digitais e ambientes de aprendizagem virtuais permite alinhar objetivos, metodologias e avaliação num plano de ação coerente e inclusivo (Moreira & Horta, 2020).

As perspetivas de desenvolvimento no domínio das competências digitais devem assentar numa lógica de inovação sustentada, planeada e crítica. Ao integrar políticas públicas, formação contínua e práticas pedagógicas transformadoras, a escola e a biblioteca escolar tornam-se em pilares fundamentais para a construção de uma cultura digital democrática e humanista.

Entre os diversos entraves à integração eficaz das TIC nas bibliotecas escolares, destacam-se fatores como a escassez de financiamento e a falta de formação adequada dos profissionais. Além das barreiras já referidas, importa destacar os constrangimentos associados às tecnologias assistivas, frequentemente negligenciadas no planeamento das bibliotecas escolares. Estas tecnologias, essenciais para garantir a inclusão de alunos com necessidades específicas, enfrentam entraves adicionais. Como afirmam Ritta & Scherer (2024), “limitações financeiras e falta de treinamento dificultam a implementação efetiva dessas tecnologias” (p. 11), comprometendo a sua disseminação e utilização eficaz no quotidiano escolar., o que compromete os objetivos de acessibilidade, inovação e inclusão educativa associados às bibliotecas escolares contemporâneas.

5. O MODELO DE AVALIAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR

No âmbito das políticas públicas de promoção da qualidade e equidade na educação, a avaliação das bibliotecas escolares assume um papel estratégico. Em Portugal, essa avaliação é conduzida através do Modelo de Avaliação da Biblioteca Escolar, um instrumento concebido pela Rede de Bibliotecas Escolares com o propósito de recolher, analisar e utilizar dados que permitam avaliar o impacto pedagógico, informacional e cultural das bibliotecas escolares. O MABE integra-se

numa lógica de melhoria contínua, promovendo práticas baseadas em evidências e fomentando a autorreflexão e o planeamento estratégico por parte das escolas.

Tendo em conta os desafios da transição digital e a importância crescente das Tecnologias da Informação e Comunicação no contexto educativo, o MABE inclui domínios e indicadores que avaliam a integração tecnológica, a utilização de recursos digitais, a capacitação dos utilizadores e a promoção das competências digitais. Neste sentido, o presente subcapítulo visa apresentar o MABE enquanto referencial estruturante para a análise das práticas das bibliotecas escolares, particularmente no que se refere ao uso educativo das TIC. O capítulo aborda a sua origem e evolução, estrutura, domínios de análise, metodologia e relevância enquanto fonte de dados para a investigação empírica desenvolvida nesta dissertação, com base nos dados recolhidos nos anos de 2015, 2017 e 2019, no distrito de Vila Real. Tal como sublinha a RBE (2021), o MABE articula-se com o Plano de Ação de Desenvolvimento Digital da Escola, reforçando o papel da biblioteca escolar na transformação digital dos contextos educativos.

5.1. Origem e evolução do MABE

O MABE foi desenvolvido pela Rede de Bibliotecas Escolares, um programa nacional criado em 1996 com o intuito de garantir o acesso universal, em contexto escolar, a bibliotecas modernas e funcionalmente integradas nas dinâmicas pedagógicas. A criação do MABE inscreve-se numa segunda fase de atuação do programa, orientada para a consolidação da rede, a promoção da qualidade dos serviços prestados e a valorização do papel da biblioteca escolar como mediadora de aprendizagens.

A fase experimental do modelo decorreu em 2008-2009, tendo sido formalmente implementado a partir do ano letivo de 2010-2011. Desde então, o MABE passou por atualizações significativas, com várias reformulações. Estas reformulações refletiram a evolução das práticas escolares e a necessidade de integrar novos domínios, nomeadamente a literacia digital, a cidadania ativa e a aprendizagem em rede. A evolução do MABE também procurou reforçar a vertente formativa da

avaliação, promovendo uma lógica de autorreflexão e responsabilização partilhada, em detrimento de uma avaliação meramente normativa.

O Modelo de Avaliação das Bibliotecas Escolares e segundo Balça & Fonseca (2013),

suportando-se no conceito de que a biblioteca escolar constitui um contributo essencial para o sucesso educativo, sendo um recurso fundamental para o ensino e para a aprendizagem, propõe como condições essenciais para que estes se efetivem, os níveis de colaboração existentes entre o professor/coordenador da biblioteca e os restantes professores, quer na identificação de recursos quer no desenvolvimento de atividades conjuntas (p. 414).

Esta dimensão colaborativa revela-se, assim, central para a eficácia das bibliotecas escolares.

A par da sua vertente pedagógica, o MABE tem sido valorizado enquanto instrumento de política educativa, por permitir recolher dados agregados sobre o funcionamento das bibliotecas a nível nacional, regional e local. Estes dados alimentam relatórios, decisões de financiamento, planos de formação e ações de monitorização por parte da equipa coordenadora da RBE e do Ministério da Educação. A avaliação no âmbito das BE pretende “aferir não a eficiência dos serviços mas a sua eficácia, isto é, os resultados, que se revelam nas atitudes e nas competências dos utilizadores” (Balça & Fonseca, 2013, p. 415). Esta abordagem é reforçada por um modelo que visa compreender o impacto das atividades desenvolvidas nas bibliotecas escolares no processo de ensino-aprendizagem, bem como medir a satisfação dos utilizadores.

A criação da RBE remonta a 1996, tendo sido formalizada a partir do relatório Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares, coordenado por I. Veiga et al. (1996), que estabeleceu as bases para a construção de uma rede nacional de bibliotecas escolares modernas, centradas nas aprendizagens dos alunos. Tal como refere C. L. Rodrigues (sem data), esta vertente estratégica da avaliação em rede promove o desenvolvimento de bibliotecas como ecossistemas colaborativos, centrados na aprendizagem e na inovação educativa.

“Esta constatação remete para a necessidade de se repensar a formação nesta área (...) dirigida não só aos professores bibliotecários mas também a todos os docentes” (Balça & Fonseca, 2009, p. 12), uma vez que a eficácia do MABE depende, em grande medida, da apropriação crítica e competente dos seus princípios por parte de todos os intervenientes educativos.

5.2. Estrutura e indicadores do MABE

O MABE estrutura-se em quatro domínios fundamentais que refletem as principais áreas de intervenção da biblioteca escolar: gestão, recursos, currículo e articulação com a comunidade. O primeiro domínio incide sobre a gestão da biblioteca escolar, avaliando práticas de liderança, planeamento estratégico, articulação com os órgãos de gestão da escola e organização do trabalho do professor bibliotecário. O segundo domínio refere-se aos recursos, incluindo os físicos, os documentais e os digitais, bem como o acesso, organização e utilização desses recursos por parte dos utilizadores. O terceiro domínio, centrado no currículo, literacias e aprendizagem, foca-se no apoio às atividades letivas, na promoção da leitura, no desenvolvimento de competências de literacia da informação, dos media e digital, assumindo-se como uma dimensão essencial da missão educativa da biblioteca escolar. Por fim, o domínio da articulação e parcerias contempla a ligação da biblioteca à restante comunidade escolar, às bibliotecas públicas, às famílias e a entidades locais ou nacionais.

Estes domínios operam em articulação com um conjunto de indicadores qualitativos e quantitativos, que sustentam a análise dos contextos, práticas e resultados. A recolha de dados é feita através de múltiplos instrumentos, como questionários aplicados a alunos, professores e professores bibliotecários, grelhas de observação, análise documental e registos internos, garantindo uma visão abrangente e contextualizada da realidade das bibliotecas escolares.

Do ponto de vista metodológico, o MABE adota uma abordagem que conjuga técnicas de avaliação quantitativas com componentes qualitativas, permitindo captar tanto dados objetivos como representações, intenções e práticas. Tal como

refere Coutinho (2006), nas investigações em Tecnologia Educativa, a utilização pluri-metodológica é a mais utilizada, pois permite uma compreensão mais contextualizada dos fenómenos educativos. Este princípio é claramente visível na construção do MABE, cuja arquitetura valoriza a triangulação da informação, a participação dos vários intervenientes escolares e a articulação entre avaliação interna e externa, numa lógica de desenvolvimento institucional contínuo.

5.3. O papel do MABE na avaliação das TIC nas bibliotecas escolares

A presença das TIC no MABE manifesta-se em múltiplos domínios, refletindo a importância destas ferramentas para o desenvolvimento das competências do século XXI. No domínio dos recursos, avalia-se a existência de equipamentos informáticos, ligação à *internet*, *software* educativo, bases de dados, recursos digitais e plataformas de aprendizagem. No domínio curricular, são valorizadas as atividades de literacia digital, autoria digital, utilização pedagógica das TIC e capacitação dos alunos e professores para o uso seguro, ético e crítico da tecnologia.

O MABE permite aferir a qualidade e diversidade das práticas digitais, identificando não apenas o acesso a recursos, mas também a sua integração curricular e intencionalidade pedagógica. Este aspeto é particularmente relevante na biblioteca escolar, cuja missão é apoiar o desenvolvimento integral dos alunos e promover a equidade no acesso à informação. Através da análise dos dados recolhidos, é possível identificar boas práticas, como a dinamização de clubes digitais, oficinas de escrita multimédia, projetos *eTwinning*, produção de podcasts ou utilização de plataformas como *Padlet*, *Genially* e *Canva*. Esta perspetiva encontra-se alinhada com o Manifesto da Biblioteca Escolar da IFLA-UNESCO (2025), que sublinha a importância de integrar as tecnologias de forma equitativa e pedagógica nos ambientes de aprendizagem, promovendo a inclusão, a literacia digital e a cidadania ativa.

Para além da dimensão tecnológica, o MABE valoriza também o papel das bibliotecas escolares na promoção da cidadania digital, do pensamento crítico e da criatividade. Estas competências, identificadas como essenciais pela UNESCO (2018) e pela Comissão Europeia (2020), são fundamentais para responder às exigências de uma sociedade em rede e de uma economia baseada no conhecimento. O MABE permite aferir se as bibliotecas escolares contribuem efetivamente para estes objetivos, através de iniciativas que incluem a oferta de recursos digitais multiformato, o desenvolvimento de projetos de autoria digital, e a articulação curricular com práticas pedagógicas inovadoras centradas na utilização crítica das tecnologias.

5.4. Relevância do MABE para a presente investigação

O presente estudo fundamenta-se nos dados do MABE, recolhidos no distrito de Vila Real, nos anos letivos de 2015, 2017 e 2019. Esta série temporal permite analisar a evolução da integração das TIC nas bibliotecas escolares da região e compreender as transformações ocorridas ao nível dos recursos, práticas pedagógicas e impacto percebido.

A opção por utilizar os dados do MABE justifica-se pela fiabilidade, comparabilidade e abrangência da informação recolhida. Este modelo fornece dados standardizados e contextualizados, recolhidos através de instrumentos validados, permitindo realizar uma análise robusta e comparativa entre diferentes momentos no tempo. Além disso, o MABE constitui uma fonte rica de dados quantitativos e qualitativos que facilitam a compreensão dos fatores que favorecem ou dificultam a integração das TIC nas bibliotecas escolares.

A análise dos dados empíricos recolhidos através do MABE será complementada com uma entrevista aos coordenadores das Bibliotecas de Vila Real para perceber se estes dados de mantêm ou se existem indicadores de mudança que acompanham a natural evolução tecnológica vivida pela sociedade e na educação, principalmente com a implementação do Programa Escola Digital, programa integrado no Plano de Ação para a Transição Digital e com o enquadramento

teórico desenvolvido nos capítulos anteriores, permitindo articular os resultados com os princípios orientadores da política educativa para o digital e com os referenciais internacionais sobre bibliotecas escolares e competências digitais.

PARTE II - ESTUDO EMPÍRICO

1. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO E ASPETOS METODOLÓGICOS

Este estudo pretende investigar de que forma é que as TIC estão presentes nas BE. Neste contexto, foram delineados os seguintes objetivos: analisar se as infraestruturas da BE disponibilizam meios adequados para a utilização das TIC; caracterizar as formas de integração das TIC nas atividades desenvolvidas na BE; verificar a perceção dos professores e dos alunos relativamente à integração das TIC na BE; e identificar as dificuldades sentidas das BE na integração das TIC, bem como as estratégias adotadas para a sua superação.

Esta análise foi realizada com recurso aos dados recolhidos a partir de questionários elaborados pela Rede de Bibliotecas Escolares, no âmbito do Modelo de Avaliação da Biblioteca Escolar, no distrito de Vila Real, através da análise das respostas dos anos 2015, 2017 e 2019, disponibilizadas no âmbito de um protocolo entre a Universidade Aberta e a RBE. Adicionalmente, e para enriquecimento dos resultados da investigação, foram feitas entrevistas aos coordenadores das BE de Vila Real, em setembro de 2025, uma vez que, tal como refere Coutinho (2014) a entrevista tem como objetivo, “fornecer ao investigador informação detalhada e profunda sobre um dado tópico” (p. 139), além disso, “contribuem para descobrir os aspectos a ter em conta e alargam ou rectificam o campo de investigação” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 11).

Em termos de fundamentos metodológicos este estudo apresentará diversos alinhamentos, uma vez que ao serem relacionados os dados obtidos e os objetivos do estudo, está-se perante uma investigação que pretende ampliar o conhecimento científico nesta área e dar o seu contributo na construção de novas leis ou modelos teóricos.

Em termos de metodologia, estamos perante uma metodologia mista, sendo que os questionários analisados baseiam-se em respostas fechadas, como em respostas abertas, até porque “a opção de utilização de questões do tipo abertas ou fechadas é importante na investigação” (Sá et al., 2021, p. 32). Assim, serão

utilizadas características de cada uma delas, onde se podem, facilmente, observar fundamentos racionalistas, presentes nas metodologias quantitativas, ao mesmo tempo que também existirão orientações metodológicas do tipo naturalista, principalmente na análise das informações obtidas através do professor bibliotecário. Pois, como refere Santos & Henriques (2021) “o questionário misto é usado quando o investigador quer obter informação qualitativa para contextualizar e complementar a informação quantitativa” (p. 14). Este tipo de metodologia, tal como afirma Morais & Neves (2007) tem guiado diversos estudos na área da educação (p. 19).

1.1. Instrumentos de recolha de dados

Como menciona Santos & Henriques (2021) o questionário “é um dos instrumentos de recolha de dados que, juntamente com a entrevista, faz parte da técnica de recolha de dados identificada por múltiplos autores como inquérito, muito usada na investigação educacional” (p. 7). Desta forma, neste estudo, para recolha de dados foram tidos em conta quatro inquéritos por questionário nomeadamente: QA Questionário aos alunos, QD Questionário aos docentes, Plano de melhoria e Relatório do PB, assim como entrevistas a coordenadores de bibliotecas escolares do distrito de Vila Real.

Como refere Sá et al. (2021), na utilização em estudos de grande escala é comum utilizar o inquérito por questionário, pois “permite auscultar um número significativo de sujeitos face a um determinado fenómeno social pela possibilidade de quantificar os dados obtidos e de se proceder a inferências e a generalizações” (p. 14,15).

Em termos operacionais, o inquérito por questionário

consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema,

ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 188).

No entanto, como refere Amado (2014), a “entrevista é um dos mais poderosos meios para se chegar ao entendimento dos seres humanos e para a obtenção de informações nos mais diversos campos” (p. 207).

E porque o objetivo é assegurar robustez metodológica e validade do estudo, optou-se por combinar instrumentos: os questionários oferecem cobertura alargada e potencial inferencial sobre padrões de práticas e perceções, enquanto as entrevistas aprofundam significados, racionalidades e contextos dificilmente captáveis por itens fechados, pois como defende Coutinho (2014) as “entrevistas são uma poderosa técnica de recolha de dados porque pressupõem uma interação entre o entrevistado e o investigador, possibilitando a este último a obtenção de informação que nunca seria conseguida através de um questionário” (p. 141). Deste modo, promove-se a triangulação entre evidências quantitativas e qualitativas, fortalecendo a credibilidade dos resultados e a consistência das interpretações.

O questionário aos alunos é composto por 11 questões, maioritariamente de resposta fechada, onde é recolhida informação sobre a utilização da BE. Neste questionário foi dada especial importância às questões: 5. Com que objetivos utilizas a biblioteca? - ponto 4. Utilizar os computadores/*tablets* e aceder à *Internet*; 6. Qual a tua opinião sobre a biblioteca? - ponto 6. Os computadores e os *tablets* são em número suficiente e ponto 7. A ligação à *Internet* funciona bem; 7. Já participaste em alguma das seguintes atividades promovidas pela biblioteca? - ponto 1. Aprender a pesquisar informação e a realizar trabalhos escolares, ponto 4. Utilizar programas informáticos para tratamento e produção de imagem, som, apresentações multimédia, gráficos, ..., ponto 5. Realizar atividades relacionadas com a comunicação social (jornais/ revistas, televisão e rádio), ponto 6. Aprender a publicar conteúdos e a ter comportamentos seguros na *Internet* e nas redes sociais; 9. Qual a tua opinião sobre recursos existentes na biblioteca ou que esta faz circular na tua escola? - ponto 3. Informação organizada pela biblioteca escolar, acessível através da *Internet*, ponto 4. Recursos digitais (Escola virtual, Aula digital, *software* educativo, *e-books*, videojogos, ...) e ponto 5. Jornais e revistas em suporte papel

e digital; 10. Como classifica o trabalho e contributo da biblioteca escolar para: - ponto 4. Gostares mais de ler e leres mais; 11. Completa as frases: - ponto 1. A biblioteca seria melhor se... e ponto 2. Usaria mais a biblioteca se....

Do questionário aos docentes, que compreende 10 questões, essencialmente de resposta fechada, foram analisadas as questões: 2. Com que objetivos utiliza a biblioteca ou os seus recursos no seu trabalho docente? - ponto 1. Planear e desenvolver atividades de pesquisa e trabalhos de projeto com os alunos, ponto 3. Dinamizar atividades no âmbito da literacia dos média (*Internet*, jornais, televisão, rádio) com os alunos, ponto 4. Utilizar os computadores e/ou os dispositivos móveis com os alunos e ponto 5. Selecionar e requisitar recursos para utilização na sala de aula; 3. Em que contextos e com que frequência costuma articular e/ ou planear atividades com a biblioteca? - ponto 5. Exploração de tecnologias e ferramentas em ambientes digitais; 6. Expresse a sua concordância ou discordância relativamente às afirmações seguintes, no que se refere ao trabalho e serviços da biblioteca: - pontos 6. Ajuda os alunos na exploração e uso qualificado das tecnologias, da *Internet* e dos média e 8. Trabalha com ambientes digitais e ferramentas *Web* (plataforma LMS, *blogues*, *wiki*, redes sociais, ...), facilitadores da comunicação, partilha e difusão de informação e do trabalho colaborativo; 8. Avalie o nível dos recursos existentes na biblioteca ou que esta faz circular na sua escola: - pontos 3. Informação organizada pela biblioteca escolar, disponibilizada através da *Internet* e 4. Recursos digitais (Escola virtual, Aula digital, software educativo, *e-books*, videojogos, ...); 9 Como classifica o trabalho e contributo da biblioteca escolar para: - ponto 2. O desenvolvimento das literacias digitais, da informação e dos média dos alunos; 10. Como pode a biblioteca escolar melhorar os seus serviços no domínio da leitura, das literacias e da sua disciplina/área disciplinar?

Do plano de melhoria foram considerados os pontos A.2 Formação para as literacias da informação e dos média e D.1 Recursos humanos, materiais e financeiros necessários à gestão, integração e valorização da biblioteca.

No que se refere ao relatório do PB foram analisados os pontos fracos e fortes de forma a fazer uma comparação com os resultados anteriores.

A entrevista aos coordenadores das bibliotecas escolares, após a legitimação, motivação e caracterização do entrevistado, é composta por 16 questões, a saber:

1. Quais são as principais instalações da BE que coordena?;
2. Que equipamentos estão disponíveis para a utilização das Tecnologias Digitais pelos alunos e docentes dentro da BE?;
3. Quais foram as infraestruturas ou equipamentos que foram melhorados nos últimos anos?;
4. Estão afetos à BE alguns equipamentos informáticos no âmbito do programa Escola Digital ou de outro programa? Quais?;
5. De forma geral, como é que os alunos e professores utilizam as Tecnologias Digitais existentes na BE?;
6. A BE, que coordena, disponibiliza recursos digitais, tais como Escola virtual, Aula digital, *software* educativo, *e-books* ou videojogos?;
7. A BE tem jornais e/ou revistas em suporte digital?;
8. Sente que a BE é uma prioridade do seu Agrupamento? Porquê?;
9. Existem diferenças na utilização da BE pelos alunos consoante a sua faixa etária ou pelos professores consoante o seu grupo disciplinar?;
10. Quais as principais atividades desenvolvidas pelos alunos e docentes na BE?;
11. Como classifica a literacia digital dos alunos e docentes que frequentam a BE?;
12. Quais as principais dificuldades sentidas para integrar mais as Tecnologias Digitais na BE?;
13. Como avalia o parque informático e a ligação à *Internet* existente na BE?;
14. Considera que as Tecnologias Digitais estão bem integradas no dia a dia da BE? Porquê?;
15. Quais as principais estratégias que implementou para que a BE conseguisse integrar as Tecnologias Digitais?;
16. Deseja acrescentar algo que não tenha sido abordado e que considere importante?

1.2. Procedimentos

Como se pretende analisar de que forma é que as TIC estão presentes nas BE, através dos resultados dos questionários realizados pela RBE, no âmbito da MABE, numa primeira fase, acedeu-se à informação necessária, possível devido ao protocolo existente entre a Universidade Aberta e a RBE. A utilização destes questionários facilitou o processo na medida em que não foi necessário construir um instrumento de recolha de dados, testá-lo e aplicá-lo, assim como o processo de autorizações implícito.

Assim, foram solicitados os dados referentes aos questionários aos alunos, questionários aos docentes, relatórios dos PB e planos de melhoria, relativos aos ciclos de avaliação 2015, 2017 e 2019.

Numa segunda fase, selecionou-se a informação pertinente e necessária para o estudo em questão, subdividindo-a de acordo com o sujeito em estudo (professor, aluno ou PB) e as questões da investigação. Nesta fase, foram consideradas, para o estudo, as escolas que participaram nos três ciclos de avaliação (2015, 2017 e 2019).

A entrevista constituiu um dos principais instrumentos de recolha de dados qualitativos deste estudo, complementando a informação obtida por via dos questionários aplicados. O seu objetivo central foi aprofundar a compreensão sobre a integração das tecnologias digitais nas BE do distrito de Vila Real, a partir da perspetiva dos respetivos coordenadores.

De acordo com o guião da entrevista (Apêndice I), as entrevistas tiveram como objetivos gerais: (i) analisar se as infraestruturas da BE disponibilizam meios adequados para a utilização das Tecnologias Digitais; (ii) caracterizar as formas de integração das TIC nas atividades desenvolvidas na BE; e (iii) identificar as dificuldades e estratégias adotadas pelos coordenadores na integração destas tecnologias.

Assim, pretendeu-se recolher informação detalhada sobre as condições materiais, práticas pedagógicas e estratégias de gestão associadas à utilização das Tecnologias Digitais nas BE, permitindo uma análise contextualizada e sustentada sobre o papel destas bibliotecas escolares na promoção da literacia digital.

O guião da entrevista foi construído de modo semiestruturado, permitindo garantir a comparabilidade das respostas e, simultaneamente, a flexibilidade necessária à exploração de temas emergentes. A organização temática da entrevista contemplou sete blocos principais: (i) legitimação, motivação e caracterização do entrevistado - para enquadrar a entrevista, obter dados biográficos e criar um ambiente de confiança; (ii) Infraestruturas da BE - visando conhecer o parque tecnológico e as condições físicas disponíveis; (iii) Utilização das Tecnologias Digitais nas BE - focando-se nas práticas de uso por parte de alunos e professores;

(iv) Utilização da BE pela comunidade educativa - para compreender a relevância e o grau de envolvimento dos diferentes utilizadores; (v) Dificuldades na integração das Tecnologias Digitais - identificando constrangimentos materiais, técnicos ou formativos; (vi) Estratégias de integração das Tecnologias Digitais - procurando perceber as ações e soluções implementadas; (vii) Complemento - destinado a recolher observações adicionais ou aspetos não abordados anteriormente.

Esta estrutura assegurou uma abordagem coerente e sistematizada, permitindo recolher dados de natureza descritiva e interpretativa relevantes para a investigação.

O processo iniciou-se com o contacto direto com as direções dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas, de modo a apresentar o estudo e solicitar a respetiva autorização para a realização das entrevistas. Após a aprovação das direções, procedeu-se ao contacto com os coordenadores das bibliotecas escolares, através de uma carta formal de convite (Apêndice II) onde se explicitavam os objetivos da investigação, a confidencialidade dos dados e as condições de participação.

As entrevistas foram agendadas com os coordenadores que manifestaram disponibilidade, sendo realizadas presencialmente nas bibliotecas das escolas-sede dos agrupamentos ou das escolas não agrupadas. Esta opção visou proporcionar um ambiente familiar e representativo do contexto profissional dos entrevistados, favorecendo uma comunicação mais espontânea e informada.

Cada entrevista foi gravada em áudio, mediante consentimento prévio, e posteriormente transcrita integralmente, respeitando os princípios éticos de anonimato e confidencialidade. As transcrições (Apêndice III) constituíram a base de análise qualitativa, permitindo identificar padrões, perceções e práticas relacionadas com a integração das tecnologias digitais nas bibliotecas escolares.

A utilização da entrevista, enquanto técnica de recolha de dados, exige um olhar analítico e interpretativo por parte do investigador. Como sublinha Amado (2014), “as entrevistas não falam por si mesmas, uma vez que para serem compreendidas é necessário que o investigador as retraduzas e analise” (p. 383). Assim, o valor científico das entrevistas não reside apenas nas respostas obtidas, mas sobretudo

na capacidade do investigador em interpretar o seu conteúdo, contextualizando as percepções dos entrevistados à luz dos objetivos da investigação e do quadro teórico que a sustenta. Deste modo, o processo de análise das entrevistas assume-se como uma etapa essencial de construção do conhecimento, permitindo uma leitura crítica e aprofundada sobre a integração das tecnologias digitais nas bibliotecas escolares.

Após a transcrição integral das entrevistas procedeu-se à leitura detalhada de cada uma das questões, identificando ocorrências irregulares e padrões com o intuito de compreender se as respostas convergiam com os dados dos questionários. Tal como defende Coutinho (2014), esta fase implicou uma redução de dados e codificação, organizando e sintetizando a informação “por forma a possibilitar a descrição e interpretação do fenómeno de estudo” (p. 216). Paralelamente, foi realizada uma análise de conteúdo, no sentido de “analisar de forma sistemática um corpo de material textual, por forma a desvendar e quantificar a ocorrência de palavras/frases/temas considerados ‘chave’ que possibilitem uma comparação posterior” (p. 217).

Finalmente, confrontaram-se os resultados dos questionários, as entrevistas e a literatura existente, de modo a construir uma visão integrada que contribuísse para a produção de novos conhecimentos sobre a integração das tecnologias digitais nas bibliotecas escolares.

1.3. Métodos para a análise dos dados

A análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais (...) com o objectivo de aumentar a sua própria compreensão (...) envolve trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros (Bogdan & Biklen, 1994, p. 205).

Assim, realizou-se a análise das respostas aos questionários e entrevistas.

De forma a relacionar os objetivos com os instrumentos utilizados ao longo desta investigação, procedeu-se à análise das respostas às questões consideradas pertinentes para o estudo em questão, de acordo com o seguinte:

- Para analisar se as infraestruturas da BE disponibilizam meios adequados para a utilização das TIC foi analisado o questionário aos alunos, nomeadamente as questões: 5 - ponto 4; 6 - ponto 6; 9 - pontos 3, 4 e 5; o questionário aos docentes, as questões 8 - pontos 3 e 4 e a entrevista aos coordenadores das bibliotecas escolares, as questões 1, 2, 3 e 4.

- Para caracterizar as formas de integração das TIC nas atividades desenvolvidas na BE, foi estudada a questão 7 - pontos 1, 4, 5 e 6 do questionário aos alunos; as questões 2 - pontos 1, 3, 4 e 5; e 3 - ponto 5 do questionário aos docentes, assim como as questões 5, 6, 7, 9 e 10 da entrevista aos coordenadores das bibliotecas escolares.

- De forma a identificar as dificuldades sentidas das BE na integração das TIC bem como as estratégias adotadas para a sua superação, foi verificada a questão 11 - ponto 1 e 2 do questionário aos alunos; a questão 10 do questionário aos docentes; as secções A2 e D1 do plano de melhoria e as questões 8, 11, 12, 13, 14, 15 e 16 da entrevista aos coordenadores das bibliotecas escolares.

- Para verificar a perceção dos professores e dos alunos relativamente à integração das TIC na BE foram analisadas as questões 6 - ponto 6 e 7; e 10 - ponto 4 do questionário aos alunos e as questões 6 - ponto 6 e 8; e 9 - ponto 2 do questionário aos docentes.

Por fim, foi realizada a comparação dos resultados anteriores indo ao encontro do defendido por Robaina et al. (2021) onde os autores definem quatro desenhos metodológicos para uma abordagem mista: triangulação, embutido; explanatório e exploratório, estando perante uma triangulação, uma vez que esta, segundo os mesmos autores, “busca comparar e contrastar dados estatísticos com dados qualitativos obtidos simultaneamente” (p. 37) com o objetivo de explorar o facto de que “a combinação de duas abordagens pode possibilitar dois olhares diferentes, propiciando uma visualização ampla do problema investigado” (p. 37).

2. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

2.1. Caracterização da Amostra - Escolas participantes

Os participantes do estudo são alunos, docentes, professores bibliotecários e coordenadores de bibliotecas escolares das escolas/agrupamentos do distrito de Vila Real, que pertencem à amostra. A amostra compreende todas as escolas que responderam aos questionários realizados pela Rede de Bibliotecas Escolares, no âmbito do Modelo de Avaliação da Biblioteca Escolar, nos 3 momentos (2015, 2017 e 2019).

Como se verifica na tabela seguinte, esta amostra é constituída por 19 estabelecimentos.

Tabela 1 - Estabelecimentos de ensino de Vila Real pertencentes à amostra

Código	Nome	Concelho
340959	Escola Básica e Secundária D. Sancho II	Alijó
341162	Escola Básica Dr. Francisco Gonçalves Carneiro	Chaves
401407	Escola Secundária Dr. António Granjo	Chaves
342336	Escola Básica Nadir Afonso	Chaves
401535	Escola Secundária Dr. Júlio Martins	Chaves
401717	Escola Básica e Secundária Fernão de Magalhães	Chaves
346032	Escola Básica e Secundária Prof. António da Natividade	Mesão Frio
346196	Escola Básica e Secundária de Mondim de Basto	Mondim de Basto
346780	Escola Básica e Secundária Dr. Bento da Cruz	Montalegre
346305	Escola Básica e Secundária de Murça	Murça
295024	Escola Básica nº 1 de Peso da Régua	Peso da Régua
401511	Escola Secundária Dr. João de Araújo Correia	Peso da Régua
345945	Escola Básica e Secundária Miguel Torga	Sabrosa
343730	Escola Básica e Secundária de Vila Pouca de Aguiar - Sul	Vila Pouca de Aguiar
637889	Escola Básica de Árvores	Vila Real
342233	Escola Básica Monsenhor Jerónimo do Amaral	Vila Real
402291	Escola Secundária Morgado de Mateus	Vila Real
401079	Escola Secundária Camilo Castelo Branco	Vila Real
402874	Escola Secundária São Pedro	Vila Real

Os estabelecimentos anteriores estão distribuídos por 15 agrupamentos/escolas não agrupadas, onde os Agrupamentos de Escolas Dr. António Granjo, Dr. Júlio

Martins, Dr. João de Araújo Correia e Morgado de Mateus participaram com dois estabelecimentos e os restantes agrupamentos/escolas não agrupadas participaram com um estabelecimento de ensino. Uma vez que, segundo o Instituto de Gestão Financeira da Educação (2025), no distrito existem 21 Agrupamentos/escolas não agrupadas, nesta amostra estão presentes 71% dos mesmos.

2.2. Questionário aos alunos

2.2.1. Caracterização da Amostra

No que concerne aos alunos, a tabela seguinte mostra o número de participantes nos três momentos de recolha de informação, distribuídos pelos estabelecimentos que participaram neste estudo.

Tabela 2 - Número de alunos pertencentes à amostra

Estabelecimento	2015	2017	2019	Total	Percentagem Válida
Escola Básica e Secundária D. Sancho II	17	30	60	107	2,5%
Escola Básica Dr. Francisco Gonçalves Carneiro	70	60	60	190	4,4%
Escola Secundária Dr. António Granjo	105	100	85	290	6,7%
Escola Básica Nadir Afonso	43	40	65	148	3,4%
Escola Secundária Dr. Júlio Martins	108	119	117	344	8,0%
Escola Básica e Secundária Fernão de Magalhães	240	122	99	461	10,7%
Escola Básica e Secundária Prof. António da Natividade	60	65	55	180	4,2%
Escola Básica e Secundária de Mondim de Basto	9	99	46	154	3,6%
Escola Básica e Secundária Dr. Bento da Cruz	130	72	49	251	5,8%
Escola Básica e Secundária de Murça	60	58	52	170	3,9%
Escola Básica nº 1 de Peso da Régua	62	62	33	157	3,6%
Escola Secundária Dr. João de Araújo Correia	98	101	124	323	7,5%
Escola Básica e Secundária Miguel Torga	60	63	60	183	4,2%
Escola Básica e Secundária de Vila Pouca de Aguiar - Sul	64	83	80	227	5,3%
Escola Básica de Árvores	23	51	93	167	3,9%
Escola Básica Monsenhor Jerónimo do Amaral	15	8	54	77	1,8%
Escola Secundária Morgado de Mateus	65	62	59	186	4,3%
Escola Secundária Camilo Castelo Branco	94	129	145	368	8,5%
Escola Secundária São Pedro	93	102	128	323	7,5%
Total	1416	1426	1464	4306	100,0%

Em geral, o número de participantes foi similar nos três momentos, variando entre 1416 em 2015 e 1464 em 2019, num total de 4306 participantes.

A distribuição pelos estabelecimentos participantes é heterogénea, tendo maior expressão a Escola Básica e Secundária Fernão de Magalhães, que representa cerca de 10,7% da amostra e menor expressão a Escola Básica Monsenhor Jerónimo do Amaral, com cerca de 1,8% dos participantes.

Em termos de género, observa-se uma distribuição equilibrada dos alunos/participantes.

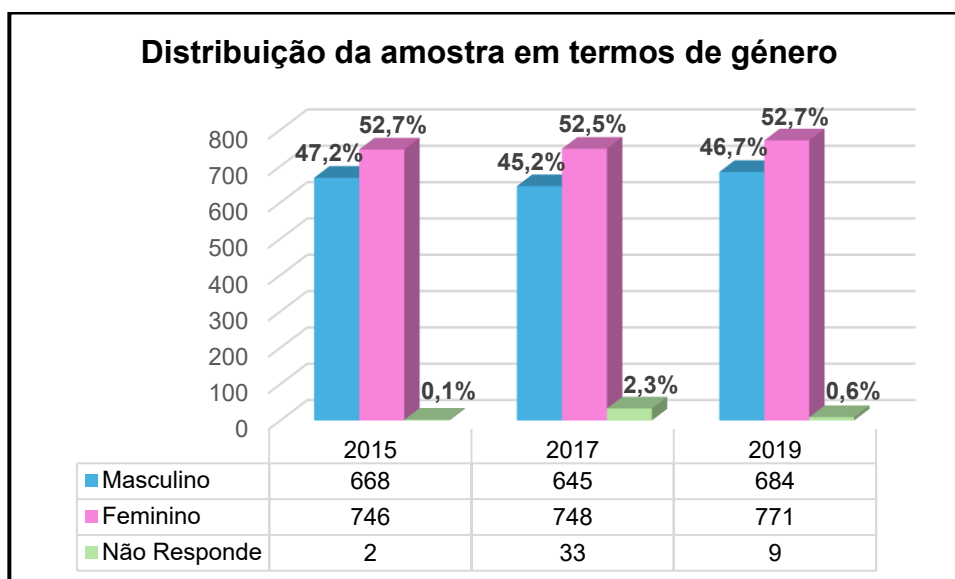


Gráfico 1 - Distribuição de participantes por género

O número de participantes do género feminino é ligeiramente superior a 50%, nos três momentos, conforme ilustrado no gráfico anterior e, conseqüentemente, na globalidade, registando-se 52,6% no género feminino e 46,4% no género masculino. Regista-se ainda que, na globalidade, 0,6% dos participantes optaram por não responder a esta questão.

A amostra, no que respeita ao nível de escolaridade, revela uma distribuição semelhante à verificada a nível nacional nas estatísticas da educação, no ano de 2018/2019, conforme DGEEC & DSEE (2020).

Tabela 3 - Distribuição da amostra em termos de escolaridade

	2015	2017	2019	Total	2015	2017	2019	Percentagem Válida
3.º ano	59	75	72	206	4,2%	5,3%	4,9%	4,8%
4.º ano	65	38	74	177	4,6%	2,7%	5,1%	4,1%
5.º ano	145	117	127	389	10,2%	8,2%	8,7%	9,0%
6.º ano	189	117	152	458	13,3%	8,2%	10,4%	10,6%
7.º ano	169	163	135	467	11,9%	11,4%	9,2%	10,8%
8.º ano	137	141	156	434	9,7%	9,9%	10,7%	10,1%
9.º ano	121	167	179	467	8,5%	11,7%	12,2%	10,8%
Outro curso EB	26	11	4	41	1,8%	0,8%	0,3%	1,0%
10.º ano	150	132	151	433	10,6%	9,3%	10,3%	10,1%
11.º ano	126	130	154	410	8,9%	9,1%	10,5%	9,5%
12.º ano	115	155	126	396	8,1%	10,9%	8,6%	9,2%
Curso profissional	71	89	90	250	5,0%	6,2%	6,1%	5,8%
Outro curso SEC	6	6	0	12	0,4%	0,4%	0,0%	0,3%
Não Responde	37	85	44	166	2,6%	6,0%	3,0%	3,9%
Total	1416	1426	1464	4306	32,9%	33,1%	34,0%	100,0%

Assim, ao comparar os dados obtidos com os dados nacionais, constata-se que: o número de alunos do 3º e 4º ano corresponde a 9% tanto no presente estudo como a nível nacional; no 2º ciclo a percentagem é de 20% o que também se verifica a nível nacional; no 3º ciclo verifica-se 33% em ambos os casos; e, no ensino secundário, 35% no estudo e 37% a nível nacional. Estes dados permitem constatar que a amostra é representativa da distribuição nacional por níveis de ensino, garantindo maior credibilidade e validade à análise dos resultados. Importa ainda referir que, neste estudo, 3,9% dos inquiridos não respondeu a esta questão.

Tal como evidencia a tabela anterior, os anos de escolaridade com maior representatividade na amostra foram o sétimo e o nono anos, ambos com 10,8% da amostra. Este facto poderá refletir uma maior presença e envolvimento de alunos destes níveis de ensino nas atividades promovidas pelas bibliotecas escolares, o que se relaciona com a crescente integração das tecnologias digitais nas práticas pedagógicas e de pesquisa escolar a partir do 3.º ciclo de ensino.

2.2.2. Utilização de computadores/tablets e acesso à internet

Foi solicitado aos inquiridos que indicassem os principais objetivos associados à utilização da biblioteca escolar.

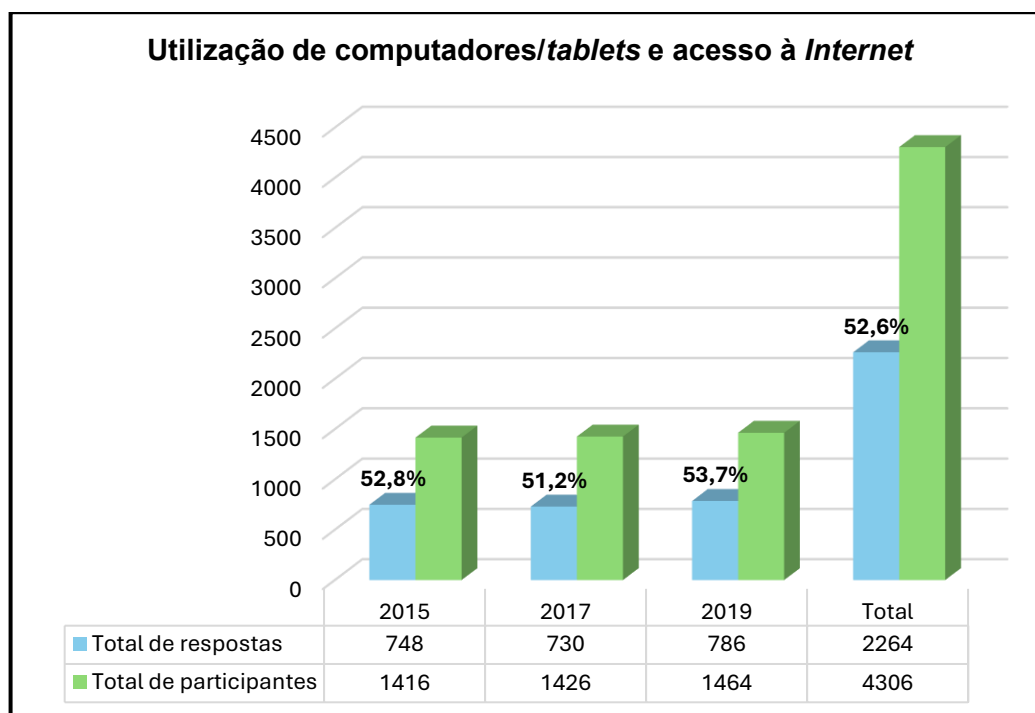


Gráfico 2 - Resultados da utilização de computadores/tablets e acesso à Internet

Conforme se observa no gráfico anterior, cerca de 52% dos alunos refere que frequenta a biblioteca com o objetivo de utilizar os computadores/tablets e aceder à Internet. Esta percentagem evidencia a importância dos recursos tecnológicos disponíveis nas bibliotecas escolares, não apenas como instrumentos de apoio à pesquisa, mas também como meios de acesso à informação e de desenvolvimento de competências digitais. Importa salientar que não se verificaram variações significativas nos três momentos de recolha de dados, registando-se valores entre 51,2% em 2017 e 53,7% em 2019.

Estes resultados sugerem uma utilização consistente e consolidada das tecnologias digitais nas bibliotecas escolares, revelando que o acesso a

computadores e à *internet* constitui um motivo recorrente e transversal à frequência destes espaços pelos alunos.

2.2.3. Avaliação do número de computadores e/ou *tablets* e acesso à *internet*

Através de duas questões relativas às instalações da biblioteca, foi solicitada aos alunos a sua opinião sobre o número de computadores/*tablets* disponíveis e sobre a qualidade do acesso à *internet*.

Tabela 4 - Resultados quanto ao número de computadores/*tablets* e *internet*

Questão	2015 (1416 participantes)			2017 (1426 participantes)			2019 (1464 participantes)		
	Sim	Não	NR	Sim	Não	NR	Sim	Não	NR
Os computadores e os <i>tablets</i> são em número suficiente (Nº de respostas)	952	407	57	921	475	30	796	636	32
Os computadores e os <i>tablets</i> são em número suficiente (Percentagem válida)	67,2%	28,7%	4,0%	64,6%	33,3%	2,1%	54,4%	43,4%	2,2%
Comunico facilmente com a biblioteca através da <i>Internet</i> e das redes sociais (Nº de respostas)	646	680	90	725	656	45			
Comunico facilmente com a biblioteca através da <i>Internet</i> e das redes sociais (Percentagem válida)	45,6%	48,0%	6,4%	50,8%	46,0%	3,2%			
A ligação à <i>Internet</i> funciona bem (Nº de respostas)							729	706	29
A ligação à <i>Internet</i> funciona bem (Percentagem válida)							49,8%	48,2%	2,0%

Conforme se apresenta na tabela anterior, os resultados evidenciam uma tendência de degradação das condições tecnológicas ao longo do período analisado. Em 2015, 67,2% dos alunos considerou que o número de computadores/*tablets*

disponíveis era suficiente; contudo, em 2019, esta percentagem desceu para 54,4%, revelando uma perceção menos favorável relativamente à adequação dos equipamentos existentes.

Esta diminuição não parece estar relacionada com um aumento da procura, tal como indicado na questão anterior, mas antes com a obsolescência gradual dos equipamentos e a falta de atualização tecnológica das bibliotecas escolares. Com o avanço das exigências digitais e das expectativas dos utilizadores, é natural que recursos tecnológicos não renovados percam funcionalidade e relevância, comprometendo a capacidade das bibliotecas de responder às necessidades de alunos e docentes em contexto digital.

Destaca-se que a última grande reforma nacional em termos de apetrechamento informático das escolas a nível de computadores fixos, aconteceu através da Resolução do Conselho de Ministros nº 137/2007, que previa, entre as suas principais medidas, “Fornecer às escolas com 2.º e 3.º ciclos do ensino básico ou com ensino secundário 310 000 computadores até 2010”. Gomes (2012) no seu estudo sobre “As Implicações do PTE nas escolas de Bragança” menciona “a totalidade do equipamento já colocado e instalado nas escolas e cumulativamente um valor próximo dos 30% da totalidade dos professores ter frequentado ações de formação - nível 2” (p. 110), o que revela o impacto significativo do Plano Tecnológico da Educação na modernização das infraestruturas escolares à época.

No que concerne à ligação e comunicação através da *internet*, os resultados dos três momentos em análise situam-se próximo dos 50%, não se verificando oscilações relevantes. Estes valores podem ser considerados inferiores ao esperado, uma vez que as bibliotecas escolares sempre foram espaços pioneiros e privilegiados de acesso à *internet*, desempenhando um papel central na promoção da literacia informacional e digital. Tal como refere Freitas (2004),

Com a mudança do governo em 1995, a criação de um Ministério da Ciência e da Tecnologia e a definição de um eixo prioritário de intervenção em torno da Sociedade da Informação atribuído àquele ministério, é anunciada pelo então Ministro da Ciência e da Tecnologia, Professor Mariano Gago, o seu propósito de em 1997 ligar todas as escolas do 5º ao 12º ano, instalando para

isso um computador multimédia com acesso à *Internet* na biblioteca de cada uma. Nascia então o Programa *Internet* na Escola. (p. 19).

A este programa sucederam-se outros projetos estruturantes. Atualmente, as escolas públicas dispõem, desde 2005, da rede MinEdu, que, segundo Franganito (2023), “possui restrições de permissões e limitações de segurança” (p. 23), assegurando a continuidade das políticas iniciadas com o Programa Nónio Século XXI, centradas na informatização das escolas e no reforço da conectividade em rede.

A análise dos dados permite compreender que, apesar dos esforços históricos de modernização tecnológica, a sustentabilidade e atualização das infraestruturas digitais continuam a representar um desafio nas escolas portuguesas. O Plano de Transição Digital (2020-2024) veio reafirmar a importância de dotar as instituições educativas de equipamentos modernos, conectividade fiável e formação digital de professores e alunos, destacando o papel das bibliotecas escolares como polos estratégicos de inovação e inclusão.

2.2.4. Avaliação da participação em algumas atividades promovidas pela biblioteca

Através de quatro questões, nomeadamente: “Aprender a pesquisar informação e a realizar trabalhos escolares”; “Utilizar programas informáticos para tratamento e produção de imagem, som, apresentações multimédia, gráficos...”; “Realizar atividades relacionadas com a comunicação social”; e “Aprender a publicar conteúdos e a ter comportamentos seguros na *Internet* e nas redes sociais”, foi avaliada a participação dos alunos nas atividades promovidas pelas bibliotecas escolares no âmbito das Tecnologias de Informação e Comunicação.

Tabela 5 - Resultados da participação em algumas atividades promovidas pela biblioteca

Questão	2015 (1416 participantes)			2017 (1426 participantes)			2019 (1464 participantes)		
	Sim	Não	NR	Sim	Não	NR	Sim	Não	NR
Aprender a pesquisar informação e a realizar trabalhos escolares (Nº de respostas)	1061	290	56	1147	249	30	1104	323	37
Aprender a pesquisar informação e a realizar trabalhos escolares (Percentagem válida)	74,9%	20,5%	4,0%	80,4%	17,5%	2,1%	75,4%	22,1%	2,5%
Utilizar programas informáticos para tratamento e produção de imagem, som, apresentações multimédia e gráficos (Nº de respostas)	739	602	75	874	499	53	800	601	63
Utilizar programas informáticos para tratamento e produção de imagem, som, apresentações multimédia e gráficos (Percentagem válida)	52,2%	42,5%	5,3%	61,3%	35,0%	3,7%	54,6%	41,1%	4,3%
Avaliar recursos digitais (sítios <i>Web</i> , documentos em linha, <i>software</i> , ...) (Nº de respostas)	653	691	72	802	577	47			
Avaliar recursos digitais (sítios <i>Web</i> , documentos em linha, <i>software</i> , ...) (Percentagem válida)	46,1%	48,8%	5,1%	56,2%	40,5%	3,3%			
Realizar atividades relacionadas com a comunicação social (jornais/ revistas, televisão e rádio) (Nº de respostas)							618	764	82
Realizar atividades relacionadas com a comunicação social (jornais/ revistas, televisão e rádio) (Percentagem válida)							42,2%	52,2%	5,6%
Aprender a publicar conteúdos e a ter comportamentos seguros na <i>Internet</i> e nas redes sociais (Nº de respostas)	830	515	71	939	434	53	873	550	41
Aprender a publicar conteúdos e a ter comportamentos seguros na <i>Internet</i> e nas redes sociais (Percentagem válida)	58,6%	36,4%	5,0%	65,8%	30,4%	3,7%	59,6%	37,6%	2,8%

Tal como evidencia a tabela, em todas as atividades os melhores resultados foram registados em 2017 destacando-se particularmente as atividades relacionadas com “aprender a pesquisar informação e a realizar trabalhos escolares”, que obtiveram 80,4% de respostas positivas. Estes resultados, globalmente bastante favoráveis, refletem o envolvimento ativo das bibliotecas escolares na promoção de competências digitais e informacionais junto dos alunos.

Os resultados obtidos, claramente positivos na sua globalidade, parecem também acompanhar as reformas curriculares implementadas no sistema educativo português no domínio das TIC. Importa recordar que, em 2011, após um processo de discussão pública, foi publicada uma nova revisão da estrutura curricular, homologada pelo Decreto-Lei nº 139/2012, de 5 de julho, onde se estabelecia que

a disciplina de Tecnologias de Informação e Comunicação inicia-se no 7.º ano de escolaridade, garantindo aos alunos mais jovens uma utilização segura e adequada dos recursos digitais e proporcionando condições para um acesso universal à informação, funcionando sequencialmente nos 7.º e 8.º anos, semestral ou anualmente, em articulação com uma disciplina criada pela escola, designada por oferta de escola (p. 3479).

Esta medida contribuiu para a integração gradual das tecnologias digitais no currículo, o que viria a ser consolidado pelo Decreto-Lei nº 55/2018, de 6 de julho, que determinou a introdução progressiva da disciplina de Tecnologias de Informação e Comunicação em todos os níveis de ensino básico - 1.º, 2.º e 3.º ciclos - concluída no ano letivo 2021/2022.

É igualmente relevante destacar que, em janeiro de 2017, ano em que se registaram os resultados mais significativos, foi publicado o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, documento orientador que reforça a importância da literacia digital e informacional. Nesse perfil pode ler-se,

Os alunos pesquisam sobre matérias escolares e temas do seu interesse. Recorrem à informação disponível em fontes documentais físicas e digitais - em redes sociais, na *Internet*, nos media, livros, revistas, jornais. Avaliam e validam a informação recolhida, cruzando diferentes fontes, para testar a sua credibilidade. Organizam a informação recolhida de acordo com um plano,

com vista à elaboração e à apresentação de um novo produto ou experiência. Desenvolvem estes procedimentos de forma crítica e autónoma. Os alunos apresentam e explicam conceitos em grupos, apresentam ideias e projetos diante de audiências reais, presencialmente ou a distância. Expõem o trabalho resultante das pesquisas feitas, de acordo com os objetivos definidos, junto de diferentes públicos, concretizado em produtos discursivos, textuais, audiovisuais e/ou multimédia, respeitando as regras próprias de cada ambiente. (p.22)

As bibliotecas escolares têm vindo a assumir um papel central na concretização destas orientações, funcionando como espaços diferenciadores e integradores, que favorecem a interdisciplinaridade e a articulação curricular. Os resultados obtidos são, portanto, coerentes com as políticas e diretrizes do Ministério da Educação, Ciência e Inovação demonstrando que as bibliotecas continuam a ser contextos privilegiados para a aprendizagem digital, o desenvolvimento de competências críticas e a formação de cidadãos informados e participativos.

2.2.5. Opinião sobre recursos existentes na biblioteca ou que esta faz circular na escola

Com base em três questões, classificadas segundo uma escala de cinco níveis de resposta (Muito Bom, Bom, Médio, Fraco ou Não Responde), foi feita uma avaliação da opinião dos alunos sobre os recursos digitais existentes na biblioteca escolar ou que esta faz circular na escola. As questões analisadas foram: “Informação organizada pela biblioteca escolar, acessível através da *Internet*”, “Recursos digitais (Escola Virtual, Aula Digital, *software* educativo, *e-books*, videojogos, ...)” e “Jornais e revistas em suporte papel e digital”.

Tabela 6 - Resultados quanto aos recursos existentes na biblioteca ou que esta faz circular na escola

		Informação organizada pela biblioteca escolar, acessível através da Internet		Recursos digitais (Escola virtual, Aula digital, software educativo, e-books, videojogos, ...)		Jornais e revistas em suporte papel e digital	
Respostas		Nº de respostas	Percentage m válida	Nº de respostas	Percentage m válida	Nº de respostas	Percentage m válida
2015 1416 participantes)	Muito Bom	495	35%	518	36,6%	438	30,9%
	Bom	478	33,8%	491	34,7%	594	41,9%
	Médio	226	16,0%	265	18,7%	279	19,7%
	Fraco	62	4,4%	87	6,1%	65	4,6%
	NR	155	10,9%	55	3,9%	40	2,8%
2017 (1426 participantes)	Muito Bom	551	38,6%	491	34,4%	356	25,0%
	Bom	539	37,8%	532	37,3%	647	45,4%
	Médio	216	15,1%	273	19,1%	278	19,5%
	Fraco	81	5,7%	93	6,5%	109	7,6%
	NR	39	2,7%	37	2,6%	36	2,5%
2019 (1464 participantes)	Muito Bom	492	33,6%	422	28,8%	393	26,8%
	Bom	554	37,8%	537	36,7%	565	38,6%
	Médio	268	18,3%	315	21,5%	341	23,3%
	Fraco	96	6,6%	130	8,9%	102	7,0%
	NR	54	3,7%	60	4,1%	63	4,3%

Conforme ilustram os resultados da tabela, a avaliação global foi bastante positiva, destacando-se o facto de mais de 65% dos alunos classificarem as três dimensões avaliadas com as opções “Muito Bom” ou “Bom” em todos os momentos de recolha.

Estes resultados evidenciam uma perceção favorável por parte dos alunos relativamente à qualidade e relevância dos recursos digitais disponibilizados pela biblioteca escolar, refletindo o impacto das políticas educativas implementadas no período em análise.

Os dados obtidos confirmam que o Programa da Rede de Bibliotecas Escolares - Quadro Estratégico 2014-2020 estava a ser efetivamente concretizado, dado que, na sua visão e prioridades, se destacava o compromisso com a inovação e a melhoria contínua dos serviços prestados. No documento lê-se que

dando seguimento à concretização de políticas que garantam a valorização e a excelência do trabalho das bibliotecas, a RBE tem como visão estruturar, promover e acompanhar de forma dinâmica e sistemática as bibliotecas, para além de gerir as medidas adequadas à mudança e aos desafios atuais, promovendo a melhoria contínua dos serviços prestados (RBE, 2013, p. 9).

Este plano definia 13 padrões de qualidade, dos quais seis se relacionam diretamente com as dimensões avaliadas nas questões do estudo, nomeadamente: Lugares de conhecimento e inovação, capazes de incorporar novas práticas pedagógicas; Áreas de ensino, essenciais à formação para as literacias digitais, dos média e da informação; Ambientes flexíveis, adaptados às mudanças tecnológicas e às necessidades dos utilizadores; Serviços de informação com conteúdos e recursos tecnológicos capazes de responder à mudança; Redes dinâmicas sustentadas em práticas consistentes e enraizadas na comunidade; e Sistemas de cooperação com a sociedade, promotores da partilha de recursos e de saberes.

2.2.6. Classificar o trabalho e contributo da biblioteca escolar para “gostares mais de ler e leres mais”

Tal como demonstra o gráfico seguinte, os resultados relativos à classificação do trabalho e contributo da biblioteca escolar vão ao encontro dos alcançados nos itens anteriores. Nos três momentos de recolha de dados, mais de 69% dos alunos classificaram como “Muito Bom” ou “Bom” o item “gostares mais de ler e leres mais” evidenciando o impacto positivo da biblioteca na promoção do gosto pela leitura e na consolidação de hábitos leitores.

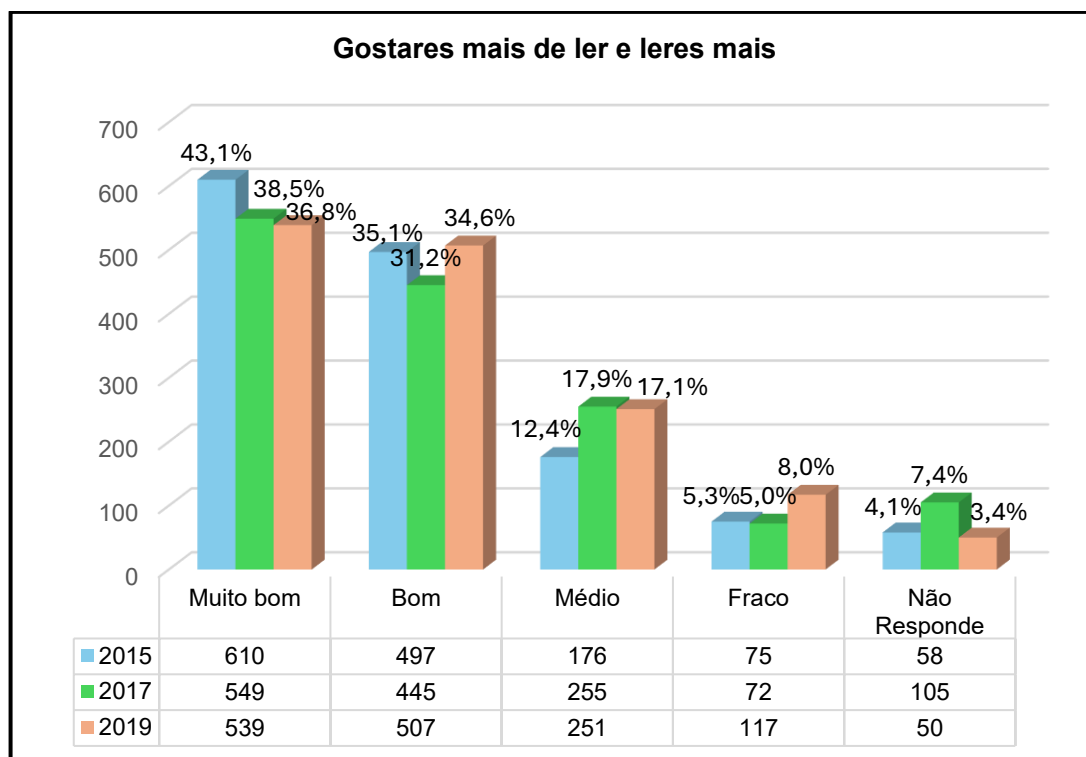


Gráfico 3 - Resultados do contributo da biblioteca escolar para “gostares mais de ler e leres mais”

Com base nestes resultados, pode afirmar-se que, tal como previsto no Programa Rede de Bibliotecas Escolares - Quadro estratégico 2014-2020, “as bibliotecas proporcionam o contacto estreito e regular com o livro e a prática da leitura, enquanto instrumentos privilegiados de aprendizagem e treino da compreensão leitora” (RBE, 2013, p. 13) tendo em conta as seguintes linhas de ação:

Produção de materiais e instrumentos de apoio ao trabalho das bibliotecas nas áreas da aprendizagem e formação leitora. Reforço do apoio a projetos e concursos orientados para o desenvolvimento das competências de leitura e literacia. Participação em iniciativas de estímulo ao relacionamento das competências de leitura com outros domínios do saber - ciência, literatura, arte, ... (RBE, 2013, p. 13).

Em síntese, tal como referido por Filho (2020) num testemunho recolhido da Coordenadora da Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal, Dr^a Maria Manuela Pargana Silva, “as bibliotecas têm que colocar como primeira missão a intervenção ao nível da leitura. Este trabalho tem que ser continuado, sistemático e consolidado. Constitui a base de todas as aprendizagens” (p.11). Deste modo, os resultados

obtidos permitem concluir que, no distrito de Vila Real, as bibliotecas escolares têm cumprido este propósito, assumindo-se como agentes centrais na promoção da leitura e na formação de leitores críticos e autónomos, em consonância com as orientações nacionais da Rede de Bibliotecas Escolares.

2.3. Questionário aos Docentes

2.3.1. Caracterização da Amostra

No que concerne aos docentes, a tabela seguinte apresenta o número de participantes nos três momentos de recolha de informação, distribuídos pelos estabelecimentos de ensino incluídos neste estudo.

Tabela 7 - Número de docentes pertencentes à amostra

Estabelecimento	2015	2017	2019	Total	Percentagem Válida
Escola Básica e Secundária D. Sancho II	28	31	52	111	4,7%
Escola Básica Dr. Francisco Gonçalves Carneiro	42	44	14	100	4,3%
Escola Secundária Dr. António Granjo	77	67	32	176	7,5%
Escola Básica Nadir Afonso	40	26	14	80	3,4%
Escola Secundária Dr. Júlio Martins	92	58	26	176	7,5%
Escola Básica e Secundária Fernão de Magalhães	22	29	20	71	3,0%
Escola Básica e Secundária Prof. António da Natividade	39	24	30	93	4,0%
Escola Básica e Secundária de Mondim de Basto	17	31	11	59	2,5%
Escola Básica e Secundária Dr. Bento da Cruz	76	46	48	170	7,3%
Escola Básica e Secundária de Murça	66	58	37	161	6,9%
Escola Básica nº 1 de Peso da Régua	24	21	16	61	2,6%
Escola Secundária Dr. João de Araújo Correia	52	58	59	169	7,2%
Escola Básica e Secundária Miguel Torga	53	25	34	112	4,8%
Escola Básica e Secundária de Vila Pouca de Aguiar - Sul	78	63	27	168	7,2%
Escola Básica de Árvores	8	7	22	37	1,6%
Escola Básica Monsenhor Jerónimo do Amaral	24	17	30	71	3,0%
Escola Secundária Morgado de Mateus	34	30	44	108	4,6%
Escola Secundária Camilo Castelo Branco	88	68	86	242	10,3%
Escola Secundária São Pedro	55	63	60	178	7,6%
Total	915	766	662	2343	100,0%

O número de participantes registou uma tendência decrescente ao longo dos três momentos de recolha, passando de 915 em 2015 (39,1%) a 662 em 2019 (28,3%), num total de 2343 participantes.

A distribuição pelos estabelecimentos de ensino revela uma amostra heterogénea, sendo a Escola Secundária Camilo Castelo Branco a que apresenta maior expressão (10,3%) enquanto a Escola Básica de Árvores representa a menor percentagem (1,6%) dos docentes inquiridos.

De notar que não se verifica uma correlação direta entre o número de alunos e o número de docentes participantes por agrupamento, o que demonstra diversidade na representatividade dos contextos escolares incluídos.

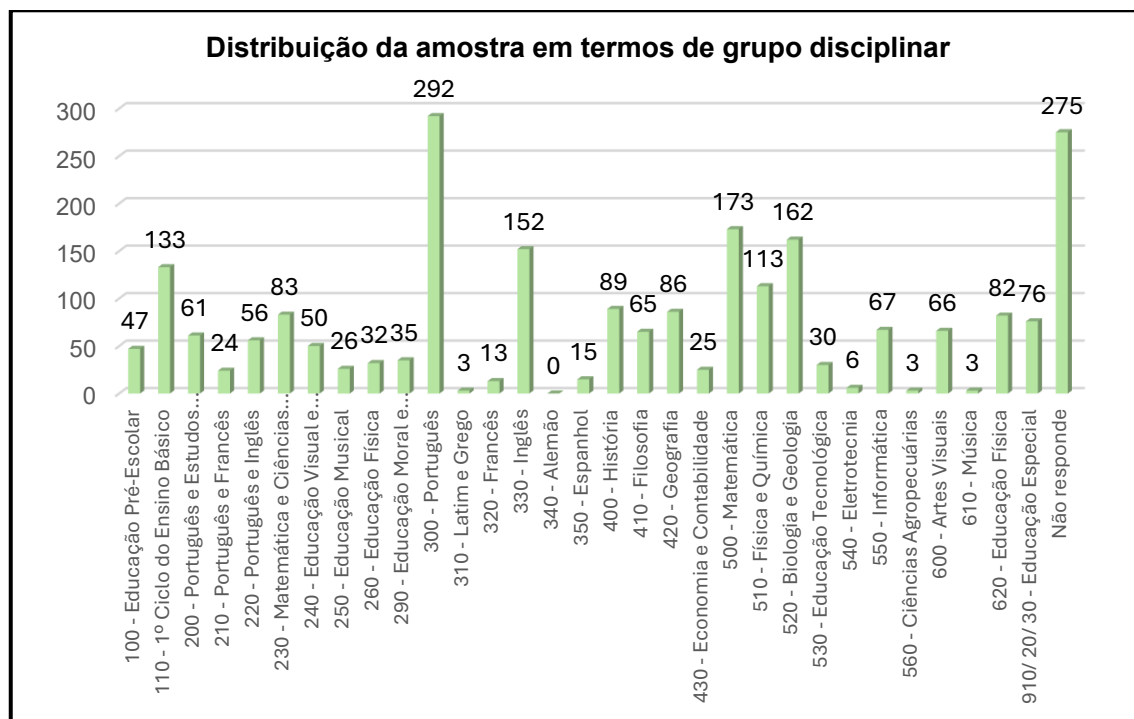


Gráfico 4 - Distribuição da amostra em termos de grupo disciplinar

Tal como mostra o gráfico anterior, os grupos disciplinares com maior representatividade na amostra são o grupo 300 - Português, com 292 participantes, seguido do grupo 500 - Matemática, com 173 participantes, e do grupo 520 - Biologia e Geologia, com 162 participantes.

Este resultado poderá estar relacionado com a constituição e o perfil das equipas das bibliotecas escolares, cuja composição e funções são definidas na Portaria nº 192-A/2015, de 29 de junho. De acordo com o ponto 2 do artigo 4.º deste diploma, as equipas que coadjuvam o(s) professor(es) bibliotecário(s) são constituídas por docentes designados pelo diretor do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada, escolhidos de entre aqueles que possuam competências nos domínios pedagógico, de gestão de projetos, de gestão da informação, das ciências documentais e das tecnologias da informação e comunicação (TIC). O ponto 3 do mesmo artigo estabelece ainda que, na sua constituição, deve ser ponderada a formação de base que abranja diferentes áreas do conhecimento, garantindo a complementaridade de saberes e a interdisciplinaridade necessárias à missão educativa da biblioteca escolar.

Complementarmente, a RBE (2017) reforça que a biblioteca escolar é um recurso privilegiado para o desenvolvimento das múltiplas literacias que sustentam a aprendizagem e o sucesso educativo, salientando que estas “incluem não só as competências básicas de leitura, matemática ou ciências, como outras, de que são exemplo as competências da informação, digitais e dos media” (p. 15). Estas literacias, pela sua natureza transversal, “fazem do seu desenvolvimento uma responsabilidade da escola e de todos os professores, sendo a biblioteca escolar um recurso privilegiado para o seu exercício” (RBE, 2017, p. 15).

Neste contexto, a predominância de docentes das áreas de Português, Matemática e Ciências na amostra poderá refletir tanto a orientação legal definida na Portaria, como a abordagem pedagógica defendida pela RBE.

Destaca-se ainda que 41,6% dos docentes (975 participantes) referem frequentar a biblioteca escolar diariamente ou semanalmente, o que demonstra um forte envolvimento dos professores nas dinâmicas pedagógicas e culturais das bibliotecas escolares dos respetivos agrupamentos.

2.3.2. Com que objetivos, os docentes, utilizam a biblioteca ou os seus recursos

Foi solicitado aos docentes que indicassem as três situações mais frequentes em que utilizam a biblioteca ou os seus recursos, escolhendo entre nove possibilidades apresentadas.

Conforme se observa na tabela seguinte, e em consonância com o que já havia sido referido pelos alunos, a utilização dos computadores da biblioteca constitui uma prática recorrente, quer por iniciativa dos alunos, para realização de tarefas de forma autónoma, quer no contexto de atividades letivas orientadas pelos docentes.

Tabela 8 - Resultados da utilização da biblioteca ou seus recursos

Pergunta		Planear e desenvolver atividades de pesquisa e trabalhos de projeto com os alunos	Dinamizar atividades no âmbito da literacia dos média (<i>Internet</i> , jornais, televisão, rádio) com os alunos	Utilizar os computadores e/ou os dispositivos móveis com os alunos	Selecionar e requisitar recursos para utilização na sala de aula
2015 (915 participantes)	Número de Respostas			316	348
	Percentage m Válida			34,5%	38,0%
2017 (766 participantes)	Número de Respostas			311	275
	Percentage m Válida			40,6%	36%
2019 (662 participantes)	Número de Respostas	315	106	241	221
	Percentage m Válida	47,6%	16,0%	36,4%	33,4%

Em 2019, 47,6% dos professores, referiram utilizar a biblioteca para planear e desenvolver atividades de pesquisas e trabalhos de projeto com os alunos.

Este resultado confirma a função pedagógica da biblioteca escolar enquanto ambiente de apoio ao currículo, favorecendo o desenvolvimento de competências

de pesquisa, seleção e tratamento da informação, essenciais à literacia digital e científica. A utilização frequente da biblioteca pelos docentes revela, assim, um nível significativo de apropriação dos seus recursos tecnológicos e informacionais, reforçando a articulação entre as práticas pedagógicas e os objetivos do Referencial para as Bibliotecas Escolares que preconiza a integração das literacias da informação e dos media no processo de ensino e aprendizagem (RBE, 2017, p. 15).

2.3.3. Em que contextos e com que frequência o docente costuma articular e/ou planear atividades com a biblioteca

A análise da percentagem de docentes que referem utilizar sempre ou regularmente tecnologias e ferramentas digitais para articular e/ou planear atividades com a biblioteca escolar evidencia uma tendência de crescimento contínuo ao longo dos três momentos de recolha de dados, tal como já foi evidenciado em resultados anteriores.

Tabela 9 - Resultados da exploração de tecnologias e ferramentas em ambientes digitais

Questão		Exploração de tecnologias e ferramentas em ambientes digitais	
		Nº de respostas	Percentagem válida
2015 (915 participantes)	Sempre	36	3,9%
	Regularmente	164	17,9%
	Ocasionalmente	322	35,2%
	Nunca	240	26,2%
	NR	153	16,7%
2017 (766 participantes)	Sempre	47	6,1%
	Regularmente	160	20,9%
	Ocasionalmente	288	37,6%
	Nunca	164	21,4%
	NR	107	14,0%
2019 (662 participantes)	Sempre	34	5,1%
	Regularmente	171	25,8%
	Ocasionalmente	287	43,4%
	Nunca	103	15,6%
	NR	67	10,1%

Em 2015, 21,9% dos docentes indicavam essa prática, percentagem que aumentou para 27% em 2017 e 30,9% em 2019.

Este crescimento confirma a integração progressiva das tecnologias digitais nas práticas docentes, acompanhando a evolução observada na sociedade portuguesa e global. Como destaca a UNESCO (2023), “Digital technology tools have been widely adopted by learners, educators and institutions” (p. 5).

A nível mundial, “the percentage of internet users rose from 16% in 2005 to 66% in 2022” (UNESCO, 2023, p. 5), evidenciando o impacto transversal da digitalização na educação e na aprendizagem. Também em Portugal se observa uma evolução significativa: segundo o Instituto Nacional de Estatística, 80,9% dos agregados familiares portugueses tinham acesso à Internet em casa em 2019 (Instituto Nacional de Estatística, 2019), face a 70% em 2015 (Instituto Nacional de Estatística, 2015), o que demonstra um aumento expressivo da conectividade e das competências digitais da população.

Esta tendência está em consonância com as orientações da Rede de Bibliotecas Escolares, que sublinham o papel da biblioteca enquanto ambiente de integração tecnológica e de desenvolvimento das múltiplas literacias. No documento *Aprender com a Biblioteca Escolar* lê-se que “a biblioteca escolar cria condições de acesso e oportunidades de aprendizagem, capacitando os jovens para a compreensão crítica da mensagem mediática, de forma a contribuir para a sua inclusão numa sociedade dominada pelas tecnologias e pelos média” (RBE, 2012, p. 23). Do mesmo modo, “a biblioteca escolar assume-se como lugar privilegiado de acesso a recursos diversificados e de desenvolvimento desta literacia, em ambientes cada vez mais tecnológicos e complexos” (RBE, 2012, p. 27).

Deste modo, a evolução verificada entre 2015 e 2019 demonstra não apenas uma maior familiaridade e confiança dos docentes no uso das tecnologias digitais, mas também uma valorização crescente da biblioteca escolar enquanto espaço de inovação pedagógica e tecnológica. A articulação entre professores e bibliotecas reflete, assim, uma transformação estrutural nas práticas de ensino e aprendizagem, promovendo aprendizagens mais ativas, colaborativas e centradas

no desenvolvimento das literacias digitais, da informação e dos média, consideradas essenciais na sociedade contemporânea.

2.3.4. Trabalho e serviços da biblioteca

Com base em duas questões, incluídas num conjunto de nove, procurou-se avaliar a perceção dos docentes sobre o trabalho e os serviços da biblioteca escolar relacionados com o uso do digital. As questões foram formuladas com recurso a uma escala likert de cinco possibilidades de resposta (Concordo Plenamente, Concordo, Discordo, Discordo Plenamente ou Não Responde) e incidiam sobre os seguintes aspetos: “ajuda os alunos na exploração e uso qualificado das tecnologias, da Internet e dos média” e “trabalha com ambientes digitais e ferramentas *Web* (plataforma LMS, *blogues*, *wiki*, redes sociais, ...), facilitadores da comunicação, partilha e difusão de informação e do trabalho colaborativo”.

Tabela 10 - Resultados do trabalho e serviços da biblioteca

Questões		Ajuda os alunos na exploração e uso qualificado das tecnologias, da Internet e dos média		Trabalha com ambientes digitais e ferramentas <i>Web</i> , facilitadores da comunicação, partilha e difusão de informação e do trabalho colaborativo	
		Nº de respostas	Percentagem válida	Nº de respostas	Percentagem válida
2015 (915 participantes)	Concordo Plenamente	226	24,7%	215	23,5%
	Concordo	526	57,5%	516	56,4%
	Discordo	65	7,1%	77	8,4%
	Discordo Plenamente	4	0,4%	5	0,5%
	NR	94	10,3%	102	11,1%
2017 (766 participantes)	Concordo Plenamente	249	32,5%	203	26,5%
	Concordo	417	54,4%	448	58,5%
	Discordo	47	6,1%	54	7,0%
	Discordo Plenamente	0	0,0%	1	0,1%
	NR	53	6,9%	60	7,8%
2019 (662 participantes)	Concordo Plenamente	234	35,3%	173	26,1%
	Concordo	350	52,9%	375	56,6%
	Discordo	43	6,5%	59	8,9%
	Discordo Plenamente	1	0,2%	9	1,4%
	NR	34	5,1%	46	6,9%

Como se observa na tabela anterior, os resultados obtidos foram bastante positivos, uma vez que em todos os momentos, mais de 79,9% dos docentes afirmaram *concordar* ou *concordar plenamente* com as afirmações apresentadas. Verificou-se ainda uma tendência de crescimento ao longo do tempo, atingindo o valor mais elevado em 2019, ano em que 88,2% dos docentes consideraram que o trabalho e os serviços da biblioteca contribuem efetivamente para apoiar os alunos na exploração e uso qualificado das tecnologias, da Internet e dos média.

Esta tendência está em consonância com os resultados dos questionários aos alunos, relativamente à participação em algumas atividades promovidas pela biblioteca e com as orientações da Rede de Bibliotecas Escolares, que reforçam a importância da biblioteca como espaço de desenvolvimento das literacias digitais e dos média e como contexto formativo para o uso ético, criativo e crítico da informação e da tecnologia. Tal como refere RBE (2017):

As práticas de literacia dos media visam dotar os alunos de conhecimentos necessários para o seu uso criativo e informado. O aluno usa os media e espaços sociais de interação e comunicação de forma ética e responsável para produzir, comunicar e participar civicamente. A biblioteca escolar cria condições de acesso e oportunidades de aprendizagem, capacitando os jovens para a compreensão crítica da mensagem mediática, de forma a contribuir para a sua inclusão numa sociedade dominada pelas tecnologias e pelos média (p. 31).

Deste modo, a perceção positiva dos docentes confirma o papel da biblioteca escolar como núcleo de apoio ao currículo, de promoção das literacias digitais e mediáticas e de estímulo à aprendizagem ativa e colaborativa. O trabalho articulado entre docentes e bibliotecas representa, assim, uma estratégia pedagógica essencial para formar alunos capazes de usar a tecnologia de forma crítica, criativa e responsável, respondendo aos desafios da sociedade digital.

2.3.5. Avaliar o nível dos recursos existentes na biblioteca ou que esta faz circular na sua escola

Tal como no questionário aplicado aos alunos, também foi solicitado aos docentes que avaliassem os recursos digitais existentes na biblioteca escolar e aqueles que esta faz circular na escola, classificando três itens através de cinco possibilidades de resposta (Muito Bom, Bom, Médio, Fraco ou Não Responde).

Tabela 11 - Resultados dos docentes do nível de recursos existentes na biblioteca ou que esta faz circular na sua escola

		Informação organizada pela biblioteca escolar, acessível através da Internet		Recursos digitais (Escola virtual, Aula digital, software educativo, e-books, videojogos, ...)		Jornais e revistas em suporte papel e digital	
Respostas		Nº de respostas	Percentagem válida	Nº de respostas	Percentagem válida	Nº de respostas	Percentagem válida
2015 (915 participantes)	Muito Bom	194	21,2%	128	14,0%	123	13,4%
	Bom	349	38,1%	340	37,2%	403	44,0%
	Médio	193	21,1%	253	27,7%	240	26,2%
	Fraco	54	5,9%	66	7,2%	56	6,1%
	NR	125	13,7%	128	14,0%	93	10,2%
2017 (766 participantes)	Muito Bom	174	22,7%	120	15,7%	115	15,0%
	Bom	308	40,2%	293	38,3%	343	44,8%
	Médio	153	20,0%	213	27,8%	202	26,4%
	Fraco	56	7,3%	66	8,6%	50	6,5%
	NR	75	9,8%	74	9,7%	56	7,3%
2019 (662 participantes)	Muito Bom	162	24,5%	115	17,4%	120	18,1%
	Bom	295	44,6%	291	44,0%	283	42,7%
	Médio	115	17,4%	175	26,4%	144	21,8%
	Fraco	39	5,9%	35	5,3%	65	9,8%
	NR	51	7,7%	46	6,9%	50	7,6%

Os resultados apresentados na tabela mostram que, embora a avaliação dos docentes seja globalmente positiva, com mais de 51% a atribuir classificações de “Bom” ou “Muito Bom” em todos os momentos, esta é inferior à perceção manifestada pelos alunos. No caso dos alunos, a percentagem de respostas positivas ultrapassou os 65% em todos os momentos analisados. Verifica-se, no

entanto, uma tendência de crescimento ao longo do tempo, tanto entre os docentes como entre os alunos, refletindo uma melhoria gradual na percepção da qualidade dos recursos digitais disponibilizados pela biblioteca escolar.

Esta diferença entre as percepções de alunos e docentes poderá estar relacionada com a natureza distinta do uso que cada grupo faz da biblioteca. Os docentes, enquanto profissionais que lidam diariamente com múltiplas fontes e plataformas digitais, dispõem de diversos canais institucionais e pedagógicos para aceder à informação, o que pode reduzir a centralidade da biblioteca nesse domínio. Um exemplo claro desta diferença surge na divulgação do Plano Anual de Atividades, um documento que os docentes conhecem e analisam internamente, através de grupos disciplinares e departamentos, enquanto os alunos geralmente têm contacto com as atividades através da informação disponibilizada pela biblioteca, nomeadamente via Internet e redes digitais de comunicação escolar.

Outro fator que poderá justificar esta diferença reside na oferta crescente de recursos digitais por parte das editoras escolares, que disponibilizam licenças de acesso a plataformas educativas e materiais digitais próprios, aos docentes. Estas ferramentas são frequentemente facultadas no momento de adoção dos manuais escolares e mantidas para utilização regular ao longo do ano letivo, permitindo aos professores recorrer a conteúdos complementares fora do circuito tradicional da biblioteca escolar.

Esta tendência encontra-se em consonância com as orientações RBE, que salientam o papel da biblioteca enquanto ambiente informacional diversificado, estimulante e promotor da aprendizagem. Como refere RBE (2012), as bibliotecas escolares “Munidas de equipamentos e fontes de informação muito diversificadas, em formato impresso e digital, acessíveis em presença ou em linha, propiciam um ambiente rico em informação onde a aprendizagem é estimulada” (p. 4).

Assim, ainda que a percepção dos docentes revele uma avaliação ligeiramente inferior à dos alunos, os resultados confirmam o reconhecimento da biblioteca escolar como espaço de inovação pedagógica e de apoio à aprendizagem digital, cuja disponibilização de recursos diversificados e atualizados contribui para o

desenvolvimento das literacias da informação e dos média e para a promoção de uma cultura de aprendizagem contínua.

2.3.6. Classificar o trabalho e contributo da biblioteca escolar para o desenvolvimento das literacias digitais, da informação e dos média dos alunos

A análise dos resultados relativos à perceção dos docentes sobre o trabalho e contributo da biblioteca escolar para o desenvolvimento das literacias digitais, da informação e dos média dos alunos, evidencia uma avaliação claramente positiva.

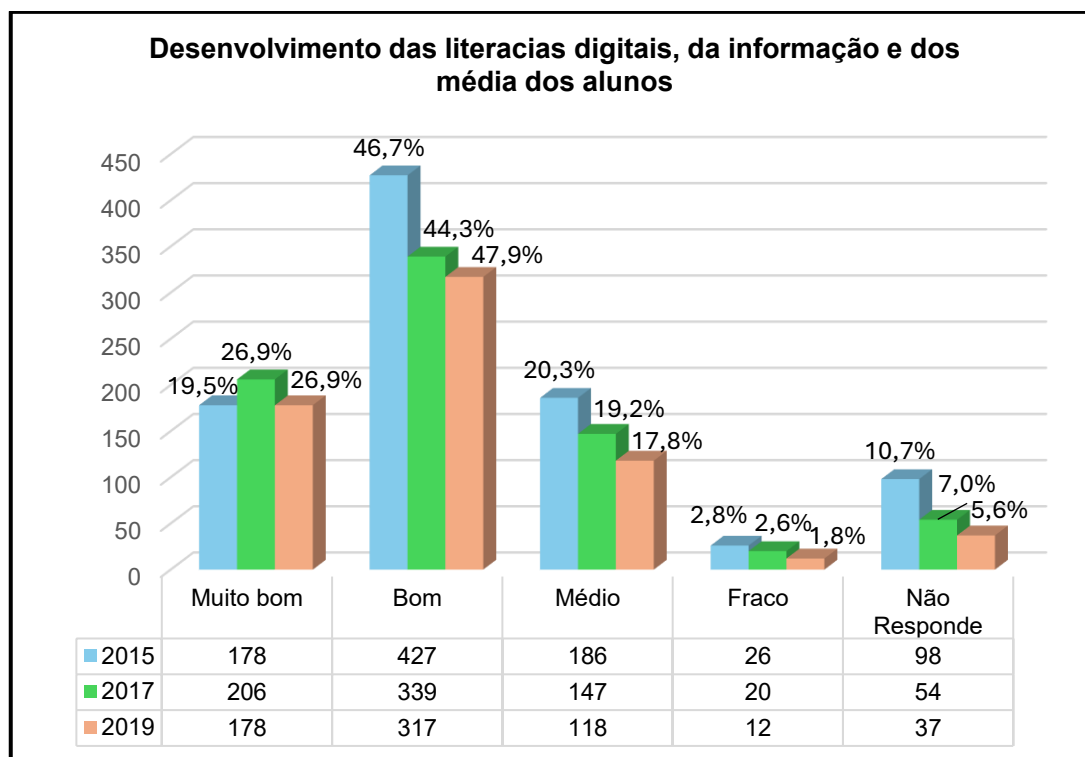


Gráfico 5 - Desenvolvimento das literacias digitais, da informação e dos média dos alunos

Tal com demonstra o gráfico, a grande maioria dos docentes (66,2% em 2015; 71,2% em 2017 e 74,8% em 2019) avaliaram com “Bom” ou “Muito Bom” o trabalho e contributo da biblioteca escolar para o desenvolvimento das literacias digitais, da informação e dos média dos alunos. Embora a literacia digital constitua um conceito amplo, polissémico e dependente das práticas culturais e sociais envolventes, estes resultados são consistentes com os obtidos nas questões anteriores e nos

questionários aplicados aos alunos, evidenciando o forte impacto das bibliotecas escolares neste domínio e uma tendência de melhoria contínua ao longo dos anos.

Esta valorização crescente demonstra que as bibliotecas escolares têm vindo a assumir um papel central no desenvolvimento das competências digitais e informacionais, articulando-se com as práticas pedagógicas dos docentes e com as exigências da sociedade digital. A coerência entre os resultados do estudo e as orientações teóricas reflete-se no modo como as bibliotecas concretizam, na prática, os princípios definidos pela Rede de Bibliotecas Escolares. RBE (2012), sublinha precisamente esta missão ao afirmar que:

Estas transformações, relacionadas com a revolução tecnológica e digital, refletem-se na escola, à qual se exige o desenvolvimento nos alunos de um conjunto de literacias essenciais à aprendizagem e ao sucesso educativo, que incluem não só as competências básicas de leitura, matemática ou ciências, como outras, de que são exemplo as competências da informação, digitais e dos média. A natureza destas literacias, presentes em todas as áreas e ambientes de aprendizagem, faz do seu desenvolvimento uma responsabilidade da escola e de todos os professores, sendo a biblioteca escolar um recurso privilegiado para o seu exercício (p. 8).

Esta visão alinha-se com os resultados obtidos, ao evidenciar que as bibliotecas escolares desempenham uma função estruturante na promoção das literacias múltiplas, especialmente através da utilização pedagógica das tecnologias digitais. Tal como defende Almeida (2023), “as próprias literacias digitais alteram-se com o tempo, por força do contexto. Neste sentido, é importante que as iniciativas que as procuram promover estejam atentas e sejam flexíveis à mudança” (p. 101).

Assim, as equipas das bibliotecas escolares revelam capacidade para responder às exigências de uma sociedade em permanente transformação, adaptando as suas práticas, recursos e atividades às novas necessidades dos alunos e dos contextos educativos. O aumento consistente das avaliações positivas confirma que a biblioteca escolar se tem afirmado como um espaço dinâmico e inovador de aprendizagem, promotor do uso crítico, ético e criativo da informação e das

tecnologias, contribuindo decisivamente para a formação de cidadãos ativos e informados.

2.4. Entrevistas aos Coordenadores das Bibliotecas Escolares

2.4.1. Caracterização da Amostra

No que concerne aos coordenadores das bibliotecas escolares entrevistados, a tabela seguinte apresenta o número de docentes participantes, distribuídos pelos respetivos estabelecimentos de ensino que participaram no estudo.

Tabela 12 - Número de Coordenadores de Bibliotecas Escolares pertencentes à amostra

Estabelecimento	Universo	Nº de Entrevistados
Escola Básica e Secundária D. Sancho II	1	0
Escola Básica Dr. Francisco Gonçalves Carneiro	1	1
Escola Secundária Dr. António Granjo		
Escola Básica Nadir Afonso	1	1
Escola Secundária Dr. Júlio Martins		
Escola Básica e Secundária Fernão de Magalhães	1	0
Escola Básica e Secundária Prof. António da Natividade	1	1
Escola Básica e Secundária de Mondim de Basto	1	0
Escola Básica e Secundária Dr. Bento da Cruz	1	0
Escola Básica e Secundária de Murça	1	1
Escola Básica nº 1 de Peso da Régua	1	1
Escola Secundária Dr. João de Araújo Correia		
Escola Básica e Secundária Miguel Torga	1	0
Escola Básica e Secundária de Vila Pouca de Aguiar - Sul	1	1
Escola Básica de Árvores	1	0
Escola Básica Monsenhor Jerónimo do Amaral	1	1
Escola Secundária Morgado de Mateus		
Escola Secundária Camilo Castelo Branco	1	0
Escola Secundária São Pedro	1	1
Total	15	8

O número de participantes corresponde a 53,3% do total potencial de coordenadores de bibliotecas escolares incluídos na amostra. Importa ainda salientar que, em termos de representatividade das escolas, foram entrevistados

coordenadores de 11 escolas, das 19 que compõem a amostra em estudo, o que equivale a 57,9%.

No total, os coordenadores entrevistados gerem 25 bibliotecas escolares. Cada participante é responsável por entre uma e cinco bibliotecas escolares, variação que decorre das especificidades de cada agrupamento de escolas, nomeadamente do número de alunos e de estabelecimentos de ensino que o compõem.

Tabela 13 - Caracterização da amostra em termos de coordenadores de bibliotecas escolares

	Questão	Nº de respostas	Percentagem válida
Género	Feminino	7	87,5%
	Masculino	1	12,5%
Habilitações Literárias	Mestrado	4	50,0%
	Licenciatura	4	50,0%
Grupo Disciplinar	100 - Educação Pré-Escolar	1	12,5%
	110 - Ensino Básico - 1º Ciclo	1	12,5%
	120 - Inglês 1º Ciclo do Ensino Básico	1	12,5%
	290 - Educação Moral e Religiosa	1	12,5%
	300 - Português	1	12,5%
	320 - Francês	1	12,5%
	410 - Filosofia	1	12,5%
	600 - Artes Visuais	1	12,5%
Tempo de Serviço docente	Entre 15 e 20 Anos	1	12,5%
	Entre 20 e 30 Anos	3	37,5%
	Entre 30 e 40 Anos	2	25,0%
	>= 40 anos	2	25,0%
Tempo de Serviço como Coordenadora de Biblioteca	0 anos	2	25,0%
	2 anos	1	12,5%
	5 anos	1	12,5%
	8 Anos	1	12,5%
	>= 10 anos	3	37,5%
Situação Profissional	QA	7	87,5%
	QA Outro Agrupamento	0	0,0%
	QZP	1	12,5%
	Contratada	0	0,0%

Como se observa na tabela, a grande maioria dos entrevistados era do género feminino (87,5%). As habilitações académicas variaram entre os graus de

licenciatura e de mestrado, sendo de salientar que todos os participantes possuem, pelo menos, a pós-graduação na área das bibliotecas escolares.

No que respeita aos grupos disciplinares, a amostra revela uma elevada heterogeneidade, uma vez que cada entrevistado pertence a um grupo disciplinar distinto.

Relativamente ao tempo de serviço, destaca-se a experiência profissional dos participantes, dado que 62,5% possuem mais de vinte anos de serviço docente. O mesmo se verifica quanto à experiência no cargo de coordenador de biblioteca escolar, função que 50% dos entrevistados desempenham há oito ou mais anos, evidenciando estabilidade e continuidade no exercício da coordenação.

Importa ainda referir que a maioria dos entrevistados pertence aos quadros de agrupamento (87,5%), o que reforça a ligação institucional e o compromisso profissional com o contexto educativo em que exercem funções.

2.4.2. Infraestruturas das bibliotecas escolares

A grande maioria das bibliotecas escolares realizou, nos últimos anos, obras de requalificação ou de melhoria dos seus espaços físicos, quer por iniciativa dos próprios coordenadores, quer como consequência de intervenções estruturais mais amplas nas escolas ou agrupamentos. Contudo, em termos de recursos tecnológicos, as alterações verificadas têm sido reduzidas, mantendo-se uma situação de alguma estagnação ao nível do parque informático.

Todos os coordenadores referiram a existência e utilização regular de computadores fixos, destacando, no entanto, a antiguidade dos equipamentos e as limitações no funcionamento de determinadas aplicações e funcionalidades. Foi igualmente mencionada a presença de *tablets*, na maioria dos casos, resultantes de aquisições mais recentes. Apenas um coordenador referiu ter ocorrido uma melhoria significativa, através da atualização dos discos rígidos dos computadores, de modo a aumentar a sua velocidade e desempenho.

De forma geral, as perceções convergem no diagnóstico de que o parque informático das bibliotecas se encontra desatualizado. Tal como sintetiza o

entrevistado nº 2, o “parque informático das bibliotecas, a maioria, está obsoleto e não corresponde às necessidades que, cada vez mais, a escola nos pede e os alunos nos pedem” (UR73-74), o entrevistado nº 3 “os computadores são antigos, depois cai-lhes ali aquele constrangimento, não é? Porque embora a internet até possa ter uma velocidade relativamente boa, mas se o seu aparelho é obsoleto, ele vai demorar o seu tempo a processar igualmente, certo?” (UR218-221) e o entrevistado nº6 “Eu abri a biblioteca do centro escolar na altura em 2011, 2012, e os computadores que tinham lá, naquela altura, são os que têm agora. Já passaram 13 anos” (UR294-296).

Os dados recolhidos nos Planos de Melhoria e nos Relatórios dos Professores Bibliotecários corroboram esta perceção e revelam a persistência do mesmo problema ao longo do tempo. A análise dos dados referentes a 2015, 2017 e 2019 mostra que a insuficiência de equipamentos, a lentidão da Internet e a obsolescência do parque informático foram mencionadas de forma recorrente. Esta tendência é confirmada pelas entrevistas aos atuais coordenadores das BE, que continuam a identificar as mesmas limitações. Verificou-se ainda que, em vários casos, as respostas dos diferentes anos têm origem nas mesmas escolas ou agrupamentos, o que demonstra que, desde 2015 até à atualidade, não houve alterações substanciais que permitissem dotar as bibliotecas de equipamentos atualizados e plenamente funcionais.

Para colmatar a insuficiência de equipamentos, observa-se uma tendência para integrar a biblioteca escolar em redes internas de gestão de recursos, designadamente através da possibilidade de gerir ou requisitar equipamentos de outros projetos, tal como as “salas do futuro” ou os “Laboratórios de Educação Digital”.

Embora o programa “Escola Digital”, atualmente em vigor, permita a afetação de portáteis a diferentes valências e infraestruturas das escolas, apenas um coordenador referiu que essa distribuição contemplava a biblioteca escolar.

Alguns entrevistados, como o nº 1 menciona “a autarquia equipou as escolas com laboratórios LED. Temos um aqui” (UR66),

nós candidatamos sempre, quando há candidaturas da RBE, fazemos a candidatura, recebemos apoio para reforço do nosso programa “A Ler Mais e Melhor” - Mil livros... E que vamos investir em fundo documental. Já é um bocadinho. Vamos agora fazer uma feira de livros usados. Os pais vão envolver-se para isso, o que também é muito bom. Conseguimos sempre comprar um número substancial de obras. E também nos candidatamos agora ao “10 minutos a ler” e fomos selecionados. Mas ainda estamos a aguardar... Todos os anos nós fazemos isso para conseguirmos novos títulos e manter os miúdos presos à biblioteca (UR82-89)

ou o entrevistado nº5 “Foram a aquisição de quatro computadores no âmbito de um projeto ProLiteracias” (UR79) assim, com base nas entrevistas, podemos referir que existe ainda a participação em projetos e programas complementares, como o Laboratório LED (implementado por iniciativa autárquica), o Programa “ProLiteracias”, o “A ler Mais e Melhor”, o “Combate ao Insucesso Escolar” e a iniciativa “10 Minutos a Ler”, os quais têm possibilitado o acesso a algumas verbas utilizadas na aquisição de algum material ou atualização do fundo documental das bibliotecas escolares.

Contudo, os resultados obtidos revelam que as condições tecnológicas das bibliotecas escolares continuam aquém das orientações da Rede de Bibliotecas Escolares. De acordo com este organismo, “Escola e biblioteca escolar são, assim, desafiadas a redefinir processos e metodologias atendendo às exigências dos leitores e à complexificação crescente de instrumentos e tecnologias” (RBE, 2017, p. 27).

A comparação entre este princípio orientador e os dados recolhidos evidencia uma discrepância entre o ideal preconizado e a realidade observada. As bibliotecas estão, de facto, a reinventar-se enquanto espaços de aprendizagem e de apoio à inovação, mas muitas enfrentam limitações materiais que comprometem a sua plena integração no ecossistema digital escolar.

Tal necessidade de modernização é reforçada por Rodrigues (2020), ao afirmar que “a biblioteca escolar tem na atualidade novas potencialidades, quando equipada com computadores com Internet” (p. 379), sendo que a integração de tecnologias

digitais em pedagogias construtivistas constitui um fator de motivação e de desenvolvimento de competências de reflexão crítica e autonomia nos alunos.

Neste mesmo sentido, Vidotti et al. (2014) destaca que “não basta fazer da biblioteca um ambiente agradável, organizado e facilitador da busca informacional”, defendendo que a biblioteca escolar deve estar atualizada e alinhada com os interesses dos seus utilizadores, criando ambientes de partilha e aprendizagem dinâmicos, presenciais ou em rede. As autoras acrescentam que, perante um público constituído essencialmente por nativos digitais, a biblioteca deve ser “ativa, dinâmica, moderna e atualizada” (p. 124).

Desta forma, a análise dos dados e da literatura demonstra que, embora as bibliotecas escolares se afirmem como espaços de aprendizagem e inclusão, a obsolescência tecnológica continua a ser um obstáculo à concretização integral do papel que lhes é atribuído nos documentos orientadores da RBE e na literatura especializada.

2.4.3. Utilização das TIC nas bibliotecas escolares

A análise das entrevistas realizadas permite constatar que as bibliotecas escolares continuam a desempenhar um papel central na utilização pedagógica das TIC. Como referiu o entrevistado nº 5, os alunos “ou vêm fazer, no âmbito de estudo, pesquisas e trabalhos escolares, ou vêm integrados em aulas, com orientação do professor, também para fazer pesquisas; depois há os alunos que vêm em tempo de lazer e normalmente ou veem filmes ou ouvem música” (UR91-94), “se a vinda for autónoma, normalmente vêm estudar ou fazer algum trabalho associado ao estudo” (UR172-173). Estas citações refletem a perceção geral dos coordenadores, segundo as quais se pode afirmar que a biblioteca escolar é simultaneamente um espaço de estudo orientado e de exploração autónoma, respondendo a diferentes motivações dos utilizadores.

Os resultados obtidos confirmam as tendências já evidenciadas nos questionários MABE anteriores: as atividades relacionadas com a pesquisa de informação e a realização de trabalhos escolares continuam a ser as mais frequentes e valorizadas

pelos alunos. Vários coordenadores destacaram ainda que, com a recente proibição do uso de telemóveis nas escolas para os alunos mais novos, é expectável que a procura da biblioteca escolar aumente, tanto para lazer como para a resolução de desafios e atividades em contexto de sala de aula.

O corpo docente também continua a privilegiar a biblioteca escolar como espaço de trabalho autónomo e colaborativo na fase de planificação/construção e também em contexto de sala de aula sempre que necessita de implementar dinâmicas que recorram aos recursos existentes na biblioteca. Assim, pode afirmar-se que a evolução verificada através dos questionários, no que respeita à exploração de tecnologias e ferramentas em ambientes digitais para articular e/ou planear atividades com a biblioteca, continuou a registar um crescimento nos últimos anos.

Este uso regular é ilustrado pelo testemunho do entrevistado nº 1: “temos uma taxa de requisição de uso da biblioteca, em contexto letivo, muito elevada. E usam para trabalho mesmo, acesso a plataformas, realização de avaliações *online*, criação de produtos. Eles fazem apresentações, fazem vídeos, fazem podcasts” (UR123-126). No mesmo sentido, o entrevistado nº 7 referiu: “temos mais ou menos, em média, umas duas turmas por dia. Em trabalho digital na biblioteca” (UR143-144).

No que respeita à disponibilização de recursos digitais, como Escola Virtual, Aula Digital, *software* educativo, *e-books* ou videojogos, a maioria dos coordenadores destacou a preferência pela utilização de *e-books*, essencialmente pela gratuidade e acessibilidade que oferecem. Algumas bibliotecas têm também desenvolvido recursos próprios, nomeadamente na área da segurança na internet, demonstrando uma crescente preocupação com a educação digital responsável e com o impacto da inteligência artificial no contexto escolar.

Os dados dos Planos de Melhoria e dos Relatórios dos Professores Bibliotecários reforçam as conclusões das entrevistas, salientando a realização de ações formativas e a criação de recursos digitais direcionados para alunos e docentes. Estes documentos destacam medidas específicas de melhoria, como a realização de “sessões formativas, em contexto curricular, que promovam o uso das tecnologias digitais e da Internet pelos alunos”, e a “criação de novos tutoriais e guiões de literacia da informação e dos média para utilizadores”. Do mesmo modo,

nos pontos fortes dos Relatórios dos PB, é sublinhado o “desenvolvimento de ações promotoras do uso da informação, dos média e das tecnologias”.

Segundo o Referencial Aprender com a Biblioteca Escolar, as “práticas de literacia da informação visam dotar os alunos de conhecimentos que os capacitem para o acesso, produção e uso crítico da informação e para uma comunicação eficaz, ética e socialmente responsável”. O mesmo documento reforça que a “biblioteca escolar assume-se como lugar privilegiado de acesso a recursos diversificados e de desenvolvimento desta literacia, em ambientes cada vez mais tecnológicos e complexos” (RBE, 2017, p. 41). Assim, constata-se que as ações referidas nas entrevistas, nos planos e relatórios traduzem, na prática, o papel preconizado pela Rede de Bibliotecas Escolares.

Relativamente à disponibilização de jornais e revistas digitais, a publicação *Visão Júnior* continua a ser a mais subscrita, provavelmente, por ser a única recomendada pelo Plano Nacional de Leitura (PNL). Para atender às necessidades dos alunos mais velhos e do corpo docente, alguns coordenadores referiram ainda a subscrição do jornal *Público*. Observa-se, porém, uma mudança de estratégia para o ano letivo em curso, motivada pela divulgação do Decreto-Lei nº 42/2025, de 26 de março, que aprova o programa de oferta de assinaturas digitais de publicações periódicas a jovens entre os 15 e os 18 anos, o que poderá vir a reforçar a literacia mediática e informacional no público juvenil.

2.4.4. Utilização da Biblioteca Escolar por parte da Comunidade Educativa

As BE consolidaram, ao longo das últimas décadas, um papel de destaque dentro da orgânica das escolas e agrupamentos, assumindo-se como estruturas pedagógicas e culturais centrais na promoção das literacias e do sucesso educativo. Todos os entrevistados consideraram que as suas bibliotecas constituem uma prioridade institucional, reconhecendo a sua importância na concretização dos objetivos do Projeto Educativo e na articulação com o currículo.

A presença dos PB nos Conselhos Pedagógicos tem sido determinante para reforçar a visibilidade e o impacto da BE na escola, permitindo-lhes comunicar

diretamente com as lideranças intermédias, nomeadamente com os coordenadores de departamento, e assim aprovar e desenvolver planos de atividades amplos e integrados. O entrevistado nº 5 sintetiza esta perceção ao afirmar que “a biblioteca é um motor fundamental da escola, porque o seu papel primordial é apoiar os utilizadores no âmbito do desenvolvimento do currículo ou do enriquecimento curricular” (UR124-125).

De facto, para além das tarefas tradicionalmente associadas à biblioteca, como a consulta e requisição de livros, leitura de jornais e revistas, acesso a computadores ou jogos educativos, os entrevistados destacaram o forte impacto das atividades dinamizadas pela equipa da BE no Plano Anual de Atividades (PAA) e, conseqüentemente, em toda a comunidade educativa.

O entrevistado nº 1 reforçou esta ideia ao referir que “a biblioteca envolve a comunidade toda em projetos e eventos” (UR171). Entre as atividades mais mencionadas encontram-se as comemorações de datas temáticas (como os 500 anos do nascimento de Luís de Camões ou a Semana da Escola Segura), projetos associados ao Plano Nacional de Cinema, ao Plano Nacional de Leitura e a programas de rádio escolar, bem como a exploração de diversas literacias e a dinamização de clubes temáticos.

A elevada participação dos alunos nas atividades e o uso frequente dos espaços da BE, quer em contexto letivo quer extracurricular, evidenciam a sua atratividade e relevância educativa. Tal como salientou o entrevistado nº 7, “os alunos gostam de sair da sala de aula e vir para aqui, mesmo que a atividade até possa ser feita na sala de aula, os professores sabem que eles gostam mais de estar aqui” (UR243-245). Este facto decorre da reorganização e modernização das bibliotecas escolares de forma a torná-las num espaço agradável e funcional.

Apesar do consenso quanto à importância da biblioteca e à frequência regular dos alunos, os dados recolhidos revelam que a utilização da BE varia consoante a faixa etária dos alunos e o grupo disciplinar dos docentes. Nos níveis de ensino mais baixos (pré-escolar e 1.º ciclo), a frequência é diária e geralmente acompanhada por professores ou educadores, com atividades de leitura, jogos pedagógicos e pequenas pesquisas. Como refere o entrevistado nº 2, “os alunos do primeiro ciclo

e pré-escolar frequentam a biblioteca todos os dias, para ler, para fazer jogos, para pesquisar trabalhos” (UR271-272).

Nos ciclos de ensino mais avançados, especialmente no ensino secundário, a frequência tende a diminuir, embora se observe um aumento do uso autónomo da BE, tanto para estudo e realização de trabalhos como para momentos de lazer ou de acesso à internet. Esta tendência vai ao encontro do que refere RBE (2017), que reconhece a importância do apoio direto dos professores no pré-escolar e no 1.º ciclo, sobretudo em tarefas de pesquisa e uso da informação ou das TIC, podendo esse apoio ser gradualmente substituído, nos ciclos seguintes, por orientações e instrumentos que promovam a autonomia progressiva dos alunos (p. 17,18).

Relativamente aos docentes, a maioria dos entrevistados destacou que os grupos disciplinares de línguas eram os que mais recorriam à biblioteca e colaboravam nas atividades propostas, embora também realçassem a participação pontual de docentes de outras áreas, sobretudo quando convidados para atividades específicas da BE. Apesar do reconhecimento generalizado da importância da BE, a colaboração autónoma revelou-se menos frequente, refletindo uma articulação ainda limitada entre os diferentes departamentos curriculares e a biblioteca. O entrevistado nº 5 referiu: do “grupo de Educação Física os professores não vêm, a não ser que sejam convidados para acompanhar as turmas no desenvolvimento de alguma atividade” (UR164-166). O entrevistado nº 4 acrescentou que “estava na altura de muitos colegas serem parceiros efetivos da biblioteca, saberem que a biblioteca pode ser um parceiro forte e que os poderá ajudar no trabalho de cada disciplina, e muitas vezes não se vê isso” (UR175-176). De modo convergente, o entrevistado nº 6 sublinhou ainda que “acham que a biblioteca não é compatível com a matemática, com as ciências, com a biologia, com a físico-química, com a educação física” (UR157-158). Estas declarações ilustram uma lacuna persistente na colaboração entre a BE e alguns grupos disciplinares, sobretudo das áreas científicas e técnicas, onde ainda prevalecem perceções de menor afinidade com o trabalho desenvolvido pela biblioteca. Nos Planos de Melhoria e nos Relatórios dos Professores Bibliotecários esta realidade também é reconhecida, sendo destacada a necessidade de intensificar a colaboração entre a BE e os diferentes

departamentos curriculares. Esta preocupação encontra respaldo na literatura da Rede de Bibliotecas Escolares, que enfatiza que o “trabalho colaborativo e articulado com os docentes e a vivência da biblioteca como lugar de aprendizagem e de inclusão são fatores-chave para a melhoria dos resultados, o sucesso educativo e o combate à exclusão” (RBE, 2018, p. 11). Tanto os documentos orientadores como os dados empíricos convergem na necessidade de consolidar práticas de cooperação interdisciplinar que promovam o papel da BE como mediadora das aprendizagens e impulsionadora da inclusão educativa.

A grande maioria dos entrevistados referiu ainda a utilização de blogues e plataformas digitais para divulgar e documentar as atividades das BE, aproximando a biblioteca da comunidade educativa e reforçando a sua visibilidade institucional. Estes meios digitais funcionam também como instrumentos de evidência e comunicação, contribuindo para a transparência e para a valorização do trabalho desenvolvido, uma evidência disso é o que refere o entrevistado nº 2, “todas as bibliotecas têm um blog, onde colocam tudo” (UR167), o entrevistado nº 6 com a indicação de que “nós temos a página da biblioteca, temos o blog, temos o Facebook, temos o Twitter, temos o Instagram” (UR248-249), ou o entrevistado nº 8

Há também depois as redes sociais, também usamos isso como uma estratégia de marketing, ou seja, temos um site onde colocamos tudo aquilo que fazemos, temos um site aberto para a escola toda, um site que não é um blog, é um site, tem tudo o que nós fazemos ao longo dos anos está lá, não só como evidência, mas também para dar essa noção de que nós estamos aqui à espera que os alunos venham cá requisitar livros e que essa seja só a nossa função, que é muito mais que isso. Também estamos nas redes sociais, no Instagram, para nos aproximarmos um bocadinho mais dos alunos, onde também vamos dando conta do que vamos fazendo, e no Facebook, mas atualmente os miúdos não usam (UR204-211),

“O Facebook é mais para os pais e encarregados de educação” (UR213).

2.4.5. Dificuldades das bibliotecas escolares na integração das TIC

De acordo com os entrevistados, a literacia digital de alunos e docentes que frequentam as BE tem vindo a melhorar progressivamente ao longo dos últimos anos, embora ainda se mantenham desafios significativos. Reconhece-se que a proficiência digital está longe de atingir um nível ideal, sobretudo pela heterogeneidade de competências entre gerações docentes e discentes.

A tendência observada indica que os professores com mais anos de serviço apresentam maiores dificuldades na utilização de tecnologias digitais, embora demonstrem esforço e perseverança na adaptação. Tal como referiu o entrevistado nº 2, “os professores têm uma forma já muito hábil de trabalhar e, por incrível que pareça, não desistem” (UR312-313). Por outro lado, os alunos revelam maior familiaridade com dispositivos e plataformas digitais, mostrando apetência para a exploração e experimentação tecnológica, ainda que dificuldades persistam nas tarefas que exigem rigor técnico e sistematização, como a formatação correta de documentos ou o uso estruturado de ferramentas de produtividade.

Esta constatação vai ao encontro do que Marques (2021) concluiu ao afirmar que “a pandemia acelerou o processo de digitalização no Ensino Superior” (p. 59), impacto que também se fez sentir nas escolas básicas e secundárias, onde o ensino remoto forçado promoveu o reforço das competências digitais dos docentes e alunos. De igual modo, os entrevistados salientaram o impacto positivo do Plano de Ação para a Transição Digital (Resolução do Conselho de Ministros nº 30/2020, de 21 de abril), particularmente através do programa de capacitação digital dos docentes, o qual representou uma oportunidade de atualização profissional significativa. De acordo com DGE (2023), em maio de 2023, 90118 docentes já tinham concluído com sucesso ações de formação nesta área, facto que contribuiu para uma maior integração pedagógica das tecnologias digitais nas escolas.

Contudo, as dificuldades estruturais e organizacionais continuam a constituir um obstáculo à plena integração das TIC nas bibliotecas escolares. Entre os principais constrangimentos identificados pelos entrevistados, destaca-se a falta de equipamentos informáticos adequados e o estado de obsolescência do parque tecnológico existente. Esta situação é reiteradamente mencionada tanto nos Planos

de Melhoria como nos Relatórios dos Professores Bibliotecários de 2015, 2017 e 2019, revelando que, apesar das intenções expressas, não se verificaram progressos significativos nos últimos anos. Em casos pontuais as BE receberam computadores portáteis, mas a maioria continua a depender de equipamentos antigos e insuficientes. O entrevistado nº 5 descreve claramente esta situação ao afirmar que uma das maiores dificuldades é “o facto dos computadores estarem obsoletos e não restarem em número suficiente” (UR205).

Além das limitações materiais, os entrevistados destacaram a falta de tempo como uma barreira relevante para a integração efetiva das TIC, quer dos membros das equipas das bibliotecas, quer dos docentes em geral. A carga burocrática e a gestão de um currículo extenso dificultam o envolvimento dos professores em atividades fora da sala de aula ou em projetos interdisciplinares com a BE. Tal como sintetizou o entrevistado nº 7, “esbarra-se sempre nessa dificuldade de gestão do currículo” (UR301), uma vez que o extenso currículo de algumas disciplinas impede que os docentes realizem tarefas fora da sala de aula.

A avaliação feita do parque informático existente nas BE, bem como da ligação à internet é sempre abaixo das necessidades. Tal como refere o entrevistado nº 1, “a rede de internet tem estado muito instável” (UR286). Paradoxalmente, alguns coordenadores referiram que, apesar da lentidão da rede, esta chega a ser mais eficiente do que os computadores disponíveis, o que evidencia o grau de desatualização tecnológica em várias BE.

Os dados analisados indicam que as principais dificuldades das bibliotecas escolares na integração das TIC residem na falta de equipamentos modernos, na insuficiência de recursos financeiros e humanos, na instabilidade das infraestruturas digitais e na escassez de tempo para o desenvolvimento de práticas colaborativas e formativas. Ainda que se reconheçam progressos na capacitação digital de docentes e alunos, as condições materiais e organizacionais permanecem aquém das exigências do contexto educativo atual, comprometendo o potencial inovador das BE enquanto espaços de aprendizagem digital e colaborativa.

Neste contexto, importa recordar o que é afirmado no Modelo de Avaliação das Bibliotecas Escolares: as bibliotecas são “Espaços de inclusão, livres e abertos a

todos os que a eles recorrem”, assegurando “a igualdade no acesso a equipamentos, serviços e recursos de informação diversificados, capazes de responder às necessidades específicas dos diferentes utilizadores” (RBE, 2018, p. 42). Esta perspetiva reforça a necessidade de garantir a equidade no acesso às tecnologias e aos recursos digitais, de modo que as bibliotecas escolares se afirmem plenamente como espaços de inclusão digital, inovação pedagógica e partilha de conhecimento no seio das comunidades educativas.

2.4.6. Estratégias de integração das TIC nas bibliotecas escolares

De acordo com os entrevistados, as TIC estão hoje amplamente integradas no quotidiano das BE, tanto ao nível das atividades pedagógicas e culturais, como nas ferramentas de comunicação e divulgação utilizadas para partilhar as iniciativas do PAA com a comunidade educativa. O entrevistado nº 2 sintetiza esta realidade ao afirmar que “a biblioteca tem uma relação muito chegada com as tecnologias digitais” (UR351-352).

Esta perceção é confirmada pelos resultados obtidos nos questionários aplicados a alunos e docentes, que demonstram uma forte utilização dos computadores e recursos digitais disponíveis nas bibliotecas, quer para pesquisa e realização de trabalhos escolares, quer para atividades de lazer. Os docentes, por sua vez, revelam uma tendência crescente para recorrer aos recursos tecnológicos da BE, tanto em atividades dinamizadas pela própria biblioteca, como em iniciativas desenvolvidas em contexto de sala de aula, em articulação com a equipa da BE.

De acordo com os Planos de Melhoria e os Relatórios dos Professores Bibliotecários, as BE assumem-se como promotoras do uso da informação, dos média e das tecnologias digitais, apoiando e formando os utilizadores na utilização de tecnologias, ambientes e ferramentas digitais, através de múltiplas atividades desenvolvidas nesse sentido.

No entanto, os entrevistados reconhecem que a integração das TIC poderia ser mais ampla e eficaz, caso as bibliotecas dispusessem de infraestruturas tecnológicas atualizadas e adequadas às exigências das práticas pedagógicas

contemporâneas. O entrevistado nº 3 expressa claramente esta necessidade ao afirmar que “as tecnologias estão integradas, o que nós precisávamos era de as melhorar” (UR229-230), evidenciando um constrangimento já identificado na análise das infraestruturas das BE. A modernização dos equipamentos e a melhoria da conectividade continuam, assim, a ser condições essenciais para o aprofundamento da integração digital nas bibliotecas. Esta constatação é reiterada nos Relatórios dos PB, que identificam o “parque informático envelhecido e desatualizado”, a “internet lenta” e a “falta de financiamento” como os principais obstáculos à concretização de práticas digitais consistentes. Constatou-se ainda, que a origem das respostas, em vários casos, eram as mesmas escolas/agrupamentos, o que evidencia a persistência dos mesmos problemas desde 2015 até à atualidade.

Entre as principais estratégias implementadas pelas BE para integrar as TIC e, simultaneamente, obter recursos financeiros, principalmente para adquirir livros, destaca-se a participação em projetos e/ou concursos, nomeadamente no âmbito da RBE e do PNL. O entrevistado nº 8 ilustra essa prática ao afirmar que “nós conseguimos mais dinheiro através das candidaturas. Candidaturas a projetos da RBE e do PNL” (UR522-523).

As bibliotecas participam ainda em diversos projetos que integram diretamente as TIC, como o *Clube de Rádio*, o *Clube de Jornalismo*, o *eTwinning*, o *Erasmus*, o *Repositório de Recursos*, o *Super Searchers Portugal* e as iniciativas de *Tecnoliteracias*. Estes projetos contribuem não apenas para o desenvolvimento de competências digitais e mediáticas nos alunos, mas também para a promoção da criatividade, do trabalho colaborativo e da cidadania digital.

Outra dimensão relevante prende-se com a divulgação digital das atividades da BE, que tem vindo a ser intensificada através da utilização de páginas de internet, *blogues*, *newsletters*, murais digitais e redes sociais, sobretudo o *Facebook*. Estas plataformas funcionam como espaços de partilha e visibilidade pública, permitindo aproximar a biblioteca da comunidade educativa e reforçar o sentimento de pertença à instituição escolar. Os Planos de Melhoria reforçam esta linha de ação,

defendendo a importância de ampliar a comunicação digital e de envolver os encarregados de educação e a comunidade local nas atividades da BE.

As ações de formação constituem igualmente uma estratégia fundamental de integração das TIC. As bibliotecas promovem formações específicas para alunos e docentes, adequadas às suas necessidades e níveis de proficiência digital.

Nos alunos, estas formações incidem sobretudo nas áreas da pesquisa e seleção de informação fiável, da avaliação crítica das fontes e da segurança na internet, abordando tanto as suas potencialidades como os riscos do ambiente digital. Nos docentes, a formação é orientada para o uso de novas plataformas e ferramentas digitais de apoio ao ensino, bem como para a integração de recursos tecnológicos em práticas pedagógicas inovadoras.

Nos Planos de Melhoria são frequentemente propostas sessões de capacitação interna e oficinas de formação sobre gestão da BE, literacia digital e utilização de catálogos e bases de dados, evidenciando uma preocupação contínua com o desenvolvimento profissional das equipas.

As escolas e as suas bibliotecas assumem uma função essencial na formação de cidadãos críticos e informados, desenvolvendo competências de informação que lhes permitam acompanhar a mudança e participar ativamente na sociedade. Como refere Isabel Veiga et al. (1996),

No mundo em que a informação e o conhecimento científico e tecnológico se produzem a um ritmo acelerado e em que é indispensável formar pessoas capazes de acompanhar a mudança, cabe às escolas e às suas bibliotecas a função essencial de criar e desenvolver nos alunos competências de informação, contribuindo assim para que os cidadãos se tornem mais conscientes, informados e participantes, e para o desenvolvimento cultural da sociedade no seu conjunto (p. 16).

Neste sentido, a biblioteca escolar, enquanto espaço de aprendizagem e de mediação tecnológica, desempenha um papel determinante na promoção das literacias da informação e dos média, criando oportunidades de acesso e formação para alunos e professores. De acordo com a RBE (2017), “os média têm uma

adesão crescente por parte dos jovens” e “a educação para os média e o desenvolvimento das literacias implicadas no seu uso transformaram-se, neste contexto, numa questão de inclusão e de cidadania” (p. 37). A biblioteca, ao oferecer condições de acesso e recursos diversificados, responsabiliza-se “pela criação de oportunidades de aprendizagem, através de situações formativas nesta área e de trabalho articulado com os professores e com a sala de aula” (RBE, 2017, p. 25).

Deste modo, a integração das TIC nas bibliotecas escolares não se limita à utilização instrumental das tecnologias, mas concretiza-se na promoção de aprendizagens críticas, criativas e inclusivas, essenciais para a formação integral dos alunos e para o desenvolvimento de uma sociedade do conhecimento mais consciente, informada e participativa.

2.4.7. Complementares

O contacto direto com os coordenadores das bibliotecas escolares constituiu uma experiência profundamente enriquecedora, tanto a nível profissional como pessoal, proporcionando um momento de partilha e de reflexão que ultrapassou as expectativas iniciais. Para além do contributo científico que trouxe à investigação, este diálogo permitiu compreender de forma mais humana e contextualizada a realidade das bibliotecas escolares, evidenciando o papel essencial do fator humano como eixo central da sua vitalidade e sustentabilidade.

A análise das entrevistas permitiu identificar três dimensões fundamentais que influenciam de forma significativa a dinâmica e o sucesso das bibliotecas escolares. A primeira refere-se ao apoio institucional e ao compromisso das direções, amplamente reconhecido pelos entrevistados como condição indispensável para a concretização das atividades e para a valorização das bibliotecas no seio das escolas. Esta constatação está em consonância com o estudo de Dias (2011), que conclui que “O compromisso e o apoio institucional são fatores cruciais para o sucesso de qualquer programa de literacia da informação” (p.153). De facto, o modo como as lideranças escolares percecionam a biblioteca reflete-se na alocação de recursos, na integração das tecnologias digitais e na autonomia de

ação das equipas, determinando, em grande medida, a capacidade de inovação e de articulação pedagógica da BE.

A segunda dimensão está relacionada com a constituição e estabilidade das equipas das bibliotecas, aspeto que se revelou determinante para a continuidade e coerência das práticas. A existência de docentes fixos e comprometidos assegura a preservação da memória organizacional, o fortalecimento das parcerias internas e a manutenção de um planeamento consistente ao longo dos anos. Quando existe rotatividade elevada ou ausência de elementos permanentes, as equipas enfrentam dificuldades acrescidas na concretização de projetos e na articulação com os departamentos curriculares, comprometendo a eficiência das dinâmicas colaborativas.

A terceira dimensão diz respeito ao envelhecimento da classe docente e às suas implicações no envolvimento e motivação profissional. O entrevistado nº 1 que refere “eu acho que continuamos a ter resistência de alguns professores que preferem os métodos tradicionais” (UR287-288), “também sinto eu, a falta de tempo para nos atualizarmos” (UR291-292), ou o entrevistado nº 2 que refere que

é evidente que nos tempos que correm, e acho que é de conhecimento de toda a gente, que o corpo docente está envelhecido e cansado. E com as novas orientações, sinceramente, não antevejo que fique mais fácil. Pelo contrário. Muitas das vezes não é porque o professor não quer, é porque o professor está cansado. E cada vez mais lhe exigem burocracias, burocracias, burocracias. Eu sei que isto, os professores falam sempre o mesmo, mas é verdade (UR204-209).

Vários entrevistados salientaram que o desgaste resultante da desvalorização da carreira e da sobrecarga de trabalho burocrático tem conduzido, em alguns casos, à redução da disponibilidade para inovar, participar em projetos ou investir em formação contínua. Contudo, este fator é frequentemente contrabalançado por um forte sentido de missão e resiliência, traduzido no empenho com que os professores bibliotecários e as suas equipas continuam a dinamizar atividades, a integrar as TIC nas práticas educativas e a promover o desenvolvimento de literacias múltiplas entre os alunos.

Os testemunhos recolhidos evidenciam que o sucesso das bibliotecas escolares depende não apenas das suas infraestruturas tecnológicas e recursos materiais, mas sobretudo da dimensão humana, colaborativa e relacional das suas equipas. Os coordenadores entrevistados demonstraram trabalhar diariamente para que as suas bibliotecas sejam espaços vivos, inclusivos e dinâmicos, que estimulam a curiosidade, a aprendizagem e o espírito crítico dos alunos. O seu compromisso, criatividade e dedicação refletem o verdadeiro motor da biblioteca escolar contemporânea: as pessoas que nela acreditam, que a fazem acontecer e que a transformam num espaço essencial de formação, cultura e cidadania.

CONCLUSÕES

A presente dissertação teve como propósito analisar a integração das Tecnologias da Informação e Comunicação nas Bibliotecas Escolares do distrito de Vila Real, considerando, simultaneamente, a sua dimensão estrutural, pedagógica e organizacional.

A investigação recorreu a uma metodologia mista, articulando dados quantitativos provenientes dos questionários do MABE (2015, 2017 e 2019), dados qualitativos recolhidos através de entrevistas a coordenadores da BE e ainda evidências dos planos de melhoria e dos relatórios dos professores bibliotecários. Esta triangulação metodológica permitiu conhecer a realidade das bibliotecas escolares, particularmente no que respeita às condições tecnológicas disponíveis, às práticas de integração das TIC, às perceções dos diferentes intervenientes e às dificuldades enfrentadas no terreno.

Este estudo contribui para o conhecimento científico na área das Bibliotecas Escolares ao proporcionar uma análise longitudinal da integração das TIC, baseada em dados empíricos do MABE e complementada por evidências qualitativas, permitindo compreender não apenas o grau de integração tecnológica, mas também os fatores que a condicionam e as estratégias adotadas para ultrapassar dificuldades. O contributo original desta dissertação reside, assim, na articulação entre dados avaliativos nacionais e a realidade concreta de um contexto regional específico, oferecendo pistas relevantes para a reflexão e para a tomada de decisão.

Apesar dos constrangimentos metodológicos iniciais - nomeadamente a necessidade de assegurar a consistência da amostra dos questionários, optando-se por selecionar apenas as escolas que participaram nos três momentos de recolha, assim como as dificuldades em reunir um número significativo de coordenadores das BE disponíveis para entrevista, levando a diferentes formas de contacto com os diferentes intervenientes - o estudo revelou-se sólido e permitiu responder plenamente aos objetivos desta investigação.

A análise dos resultados confirma que a presença das TIC no contexto escolar é atualmente incontornável e se enquadra nos pressupostos da sociedade da informação e do conhecimento, tal como defendido por autores como Castells e Bates, bem como nas orientações estratégicas da Rede de Bibliotecas Escolares e no próprio Modelo de Avaliação da Biblioteca Escolar. Contudo, à semelhança do que é referido na literatura, a existência de equipamentos não garante, por si só, uma utilização pedagógica eficaz das tecnologias, sendo necessária uma articulação intencional com o currículo e com práticas educativas inovadoras.

Neste contexto, verificou-se que todas as bibliotecas escolares analisadas dispõem de infraestruturas que permitem a utilização das TIC, sobretudo através da existência de computadores fixos onde os alunos realizam tarefas, tais como pesquisas e/ou trabalhos escolares, ou aproveitam os seus tempos livres para atividades de lazer, como ouvir música, ver vídeos ou fazer leituras informais. Apesar dos esforços das equipas das BE e das direções escolares para adaptar os espaços às necessidades, mantém-se um paradoxo entre os equipamentos informáticos das bibliotecas e os equipamentos presentes noutros setores das escolas. O envelhecimento do parque informático, as limitações ao nível da conectividade e a dificuldade de manutenção dos equipamentos continuam a constituir obstáculos relevantes, condicionando a capacidade de resposta das bibliotecas às necessidades atuais dos utilizadores.

As notícias divulgadas pela comunicação social e os dados disponibilizados pelo Instituto de Gestão Financeira da Educação através da sua página oficial destacam que

A Campanha PRR | Escola Digital é um marco na modernização do sistema educativo português. Com uma nova perspetiva no processo de aprendizagem, com a implementação de conectividade, computadores e conteúdos digitais e mais de 600.000 estudantes em 4.500 escolas já beneficiados. A transição digital da educação impacta o futuro do país e de todos os estudantes (IGeFE, 2025).

Esta descrição traduz o esforço nacional de modernização tecnológica, mas contrasta com os resultados deste estudo, que mostram que, ao longo da última

década, o parque informático das bibliotecas escolares raramente foi alvo de atualização. Na maioria dos casos, os equipamentos tornaram-se obsoletos em termos de sistema operativo, desempenho e capacidade de resposta às necessidades dos utilizadores.

Apesar dos problemas existentes no parque informático das BE, claramente evidenciados nos resultados dos questionários, dos planos de melhoria, dos relatórios dos PB e das entrevistas, constituíram, na última década, o principal obstáculo à integração das TIC, a par da falta de recursos financeiros que poderiam mitigar estes estrangimentos, as bibliotecas parecem ter adotado como estratégia prioritária a utilização de outros recursos tecnológicos disponíveis nas escolas. Entre estes destacam-se a utilização de *tablets*, das salas do futuro, dos portáteis disponibilizados pelo programa Escola Digital e, mais recentemente, dos recursos e instalações dos Laboratórios de Educação Digital. Além disso, observa-se uma tendência para realizar atividades diretamente na sala de aula ou, inversamente, para transformar a própria biblioteca em sala de aula, como forma de envolver um maior número de alunos nas iniciativas desenvolvidas. Esta estratégia visa também reforçar a perceção de que a biblioteca deixou de ser apenas um espaço de consulta de livros, afirmando-se como um ambiente dinâmico e atrativo, onde se desenvolvem múltiplas atividades de aprendizagem.

Apesar dessas limitações, a integração das TIC nas atividades da BE revelou-se uma prática consolidada, impulsionada pela iniciativa das equipas das BE e, em particular, pelos professores bibliotecários. As bibliotecas assumem um papel relevante na promoção de experiências de aprendizagem inovadoras, proporcionando aos alunos oportunidades de exploração digital. Esta integração parece ter sido impulsionada por dois fatores determinantes: a formação em capacitação digital, disponibilizada aos docentes nos últimos anos e a experiência adquirida durante o período de ensino a distância, motivado pela pandemia de COVID-19, reforçando a importância da formação contínua, tal como sublinhado no enquadramento teórico. Estes elementos foram amplamente referidos pelos coordenadores entrevistados, que destacaram a rápida adaptação das comunidades educativas a ambientes digitais.

Os dados evidenciam também que a RBE assume um papel estruturante no trabalho das BE. Através das suas orientações, projetos, formações e recursos, a RBE constitui uma fonte permanente de apoio e inspiração para os professores bibliotecários. As atividades promovidas a nível nacional, como “Media@ção”, o “Dia da Internet Mais Segura”, o “Miúdos a Votos”, o “Público na Escola” ou o projeto “Lidera”, são alguns exemplos de iniciativas que as BE dinamizam para reforçar as literacias da informação, digitais e dos média. A participação nestas atividades, associadas a concursos e programas nacionais, é apontada como uma das principais vias de financiamento das BE, que, na maior parte das vezes, pela imposição das regras das próprias iniciativas, permite renovar o fundo documental e adquirir assinaturas de jornais e revistas.

A investigação revelou ainda a crescente importância da comunicação digital no trabalho das bibliotecas escolares. Através de páginas da internet, *blogues*, redes sociais, as BE têm reforçado a sua presença pública, tornando-se espaços centrais de ligação entre a escola e a comunidade educativa. Esta função comunicacional revela-se igualmente estratégica na divulgação do Plano Anual de Atividades e na valorização do trabalho das equipas das bibliotecas.

Em termos globais, os dados sugerem que a integração das TIC nas Bibliotecas Escolares se encontra num processo de consolidação progressiva, ainda que marcado por assimetrias significativas entre escolas e agrupamentos. Esta realidade evidencia que a evolução tecnológica não se traduz automaticamente numa modernização efetiva das BE, sendo fortemente condicionada por fatores estruturais (infraestruturas e equipamentos), organizacionais (gestão e financiamento) e humanos (competências e formação).

Assim, pelo exposto nos parágrafos anteriores e pelo observado ao longo desta investigação, torna-se evidente que o dinamismo de cada coordenador da BE e da respetiva equipa, em particular dos professores bibliotecários, é essencial para a promoção da leitura e para o desenvolvimento das diversas literacias, incluindo a literacia digital. A ação destas equipas contribui, decisivamente, para que a biblioteca se afirme como um espaço estruturante no percurso escolar dos alunos,

proporcionando oportunidades de aprendizagem que se revelam fundamentais ao longo da sua vida.

No que respeita às equipas das BE e aos docentes que colaboram nas atividades por elas dinamizadas, verifica-se uma participação mais expressiva por parte dos grupos disciplinares de línguas.

A amostra de coordenadores entrevistados revelou-se heterogénea, tanto ao nível dos grupos disciplinares de origem como dos anos de experiência profissional. Contudo, nenhum destes fatores se mostrou limitativo para a integração das TIC nas atividades desenvolvidas.

As principais limitações apontadas prendem-se sobretudo com a falta de tempo dos docentes para o cumprimento dos programas curriculares e com a inércia de alguns professores que, devido ao excesso de burocracia existente nas escolas ou ao desgaste acumulado ao longo da carreira, optam por não participar em atividades que não sejam dinamizadas por si próprios ou pelo seu grupo disciplinar.

A frequência das bibliotecas e a utilização dos seus recursos digitais apresenta uma tendência crescente, sobretudo devido às medidas recentes de restrição do uso de telemóveis nos espaços escolares, para os alunos do 1º e 2º ciclos (havendo agrupamentos/escolas não agrupadas a implementarem também medidas restritivas para os restantes alunos). Esta mudança levou ao aumento da procura dos computadores das BE para atividades de lazer e pesquisa, constituindo uma oportunidade para reforçar a ligação dos alunos às iniciativas e projetos da biblioteca. Esta alteração merece ser alvo de estudos futuros, uma vez que poderá influenciar significativamente o papel das BE na vida escolar.

Considera-se igualmente essencial investigar o impacto da medida que permitiu a entrega de um portátil a todos os alunos e professores, uma vez que, tal como refere Ferreira (2025), “Os problemas relacionados com os kits digitais e a infraestrutura de acesso à internet nas escolas foi identificado como um dos principais obstáculos à implementação em sala de aula das competências desenvolvidas na CDD” (p. 21). Estas limitações poderão influenciar significativamente o funcionamento das BE, sobretudo no que diz respeito à integração das TIC no quotidiano destes espaços.

Em síntese, apesar das limitações materiais e organizacionais, as bibliotecas escolares revelam-se estruturas essenciais na promoção das literacias e na integração das TIC nas práticas educativas. As equipas, em particular os professores bibliotecários, demonstram uma capacidade notável de resiliência, criatividade e compromisso, conseguindo dinamizar planos de atividades diversificados, estabelecer parcerias significativas e promover projetos que influenciam positivamente as aprendizagens e o desenvolvimento dos alunos. Assim, confirma-se que as BE constituem um dos pilares das dinâmicas educativas das escolas, desempenhando um papel central na formação integral e no sucesso educativo das crianças e jovens.

A partir dos resultados obtidos, formulam-se algumas recomendações. Ao nível das direções escolares, recomenda-se o reforço do investimento na atualização do parque informático das BE e uma maior valorização estratégica da biblioteca enquanto espaço pedagógico central. Para os decisores políticos, torna-se essencial garantir políticas de financiamento sustentadas, que assegurem a manutenção dos equipamentos, a melhoria da conectividade e a equidade no acesso aos recursos tecnológicos. No que respeita à formação contínua, destaca-se a necessidade de programas específicos e regulares dirigidos aos professores bibliotecários e docentes, centrados na utilização pedagógica das TIC e no desenvolvimento das literacias digitais e da informação.

Importa ainda reconhecer as limitações metodológicas do estudo. A amostra analisada restringe-se às escolas do distrito de Vila Real que participaram nos três ciclos de avaliação considerados, o que limita a generalização dos resultados a outros contextos geográficos. Esta limitação não invalida os resultados obtidos, mas deve ser tida em conta na sua interpretação, reforçando a necessidade de estudos futuros de maior amplitude.

Por fim, retomando a questão central desta investigação - de que forma estão as Tecnologias da Informação e Comunicação a ser integradas nas Bibliotecas Escolares - conclui-se que essa integração se encontra em desenvolvimento, dependente de múltiplos fatores e fortemente influenciada pela ação dos professores bibliotecários. Perspetiva-se, assim, a Biblioteca Escolar como um

espaço estratégico num ecossistema digital educativo, capaz de articular recursos, pessoas e práticas, assumindo um papel central na preparação dos alunos para os desafios presentes e futuros da sociedade digital.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, R. (2023). A Literacia Digital da Geração X em Portugal: as diferenças entre homens e mulheres [Mestrado]. Universidade Católica Portuguesa.
- Amado, J. (2014). Manual de Investigação Qualitativa em Educação (Universidade de Coimbra, Ed.; 2ª edição).
- Balça, Â., & Fonseca, M. A. (2009). Os Docentes e a Biblioteca Escolar: uma relação necessária.
- Balça, Â., & Fonseca, M. A. (2013). O Modelo de Avaliação de Bibliotecas Escolares em Portugal. *Ensino Em Re-Vista*, 20(2), 411–422.
- Barroco, J. A. (2004). As bibliotecas escolares e a formação de leitores. Universidade do Minho. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3400>
- Bates, A. W. (2015). Teaching in a Digital Age: Guidelines for designing teaching and learning. <https://opentextbc.ca/teachinginadigitalage>
- Bates, T. (2017). Educar na era digital: design, ensino e aprendizagem (Artesanato Educacional, Ed.; 1.ª ed.). Artesanato Educacional. opentextbc.ca/teachinginadigitalage/wp-content/uploads/sites/29/2019/10/Educar-na-Era-Digital-pdf.pdf
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). Investigação qualitativa em educação - Uma introdução à teoria e aos métodos (Porto editora, Ed.). https://www.academia.edu/6674293/Bogdan_Biklen_investigacao_qualitativa_em_educacao
- Budin, G. V., Sales, F. de, & Unglaub, T. R. da R. (2023). Inovação em biblioteca escolar em tempos de pandemia. *Revista ACB*, 28(2), 1–14. <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/2061>
- Carvalho, S. M. S. de, Costa, R. da P. F. da, & Miguel, M. C. (2020). Nativos digitais e novas concepções para bibliotecas escolares: o bibliotecário como mediador da informação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e*

- Documentação, 16, 1–18.
<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/download/1385/1220>
- Casanova, M. P., Rocha, A. P., Amarante, L., & Oliveira, I. (2024). Avaliação Formativa na Era Digital: A Perspetiva de um Grupo de Alunos do Ensino Secundário. *Indagatio Didactica*, 16(2), 265–286.
<https://doi.org/10.34624/id.v16i2.35899>
- Castells, M. (2001). *A sociedade em rede* (Fundação Calouste Gulbenkian, Ed.; Vol. 1).
- Coelho, J. D., Moniz, A. B., Figueiredo, A. D. de, Serrano, A., Neves, A. C., Neves, B. B., Dias, B., Correia, C., Zorrinho, C., Montargil, F., Cádima, F. R., Cardoso, G., Coelho, J. D., Bihim, J. abre de F., Caraça, J., Tavares, J. C., Picoito, J., Tavares, J. A., Ramos, J. da C., ... Trigo, V. M. (2007). *Sociedade da informação - o percurso português* (M. Robalo, Ed.; 1ª). Edições Sílabo. <https://apdsi.pt/2007/livro-sociedade-da-informacao-o-percurso-portugues/>
- Comissão Europeia. (2020). *Plano de Ação para a Educação Digital 2021-2027 - Reconfigurar a educação e a formação para a era digital*. <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=CELEX%3A52020DC0624>
- Conde, E. (2005). *A Integração das Tecnologias de Informação e Comunicação na Biblioteca Escolar*. *Revista Proformar online*. http://www.proformar.pt/revista/edicao_9/integracao_tic_be.pdf
- Coutinho, C. (2006). *Aspectos Metodológicos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal*. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6497/1/Clara%20Coutinho%20AFIRSE%202006.pdf>
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (Almedina, Ed.; 2ª edição). <https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=uFmaAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=Metodologias+de+Investiga%C3%A7%C3%A3o+em+Ci%C3%A2ncias+Sociais+e+Humanas&ots=Ghgl->

xbSS9&sig=TCHBCWJWYLFRv5r0R_XYNQ42FgY&redir_esc=y#v=onepage&q=Metodologias%20de%20Investiga%C3%A7%C3%A3o%20em%20Ci%C3%A2ncias%20Sociais%20e%20Humanas&f=false

DGE. (2023). Capacitação Digital das Escolas (CDE) Relatório Intermédio.

DGEEC, D.-G. de E. da E. e C., & DSEE, D. de S. de E. da E. (2020). Estatísticas da Educação 2018/2019 (DGEEC). <https://www.dgeec.medu.pt/artpub/65520ab1455255473193d29b#artigo-6571f58da20385757fa4d0a1>

Dias, M. de L. A. (2011). O papel da biblioteca escolar no desenvolvimento da Literacia de Informação e da Literacia Digital em articulação com a Área de Projeto e outros contextos letivos.

Dias-Trindade, S., & Moreira, J. A. (2018). Avaliação das competências e fluência digitais de professores no ensino público médio e fundamental em Portugal. *Revista Diálogo Educacional*, 18(58), 624–644. <https://doi.org/10.7213/1981-416x.18.058.ds02>

Direção-Geral da Educação. (2022). Plano de Ação para o Desenvolvimento Digital das Escolas (PADDE). <https://erte.dge.mec.pt>

Eisenberg, M. B., & Miller, D. H. (2002). This Man Wants to Change Your Job. *School Library Journal*.

Ferreira, E. (2025). Capacitação Digital de Docentes: Impacto nas práticas pedagógicas. *Revista Portuguesa de Educação*, 38(1). <https://doi.org/10.21814/rpe.36585>

Filho, C. M. de C. (2020). Retrato de modelo da Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal. *Fuentes, Revista de la Biblioteca y Archivo Histórico de la Asamblea Legislativa Plurinacional*, 14(64), 9–13. http://revistasbolivianas.umsa.bo/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1997-44852020000100003&lng=en&nrm=iso

Floridi, L. (2014). *The Fourth Revolution: How the Infosphere is Reshaping Human Reality* (Oxford University Press, Ed.).

Floridi, L. (2015). *The onlife manifesto: Being human in a hyperconnected era*. Em L. Floridi (Ed.), *The Onlife Manifesto: Being Human in a*

- Hyperconnected Era. Springer International Publishing.
<https://doi.org/10.1007/978-3-319-04093-6>
- Fonseca, K. H. O. da, & Machado, C. (2016). A biblioteca escolar no contexto da era digital: papel relevante na promoção do sucesso do processo educativo. *Revista Científica de Educação a Distância - UNIMES*, 8(14), 14.
<https://periodicos.unimesvirtual.com.br/index.php/paideia/article/view/586>
- Franganito, L. F. G. M. (2023). *Ensino de Sistemas de Comunicação Baseados em Web Sockets [Mestrado]*. Universidade de Lisboa.
- Freitas, J. J. de C. C. de. (2004). *Internet na Educação - contributo para a construção de redes educativas com suporte computacional [Doutoramento]*. Universidade Nova de Lisboa.
- Furtado, C. C. (2013, Julho). Biblioteca escolar, nova geração e tecnologias da informação e comunicação. XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação.
<https://www.portal.febab.org.br/cbbd2019/article/view/1244>
- Garcez, E. F. (2009). Sociedade da informação e escola: contribuição das Bibliotecas Escolares. *Biblioteconomia em Santa Catarina*, 9–26.
- Gasque, K. R., & Casarin, H. R. (2016). Design, uso e gestão da biblioteca escolar: políticas públicas e práticas pedagógicas. *Educação em Revista*, 34–58.
- Geraldi, L. M. A., & Bizelli, J. L. (2016, Abril). Tecnologias da informação e comunicação na educação: conceitos e definições. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, (18), 115–136.
<https://doi.org/10.22633/rpge.v0i18.9379>
- Gomes, M. de F. A. R. (2012). *As Implicações do PTE nas escolas de Bragança [Dissertação de Mestrado]*. UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO.
- Granados, A. I. M. L., & Silva, S. A. da. (2025). A biblioteca escolar e a formação do leitor durante a pandemia da covid-19. *Em Questão*, 31.
<https://doi.org/10.1590/1808-5245.31.142284>

- Guimarães, A. de M., & Ribeiro, A. M. (2011). Introdução às tecnologias da informação e da comunicação: tecnologia da informação e da comunicação (UFMG, Ed.). www2.ufjf.br/quimicaead/files/2013/05/ITIC-Tecnologia-da-Informação-e-do-Conhecimento.pdf
- Huang, R. H., Liu, D. J., Tlili, A., Yang, J. F., & Wang, H. H. (2020). Handbook on Facilitating Flexible Learning During Educational Disruption: The Chinese Experience in Maintaining Undisrupted Learning in COVID-19 Outbreak. <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/igo/>
- IFLA. (2015). Diretrizes da IFLA para a biblioteca escolar. <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>
- IFLA/UNESCO. (1999). Manifesto da Biblioteca Escolar. <https://www.ifla.org/publications/iflaunesco-school-library-manifesto-1999/>
- IFLA-UNESCO. (2025). Manifesto da Biblioteca Escolar da IFLA-UNESCO 2025. <https://repository.ifla.org/handle/20.500.14598/4026>
- IGeFE. (2025, Novembro). TD-C20-i01: Transição digital na Educação. Campanha PRR | Escola Digital. <https://www.igefe.mec.pt/Page/Index/107#:~:text=Integrado%20na%20Componente%20C20%2C%20o%20investimento%20TD-C20-i01.01%20tem,curriculares%20e%20da%20moderniza%C3%A7%C3%A3o%20do%20sistema%20educativo%20portugu%C3%AAs.>
- Instituto de Gestão Financeira da Educação. (2025, Outubro 10). Pesquisa da Rede Escolar. Pesquisa da Rede Escolar.
- Instituto Nacional de Estatística. (2015). Sociedade da Informação e do Conhecimento - Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação nas Famílias - 2015. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=224732374&DESTAQUESmodo=2
- Instituto Nacional de Estatística. (2019). Sociedade da Informação e do Conhecimento - Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação nas Famílias - 2019. Em Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação nas Famílias 2019.

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=354447153&DESTAQUESmodo=2

- Koehler, M. J., Mishra, P., Akcaoglu, M., & Rosenberg, J. M. (2013). The Technological Pedagogical Content Knowledge Framework for Teachers and Teacher Educators. ICT Integrated Teacher Education: A Resource Book. <http://tpack.org>
- Lanzi, L. A. C. (2012). Apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação em Bibliotecas Escolares: em busca de um espaço dinâmico. <http://hdl.handle.net/11449/93647>
- Lemos, A., & Cunha, P. (2003). Olhares sobre a cibercultura (Sulina, Ed.). <https://pt.scribd.com/document/398726126/Olhares-Sobre-a-Cibercultura-Andre-Lemos-e-Paulo-Cunha-Orgs>
- Lévy, P. (1999). Cibercultura (34, Ed.).
- Lonsdale, M., Australian Council for Educational Research., & Australian School Library Association. (2003). Impact of school libraries on student achievement : a review of the research ; report for the Australian School Library Association. Australian Council for Educational Research.
- Lowe, C. A. (2000). The Role of the School Library Media Specialist in the 21st Century. ERIC Digest. www.eric.ed.gov
- Mansell, R., & Steinmueller, W. E. (2000). Mobilizing the Information Society: Strategies for Growth and Opportunity (Oxford University Press, Ed.).
- Marques, D. F. C. (2021). O impacto da pandemia de Covid-19 na digitalização do Ensino Superior [Mestrado]. Universidade do Porto.
- Missão para a Sociedade da Informação (Ed.). (1997). Livro verde para a sociedade da informação em Portugal. Ministério da Ciência e da Tecnologia. <https://www.acessibilidade.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/lvfinal.pdf>
- Morais, A. M., & Neves, I. P. (2007). Fazer investigação usando uma abordagem metodológica mista. *Revista Portuguesa de Educação*, 20(2), 75–104. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4392/1/Morais%20A%20M%20%26%20Neves%20I%20P_Fazer%20Investigacao.pdf

- Moran, J. M. (2007). *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá* (Papyrus, Ed.; 3.^a ed.).
- Moreira, J. A. (2021, Abril 1). Sindicato Independente de Professores e Educadores. Por uma Educação Digital OnLIFE pós-covid-19. https://www.sipe.pt/artigos/por-uma-educacao-digital-onlife-pos-covid-19#_ftn1
- Moreira, J. A., Henriques, S., Barros, D., Goulão, M. de F., & Caeiro, D. (2020). *Educação Digital em Rede: Princípios para o Design Pedagógico em Tempos de Pandemia* (Universidade Aberta, Ed.).
- Moreira, J. A., & Horta, M. J. (2020, Outubro 15). Educação e ambientes híbridos de aprendizagem. Um processo de inovação sustentada. *Revista UFG*, 20. <https://doi.org/10.5216/revufg.v20.66027>
- Neves, A. (2021, Junho 1). O impacto da Covid-19 nas Bibliotecas Escolares ou como tentar sobreviver a uma pandemia. *Notícia BAD*. <https://noticia.bad.pt/2021/06/01/o-impacto-da-covid-19-nas-bibliotecas-escolares-ou-como-tentar-sobreviver-a-uma-pandemia/>
- Neves, B. C., Sampaio, D. B., & Rodrigues, Q. (2020). Bibliotecas escolares e tecnologias digitais: uma análise bibliográfica. *P2P E INOVAÇÃO*, 7(1), 146–165. <https://doi.org/10.21721/p2p.2020v7n1.p146-165>
- New York Comprehensive Center. (2011). *Informational Brief: Impact of School Libraries on Student Achievement*. <https://www.lrs.org/data-tools/school-libraries/impact-studies/>
- Novo, A. (2015). *A biblioteca escolar e o sucesso escolar: contributos e desafios*.
- Novo, A. (2023). *Introdução à temática*.
- Oberg, D. (2018). *New International School Library Guidelines*. *Knowledge Quest*, 46(5), 24–31. <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1182645.pdf>
- Oliveira, A. de S. (2019). Notas sobre inclusão digital no espaço escolar à luz dos usos dos memes. *Periferia*, 11(1), 214–230. <https://doi.org/10.12957/periferia.2019.37040>

- Oliveira, R. M. de, Corrêa, Y., & Dias-Trindade, S. (2022). Avaliação formativa em contexto digital com tecnologias digitais interativas. *Estudos em Avaliação Educacional*, 33. <https://doi.org/10.18222/ea.v33.8329>
- Oliveira, I., Pereira, A., Amante, L., & Oliveira, R. (2022). A Prática em Avaliação Digital de Competências. *LE@D*, Universidade Aberta. <https://doi.org/10.34627/leadw.2022.4>
- O'Reilly, T. (2005). *What is Web 2.0*. O'Reilly Media.
- Paixão, J. L. da. (2018, Outubro 23). Avaliação do uso das TIC como ferramentas de ensino-aprendizagem: um estudo de caso no Ensino Técnico. *Revista Científica Semana Acadêmica*. <https://semanaacademica.org.br/artigo/avaliacao-do-uso-das-tic-como-ferramentas-de-ensino-aprendizagem-um-estudo-de-caso-no-ensino>
- Paula, B. H., & Valente, J. A. (2016). Jogos digitais e educação: uma possibilidade de mudança da abordagem pedagógica no ensino formal. *Ibero-americana de Educação*, 70(1), 9–28.
- Pereira, G., Pattuzzo, A., Santana, M. V. B., Moret, R. T. L., & Ribeiro, T. de J. (2021). O lugar da biblioteca e do bibliotecário na base nacional comum curricular. *Brazilian Journal of Information Science: research trends*, 15, e02110. <https://doi.org/10.36311/1981-1640.2021.v15.e02110>
- Pereira, S., & Pereira, L. (2011). Políticas tecnológicas educativas em Portugal : do Projecto Minerva à Iniciativa e-Escolinha. Em U. do M. C. de E. de C. e Sociedade (Ed.), *Congresso Nacional «Literacia, Media e Cidadania»* (pp. 158–168).
- Ponte, J. P. da. (1994). *O Projecto MINERVA Introduzindo as NTI na Educação em Portugal*. Relatório do Projecto MINERVA: Ministério da Educação.
- Prensky, M. (2001). Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon*, 1–6. <https://doi.org/10.1108/10748120110424816>
- Puentedura, R. R. (2013). SAMR: A contextualized introduction. <http://www.hippasus.com/rrpweblog>
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (Gradiva, Ed.; 4ª Edição).

- https://www.academia.edu/9865729/Metodologia_Quivy_e_Campenhout
- RBE. (2012). Aprender com a biblioteca escolar. <https://www.rbe.mec.pt/np4/AcBE.html>
- RBE. (2013). Programa Rede de Bibliotecas Escolares Quadro estratégico: 2014-2020. <https://share.google/brF4IIeru5y2jucio>
- RBE. (2017). Aprender com a Biblioteca Escolar (Rede de Bibliotecas Escolares, Ed.; 2.^a ed.). Referencial de aprendizagens associadas ao trabalho das bibliotecas escolares na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário . www.rbe.mec.pt
- RBE. (2018). Modelo de avaliação da biblioteca escolar.
- RBE. (2020, Novembro 24). Bibliotecas híbridas: respostas eficazes em tempos incertos. <https://blogue.rbe.mec.pt/bibliotecas-hibridas-respostas-eficazes-2385425>
- RBE. (2021). A Biblioteca Escolar no Plano de Ação para o Desenvolvimento Digital da Escola. https://rbe.mec.pt/np4/file/635/padde_be.pdf
- RBE. (2024a, Janeiro 25). Blogue RBE. Bibliotecas escolares – detalhes que transformam. <https://blogue.rbe.mec.pt/espacos-de-biblioteca-a-infraestrutura-2867719>
- RBE. (2024b, Junho 18). Blogue RBE. As bibliotecas escolares reconfiguram-se: Relatos de uma experiência. <https://rededebibliotecasescolares.blogs.sapo.pt/espacos-de-biblioteca-reconfigurar-para-2868295>
- Rede Bibliotecas Escolares. (2011). gestão da coleção (Ministério da Educação, Ed.).
- Redecker, C. (2017). European Framework for the Digital Competence of Educators: DigCompEdu. Publications Office of the European Union
- Ritta, V. I. M., & Scherer, R. P. (2024). A utilização de tecnologias assistivas em bibliotecas escolares do Instituto Federal Sul-rio-grandense. Ensino em Perspectivas, 5(1), 1–13. <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas>

- Robaina, J. V. L., Fenner, R. dos S., Martins, L. A. M., Barbosa, R. de A., & Soares, J. R. (2021). Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa em Educação em Ciências. Em Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa em Educação em Ciências (1.^a ed., Vol. 1). Editora BAGAI. <https://doi.org/10.37008/978-65-89499-05-3.05-01-21>
- Rodrigues, A. L. (2020). Tecnologias e metodologias para o desenvolvimento de competências na Biblioteca Escolar - Estudo de caso em Portugal. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, 25(2), 365–382.
- Rodrigues, C. L. (sem data). A Biblioteca Escolar em rede e sua contribuição para novas práticas de aprendizagem.
- Rodrigues, J. (sem data). Bibliotecas escolares: lugares de aprendizagem e informação.
- Rodrigues, P. N., Pereira, G., Batista, C. E. M., & Zanella, F. M. (2022). Atuação do bibliotecário escolar na pandemia, segundo a visão da Abes. *Biblioteca Escolar em Revista*, 8(2). <https://doi.org/10.11606/issn.2238-5894.berev.2022.200584>
- Sá, P., Costa, A. P., & Moreira, A. (2021). Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: recolha de dados (Universidade de Aveiro, Ed.; 1^a edição, Vol. 2). <https://doi.org/10.34624/ka02-fq42>
- Santos, R. dos, & Carvalho, F. da S. P. de. (2019). Meme e educação: práticas educativas em rede. *Periferia*, 11(1), 7–15. <https://doi.org/10.12957/periferia.2019.40063>
- Santos, J. R., & Henriques, S. (2021). Inquérito por questionário: Contributos de conceção e utilização em contextos educativos (Universidade Aberta). <https://doi.org/10.34627/3s9s-k971>
- Schlemmer, E., & Moreira, J. A. (2020). Ampliando conceitos para o paradigma de educação digital onlife. *Revista Interações*, 55, 103–122.
- Selwyn, N. (2012). *Education and Technology: Key Issues and Debates*.
- Silva, L. M. (2002). *Bibliotecas Escolares e Construção do Sucesso Educativo* (Universidade do Minho, Ed.).
- Silva, M. M. (2012). *Tecnologias e educação: o paradigma emergente* (Loyola, Ed.).

- Silva, R. A. (sem data). Os memes das redes sociais: um olhar transdisciplinar. Obtido www.conedu.com.br
- Small, R. (2002). Collaboration: Where does it begin? *Teacher Librarian*.
- Softlink. (2020). The 2020 Softlink School Library Survey. <https://www.softlinkint.com>
- Stripling, B. (1996). Quality in school library media programs: focus on learning - Perspectives on Quality in Libraries. *Library Trends*.
- UNESCO. (2008). ICT competency standards for teachers: Policy framework. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000153474>
- UNESCO. (2018). A Global Framework of Reference on Digital Literacy Skills for Indicator 4.4.2.
- UNESCO. (2023). Global Education Monitoring Report 2023: Technology in education: A tool on whose terms? (UNESCO). UNESCO. <https://doi.org/10.54676/UZQV8501>
- Valente, J. A. (1999a). Tecnologias e educação: a necessidade de mudar. Em *Tecnologias na educação: ensinando e aprendendo com as tecnologias* (pp. 17–52). UNICAMP.
- Valente, J. A. (1999b). *Tecnologias na educação: o novo ritmo da escola* (Papyrus, Ed.).
- Valente, J. A. (2005). Em palestra para o II E-TIC. *Educação e Cultura Contemporânea*, 2(3), 11–28.
- Valente, J. A. (2014). A Comunicação e a Educação baseada no uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. *Revista UNIFESO – Humanas e Sociais*, 1(1), 141–166.
- Valente, J. A. (2016). Integração do pensamento computacional no currículo da educação básica: diferentes estratégias usadas e questões de formação de professores e avaliação do aluno. *Revista e-Curriculum*, 14(3), 864–897. <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>
- Valente, J. A., & Almeida, M. E. B. (2022). Tecnologias e educação: legado das experiências da pandemia COVID-19 para o futuro da escola. *Panorama Setorial da Internet*, (2).

- Valente, J. A., Freire, F. M. P., & Arantes, F. L. (2018). Tecnologia e educação: passado, presente e o que está por vir. www.nied.unicamp.br/wp-content/uploads/2018/11/Livro-NIED-2018-final.pdf
- Van Dijk, J. (2005). *The Deepening Divide: Inequality in the Information Society*. Sage Publications.
- Veiga, Isabel, Barroso, C., Calixto, J. A., Calçada, T., & Gaspar, T. (1996). Lançar a rede de bibliotecas escolares (Ministério da Educação, Ed.; 1ª). Ministério da Educação. [https://www.rbe.mec.pt/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=105&fileName=lancar_rbe.pdf](https://www.rbe.mec.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=105&fileName=lancar_rbe.pdf)
- Veiga, I., Barroso, C., Calixto, J. A., Calçada, T., & Gaspar, T. (1996). Relatório síntese: Lançar a rede de bibliotecas escolares (Ministério da Educação, Ed.; 2ª). Ministério da Educação.
- Vidotti, S. A. B. G., Lanzi, L. A. C., & Ferneda, E. (2014). A mediação da informação aliada ao uso das tecnologias da informação e comunicação em uma biblioteca escolar. *Informação & Informação*, 19(2), 117–137. <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2014v19n2p117>
- Viñao, A. (2002). ¿Está preparado el profesorado para trabajar en las bibliotecas?: un modelo de formación docente.
- Zmuda, A., & Harada, V. H. (2008). Reframing the Library Media Specialist as a Learning Specialist. *School Library Media Activities Monthly*, XXIV(8), 42–46.

APÊNDICES

APÊNDICE I

GUIÃO DE ENTREVISTA

**GUIÃO DE ENTREVISTA AOS
COORDENADORES DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES**

Tema:

As Tecnologias Digitais nas Bibliotecas Escolares

Objetivos Gerais:

- Verificar se as infraestruturas da BE disponibilizam meios para a utilização das Tecnologias Digitais.
- Saber de que forma as BE integram as Tecnologias Digitais nas suas atividades.
- Identificar as dificuldades das BE na integração das Tecnologias Digitais e quais as estratégias que utilizam para as superarem.

Organização Temática da Entrevista:

- I. Legitimação, motivação e caracterização do entrevistado
- II. Infraestruturas da BE
- III. Utilização das Tecnologias Digitais nas BE
- IV. Utilização da BE por parte da Comunidade Educativa
- V. Dificuldades das BE na integração das Tecnologias Digitais
- VI. Estratégias de integração das Tecnologias Digitais nas BE
- VII. Complemento

Matriz da Entrevista:

Blocos temáticos	Objetivos Específicos	Tópicos/Questões
I. Legitimação, motivação e caracterização do entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Legitimar a Entrevista. ▪ Motivar os entrevistados. ▪ Obter dados biográficos, académicas e sobre a situação profissional do entrevistado. ▪ Dar a palavra aos entrevistados a fim de se desinibirem. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Informar os entrevistados sobre os objetivos da investigação; ▪ Salientar a importância da sua participação na realização desta investigação; ▪ Assegurar a confidencialidade dos dados fornecidos; ▪ Solicitar autorização para fazer a gravação em áudio da entrevista; ▪ Solicitar informações sobre: <ul style="list-style-type: none"> ○ Habilitações académicas; ○ Funções desempenhadas no Agrupamento/Escola; ○ Tempo de Serviço como docente; ○ Tempo de serviço como Coordenador da BE; ○ Situação profissional; ○ Grupo disciplinar;
II. Infraestruturas da BE	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Obter uma visão geral das infraestruturas existentes. ▪ Fazer um levantamento dos equipamentos disponíveis em termos das 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais são as principais instalações da BE que coordena? 2. Que equipamentos estão disponíveis para a utilização das Tecnologias Digitais pelos alunos e docentes dentro da BE? 3. Quais foram as infraestruturas ou equipamentos que foram melhorados nos últimos anos? 4. Estão afetos à BE alguns equipamentos informáticos no

	Tecnologias Digitais.	âmbito do programa Escola Digital ou de outro programa? Quais?
III.Utilização das Tecnologias Digitais nas BE	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreender de que forma alunos e professores utilizam as Tecnologias Digitais na BE. ▪ Fazer o levantamento dos recursos em termos de Tecnologias Digitais disponíveis. 	<p>5. De forma geral, como é que os alunos e professores utilizam as Tecnologias Digitais existentes na BE?</p> <p>6. A BE, que coordena, disponibiliza recursos digitais, tais como Escola virtual, Aula digital, software educativo, e-books ou videojogos?</p> <p>7. A BE tem jornais e/ou revistas em suporte digital?</p>
IV.Utilização da BE por parte da Comunidade Educativa	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Perceber qual a importância da BE junto da Comunidade Educativa. ▪ Fazer o levantamento de como e por quem a BE é utilizada. 	<p>8. Sente que a BE é uma prioridade do seu Agrupamento? Porquê?</p> <p>9. Existem diferenças na utilização da BE pelos alunos consoante a sua faixa etária ou pelos professores consoante o seu grupo disciplinar?</p> <p>10. Quais as principais atividades desenvolvidas pelos alunos e docentes na BE?</p>
V.Dificuldades das BE na integração das Tecnologias Digitais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conhecer as principais dificuldades na integração das Tecnologias Digitais na BE. ▪ Fazer o levantamento da qualidade do parque informático e da Internet. 	<p>11. Como classifica a literacia digital dos alunos e docentes que frequentam a BE?</p> <p>12. Quais as principais dificuldades sentidas para integrar mais as Tecnologias Digitais na BE?</p> <p>13. Como avalia o parque informático e a ligação à Internet existente na BE?</p>

<p>VI.Estratégias de integração das Tecnologias Digitais nas BE</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreender quais as estratégias adotadas para integrar as Tecnologias Digitais nas BE. 	<p>14. Considera que as Tecnologias Digitais estão bem integradas no dia a dia da BE? Porquê?</p> <p>15. Quais as principais estratégias que implementou para que a BE conseguisse integrar as Tecnologias Digitais?</p>
<p>VII.Complemento</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Recolher elementos complementares. 	<p>16. Deseja acrescentar algo que não tenha sido abordado e que considere importante?</p>

APÊNDICE II

CARTA DE ENTREVISTA



Exmo/a. Sr./a. Coordenador/a
da Biblioteca Escolar

Venho por este meio solicitar a sua colaboração na investigação que estou a realizar no âmbito do meu mestrado em "Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares" da Universidade Aberta. Pretende esta investigação contribuir para uma discussão e reflexão sobre de que forma é que as Tecnologias Digitais estão presentes nas BE, do distrito em estudo (Vila Real). Por isso, venho solicitar-lhe que se disponibilize a realizar uma entrevista, na sua qualidade de Coordenador/a da BE do seu Agrupamento/Escola. Realço que esta entrevista constitui um instrumento fundamental para este trabalho de investigação.

Os dados recolhidos serão tratados de forma anónima e apenas serão utilizados no âmbito deste trabalho de investigação.

Caso esteja disponível para esta entrevista, a mesma será agendada consigo e decorrerá na escola onde se situa a Biblioteca que coordena.

Em caso de dúvida, poderá contactar-me através dos seguintes contactos:

- Telemóvel: 962648264
- E-mail: claudiclmarques@gmail.com

Acreditando que a cooperação começa no diálogo e tal como referiu José Saramago "A palavra é talvez a melhor invenção da humanidade.", fico a aguardar a sua resposta, agradecendo, desde já, a atenção dispensada, assim como a sua disponibilidade.

Com os melhores cumprimentos,

Cláudia Marques

APÊNDICE III

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS

Entrevista 1

-Então, antes de mais, muito obrigada por ter aceitado que eu viesse aqui fazer a entrevista. Só para enquadrar, a entrevista é no âmbito da minha investigação do meu mestrado em Gestão de Informação e Bibliotecas Escolares da Universidade Aberta. Realço que esta entrevista constitui um instrumento fundamental para este trabalho de investigação.

Os dados recolhidos serão tratados de forma anónima e apenas serão utilizados no âmbito deste trabalho de investigação.

Peço-lhe então a autorização para fazer a gravação da entrevista.

-Sim, claro.

-Muito obrigada.

Passamos então aqui... Para fazermos aqui a sua caracterização, neste caso, pedia-lhe: quais são as suas habilitações académicas?

-Tenho licenciatura. Em ensino de Português-Francês na Universidade do Minho. E depois fiz pós-graduação em Educação de Bibliotecas, mais tarde, em 2002.

-As funções desempenhadas no agrupamento ou na escola?

-Sou professora bibliotecária e acumulo a função de coordenadora das bibliotecas. Nós temos três bibliotecas no agrupamento. E o senhor diretor nomeou-me como coordenadora.

Tenho assento em Pedagógico. Também sou professora de Francês, do 9º ano. Também integro a equipa PADDE, de Desenvolvimento Digital do Agrupamento.

E também integro a equipa de Estratégia de Cidadania. Assim que me lembre, são essas as funções.

-O tempo de serviço como docente?

-Ora, comecei aos 22... 32 anos de serviço.

-O tempo de serviço como coordenadora da biblioteca escolar?

-2006... 19 anos. Estou cá há 19 anos.

-Situação profissional?

-Sou professora do quadro do agrupamento.

-Daqui?

-Sim.

-O grupo disciplinar?

-Do 320, Português-Francês.

-Então agora vamos mais às perguntas concretas da minha investigação:

Quais são as principais instalações da biblioteca escolar que coordena?

-Eu coordeno o serviço de bibliotecas do agrupamento. Temos 3 bibliotecas na Rede de Bibliotecas. Uma na Escola *****, que é uma escola com crianças e meninos do pré-escolar e primeiro ciclo. Temos cerca de 500, 520.. talvez, não sei. Ainda escrevi estes dados há pouco... porque já estou a preencher a base de dados da RBE... 522 alunos.

47 Depois temos uma biblioteca aqui na Escola Básica de *****, com 250 alunos. E temos aqui,
48 na Escola Sede, esta biblioteca que serve cerca de mil alunos, de 3º ciclo, secundário e
49 profissional.

50

51 **-Que equipamentos estão disponíveis para a utilização das tecnologias digitais pelos alunos**
52 **e docentes dentro da biblioteca escolar?**

53 -Temos computadores fixos, de mesa. Como vê, tínhamos 14, agora já temos menos dois, que
54 estragaram-se, estão em reparação - para alunos. Depois, para professores, temos 2. E temos
55 também 5/6 em cada uma das outras escolas, todos fixos. Além dos computadores, temos,
56 no centro escolar, um painel interativo. E no *****, temos um projetor multimédia. E aqui, o
57 painel interativo, também está na escola, mas não está aqui na biblioteca o tempo inteiro.
58 Quando precisamos dele, ainda precisámos, na semana passada, esteve aqui a semana toda,
59 para sessões com turmas, vamos buscá-lo. Está no gabinete do diretor, para servir vários
60 serviços.

61

62 **-Ou seja, não é afeto aqui à biblioteca.**

63 -Não é afeto. Eu já tentei que o afetassem à biblioteca, mas foi um equipamento colocado
64 nas escolas na altura da criação dos laboratórios LED, pela autarquia. Foi um programa que
65 houve, que se chamava PCI, que era Plano de Desenvolvimento... Já não sei ao certo a
66 designação... E a autarquia equipou as escolas com laboratórios LED. Temos um aqui, temos
67 outro na *****. E esses quadros interativos vieram nesse âmbito. E no centro escolar ficou
68 mesmo para a biblioteca, está lá o tempo inteiro. E é um recurso muito, muito importante.
69 Mas aqui ainda não tivemos. Mas vamos ver, pode ser que com o tempo que venha.

70

71 **-Quais foram as infraestruturas ou equipamentos que foram melhorados nos últimos anos?**

72 -Nos últimos anos... O ano anterior, por exemplo, tivemos... Aliás, no ano letivo anterior e
73 final do ano antes, tivemos uma requalificação lá em cima no centro escolar. Já era uma
74 biblioteca... A escola abriu em 2010 e já precisava de uma intervenção porque é muito usada.
75 Nós temos 1 hora, no horário de cada turma, marcado para ir à biblioteca. O que é excelente.
76 Tem uma taxa de utilização muito elevada e uma taxa de requisição domiciliária que deve ser
77 das mais altas do país também. Acaba por ser de contagem. Um leva livros, os outros todos
78 levam. E então nós, tanto o equipamento, temos puffs, sofás que estão muito gastos, muito...
79 E o fundo documental também. Então fizemos uma proposta de requalificação que
80 apresentámos ao nosso diretor e à autarquia. Alterámos a disposição do mobiliário todo e
81 pedimos apoio para a renovação do fundo documental e dos equipamentos.

82 Renovaram-nos 4 puffs... e o resto vamos ver como é que fazemos. Nós candidatamos
83 sempre, quando há candidaturas da RBE, fazemos a candidatura, recebemos apoio para
84 reforço do nosso programa "A Ler Mais e Melhor" - Mil livros... E que vamos investir em fundo
85 documental. Já é um bocadinho. Vamos agora fazer uma feira de livros usados. Os pais vão
86 envolver-se para isso, o que também é muito bom. Conseguimos sempre comprar um número
87 substancial de obras. E também nos candidatamos agora ao "10 minutos a ler" e fomos
88 selecionados. Mas ainda estamos a aguardar... Todos os anos nós fazemos isso para
89 conseguirmos novos títulos e manter os miúdos presos à biblioteca.

90 **-Claro.**

91 -No centro escolar fizemos isso. Na ***** também fizemos a proposta de requalificação. Mas
92 ainda está, já está tudo pronto, o documento todo pronto... Já apresentámos ao diretor,
93 enviámos à autarquia e estamos a aguardar que... avançar. Estamos a aguardar...

94 **-Ok.**

95 -Aqui assim, não... Tem-se mantido. Também é mais recente, não é? Porque esta escola foi
96 alvo de intervenção pelo parque escolar, em 2012. E, portanto, ainda é mais recente e ainda
97 está em bom estado. Realmente os equipamentos, a parte da informática, requeria
98 intervenção. Mas não dá para tudo. E temos tentado ao máximo ir mantendo...

99
100 **-Mas não conseguem melhorar, não é?**

101 -Sim, sim. Para já vamos no que é mais urgente, que é em cima, não é?

102 **-Ok.**

103 **Estão afetos à biblioteca escolar alguns equipamentos informáticos no âmbito do programa**
104 **Escola Digital ou de outro programa e quais?**

105 -É assim, como disse há bocadinho, temos o painel interativo lá em cima no centro escolar e
106 aqui também usamos no âmbito daquele tal programa de combate ao insucesso escolar.

107 E no âmbito da Escola Digital temos feito a substituição dos discos do computador para os
108 tornar mais rápidos, não é? O colega que faz essa manutenção, ainda o ano passado, fez a
109 substituição dos discos. E vamos andando assim, porque o equipamento é excelente. Os
110 miúdos preferiam ter um portátil, assim mais moderno, mas desde que ele funcione bem, não
111 é? Temos feito isso só.

112

113 **-Mas da Escola Digital, foi um dos programas que eu aqui referi... É aquele kit que vai para**
114 **os professores e para os alunos, que é portátil, os fones...**

115 -Sim, sim. Isso não...

116 **-Esse não tem nada afeto à biblioteca...**

117 -Não, não...

118 **-Ok, pronto. Só mesmo para esclarecer essa parte...**

119 **De forma geral, como é que os alunos e professores utilizam as tecnologias digitais**
120 **existentes na biblioteca escolar?**

121 -Bem, como é que eles usam as tecnologias? Em contexto letivo, os professores vêm muito
122 para a biblioteca, como esta biblioteca comporta uma turma, trabalham dois a dois, são 12
123 computadores dá para 24 alunos. Temos uma taxa de requisição de uso da biblioteca, em
124 contexto letivo, muito elevada. E usam para trabalho mesmo, acesso a plataformas,
125 realização de avaliações online, criação de produtos. Eles fazem apresentações, fazem vídeos,
126 fazem podcasts.

127

128 **-Tanto os professores como alunos?**

129 -Sim, os professores também vêm muito para aqui fazer a preparação. Às vezes até me pedem
130 para eu... Por exemplo, quando nós tínhamos uma plataforma moodle, depois passámos para
131 a Google Classroom, há muitos professores que não dominavam e vêm cá e pedem ajuda para
132 criar turmas, este género... E nós apoiamos, não é? Até eu trago sempre o meu portátil,
133 porque acaba por ser mais rápido e tenho as coisas mais organizadas e acontece muito isto
134 de vir cá e explicar como é que se faz e eles aderem muito bem.

135 **-Acaba por utilizar um computador pessoal porque é mais rápido do que este que tem cá,**
136 **certo?**

137 -Este computador é da biblioteca, faz parte do acervo da biblioteca. Comprámo-lo também
138 no âmbito de um financiamento de um projeto e faz parte do acervo da biblioteca.

139 Eu uso, claro, para trabalho na biblioteca e tenho sempre aqui. E sim, é mais ou menos isso.
140 Os miúdos também vêm muitas vezes... Às vezes os professores estão em sala de aula a fazer,
141 por exemplo, lançam desafios, mas alguns não têm telemóvel, porque aqui ainda usam
142 telemóvel, não é? E então eles requisitam a biblioteca e nós supervisionamos, fazemos essa

143 parte deles. Vêm responder aos desafios aqui. E os miúdos também acedem a sites para
144 autoformação. Há muitos miúdos que ouvem, não é? Tutoriais, etc. Também é uma forma de
145 usar a tecnologia. E para o ler, eles também leem online, revistas. E nós temos, como a nossa
146 página da biblioteca já tem acesso a algumas publicações em linha, nós também os
147 encaminhamos. Às vezes estão um bocadinho perdidos. Nós dizemos, não. Olha, vai lá, ainda
148 estás a ver isso? Isso se calhar já viste ou não é tão interessante. E pronto, este género.

149

150 **-(De forma geral, como é que os... Peço desculpa, esta já disse...)**

151 **A biblioteca escolar que coordena disponibiliza recursos digitais tais como escola virtual,**
152 **aula digital, software educativo, ebooks ou videojogos?**

153 -Não.

154

155 **-A biblioteca escolar tem jornais e/ou revistas em suporte digital?**

156 -Só a Visão Júnior.

157

158 **-Sente que a biblioteca escolar é uma prioridade do seu agrupamento e porquê?**

159 -Sinto. Sinto que é uma prioridade do nosso agrupamento. Em primeiro lugar, está presente
160 nos documentos estruturantes do agrupamento. Depois, eu como coordenadora da
161 biblioteca tenho assento em Conselho Pedagógico. O que mais?... Assim... A direção tem o
162 cuidado de manter os espaços de acordo com os nossos pedidos, com as nossas propostas.
163 Tem o cuidado de, quando pode, porque a nível financeiro é complicado, atribuiu uma verba
164 às nossas bibliotecas, uma verba anual, seja para a aquisição de fundo, seja para o
165 desenvolvimento do plano anual de atividades. Nós temos um plano anual de atividades
166 bastante exigente e temos uma verba para isso. Quando vêm escritores, há sempre o cuidado,
167 por exemplo, de virem os meninos da aldeia. Temos escolas da aldeia. O ano passado tivemos
168 oficinas de escrita, tivemos sessões de conto, trouxemos pessoas de longe.

169 Tivemos o Pedro Chaves Freitas, tivemos o Lmares. Acho que são atividades que exigem
170 ainda um dispêndio grande. E a direção e o pedagógico depois, concordaram, validaram.

171 A biblioteca envolve a comunidade toda em projetos e eventos. Nós temos desde 2010 uma
172 atividade que são os encontros de leitura à noite que trazem à escola todos os meses cento e
173 tal de pessoas. E isso tem uma projeção muito grande na comunidade.

174 Toda a gente já veio um encontro de leitura na *****, ou na *****, ou no Centro Escolar.
175 Também já fizemos nas aldeias, em articulação com os departamentos. Articula com os
176 departamentos os temas, as temáticas de cada encontro, seja de cidadania.

177 Já tivemos de ciência, em que os colegas das ciências depois aproveitaram no fim do serão de
178 leituras e fizemos uma observação do céu. Coisa que nas aldeias há muitas pessoas nunca
179 tinham visto um telescópio. E isso é muito giro e bom.

180 Por exemplo, quando fizemos nas aldeias... O nosso diretor ainda no ano passado disse:
181 “temos que voltar a fazer nas aldeias porque é mais uma festa lá”. Não é só a festa do verão,
182 não é?

183 **-Claro, claro.**

184 -E, portanto, eu acho que esse leque de atividades e de projetos que temos... O ano passado,
185 por exemplo, fizemos o concurso concelhio de leitura, que envolveu todos os alunos de *****
186 dos três agrupamentos, com uma prova oral final. Levamos, em parceria com a autarquia,
187 eles ofereceram depois o prémio que nós propusemos, que foi uma visita a Lelo, para os
188 vencedores. Eu acho que sim, eu acho que a nossa biblioteca é uma prioridade no
189 agrupamento e os colegas reconhecem isso, porque colaboram connosco. Não todos, como

190 gostaríamos, não é? Mas na sua maioria colaboram e acho que temos uma imagem muito
191 positiva.

192

193 **-Muito bem. Existem diferenças na utilização da biblioteca escolar pelos alunos consoante
194 a sua faixa etária ou pelos professores consoante o seu grupo disciplinar?**

195 -Eu acho que sim, comparando as três bibliotecas que temos, em que lá em cima, em *****,
196 são mais pequeninos, e esses usam a biblioteca mais para pesquisa de informação, para
197 leitura, sobretudo. Também usam tecnologia, mas muito orientada.

198 À medida que vão crescendo, vão chegando à biblioteca autonomamente, já não vão
199 acompanhadas do senhor professor, não é? Porque eles têm um horário mais livre, por
200 exemplo, têm hora de almoço em que estão na escola e vão para a biblioteca, ou vão jogar a
201 bola, ou outra coisa qualquer, mas quando vão para a biblioteca vão sozinhos, não vão com
202 o professor. E aí, sim, eles vão muito para a parte da área da tecnologia, da zona de
203 computadores, querem ir pesquisar, querem ir enviar e-mails, querem ir responder a
204 questões que os professores colocaram, querem ir ver, pesquisar, navegar...

205 **-Outras coisas do interesse deles...**

206 -Agora, relativamente aos professores, os professores vêm muito à biblioteca, por exemplo,
207 para ler o jornal do dia que chega, vêm muito à biblioteca para isso, e quando vão para os
208 computadores é mesmo para trabalho, não é? Não vão para computadores, pelo menos o
209 que eu observo aqui, não vão para os computadores como os meninos, para o lazer, vão para
210 os computadores para o trabalho.

211

212 **-Mas acha que a nível de grupo disciplinar, há distinção entre... Por exemplo, há algum
213 grupo que utiliza mais?**

214 -Não, acho que não.

215 **-Ou os alunos de uma determinada faixa etária que utilizam mais a biblioteca? Isto a nível
216 de alunos e de professores, a nível de grupo disciplinar?**

217 -Não, isso acho que não.

218

219 **-Não nota a distinção?**

220 -Noto a distinção da faixa etária, os pequeninos usam mais para pesquisa e para leitura, e os
221 maiores já preferem a parte do multimédia, isso é verdade.

222 Não quer dizer que não, eu tenho aqui, por exemplo, na secundária, tenho muitos meninos
223 que vêm para a biblioteca para estudar. Para estudar. E vão sempre para aquela zona de trás,
224 estudam e estão ali, e quando têm dúvidas, até perguntam: "oh professora, sabe, tem algum
225 professor de matemática?" E eu até vou chamar, porque matemática eu não consigo explicar,
226 e vou chamar colegas.. Deste género assim.... Agora, não, essa questão acho que não.

227

228 **-Quais as principais atividades desenvolvidas pelos alunos e docentes na biblioteca escolar?
229 Acabou por ir respondendo na anterior, não foi?**

230 -Pois, é verdade, é verdade.

231 Pronto, como disse, eles acabam por usar para produzir, para criar produtos, e também para
232 aceder a conteúdos, de várias áreas, e para aprender, os meninos hoje em dia, eu noto isso,
233 quando comecei com as bibliotecas, que já foi há tempo, também a parte do digital não estava
234 tão desenvolvida, mas os miúdos hoje em dia aprendem muito por tutoriais. Muito
235 engraçado. Eu tenho aqui até, que pode ver, tem aí um miúdo que está focado em... em criar
236 animais, em criar coisas com papel, então vai para os tutoriais para ver como se faz, e faz, e
237 faz, e faz bem.

238 **-Sim, fica giro!**
239 -Muito giro! Então depois vem me oferecer - já fiz um novo - pronto, ok. Aprendem muito
240 assim por tutoriais, é giro ver isso, não é? E também, interação com outros, online. Vêm
241 muito, às vezes estão, eu digo, olha, mas põem os fones e eu digo: “o que é que estás a fazer?”
242 Ah, então, aí um amigo, não sei o quê, então, ok, interação com outros, online.
243 Se calhar estão ao lado com outro colega, e até nem falam com ele, não é? Mas, sim.
244 **-Podem ter amigos mais distantes...**
245 -sim, sim, sim, com habilidades que não têm com os colegas aqui ao lado, não é?
246
247 **-Como classifica a literacia digital dos alunos e docentes que frequentam a biblioteca**
248 **escolar?**
249 -Hum, isso é muito difícil. Porque nós, na nossa biblioteca escolar, temos um público muito
250 alargado, das 3 aos 18 anos de alunos, não é? Depois também temos os docentes e não
251 docentes, e a literacia digital implica muita coisa.
252 Sei lá, eu acho que, eu acho que, os mais novinhos, eu acho que é difícil de agrupar. Há muitos
253 fatores a considerar, não é?
254 **-No geral.**
255 -Desde a frequência de uso das tecnologias, a autonomia que eles demonstram, até a
256 variedade de ferramentas que usam. Eu acho que os mais novinhos, talvez num nível
257 fundamental, acedem, usam algumas ferramentas, mas depois temos aqui, no secundário e
258 miúdos, já num nível mais avançado.
259 **-Então é boa?**
260 -No geral, será intermédio, talvez, digo eu, não é? Será intermédio...
261 **-Tanto de alunos como de docentes?**
262 -Sim, porque os docentes, aqui há uns anos atrás não diriam isso, mas agora com a
263 capacitação digital, já vão...
264 **-Nota-se a diferença, então, é isso?**
265 -Nota-se a diferença, eu acho. Não tanto como eu pensei que seria. Eu pensei que a
266 capacitação digital que iria impulsionar um pouco mais, mas melhorou muito, eu acho.
267 **-No entanto, ainda nota algumas lacunas, digamos assim, porque...**
268 -Acho que as pessoas que têm muito medo de arriscar, porque continuam com medo de
269 arriscar, mas já arriscam mais, já vão um bocadinho mais além.
270 **-Porque ainda há bocadinho falou, por exemplo, em ajudar a criar as turmas no Classroom...**
271 **Portanto, eles até querem, mas depois não têm...**
272 -Sim, sim... Mas têm medo de estragar...
273 **-Exato, mas procuram ajuda.**
274 -Não há problema, avança sem medo. Ai, não, é isso do campo... Ai, não, Deus me livre, diz-
275 me lá. E fazem, e fazem, que antes não faziam, que antes queriam ver fazer, queriam que eu
276 fizesse, não é? Pronto, agora já fazem. Mas tem que ter alguém a ver.
277 **-Exatamente, a orientar, não é?**
278 -É.
279 **-Quais as principais dificuldades sentidas para integrar mais as tecnologias digitais na**
280 **biblioteca escolar?**
281 -Temos insuficiência de equipamentos, não é? Isso é notório. O ideal era que tivéssemos mais
282 computadores, até portáteis, e acho que isso foi o que nós, o ano passado, na requalificação
283 do centro escolar pedimos. Portáteis, porquê? Porque dá uma maior mobilidade dos alunos,
284 se eles estão a trabalhar em grupo e querem trabalhar na área das ciências, levam o

285 computador para lá, agrupam-se ali e estão perto dos recursos. Não há suficientes
286 equipamentos. A rede de internet tem estado muito instável. Piorou nos últimos um, dois
287 anos, eu acho. E depois, também, eu acho que continuamos a ter resistência de alguns
288 professores que preferem os métodos tradicionais, não é? Porque sentem-se mais à vontade,
289 sentem-se mais seguros. Isso é verdade. Também decorrente da postura de alguns alunos.
290 Alguns miúdos associam a tecnologia ou digital a brincar, a lazer. E isso depois acaba por
291 condicionar. E o que mais? Sei lá, talvez também, isso, também sinto eu, a falta de tempo
292 para nos atualizarmos, não é? Porque nós vamos usando e eu até tenho o cuidado e gosto, é
293 uma área que eu gosto muito da tecnologia, mas há sempre coisas a aparecer, aplicações
294 novas, interessantes até, e não temos, assim, muito tempo, porque temos uma vida
295 complicada. Mas sim, acho que esses são os principais fatores.

296 Eu sempre me lembro.

297 **-Ao fim e ao cabo é também, não só por o que disse agora, mas há pouco mais atrás, e eu**
298 **também estou a olhar para os computadores, não têm o financiamento para adquirir**
299 **equipamento informático, não é?**

300 -Pois não, não temos.

301 **-Tudo aquilo que conseguem, acabam por investir no fundo documental, não é?**

302 -Sim. Tivemos aqui há uns anos, já não sei exatamente quando foi, que fizemos uma
303 candidatura à RBE, que nos deu, que foi no âmbito do nosso programa “Ler + e Melhor”, que
304 comprámos 15 tablets para a biblioteca e foram muito usados, só que, entretanto, os tablets...
305 O nosso colega que está com a parte informática do agrupamento disse: “compraram os
306 tablets, mas de quê? Enquanto nos computadores mudávamos o disco...” E continuam a ser
307 usados e com muita qualidade, os tablets, olha, agora estão aí, ainda os levou ele, ainda os
308 levámos a uma loja de informática, mas não havia nada a fazer, estavam gastos, obsoletos.

309 **-Pois, obsoletos...**

310 -Pronto, temo-los ali no armário guardados, mas, entretanto... É uma pena, não é?

311 **-Pois.**

312 -Não há verba para esses equipamentos, as candidaturas, quando fazemos à RBE, eles
313 definem muito bem, quais são as rubricas em que entra.

314 **-Exatamente, e não conseguem comprar, não é?**

315 -Não, não.

316

317 **-Como avalia o parque informático e a ligação à internet existente na biblioteca escolar?**

318 **Acabou por já ir respondendo também...**

319 -Pois, sim, o parque informático, é assim, aqui, se calhar, sei lá, num nível, não sei bem a
320 escala, mas num nível intermédio. Enquanto que lá em cima nas outras 2 bibliotecas é mais
321 básico, só temos 5, 6 computadores, não é? Mas são funcionais, estão funcionais, trabalham
322 e respondem mais ou menos bem às solicitações e às necessidades dos utilizadores.

323 A rede de internet está muito instável, na verdade é essa, está muito instável.

324 Temos uma utilização muito frequente desta parte, muito frequente. É a área mais, nesta
325 biblioteca, é a área mais requisitada, é esta área multimédia.

326

327 **-Considera que as tecnologias digitais estão bem integradas no dia-a-dia da biblioteca**
328 **escolar e porquê?**

329 -Ah, sim, estão bem integradas. Primeiro porque fazem parte da vida de todos nós e a escola
330 é um bocado isso, não é? E depois porque acho que os professores valorizam esta área, estas

331 competências que são transversais mas são valorizadas e os miúdos precisam delas para
332 responder às solicitações e à vida escolar que levam os alunos e professores.

333

334 **-Exato.**

335 **Quais as principais estratégias que implementou para que a biblioteca escolar conseguisse**
336 **integrar as tecnologias digitais?**

337 -Nós procurámos renovar os equipamentos, melhorá-los um bocadinho no que conseguimos,
338 não é?

339 **-Integrando os discos, não é? Os novos discos, para os tornar mais rápidos.**

340 -Exatamente. Em todas as bibliotecas temos uma área específica de trabalho para o digital,
341 para o multimédia. Também, já fiquei, em 2022, já foi depois da pandemia que fizemos várias
342 formações para colegas, dinamizadas pela biblioteca. Na altura, lembro-me que foi sobre a
343 plataforma moodle, porque ainda havia muitos colegas que ainda não tinham as disciplinas
344 na plataforma moodle, não tinham o repositório de documentos para os alunos e pais
345 poderem consultar... E então tínhamos pessoal da equipa da biblioteca que dominava muito
346 bem a plataforma moodle e fizemos sessões abertas e para quem quisesse aprender mais e é
347 curioso, que foi no ano antes à pandemia e depois os colegas referiram que tinha sido muito
348 importante ter feito aquela formação porque lhes deu um bocadinho de preparação para
349 aquele período que vivemos, não é? Depois, esta foi a primeira que fizemos, depois fizemos
350 outras, fizemos ACDs mesmo em articulação, em parceria aqui com o nosso CFAE. Fizemos 5
351 ACDs abertas aos professores de todo o país, tivemos uma adesão muito boa, sobre
352 ferramentas digitais, sobre ferramentas para escrita, para pôr os meninos a escrever, sobre
353 criar cenários de aprendizagem... Fizemos assim 5... Agora já não estou certa das outras, mas
354 foram 5. Também é uma maneira de integrar as tecnologias, levar os professores a... E depois
355 colocamos sempre no nosso plano anual de atividades e fazemos durante o ano sessões em
356 contexto letivo, por exemplo, temos muitos projetos eTwinning a decorrer no agrupamento
357 e Erasmus e, obrigatoriamente, os alunos têm que usar a tecnologia para interagir com os
358 outros e fazer trabalhos e eu, sou quase sempre eu, que vou às salas de aula fazer essas
359 sessões com os miúdos, desde inscreverem-se na plataforma, saber navegar na plataforma,
360 participar em fóruns, esse género... Que mais? Aqui, sempre que eles vêm, nós oferecemos
361 apoio na realização de trabalhos... Isso também é uma maneira de integrar... Não me estou
362 assim a lembrar de mais nada, mas... Ah, temos, e isso é muito importante, temos a nossa
363 presença em linha atualizada e temos um repositório de recursos já com a curadoria feita, e
364 pronto, acho que... Que me lembre...

365

366 **-Deseja acrescentar algo que não tenha sido abordado e que considera importante? Para**
367 **terminarmos...**

368 -Acho que não... Falei tanto, acho que não...

369 **-Está tudo.**

370 **Então nesse caso, mais uma vez agradeço a sua disponibilidade e a sua colaboração.**

371 **Muito obrigada.**

372 - De nada e bom trabalho.

373 **-Obrigada.**

374

1 **Entrevista 2**

2
3 **-Antes de mais, antes de seguir, só para ficar também na gravação, autoriza-me então a**
4 **gravação desta entrevista?**

5 -Sim, sim, sim, autorizo.
6

7 **-Muito obrigada. Então, eu vou começar por enquadrar aqui a nossa entrevista. É no âmbito**
8 **da minha investigação, do meu mestrado em Gestão de Informação e Bibliotecas Escolares**
9 **da Universidade Aberta.**

10 **Realço que esta entrevista constitui um instrumento fundamental para este trabalho de**
11 **investigação, como é óbvio, e que os dados recolhidos serão tratados de forma anónima e**
12 **apenas serão utilizados no âmbito deste trabalho de investigação.**

13 **Antes de começar com as questões mais viradas para a minha parte da investigação, íamos**
14 **só aqui fazer uma breve caracterização sua, neste caso. Está bem?**

15 **Habilitações académicas?**

16 -Pronto, é assim, eu sou mestre na área da deficiência, particularmente na cognitiva e motora.
17 Tenho especialização na educação especial, também. E a minha formação de base é o 1º ciclo.
18 Tenho depois este complemento na educação especial que me fez crescer muito. E depois
19 vou explicar porquê, mesmo para o trabalho nas bibliotecas.
20

21 **-Funções desempenhadas no agrupamento ou escola?**

22 -É assim, eu aqui no agrupamento, embora seja professora do Quadro, já há muito tempo,
23 mas aqui no agrupamento, propriamente dito, estou mais ou menos há 10 anos, porque
24 estive destacada na APACDM *****, a Associação de Pais e Amigos do Cidadão com
25 Deficiência Mental. Estive lá mais ou menos 28 anos. E depois, por questões não da minha
26 parte nem da associação, mas sim questões a nível de organização, na altura governamental,
27 e numa questão muito complicada e difícil, numa altura em que tiraram apoios aos jovens
28 com deficiência mental, porque a partir dos 18 anos deixaram de ter direito a professor nessas
29 instituições, portanto, eu fiquei sem o meu destacamento e regressei à base. Regressei à base,
30 no primeiro ano estive com turma e depois tive a possibilidade de ir para uma equipa da
31 biblioteca. Ora aí, eu já sempre gostei de livros, de histórias, porque felizmente tive uns avós
32 e uns pais que me contavam histórias à maneira deles, mas que ainda hoje me lembro das
33 histórias e tenho a memória visual onde mas contavam. Portanto, sempre gostei de escrever
34 e de inventar histórias, de brincar ao faz de conta, e a biblioteca... Quando fui para a biblioteca
35 entrei no mundo, voltei à minha infância, mas na altura fui para conhecer, foi um desafio. A
36 partir daí, desde 2018, mais ou menos, 17/18, comecei a fazer várias formações na área das
37 bibliotecas. Estive em equipas, passei a professora bibliotecária e este ano, além de
38 professora bibliotecária, sou coordenadora das bibliotecas escolares aqui do agrupamento.
39

40 **-Tempo de serviço como docente?**

41 -Pois, eu já sou velhinha. (Risos)

42 Velhinha em termos de tempo de serviço, mas com o espírito de jovem nesta vida de docente.
43 Portanto, eu vou completar 42 anos de serviço agora em novembro, dia 11 de novembro, dia
44 de São Martinho. Portanto, 42 anos.
45

46 **-Tempo de serviço como coordenadora da biblioteca escolar?**

47 -Como eu tinha dito, este ano é a primeira vez que eu estou como coordenadora.

48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94

-Situação profissional?

-Pronto, como eu já disse, sou professora do quadro. Daqui, do agrupamento *****.

-E o grupo disciplinar?

-110.

-Que já tinha, ao fim ao cabo, dito antes...

Quais são as principais instalações da biblioteca escolar que coordena?

-É assim, sendo coordenadora, o nosso agrupamento tem cinco bibliotecas escolares.

Ora, enquanto coordenadora, eu coordeno as cinco bibliotecas escolares. É uma tarefa, às vezes, complicada. Porque estas aqui, tanto a *****, como a da escola ***** que fica aqui ao lado, é fácil, porque estamos aqui, andamos de um lado para o outro a pé.

Mas depois temos os centros escolares, três centros escolares que têm biblioteca nas suas instalações, mas que são distantes. Temos um que fica aqui relativamente perto, que é o da escola *****, mais conhecida pela *****. Temos um que fica em *****, portanto, que fica já distante. E temos outro que fica já em *****, que é na zona da *****. Para situar mais, portanto, ficam distantes. Ora, para esses centros escolares, obriga sempre a deslocação de carro, não é? São uns quilómetrozitos, daqui lá. Por exemplo, ***** fica mais ou menos, por exemplo, de minha casa lá. Demoro à vontade, mas a andar bem, pela A**, mas demoro um quarto de hora, sempre. São à volta de, sei lá, 15 quilómetros, mais ou menos.

-Que equipamentos estão disponíveis para a utilização das tecnologias digitais pelos alunos e docentes dentro da biblioteca escolar?

-Dentro da biblioteca escolar nós temos os computadores, não é? Temos alguns tablets. Agora, isto tem que ser dito porque não podemos estar a dourar as coisas. O parque informático das bibliotecas, a maioria, está obsoleto e não corresponde às necessidades que, cada vez mais, a escola nos pede e os alunos nos pedem.

Nós muitas vezes paramos, e agora isto tirando esta situação da proibição dos telemóveis, porque não quero entrar por aí. Mas os alunos, às vezes, têm telemóveis topo de gama, não é? Que lhes dão respostas muito mais elaboradas e aquilo que eles querem do que o próprio computador. Porque muitas das vezes há programas que o computador não suporta.

Era importante, mas eu acho que isto aqui é transversal daquilo que eu vou ouvindo. Era importante que o parque informático fosse todo renovado. E o Ministério da Educação começasse a pensar, sim, senhora, nós queremos uma escola avançada, queremos andar para a frente, mas é preciso ter os materiais, ter as ferramentas para poder avançar.

Mas, essencialmente, são computadores e tablets.

-Quais foram as infraestruturas ou equipamentos que foram melhorados nos últimos anos?

-Nos últimos anos, lá está, vieram os tablets, que não havia. As próprias bibliotecas foram redimensionadas de maneira a... e com alguns móveis que fossem mais confortáveis para os próprios alunos, para poderem estar num espaço que lhes fosse agradável.

Mas, acima de tudo, nós estamos a falar de infraestruturas e isto é tudo material, mas, acima de tudo, nestes anos em que eu estou na biblioteca, o que eu acho que melhorou foi a parte humana de quem está nas bibliotecas. Portanto, o estar para, não é, tens que fazer o que queres, estamos aqui para ti.

95 **-Estão afetos à biblioteca escolar alguns equipamentos informáticos no âmbito do**
96 **programa Escola Digital ou de outro programa e quais?**

97 -É assim, para ser sincera, não é, eu não tenho muito conhecimento dessa parte.

98 **-A Escola Digital é, por exemplo, aqueles kits que foram oferecidos aos alunos e aos**
99 **professores com portátil, internet...?**

100 -Sim, isso sim.

101 **-Estão afetos aqui à biblioteca?**

102 -Não, estão afetos a cada professor e a cada aluno. É diferente. Agora, por exemplo, nos
103 centros escolares, todo o parque informático, por exemplo, está afeto à Câmara Municipal.

104

105 **-De forma geral, como é que os alunos e professores utilizam tecnologias digitais existentes**
106 **na biblioteca escolar?**

107 -Os alunos até vêm com frequência e trabalhar aqui nos computadores com pesquisas, para
108 elaborar trabalhos de grupo, mesmo trabalhos individuais, porque eu às vezes estou aqui a
109 trabalhar e vejo eles a entrarem em diversas plataformas, das autorizadas, como é evidente,
110 não é? E para trabalhar realmente no que tem a ver com os conteúdos que estão a dar.

111 Sim, eles utilizam. Utilizam bastante.

112

113 **-E os professores também?**

114 -Os professores, pronto, como eles têm quase todos o computador que receberam dentro
115 desse projeto, utilizam esse, mas também utilizam, se for necessário, o da escola, porque nós
116 muitas vezes temos ali um computador que é só exclusivo para professores e quando é
117 necessário, eles utilizam, como eu também utilizo.

118

119 **-A biblioteca escolar, que coordena, disponibiliza recursos digitais, tais como escola virtual,**
120 **aula digital, software educativo, e-books ou videojogos?**

121 -É assim, disponibilizamos dentro da biblioteca. Sim, dentro da biblioteca, sempre... Tudo isso
122 é disponibilizado, indo de encontro sempre aos conteúdos que estão a ser lecionados ou
123 então que um aluno precise para fazer um trabalho, por exemplo, um trabalho de pesquisa.
124 Nós temos uma rúbrica na biblioteca que é da internet segura e dos médias e há uma altura
125 em que nós trabalhamos, por exemplo, os perigos da internet. E muitas das vezes, com esses
126 jogos que aparecem muitas das vezes nas diversas plataformas, os alunos procuram ver, por
127 exemplo, quais os videojogos que estão adequados para a idade X, para a idade Y, para os
128 levar a ter, mesmo em casa, quando vão fazer um jogo, terem a responsabilidade de saber o
129 que realmente devem escolher e até esse tipo de materiais que a gente pode, no fundo,
130 oferecer para os alunos trabalharem. Todos os anos, principalmente nos anos menos
131 avançados, nos mais pequenos, fazemos esse trabalho com os pais. Porque é importante,
132 cada vez mais, que as crianças e jovens tenham uma retaguarda familiar na procura do que é
133 correto de videojogos e outras coisas, tiktoks, etc.

134

135 **-Mas daquilo que me disse, por exemplo, os jogos, como falou, é tudo o que está disponível**
136 **na internet. Não têm, por exemplo, nenhuma licença...?**

137 -Sim, sim, tem ,tem. Eles não podem ir...

138 **-Têm licenças específicas?**

139 -Têm licenças específicas, não podem escolher, porque é assim, isto aqui há alguns anos atrás,
140 quando não havia essa barreira, os computadores... Eles vão procurar qualquer coisa, e eu
141 digo-lhe logo, não tens acesso, não podes aceder, porque não tens autorização.

142

143 **-Mas não era nesse âmbito que eu queria dizer, era se vocês pagam algum recurso, se**
144 **pagam, para terem aqui acesso na biblioteca.**

145 -Sim, têm licenças que estão...

146

147 **-Licenças, por exemplo, da aula digital, da escola virtual... A biblioteca tem uma licença**
148 **específica?**

149 -Não, é a nível da escola.

150

151 **-A biblioteca escolar tem jornais e/ou revistas em suporte digital?**

152 -Neste momento, a biblioteca nem tanto, tem o agrupamento. Nós temos uma revista que sai
153 em suporte de papel, mas que também podemos aceder virtualmente através do site da
154 página da escola.

155

156 **-A revista da escola?**

157 -A revista da escola, não da biblioteca. Neste momento, não temos nenhuma revista, nem...
158 Tivemos um jornal mensal, tipo um jornal informativo, que há dois anos está parado, por
159 questões, lá está, de falta de tempo, porque é difícil estarmos com cinco bibliotecas, depois,
160 cada vez mais, nós temos menos professores, tanto que têm horas para a biblioteca, e uma
161 pessoa só não pode... Tem que haver prioridades, então a prioridade são os alunos e aquilo
162 que os alunos precisam da biblioteca. A prioridade está aí, é aquilo que os alunos procuram
163 na biblioteca e o que a biblioteca lhes pode dar.

164

165 **-Sente que...**

166 -Deixa-me só interromper, mas há uma coisa que nós temos... Não temos um jornal, mas
167 temos sempre, todas as bibliotecas têm um blog, onde colocam tudo, e onde toda a gente...
168 Está aberta à comunidade educativa para ver o que se passa, o que é que a biblioteca fez,
169 todas as cinco bibliotecas. Portanto, é uma forma também de passar a mensagem.

170

171 **-Sente que a biblioteca escolar é uma prioridade do seu agrupamento e porquê?**

172 -Eu sou, como é que eu digo, suspeita, não é? Mas eu quero crer, e aliás acredito, que a
173 biblioteca é o centro.

174 Muitas das vezes há uma ideia errada da biblioteca, ainda há muita gente que pensa que a
175 biblioteca é um sítio onde se vai requisitar livros, e levar livros, requisitar, é só isso. Não, não,
176 a biblioteca é muito mais. A biblioteca é o centro de onde tudo pode sair, e pode sair bem.
177 Porque, e nós temos exemplo, a biblioteca consegue agregar todo um agrupamento. Nós no
178 ano passado, e já temos feito várias atividades transversais, mas no ano passado, que é o que
179 está mais recente, fizemos uma atividade chamada Camões Engenho e Arte, que englobou
180 todo o agrupamento, desde o pré-escolar ao secundário. Portanto, vários conteúdos, desde
181 a literatura, a educação visual, e que foi a biblioteca que dinamizou. Portanto, a biblioteca
182 lançou o desafio. Ora, estamos a comemorar os 500 anos de Camões, o que é que vamos
183 fazer? E tudo rodou à volta. A biblioteca fez leituras partilhadas. A biblioteca convidou, por
184 exemplo, imagina alunos de secundário irem partilhar leituras com alunos do pré-escolar, ou
185 vice-versa. Coisas assim que a biblioteca conseguiu juntar todo o agrupamento.

186

187 **-Ou seja, por aquilo que eu percebi, acredita que é o centro.**

188 -Eu acredito.

189

190 **-E que é a prioridade.**

191 -Que é a prioridade.

192

193 **-Mas é realmente? Sente que é realmente?**

194 -É assim...

195 **-Porque uma coisa é aquilo que nós acreditamos, outra coisa é o que nós sentimos na**
196 **realidade.**

197 -É assim, não posso dizer que eu sinto e conseguimos fazer. Não podemos dizer que
198 conseguimos chegar a todos, todos, todos. Mas se nós conseguimos, nos anos anteriores, mas
199 no ano passado, ter uma exposição no Espaço *****, e que nos deparamos com trabalhos
200 que, desde o pré-escolar até o secundário... Foram todas as turmas de secundário? Não.
201 Foram todas as turmas de terceiro ciclo? Não. Mas houve lá gente de todos os ciclos. Ora,
202 para mim isso acho que já é importante. E também, com certeza, deixa alguma, como é que
203 eu digo, alguma vontade. Então mas aquele fez, eu também quero fazer. Às vezes, quanto
204 mais não seja, não, eu também não vou ficar aqui. É evidente que nos tempos que correm, e
205 acho que é de conhecimento de toda a gente, que o corpo docente está envelhecido e
206 cansado. E com as novas orientações, sinceramente, não antevejo que fique mais fácil. Pelo
207 contrário. Muitas das vezes não é porque o professor não quer, é porque o professor está
208 cansado. E cada vez mais lhe exigem burocracias, burocracias, burocracias. Eu sei que isto, os
209 professores falam sempre o mesmo, mas é verdade. Só quem não é professor é que não
210 acredita. É o que depois dizem: - mas o que é que a biblioteca quer? Então, qual é a nossa
211 missão? Não é impor, mas propor. E receber sugestões, sugestões que consigam, lá está, criar
212 essa dinâmica de partilha e de ser um todo. E de tudo se concentrar, no fundo, vem daqui
213 para todos e de todos para aqui. E há esta relação não unívoca, mas de biunívoca. De todos
214 estarmos a trabalhar para o mesmo conjunto.

215

216 **-Existem diferenças na utilização da biblioteca escolar pelos alunos consoante a sua faixa**
217 **etária ou pelos professores consoante o seu grupo disciplinar?**

218 -Sim, é evidente que, por exemplo, os colegas, de uma maneira geral, eu já fiz trabalhos
219 interessantíssimos, através da leitura de um livro, por exemplo, de uma colega de Química,
220 mas, em termos de adesão à biblioteca... Eu, ainda no ano passado... Fizemos uma avaliação
221 geral e até estamos, como é que eu digo, bastante satisfeitos em termos dos alunos virem e
222 estarem aqui e nos outros lados. Nessa avaliação, o que é que está sempre o ponto fraco? É
223 o parque informático. É o que eles se queixam mais, é o parque informático. Porque já não
224 vai de encontro às necessidades deles, assim como para os colegas. Mas, sempre que é
225 possível, sim, os colegas vêm e utilizam a biblioteca muito para fazer pesquisas de coisas que
226 precisam. Agora, a faixa etária que está sempre mais disponível são os mais pequenos.

227 **-Do pré-escolar, do primeiro ciclo?**

228 -Do pré-escolar, do primeiro ciclo e do segundo ciclo também. Depois as coisas também se
229 tornam mais difíceis, porquê? Porque os horários muitas das vezes não são compatíveis com
230 as atividades que a biblioteca propõe, mas não quer dizer, porque no ano passado, essa
231 grande atividade conseguiu conciliar, porque a biblioteca também quer que haja participação,
232 também tem que criar uma estrutura, uma logística, de forma a que seja viável os alunos do
233 secundário ou do profissional virem aqui, e estarem aqui numa hora que não vá prejudicar. E
234 os colegas também têm que dar um programa, e muitas vezes eu entendo. Muitas vezes, lá
235 está, por causa dos números exigidos, continuamos com números, e não com termos alunos

236 que tenham pensamento crítico, que conheçam a realidade da vida, e é assim, um bom leitor,
237 se nós conseguirmos, até ainda bebês, os pais começarem, lá está, a contar uma história
238 pequenina, à medida que vão crescendo, criar este bichinho da leitura, nós de certeza que
239 temos cidadãos com pensamento crítico, que sabem o que querem, que sabem dizer não e
240 porquê, que sabem dizer sim e porquê. E eu acho que todos nós temos esta vontade. Às vezes
241 é difícil, mas não podemos baixar os braços.

242

243 **-Então, a nível de alunos, são as faixas etárias mais baixas, e dos professores, a nível de**
244 **grupo disciplinar?**

245 -Eles, de uma maneira geral, estão todos, mas é evidente que os colegas que estão ligados ao
246 português, é normal, é mais que normal. São os grandes impulsionadores. Nós, embora
247 façamos atividades com outros grupos, mas o grupo de português é sempre mais fácil, lá está,
248 porque muitas das vezes as coisas se direcionam. Agora é assim, há muitas atividades que nós
249 fazemos com outros grupos, matemática, perfeitamente, com a biblioteca.

250

251 **-Tentam integrá-los todos, não é?**

252 -Sim, e há colegas de matemática que fazem trabalhos interessantíssimos com a biblioteca, e
253 estão a dar matemática. Às vezes, lá está, é a criatividade, é a vontade, mas sim, não temos
254 razão de queixa.

255

256 **-Quais as principais atividades desenvolvidas pelos alunos e docentes na biblioteca escolar?**

257 -Os alunos, de uma maneira geral, vêm para os computadores, sempre que podem. Depois é
258 requisitar livros, é prepararem aulas, trabalhos, estudar, aqui nos mais velhos.

259 A ***** pode nos dizer com mais, porque ela está aqui o tempo inteiro. Se for preciso, ela
260 também nos dá uma ajuda.

261 No primeiro ciclo e no pré-escolar, vão requisitar livros, mas utilizam muito a biblioteca para
262 fazer jogos, por uma questão lúdica, a própria leitura lúdica, sem obrigatoriedade. Escolhem
263 o livro, sentam-se no cantinho da leitura, e depois, como é mais fácil fazer determinadas
264 atividades, também porque são mais dirigidas ao pré-escolar e ao primeiro ciclo, há muitas
265 atividades de leitura promovidas pelas equipas da biblioteca, pela própria professora
266 bibliotecária, no meu caso, que, embora tenha as cinco bibliotecas como coordenação, mas
267 foco-me mais no primeiro ciclo e pré-escolar, e tem uma colega que se foca mais no segundo
268 ciclo, terceiro, e no secundário. Mas as atividades são todas programadas em conjunto. É
269 evidente que não são todas para todos, porque temos de olhar de acordo com a faixa etária,
270 mas os alunos do primeiro ciclo e pré-escolar frequentam a biblioteca todos os dias, para ler,
271 para fazer jogos, para pesquisar trabalhos sempre, e nestas idades, com orientação do
272 professor, porque tem de ser mesmo assim, e mesmo para nas faixas etárias mais baixas,
273 portanto, ensinar-lhes o uso das tecnologias, mas sim, eles frequentam com várias atividades,
274 como projetos, por exemplo, como o *Escola a Ler*, que é destinado a vários níveis de ensino,
275 mas que, por exemplo, no primeiro ciclo, é com leituras orientadas, e os miúdos gostam,
276 porque depois tem uma série de atividades. Eles próprios partilham leituras, sempre os mais
277 velhos, do quarto ano, por exemplo, leem histórias aos do pré-escolar.

278 Portanto, há uma série de atividades que são feitas na biblioteca.

279

280 **-E a nível dos professores, que atividades é que eles fazem mais?**

281 -A nível dos professores, é assim, geralmente, nos ciclos mais avançados, há aquelas
282 atividades que são promovidas pela biblioteca, e depois faz-se a proposta aos colegas que

283 estão interessados, e depois há uma mostra do que se fez na biblioteca. Muitas das vezes, os
284 colegas utilizam a biblioteca para apresentar projetos a uma ou duas turmas; nos centros
285 escolares, portanto, pré-escolar e primeiro ciclo, os colegas utilizam a biblioteca, muitas das
286 vezes, para, imagina, porque fazendo parte daquelas obras que fazem parte do Plano
287 Nacional de Leitura, eles pedem ajuda para desenvolver essas obras, e nós, sim senhora,
288 damos essa ajuda, portanto, partimos nós do início, começamos, e depois fornecemos todos
289 os materiais para que eles depois possam trabalhar em sala de aula e depois até partilhar o
290 que fizeram connosco, com as bibliotecas. Aqui há um item que é importante referir. A
291 biblioteca elabora todos os materiais necessários para cada atividade, consoante o nível de
292 ensino e o que o professor nos pede. Se precisa disto para um quinto ano, e nós até temos
293 aquela atividade programada, sei lá, para um quarto ano, nós adaptamos para um quinto ano
294 e vice-versa, portanto, é tudo sempre adaptado.

295

296 **-Como classifica a literacia digital dos alunos e docentes que frequentam a biblioteca**
297 **escolar?**

298 -É assim, eu acho que neste momento houve um grande avanço. Agora, muitas das vezes, isto
299 falando dos alunos, ela não é bem aproveitada, porque muitas das vezes, a gente às vezes
300 conversa com os pais... Ah, porque o meu filho só mexe no telemóvel, vai para aqui... Mas
301 depois, por exemplo, para fazer um trabalho, para procurar, sei lá, referências bibliográficas,
302 etc., esqueça. Daí, a biblioteca faz todos os anos uma formação, formação informal, para
303 todos os docentes que queiram, para eles depois também poderem dar aos alunos, nessa
304 área, como fazer um trabalho, como procurar as referências bibliográficas, como fazer coisas
305 simples, espaçamentos, tudo isto é dado, a biblioteca faz questão de informar. Porque os
306 alunos, e sim, eles sabem muito, conhecem, eles mexem aqui, ali, ali, mas depois, quando é
307 preciso aquela retaguarda, entre aspas, científica, e que é obrigatória, eles têm alguma
308 dificuldade.

309

310 **-E os professores?**

311 -Os professores, não. Eu acho que a maioria dos professores já se... Acho que sim. Daquilo
312 que eu conheço, os professores têm uma forma já muito hábil de trabalhar e, por incrível que
313 pareça, não desistem. Porque, às vezes, havia aquela... Ah, eu tenho medo de... Não, esse
314 medo já foi ultrapassado, vamos avançar. Há sempre resistentes, não é como em tudo. Mas
315 acho que não, acho que... Que remédio, não é? Porque os professores cada vez vão até mais
316 tarde.

317

318 **-Precisam cada vez mais disso, não é?**

319 **Quais as principais dificuldades sentidas para integrar mais as tecnologias digitais na**
320 **biblioteca escolar?**

321 -Termos um parque informático moderno e renovado, pronto. A partir daí é fácil.

322

323 **-Como avalia o parque informático e ligação à internet existente na biblioteca escolar? O**
324 **parque informático até já acabou por dizer que está desatualizado, está envelhecido.**

325 -O parque informático está a precisar de um refresh, como eu costumo dizer. Nós, este ano,
326 estamos aqui com coisas novas. Está a começar... Está a ser tudo renovado. Estamos também
327 no início, não podemos querer tudo de uma vez. Mas, sim, já começou e as coisas estão a
328 ficar, como é que eu digo, mais transversais. E acho que este ano, nesse aspeto, o nosso
329 agrupamento já deu os primeiros passos e que vai melhorar. Está no bom caminho. Estamos
330 a precisar de mudanças e acho que as mudanças estão a começar. Estamos no início, meio de

331 setembro, e esperemos que estas mudanças, para melhorar o parque informático, para
332 melhorar a própria internet, que melhore. Eu, pessoalmente, nunca tive problemas com a
333 internet. Mas, às vezes, acontece. Acontece mais até nos centros escolares, porque eles
334 situam-se... Menos um que é na cidade, fica aqui relativamente perto, mas os outros estão
335 em aldeias. E muitas das vezes há dificuldade, porque o sinal não chega como deveria chegar.
336 Mas, já se deu alguns passos e, de uma maneira geral, eu nunca, nestes anos todos, e nos
337 últimos anos, nunca tive problemas de aceder à internet. Há situações que, às vezes, nos
338 transcendem. Mas, sim, eu acho que está a melhorar. Mas, precisamos de computadores
339 novos. É isso que eu acho que era importante.

340

341 **-Considera que as tecnologias digitais estão bem integradas no dia-a-dia da biblioteca**
342 **escolar e porquê?**

343 -É assim. Nós, enquanto professores bibliotecários, colocamos sempre o nosso trabalho...
344 Obrigatoriamente, é necessário que nós recorramos às tecnologias. Não temos outra
345 hipótese. E trabalhamos com elas diariamente. Nós, enquanto professores bibliotecários,
346 trabalhamos diariamente com isso. Quando trabalhamos com docentes, fazemos questão
347 também, muitas das vezes, de lhes mostrar o que é que uma determinada plataforma lhes
348 pode dar, sem eles terem que estar, por exemplo, a RBE, as Bibliotecas Escolares. Aquilo é um
349 mundo em termos de ofertas. E basta os colegas saberem entrar nessa plataforma para poder
350 aceder a uma série de coisas, de apoio a trabalhos que eles queiram fazer com os alunos, etc.
351 E a biblioteca faz isso. Portanto, a biblioteca tem uma relação muito chegada com as
352 tecnologias digitais.

353

354 **-Quais as principais estratégias que implementou para que a biblioteca escolar conseguisse**
355 **integrar as tecnologias digitais?**

356 -É assim, como é que eu digo? Olha, eu tenho que fazer este trabalho, mas preciso de ter este
357 programa, é necessário fazer assim, porque senão não conseguimos fazer assado, e as
358 coisinhas foram aparecendo. Portanto, a facilidade de entrar nas plataformas foi aparecendo.
359 A partir do momento que nós temos a internet a funcionar, nós conseguimos facilmente
360 entrar naquilo que é necessário, não é ir para coisas que não interessam, mas só aquilo que
361 interessa. Nós, enquanto professores bibliotecários, interessa-nos ter uma RBE, entrar em
362 tudo que tem a ver com RBE, pois nós entramos. Mesmo agora, por exemplo, com a
363 Inteligência Artificial, é evidente que nós, mesmo para mostrar que podemos trabalhar com
364 a Inteligência Artificial, mas ela é um apoio, nós não podemos fazer uma pergunta, ela
365 responde e nós é só copiar e colar. Não, está aqui, é uma orientação, mas agora nós temos
366 que trabalhar. É evidente que conseguimos trabalhar no Copilot, no ChatGPT, noutros assim,
367 e uma série de coisas.

368 E a biblioteca dá essa facilidade a todos. Claro que os alunos, tem que haver uma supervisão,
369 não é? Porque em termos... Por exemplo, num trabalho... Já no secundário, é evidente que os
370 professores trabalham muitas das vezes, mas há sempre essa salvaguarda e há uma
371 responsabilização de que... Tem que haver, porque já não estamos a lidar com crianças e nós
372 queremos criar adultos, portanto cidadãos responsáveis, eles têm que ter essa
373 responsabilidade. Em relação aos mais pequenos, pronto, aí já não é assim. Não, porque...
374 Que eles em casa procurem o que quiserem é uma conta, na escola temos que responsabilizar
375 os pais.

376

377

378 **-Mas é mais baseado então na internet, não é?**

379 -Sim, sim, sim.

380

381 **-Antes de avançar aqui para uma última, falou várias vezes aqui na remodelação da**
382 **biblioteca. Posso questionar-lhe, como é que faz esta dita remodelação, ou seja, com que**
383 **financiamento, por exemplo? Como é que consegue fazer isso? Há financiamento, não há...**

384 -É assim. Isso é que é uma pergunta excelente. Nós não compramos nada. Nós única e
385 exclusivamente mudamos a organização, porque muitas das vezes...

386 **-Não há material novo então, é isso? Só estão a reorganizar.**

387 -Estamos a reorganizar, exatamente, porque as bibliotecas não têm uma dotação financeira
388 para fazer isto, aquilo, aquilo aqueloutro, pronto. Nós temos, às vezes, portanto, imagine,
389 candidatamo-nos a projetos que muitas das vezes nos dão um determinado valor que é
390 convertido sempre em livros ou, sei lá, se possível, em algum computador ou num tablet, mas
391 geralmente é em livros que eles nos fornecem. Neste momento, esta remodelação envolveu
392 única e exclusivamente a mudança de móveis, tentar que o espaço ficasse mais aberto, mais
393 claro e que os alunos tivessem um espaço. Por exemplo, um aluno, imagine que está a fazer
394 uma pesquisa é muito aborrecido ter outros ao lado a fazer um trabalho grupo, que sempre
395 fazem mais barulho. Então, nós por isso é que dividimos este espaço.

396 Temos aqui a parte digital, os computadores, temos aqui os CDs, etc. E temos, do outro lado,
397 os livros, que é para tentar equilibrar. E temos este espaço todo para eles trabalharem em
398 grupo. E foi nesse sentido, não houve dinheiros. E esta remodelação não foi feita assim só
399 porque nos apeteceu. Ela tem uma ordem, tem uma sequência, tem uma organização. Porque
400 foi em reunião com o nosso coordenador interconcelhio das bibliotecas escolares, que houve
401 uma reunião e chegámos à conclusão que, de facto, que era preciso fazer qualquer coisa. E
402 começámos com isto. Não acabou. Isto vai continuar e há coisas que nós temos em mente de
403 querer fazer e dar uma visão mais alegre, mais com vontade, que os alunos tenham vontade
404 de ir à biblioteca. E como este ano o tema é conhecer e conviver, o espaço da biblioteca é um
405 espaço de bem-estar. Portanto, sendo um espaço de bem-estar, o aluno tem que chegar aqui
406 e sentir-se bem. Tem que sentir-se bem num espaço físico, mas também sentir-se bem nos
407 livros que vai procurar. Portanto, os livros que estejam aqui, que vão de encontro àquilo que
408 ele gosta de ler.

409 E é nesse pensamento, nessa missão, de que o aluno se sinta bem aqui, assim como os
410 docentes, e até os pais, porque nós também chamamos pais à biblioteca. Aliás, fazemos
411 sempre uma partilha, no mês internacional das bibliotecas, com pais, desde o pré-escolar até
412 ao secundário, qual foi o livro que mais lhe tocou na infância e depois haver aqui uma partilha
413 de leituras e do porquê de tudo isto. Para que todos se sintam bem na biblioteca.

414 E daí a ideia, começou por aqui porque é a escola-mãe, a escola-sede.

415

416 **-Então, só mesmo para terminar, deseja acrescentar algo que não tenha sido abordado e**
417 **que considera importante?**

418 -Sim, o que eu considero importante é isto. Que venham todos à biblioteca. Que acreditem
419 que a biblioteca não é um espaço morto, mas é um espaço vivo. E que nós, quando falamos
420 nós, falo alunos, professores, pais, portanto, todos, podemos fazer com que ela seja ainda
421 mais viva. E que tenham isto sempre presente. A biblioteca é, sem dúvida, o centro da
422 aprendizagem. E que todos aprendam, de facto, a gostar dos livros, que é muito importante.
423 Os livros fazem-nos sonhar, fazem-nos viver outras dimensões, fazem-nos crescer e tenho a

424 certeza que nos fazem mais inteligentes. Não inteligentes só em saber mais alguns conteúdos,
425 mas inteligentes nos nossos valores e nas nossas escolhas.

426

427 **-Pronto, então resta-me agradecer a sua disponibilidade e colaboração. Obrigada!**

428 -Sempre às ordens e desde já, se este ano fizermos uma atividade assim, que eu acho que é...

429 Aliás, elas são todas importantes, mas na altura do mês internacional das bibliotecas, com
430 certeza prepare-se para ter um convite para vir assistir a uma atividade.

431 **-Com certeza.**

432 -Pronto.

433 **-Muito obrigada.**

434 -E sempre às ordens.

435 **-Obrigada!**

Entrevista 3

-Esta entrevista é no âmbito da minha investigação, do mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares, da Universidade Aberta.

Realço que esta entrevista constitui um instrumento fundamental para este trabalho de investigação e que os dados recolhidos serão tratados de forma anónima e apenas serão utilizados no âmbito deste trabalho de investigação.

Eu ia começar aqui com umas perguntas de caracterização do entrevistado, neste caso suas, pedia-lhe as habilitações académicas.

-Professora de Ensino Básico, variante português-inglês, entretanto surgiu o grupo 120, que é o inglês do primeiro ciclo, tendo tido habilitação própria, porque o curso assim o permitia, entrei em quadro de agrupamento, nesse grupo de recrutamento.

-Funções desempenhadas no agrupamento de escolas?

-Professora de terceiro e quarto ano, no inglês curricular; professora bibliotecária, onde me estão atribuídas 13 horas e coadjuvação a uma turma de 5º ano.

-Tempo de serviço como docente?

-Efetivo mesmo, porque com os horários incompletos, à volta de 17 anos, por aí.

-Tempo de serviço como coordenadora de biblioteca escolar?

-Zero.

-Pronto, começou agora, não foi?

-Comecei agora, exatamente, sim.

-Situação profissional?

-Quadro de agrupamento, professora efetiva.

-Grupo disciplinar?

-120

-Já foi dizendo...

-Exato.

-E agora, mais no âmbito do meu estudo, quais são as principais instalações da biblioteca escolar que coordena?

-São as 2 bibliotecas, tudo o que nelas existe, desde os livros, à parte da tecnologia. Temos duas bibliotecas, a biblioteca da escola sede, do agrupamento de escolas ***** e a do centro escolar. São as duas, uma mais pequena que a outra, mas neste momento está tudo ao meu encargo, juntamente com a equipa da biblioteca.

-Que equipamentos estão disponíveis para a utilização das tecnologias digitais pelos alunos e docentes dentro da biblioteca escolar?

-Mesmo dentro da biblioteca temos computadores, que não são muitos, mas são alguns. Já não são novos, mas temos na escola da biblioteca sede um, dois, três, quatro, como pode ver, cinco, seis, sete, oito, mais o nosso da secretária nove, que é portátil. Na escola do primeiro ciclo, estamos a falar agora do centro escolar, andarás mais ou menos, os computadores são ainda daqueles mais antigos, andarás mais ou menos pelo mesmo número e teremos também

48 uns... Sei lá... Também um, dois, três, quatro, cinco, seis... Uns... Oito, nove computadores
49 também.

50 Temos uma sala do futuro que pode ser requisitada, tem alguns computadores portáteis, não
51 sei precisar quanto são, mas sei que são recentes. Temos uma sala do futuro completamente
52 equipada com computadores e outros mecanismos que pode ser requisitada e utilizada no
53 âmbito da biblioteca.

54 **-Ok, mas não está afeta à biblioteca, oficialmente, faz parte da escola?**

55 -Faz parte da escola, se bem que a autorização, neste caso, a requisição é feita na biblioteca.
56 Por isso é que eu acabo por associar um bocadinho à biblioteca, mas não é, ela está apenas,
57 como é próxima em termos físicos, está à nossa responsabilidade a nível de requisição.

58

59 **-Quais foram as infraestruturas ou equipamentos que foram melhorados nos últimos anos?**

60 -Que eu saiba, foi a sala do futuro.

61 **-Mas na biblioteca?**

62 -Não, não tenho informação, não tenho mesmo.

63 Penso que o que existe lá, a nível de tecnologia, já é assim...

64

65 **-Estão afetos à biblioteca escolar alguns equipamentos no âmbito do programa Escola
66 Digital ou de outro programa e quais? A Escola Digital é aquele dos kits que vêm para os
67 professores e alunos, com mochila, a conectividade à internet...**

68 -Sim, alguns alunos e professores têm acesso.

69 Essa informação eu não sei precisamente quantos são.

70 **-Mas para a biblioteca, especificamente?**

71 -Para a biblioteca, que eu saiba, não. Temos também na biblioteca, não sei se isso é
72 importante, um projetor e uma televisão. Mas para já...

73

74 **-De forma geral, como é que os alunos e professores utilizam as tecnologias digitais
75 existentes na biblioteca escolar?**

76 -Olhe, neste momento, como estamos com os constrangimentos dos telemóveis, com a
77 proibição, eu tenho reparado que eles vão mais para jogar. E nós fazemos a sensibilização,
78 que é para trabalhar.

79 Mas eles vão mais para jogar, se bem que os mais crescidinhos já levam o seu próprio
80 computador, porque podem, não é? E até o telemóvel, estamos a falar do secundário, porque
81 o agrupamento tem profissionais e secundário e utilizam muito a biblioteca para estarem a
82 trabalhar, mas levando alguns deles o seu próprio equipamento. O da biblioteca é utilizado
83 pela faixa etária mais nova e agora com um bocadinho de fuga aos telemóveis, que nós vamos
84 tentando contrariar.

85 **-E os professores? Isso nos alunos e nos professores?**

86 -Sim, os professores trabalham para fazer trabalho colaborativo, vão para a biblioteca e usam
87 os computadores da biblioteca.

88 Geralmente não usam os portáteis, preferem utilizar os da biblioteca.

89

90 **-A biblioteca escolar que coordena disponibiliza recursos digitais, tais como escola virtual,
91 aula digital, software educativo, ebooks ou videojogos?**

92 -Tem, tem também uma plataforma de pesquisa que é o *Big Six*, que eles utilizam também. A
93 escola virtual, não lhe sei ainda dizer, mas eu posso depois fazer chegar essa informação, mas

94 eu sei que eles trabalham com o *Big Six*, que é uma plataforma de pesquisa e de monitorização
95 e com essa plataforma eles trabalham.

96 Mas acho que a nível de licenças de escola virtual, leya... Não, não temos disponível. Não.

97

98 **-A biblioteca escolar tem jornais e/ou revistas em suporte digital?**

99 -Não, mas alunos vão passar a ter, porque na semana passada eu fiz chegar à coordenadora,
100 por acaso, dos diretores de turma do 3º ciclo e secundário, o direito que os meninos têm a
101 aceder àquela assinatura dos 15 aos 18 anos e fiz também chegar ao professor do 9º ano de
102 português, porque me lembrei que poderia haver algum aluno que tenha tido alguma
103 retenção e com 15 anos esteja no 9º ano. E eles divulgaram já a informação pelos diferentes
104 diretores de turma ou diretores de curso, para eles poderem fazer essa assinatura digital para
105 passarem a ter.

106 Eu penso que foi uma informação nova na escola, pela maneira como os colegas receberam
107 quando eu lhes comuniquei. É recente, acho que eles não sabiam que poderia haver... Que há
108 essa possibilidade de eles terem gratuitamente acesso a uma revista ou um jornal digital. Por
109 isso, se não têm, a maior parte deles agora vai passar a ter acesso através da informação que
110 foi passada através da biblioteca.

111

112 **-Sente que a biblioteca escolar é uma prioridade do seu agrupamento, e porquê?**

113 -Sinto. Eu estou lá desde setembro e ele têm uma grande preocupação em fazer da biblioteca
114 um espaço que seja multifacetado. Que seja para estudar, para trabalhar e muni-lo de todas
115 as ferramentas possíveis.

116 Sabemos que não é fácil, porque são equipamentos caros, mas há uma grande preocupação
117 em ter a biblioteca sempre aberta, em proporcionar aos alunos, das formas que temos, que
118 é o que há, mas vamos fazendo o muito com o pouco que temos. Vejo da parte da direção e
119 dos professores muita vontade em ambas as bibliotecas, tanto do centro escolar como da
120 escola-sede, em fazer da biblioteca um espaço que seja amplamente visitado e frequentado
121 pelos alunos.

122

123 **-Existem diferenças na utilização da biblioteca escolar pelos alunos consoante a sua faixa
124 etária ou pelos professores consoante o seu grupo disciplinar?**

125 -Dos professores não, porque a biblioteca tem um grupo de xadrez, que é dinamizado pela
126 professora de matemática, que está lá muitas vezes a acompanhar os alunos ao nível de
127 orientação de tarefas escolares.

128 Estamos lá nós, que somos de línguas, que também estamos não só na parte de orientação
129 das leituras, aconselhar o melhor livro e também orientar nas tarefas. A professora de TIC
130 também está a desenvolver um projeto com os profissionais no âmbito das bibliotecas, que é
131 fazer a planta da biblioteca. Por isso, nesse sentido, a biblioteca é bastante utilizada por todos
132 os grupos disciplinares no que diz respeito aos professores.

133 Em relação aos alunos, eu noto que é consoante a meteorologia. Eles usam a biblioteca... Mas
134 é um facto!... Se temos bom tempo, eles andam pelo recreio e não usam tanto.

135 Mais os mais novitos... Os mais crescidos, gostam, às vezes, de ir para lá um bocadinho mais
136 para estarem, ler um bocadinho, mais 10º/11º, ler um livrinho, estar mais descontraído, mas
137 também não param muito tempo. Agora, eu acredito, porque a nossa assistente operacional
138 já me alertou, que consoante as condições meteorológicas a biblioteca é mais utilizada. E vai
139 sendo mais utilizada quando o clube de xadrez também começar as atividades que estão
140 inerentes à biblioteca, começarem a ser mais dinamizadas.

141 Estamos a começar agora também o clube de jornalismo, que também é desenvolvido na
142 biblioteca. Será por aí, mas eu noto que tem a ver muito, para já, com as condições
143 climatéricas.

144 **-Mas mesmo com as condições, nota que se calhar o secundário frequenta mais, é isso?**

145 -Eu, pelo menos...

146 **-Os mais velhos?**

147 -Sim.

148 O primeiro ciclo, se não tiverem horários, se não houver um horário estipulado para visitarem
149 a biblioteca, por iniciativa própria, também só vão quando está a chover.

150

151 **-Quais as principais atividades desenvolvidas pelos alunos e docentes na biblioteca escolar?**

152 -Desde acompanhamento em trabalhos de grupo, em trabalhos individuais, trabalhos de casa,
153 clubes de jornalismo, clubes de xadrez, atividades que se fazem muito e que os alunos se
154 envolvem, como “O Conversas à Terça”, em que há um convidado todos os meses e os alunos
155 preparam e fazem uma entrevista a esse convidado. Desde jogarem jogos de tabuleiro, que
156 agora regressaram com a proibição dos telemóveis.

157 Eles solicitam novamente os jogos de tabuleiro e pegam nos livros. Estão dois minutos a ler,
158 mas geralmente eles vão mais para os jogos, para o computador, pedem o nosso auxílio para
159 a realização dos trabalhos de casa e alguns vão só conversar um bocadinho, pedir o
160 aconchegozinho.

161 **-Isso da parte dos alunos e dos professores?**

162 -Os professores vão, vão com os alunos.

163 **-Para as atividades?**

164 -Sim, principalmente no que diz respeito mais ao departamento de línguas. Há atividades que
165 os professores usam a biblioteca para dar uma aula, fazer uma conversa sobre um
166 determinado autor que trabalha com um livro do Plano Nacional da Leitura. É nesse sentido
167 que eles usam a biblioteca.

168

169 **-Como classifica a literacia digital dos alunos e docentes que frequentam a biblioteca
170 escolar?**

171 -Ainda não consigo responder.

172 **-Não?**

173 -Não, estou há muito pouco tempo no cargo. Mas do que eu pude aferir a nível de literacia
174 digital, os professores estão muito bem munidos.

175 Os pequenitos, apesar de nós pensarmos que eles dominam muito bem o telemóvel, quando
176 se trata do computador, eles não sabem muito bem fazer os trabalhos. Justificar um texto,
177 colocar uma imagem, ver se a imagem tem direitos de autor, fazer uma bibliografia, saber
178 como fazer um índice, aí noto perfeitamente que eles não sabem.

179

180 **-Quais as principais dificuldades sentidas para integrar mais as tecnologias digitais na
181 biblioteca escolar?**

182 -Um reforço das novas tecnologias na biblioteca.

183 **-Equipamento, é isso?**

184 -Equipamento. Como é que nós podemos pedir a um aluno que vai à biblioteca trabalhar com
185 um computador que ainda é antigo, se nós sabemos que, não todos, porque sabemos que
186 não todos, mas a maioria tem telemóveis, têm computadores muito melhores até que os
187 nossos, que somos professores, não estou a dizer que temos que ter ali um investimento

188 enorme, porque também são crianças, mas os tablets eram uma boa ideia, porque são
189 portáteis e são mais leves, que na minha opinião, que os computadores. Seriam uma mais-
190 valia, até para levar em contexto fora da sala de aula, trabalhar com eles na biblioteca. Os
191 computadores em si, aqueles computadores de mesa, acho que também fazem sentido, mas
192 em menor quantidade, se calhar os portáteis e os tablets seriam uma aposta mais versátil
193 para trazê-los à biblioteca e levar a biblioteca também para fora da escola, porque a biblioteca
194 não pode ser vista como um edifício, ela também tem que ser vista como algo que é móvel,
195 como nós tínhamos as bibliotecas itinerantes, eram com livros, hoje tem que ser com o digital,
196 porque nós não podemos separar o digital, até porque o tema do mês internacional das
197 bibliotecas vai mesmo sobre a inteligência artificial, por isso nós temos que ir mais além. Claro
198 que dependemos sempre do orçamento, mas estamos a diabolizar uma coisa que não tem
199 que ser diabolizada, tem que ser integrada. Esta é a minha visão e vamos proibir e vamos no
200 caminho completamente errado. Esta é a minha opinião, mas é minha. Como docente acho
201 que tem que ser regulada, sim, porque nós como adultos também temos dificuldade em
202 autorregularmo-nos, porque vamos só ver um e-mail e quando nos damos conta já vimos 2,
203 3, 4 e-mails, nós já respondemos e depois vamos ver outra coisa, qualquer que alguém nos
204 disse, está uma coisa, uma ideia... Acho que é a regulação e se nós não regularmos nas idades
205 mais precoces e começamos a proibir, eles começam a chegar a um secundário, não se vão
206 saber autorregular, não vão, não vão, e vão, eu acho que o que vai acontecer, isto é um
207 desabafo, é que eles estão proibidos na escola e vão chegar a casa com aquela sede de
208 telemóvel e depois temos meninos que são acompanhados, outros também são, mas têm
209 pais com horários complicados e não vão ter a possibilidade de monitorizar e vai ser pior, eu
210 acho que temos que educar e não proibir e estamos a ir mal...

211

212 **-Como avalia o parque informático e ligação à internet existente na biblioteca escolar? Já**
213 **foi falando do parque informático, não é?**

214 -Sim, e a internet também é um bocadinho fraquinha.

215 **-No parque informático...**

216 -Também, precisávamos ali de um bom reforço.

217 **-Está obsoleto, não é?**

218 -Um bocadinho, sim. A internet até vai funcionando, só que como os computadores são
219 antigos, depois cai-lhes ali aquele constrangimento, não é? Porque embora a internet até
220 possa ter uma velocidade relativamente boa, mas se o seu aparelho é obsoleto, ele vai
221 demorar o seu tempo a processar igualmente, certo?

222

223 **-Certo.**

224 **Considera que as tecnologias digitais estão bem integradas no dia-a-dia da biblioteca**
225 **escolar e porquê?**

226 -Não, estão. Nesse aspeto estão, porque temos a newsletter, temos o jornalismo... Vamos
227 continuar a ter... Estou a falar, mas só agora é que peguei na biblioteca.

228 A nossa assistente operacional também faz muitas atividades onde utiliza as novas
229 tecnologias para fazer o leitor do mês. As tecnologias estão integradas, o que nós
230 precisávamos era de as melhorar. Mesmo com a sala do futuro, ela é muito usada, não faz
231 parte da biblioteca, mas é muito usada, porque não havendo na biblioteca, nós recorremos à
232 sala do futuro.

233

234 **-Quais as principais estratégias que implementou para que a biblioteca escolar conseguisse**
235 **integrar as tecnologias digitais?**

236 -Para já, nenhuma, porque ainda não tive tempo. A única coisa que eu fiz...

237 **-Bom, mas já têm essas atividades todas, portanto, ao fim e ao cabo, já têm.**

238 -Mantivemos a newsletter, o clube de jornalismo, deixa ver se me lembro de mais alguma
239 coisa... A própria biblioteca tem uma página no Facebook, onde faz a divulgação das
240 atividades. O agrupamento também tem uma página do Facebook, onde divulga imenso as
241 atividades. Trabalham com o GIAE, onde os pais têm acesso às informações, onde nós
242 escrevemos os sumários. Não está diretamente relacionado com a biblioteca, mas mais com
243 o agrupamento. Mas no sentido de biblioteca, ainda falta um caminhozinho a percorrer a
244 nível das novas tecnologias.

245

246 **-Só para terminar, deseja acrescentar algo que não tenha sido abordado e que considere**
247 **importante?**

248 -Já disse, a questão da proibição, que não parte da minha escola, não parte de escola
249 nenhuma, mas acho que estamos a ir por um caminho perigoso e errado. Porque nós
250 sabemos, por experiência, que *o fruto proibido é o mais apetecido*. E ao proibirmos, não
251 estamos a alertar. No primeiro ciclo, já deveríamos começar com essa sensibilização no
252 quarto ano, porque nós sabemos que há meninos que já têm esse telemóvel. Não o levam, é
253 um facto, nunca o levaram, mas estamos a ir pelo caminho errado. Eu queria, era uma ideia,
254 é só uma ideia, não passa de uma ideia, ainda nem sequer passou para o papel, até porque é
255 proibido, é proibido e não há volta a dar, mas de outra maneira sensibilizá-los, não tendo os
256 telemóveis, mas sensibilizá-los para os perigos do telemóvel, fazendo atividades que poderão
257 fazer sentido, não usando o telemóvel. Porque eu, como professora, eu acho que o telemóvel
258 é uma mais-valia.

259 Eu uso, enquanto docente, o *Plickers* em sala de aula. Eu uso, é uma ferramenta pedagógica,
260 é ótima para fazer uma avaliação formativa no final da aula e não vejo, claro que eu uso no
261 sentido de docente, mas em idades, como 5º e 6º anos, podiam perfeitamente fazer um
262 *Kahoot*, desde que fosse ali monitorizado. E depois guardava-se numa caixa, pode parecer
263 retrógrada a ideia, mas sempre era melhor que proibir.

264 Isto é a minha opinião do que foi feito pelo Ministério da Educação, que nada tem a ver com
265 as escolas. Tirar os telemóveis do intervalo é válido, concordo, mas tirá-los da escola é errado.

266

267 **-Pronto, resta-me agradecer a sua disponibilidade e a sua colaboração.**

268 **Muito obrigada.**

269 -Olhe, é o que eu tenho... Se entretanto, como estou há pouco tempo no cargo, houver
270 alguma coisa que faça sentido e eu ainda vá a tempo de comunicar, que faça sentido em
271 relação às duas bibliotecas que eu trabalho, eu dir-lhe-ei. Mas, pronto, a nível de tecnologias,
272 eu acho que não é só a minha escola, por outras onde passei, acho que a biblioteca é um
273 bocadinho descurada nesse aspeto das novas tecnologias, porque se continua a associar
274 muito a biblioteca a livros e não à parte do digital, que muitos de nós já lemos as notícias ao
275 longo da manhã no digital e não no jornal.

276 E uma coisa não substitui de todo a outra. Elas podem trabalhar perfeitamente em conjunto,
277 de mãos dadas.

278 E foi um gosto. Obrigada.

279 **-Obrigada.**

1 **Entrevista 4**

2
3 -Então, antes de mais, bom dia, professora *****, agradeço a disponibilidade que
4 demonstrou e já agora pedia autorização para a gravação desta entrevista, para ficar
5 registado...

6 -Sim.

7 -Muito obrigada. Pronto, só para fazer aqui a integração... Então, esta entrevista é no
8 âmbito da minha investigação, do meu mestrado...

9 -Eu isso já li, pode passar à frente.

10 -É? Pronto!

11 -Eu isso li tudo com muita atenção.

12
13 -Ok. E que é fundamental para o meu trabalho. Pronto, já sabe essa parte toda, não é? E
14 que já sabe que é confidencial... como é óbvio.

15 -Sim.

16
17 -Então, vou passar já rapidinho às questões...

18 **Então, a primeira questão que lhe queria colocar: as habilitações académicas?**

19 -Portanto, eu sou licenciada em Ciências Religiosas. Tenho a pós-graduação de Educação
20 Especial. Tenho a pós-graduação em Bibliotecas Escolares.

21
22 -As funções desempenhadas no agrupamento?

23 -Neste momento, sou coordenadora das Bibliotecas Escolares de ***** , portanto, dos quatro
24 espaços de biblioteca.

25
26 -O tempo de serviço como docente?

27 -24 anos de serviço. E este é o meu terceiro ano nas bibliotecas. Portanto, ainda sou muito
28 inexperiente. (risos)

29
30 -Tempo de serviço como coordenadora da biblioteca? Acabou por já responder, não é?

31 -Na verdade, dois. Este será o terceiro.

32
33 -O terceiro.

34 **A sua situação profissional?**

35 -Eu sou quadro de escola.

36
37 -Daqui, não é? Pronto.

38 **O grupo disciplinar?**

39 -Educação Moral e Religiosa Católica.

40
41 -Que é o grupo...

42 -290.

43
44 -Ok, 290. Obrigada.

45 **E agora vamos mais concretamente ao meu estudo.**

46
47

48 **Quais são as principais instalações da biblioteca escolar que coordena?**

49 -Temos quatro espaços de bibliotecas. Um do primeiro ciclo. Temos este da Escola Sede.
50 Temos outro na Escola *****. Portanto, que abarca o primeiro ciclo e o segundo e terceiro. E
51 temos o centro escolar. Portanto, são quatro espaços.

52 As instalações são todas divididas mais ou menos como este espaço. Portanto, temos sempre
53 o espaço da leitura, dos vários... Como é que eu vou dizer? Dos livros em si, não é? Depois
54 temos os espaços de leitura informal. Temos os espaços da parte da multimédia.
55

56 **-Que equipamentos estão disponíveis para a utilização das tecnologias digitais pelos alunos
57 e docentes dentro da biblioteca escolar?**

58 -Olhe, nós temos computadores. Embora estejam já a precisar de renovação. Porque é outra
59 pergunta, não é que eu lembro-me, mas, portanto, fica já. Estão nitidamente a dar as últimas.
60 Temos tablets, mas que não são afetos à biblioteca, mas sim à escola. Ou seja, nós quando
61 precisamos vamos buscar ali à equipa PTE, utilizamos quando necessitamos deles para
62 qualquer atividade, ou promovida pela biblioteca, ou promovida por qualquer grupo
63 disciplinar.
64

65 **-Quais foram as infraestruturas ou equipamentos que foram melhorados nos últimos anos?**

66 -Tecnológicos?

67 -Sim.

68 - Não foram.

69 - Não foram?

70 -Não.

71 -Pois...

72 **Estão afetos à biblioteca escolar alguns equipamentos informáticos no âmbito do programa
73 Escola Digital ou de outro programa? Quais?**

74 -(acenou com a cabeça que não)

75 -Não! Ok.

76 **De forma geral, como é que os alunos e professores utilizam as tecnologias digitais
77 existentes na biblioteca escolar?**

78 -Porque eles fazem a requisição do espaço, não é? No caso do espaço digital. E podem usar,
79 claro, sempre com o professor ou com o professor bibliotecário ou com alguém da equipa e
80 podem usufruir cá dentro da biblioteca. Os tablets podem ser também... Já usamos, por
81 exemplo, em sala de aula. Quando o professor bibliotecário vai à sala de aula. Ou trazemos e
82 fazemos aqui algumas atividades.
83

84 **-A biblioteca escolar, que coordena, disponibiliza recursos digitais tais como escola virtual,
85 aula digital, software educativo, e-books ou videojogos?**

86 -E-books, sim. A aula digital e a escola virtual, cada disciplina usa mais na sua disciplina.
87

88 **-A biblioteca escolar tem jornais e ou revistas em suporte digital?**

89 -Em suporte digital temos o público, para os mais crescidos, para toda a gente, para os
90 professores e para os mais crescidos.
91

92 **-Sente que a biblioteca escolar é uma prioridade do seu agrupamento e porquê?**

93 -Sim, completamente. Se não temos a biblioteca como um centro educativo que vai abarcar
94 todas as outras disciplinas onde é que elas podem recorrer, porque é um recurso, claro que

95 sim que deve ser e é usado sempre que são solicitados ou então há algumas atividades que a
96 biblioteca promove e as disciplinas são envolvidas também.

97

98 **-Existem diferenças na utilização da biblioteca escolar pelos alunos consoante a sua faixa**
99 **etária e pelos professores consoante o seu grupo disciplinar?**

100 -Pelo grupo disciplinar nem tanto, mas sim pelos espaços, sim. Todos os espaços são
101 adequados aos alunos em questão. A secundária tem uma ligeira, desde a parte da literatura
102 e todo o catálogo que temos que é destinado a cada faixa etária, aqui é exatamente igual e
103 nos centros escolares também. Portanto, está adequado a cada faixa etária.

104

105 **-Quais as principais atividades desenvolvidas pelos alunos e docentes na biblioteca escolar?**

106 -As principais? A leitura orientada, temos a requisição, quando vêm fazer a requisição
107 semanal, por exemplo, por um projeto que temos que é *o 10 minutos de ler*, que vêm com os
108 meninos, requisitam os livros ou então outras atividades promovidas pela biblioteca e que os
109 leva a vir a visitá-la também.

110

111 **-Como classifica a literacia digital dos alunos e docentes que frequentam a biblioteca**
112 **escolar?**

113 -Eu diria que é entre o satisfatório e o bom.

114

115 **-Quais as principais dificuldades sentidas para integrar mais as tecnologias digitais na**
116 **biblioteca escolar?**

117 -Falta de financiamento, não é? Precisamos urgentemente de renovar, porque se não, é o que
118 toda a gente diz, uma biblioteca tem que ser atual, não é? Não um museu.

119 Claro que temos, por exemplo, o televisor, que chegou no ano passado, já foi também alguma
120 coisa, porque queremos iniciar este ano o plano nacional de cinema, que nunca usamos aqui
121 na escola, e precisávamos realmente de... É a coisa mais recente que temos agora.
122 Computadores, tablets, isso... Precisávamos, precisávamos.

123

124 **-Mais atualizados, não era?**

125 -Sim.

126

127 **-Como avalia o parque informático e ligação à internet existente na biblioteca escolar? Ao**
128 **fim e ao cabo do parque informático até já foi falando que está desatualizado, não é?**

129 -A internet... Eu acho que é boa. Realmente, quem não dá o feedback é que os computadores
130 são os computadores que não nos... Que não são receptivos, não é? Demoram imenso tempo
131 a abrir, a ligar, a desligar, a qualquer ação, não é?

132

133 **-Considera que as tecnologias digitais estão bem integradas no dia-a-dia da biblioteca**
134 **escolar e porquê?**

135 -Poderiam estar melhores, se tivéssemos melhores recursos. Nós usámos, sim. Fazemos ainda
136 por cima agora com a inteligência artificial, já fizemos algumas atividades, mas muitas vezes
137 os recursos, nós trazemos... Por exemplo, os miúdos trazem os computadores portáteis,
138 porque já têm os computadores, não é? Que lhes são dados. E quando precisamos, trazemos,
139 sim, pelo kit digital que eles têm.

140

141

142 **-Mas só os deles, portanto, não há nenhum dos computadores afetos à biblioteca desse**
143 **plano, certo? De acordo com aquilo que me disse anteriormente. Só para esclarecer...**

144 - Não.

145

146 **Quais as principais estratégias que implementou para que a biblioteca escolar conseguisse**
147 **integrar as tecnologias digitais?**

148 -Normalmente, nós fazemos... Na verdade, a maioria das atividades são os professores, não
149 é? Imaginem, querem fazer um trabalho, uma pesquisa, e vêm e requisitam os computadores.
150 Atividades que nós tivéssemos feito para usar... Nós não podemos prever, ou seja, usar uma
151 coisa que não temos. Como é que eu posso prever e usar uma coisa, ou querer fazer uma
152 coisa, se não a tenho? Não podemos fazer omeletes sem ovos, não é?

153 **-Exato. Claro.**

154 -Então, não podemos programar.

155 **-Tem a ver com a falta de recursos materiais...**

156 -Fizemos, por exemplo, atividades que tinham a ver com... O saber pesquisar na internet. A
157 ideia de se a minha pesquisa é boa ou não. A forma de pesquisar. E nós utilizámos, por
158 exemplo, os tablets. Foi mais fácil. Eu usava muito os tablets para tentar dar essa resposta.
159 Outras atividades, onde eu incluía, por exemplo, a inteligência artificial. Por exemplo, a
160 entrevista a um escritor. Isso fazemos, mas é... Eles trazem sempre os computadores deles.

161 **-Pois, ok. Porque são mais recentes, não é?**

162 -Claro.

163 -E os tablets, também utilizam os tablets por ser mais prático ou também porque são mais
164 recentes que os computadores que têm aqui?

165 -Isso às vezes tem a ver com... Se eles têm ou não têm. Ou se há meninos que têm ou não
166 têm o computador. Porque às vezes há uns que estão avariados. Então, temos sempre um
167 plano B. Mas, normalmente, damos preferência aos computadores deles.

168 **-Sim, sim.**

169 -Porque temos para isso mesmo. E depois, quando às vezes há outras atividades, aí é que
170 vamos buscar os tablets.

171

172 **-E então, para terminar, deseja acrescentar algo que não tenha sido abordado e que**
173 **considera importante a nível deste tema?**

174 -Sim, é assim. Eu acho que estava na altura de muita gente, de muitos colegas, serem
175 parceiros efetivos da biblioteca, não é? Saberem que a biblioteca pode ser um parceiro forte
176 e que os poderá ajudar no trabalho de cada disciplina. E muitas vezes não se vê isso, não é?
177 Muitas vezes vemos que é para os de português. Às vezes vai ao inglês. E não, eu julgo que
178 tenho conseguido um bocadinho, cada dia, mostrar que é diferente.

179 A biblioteca está aberta a todos os grupos disciplinares. E, assim, podemos fazer melhor.

180 E, claro, outra seria que os nossos governantes vissem também as bibliotecas e que as
181 equipassem para que fossem atuais, que fossem modernas, não é? Entre aspas, no sentido
182 de nos darem armas para nós podermos trabalhar.

183

184 **-Pronto. Muito obrigada. Agradeço a disponibilidade e a colaboração.**

185 -Obrigada, eu.

186

187 **-Obrigada.**

188 -E estou sempre disponível.

Entrevista 5

-Esta entrevista é no âmbito da minha investigação de mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares da Universidade Aberta. Realço que esta entrevista constitui um instrumento fundamental para este trabalho de investigação.

Os dados recolhidos serão tratados de forma anónima e apenas serão utilizados no âmbito deste trabalho de investigação.

Pronto, e agora pedi-lhe então autorização para fazer a gravação novamente, só para ficar registada.

-Sim, sim.

-Muito obrigada.

Então, ia começar aqui com a primeira parte, só para caracterizarmos...

-Mas qual é o tema da investigação? Eu não percebi.

-Ah, não?

-Sei que era no âmbito das bibliotecas, mas...

-Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares. E o meu projeto é mais concretamente as TIC nas bibliotecas escolares.

Então, a primeira questão que eu lhe colocava era as...

-Só um momento...

-Está bem, esteja à vontade.

(interrupção...)

Então, pedia-lhe as suas habilitações académicas.

-Portanto, eu tenho um mestrado no âmbito da literatura, do Ensino da Língua e da Literatura Portuguesa. Tenho pós-graduação em Gestão de Bibliotecas Escolares e tenho uma licenciatura.

-Funções desempenhadas no agrupamento ou escola? Aqui é agrupamento, não é?

-É. Esta é a escola sede. Eu sou docente do grupo 300 e sou coordenadora da Biblioteca Escolar.

-Tempo de serviço como docente?

-32, mais ou menos.

-Tempo de serviço como coordenadora da Biblioteca Escolar?

-São cerca de 10 anos.

-Muito bem.

Situação profissional?

-Sou professora do quadro do agrupamento, sim.

-Daqui, não é?

-Sim.

-Grupo disciplinar?

-É o 300.

48 **-O 300, já tinha dito... Pronto.**

49 **E agora vamos, então, às questões mais no âmbito do meu projeto.**

50 **Quais são as principais instalações da Biblioteca Escolar que coordena?**

51 -As principais instalações, como assim?

52 **-É só esta ou tem mais?**

53 -Não, é assim... Eu coordeno uma equipa. Portanto, sou professora bibliotecária nesta escola
54 e coordeno, neste momento, uma equipa que contempla três bibliotecas que estão inseridas
55 na rede de bibliotecas escolares e duas bibliotecas, uma é de uma escola pré-escolar e outra
56 de uma escola do primeiro ciclo, que não seguem exatamente as normas tão rigidamente
57 como nós fazemos aqui, mas desenvolvem atividades em articulação com as atividades da
58 Biblioteca Escolar, nomeadamente a requisição domiciliária.

59

60 **-E pode dizer-me quais são essas bibliotecas?**

61 -As que estão na rede?

62 **-Sim, as que coordena a professora.**

63 -Portanto, é esta, a Escola Secundária *****, a Escola EB *****, a Escola EB1 *****, mais
64 conhecida por *****, e depois temos uma biblioteca que não está integrada na rede, da EB1
65 *****, e do Jardim de Infância de *****.

66 **-Muito obrigada.**

67 **Que equipamentos estão disponíveis para a utilização das tecnologias digitais pelos alunos
68 e docentes dentro da Biblioteca Escolar?**

69 -Dentro da Biblioteca Escolar temos computadores, que não são muitos, temos
70 computadores portáteis adquiridos no âmbito de um projeto, que nós desenvolvemos
71 integrado no âmbito da informação, temos computadores de acesso a alunos e professores,
72 temos tablets, embora não sejam muito requisitados... São suficientes? Talvez não. E além
73 disso, estes computadores que estão neste momento ali ao serviço, estão um bocadinho
74 obsoletos, demoram muito tempo a abrir qualquer coisa. Mas, portanto, estão acessíveis,
75 temos vários turnos a acederem e virem desenvolver atividades aqui, integrados ou no seu
76 tempo de estudo, ou integrados na disciplina, na aula, acompanhados pelo professor.

77

78 **-Quais foram as infraestruturas ou equipamentos que foram melhorados nos últimos anos?**

79 -Foram a aquisição de quatro computadores no âmbito de um projeto *ProLiteracias*.

80 **-Os portáteis que disse há bocadinho, não é?**

81 -Os portáteis que disse há pouco, sim.

82

83 **-Estão afetos à Biblioteca Escolar alguns equipamentos informáticos no âmbito do
84 Programa Escola Digital ou de outro programa e quais?**

85 -Não.

86

87 **-De forma geral, como é que os alunos e professores utilizam as tecnologias digitais
88 existentes na Biblioteca Escolar?**

89 -Como utilizam? Em que sentido? Se cumprem as normas? Ou para que efeito?

90 **-O que é que eles fazem?**

91 -Para que efeito? Como eu disse, ou vêm fazer, no âmbito de estudo, fazer pesquisas, fazer
92 trabalhos escolares, ou vêm integrados na aula, com orientação de professor, também para
93 fazer pesquisas, normalmente, e depois há os alunos que vêm em tempo de lazer e
94 normalmente ou veem filmes ou ouvem músicas. Nós aqui não permitimos que se aceda a
95 jogos, a não ser que tenha cariz didático. E basicamente é isso.

96 Ah, esqueci-me de dizer que também tivemos, na Escola Digital, afinal, desculpe, temos ali o
97 monitor, o quadro interativo que é nesse âmbito da Escola Digital. Do LED, do laboratório.

98
99 **-Ah, do LED... Porque a Escola Digital é daqueles kits que vão para os professores, com o**
100 **portátil, os fones, a mochila...**

101 -Aqui na biblioteca não há, a não ser o meu computador pessoal.

102 Dentro da biblioteca, não.

103

104 **-Seu, como professora do agrupamento...**

105 -Sim.

106

107 **-Ok.**

108 **A biblioteca escolar que coordena disponibiliza recursos digitais tais como a escola virtual,**
109 **aula digital, software educativo, e-books ou videojogos?**

110 -Disponibiliza com acesso a essas redes exteriores. Ou seja, aqui nós não adquirimos e-books,
111 não adquirimos esses jogos digitais, mas temos no nosso site um espaço onde remetemos,
112 integrado em determinada disciplina, remetemos para esses jogos, essas atividades.

113

114 **-A biblioteca escolar tem jornais e ou revistas em suporte digital?**

115 -Fazemos assinatura apenas da revista Visão Júnior, neste momento. Que não é muito
116 atualizada.

117 Vamos agora, porque vai acabar o prazo de inscrição para os alunos entre os 15 e os 18 de
118 assinatura de jornais digitais, jornais e revistas, iremos agora fazer umas sessões para que
119 eles processem e façam essa assinatura, que é gratuita e durante, suponho que são dois anos,
120 têm acesso a jornais e revistas.

121

122 **-Ok, muito bem.**

123 **Sente que a biblioteca escolar é uma prioridade do seu agrupamento, porquê?**

124 -Sim, a biblioteca é um motor fundamental da escola, porque o seu papel primordial é apoiar
125 os utilizadores no âmbito do desenvolvimento do currículo ou do enriquecimento curricular.
126 E, portanto, nesse âmbito, a biblioteca desenvolve múltiplas atividades que estão
127 enquadradas nos documentos da RBE, para desenvolver a literacia da leitura, dos médias e
128 da informação, e, portanto, é um elemento fundamental numa escola.

129

130 **-Existem diferenças na utilização da biblioteca escolar pelos alunos consoante a sua faixa**
131 **etária ou pelos professores consoante o seu grupo disciplinar?**

132 -Penso que não.

133 **-É indiferente?**

134 -É indiferente, obviamente, os alunos do terceiro ciclo. Aqui só temos terceiro ciclo e
135 secundário. Podem ter aqui, assim, alguns comportamentos mais infantis, mas, regra geral,
136 vou dizer que não, porque nós, no início do ano, aliás, o mês de outubro é o mês internacional
137 das bibliotecas escolares, uma das atividades que nós fazemos é a formação do utilizador e
138 fazemos visitas orientadas à biblioteca escolar aos alunos novos, de sétimo ano, e alguns
139 alunos do décimo ano. Portanto, as regras são logo estabelecidas e, portanto, penso que isso
140 é facilitador do seu cumprimento.

141

142 Mesmo as normas de utilização dos computadores e o que é que posso usar, não podem
143 aceder às redes sociais, por exemplo.

144 **-E utilizam todos de igual forma?**
145 -Sim.
146 **-Tanto os alunos como os professores?**
147 -Mas tem haver não necessariamente com o grau de escolaridade, mas tem a ver com a
148 personalidade da pessoa.
149
150 **-E os professores também? Os grupos utilizam igual, a biblioteca?**
151 -Sim. Não usam igual, ou seja, cumprem as normas de igual forma, não usam tanto.
152 **-Não estava a referir-me tanto às normas, mas sim se vêm à biblioteca.**
153 -Ah, então eu não percebi.
154 **-Se vêm à biblioteca, tanto a nível dos alunos por faixas etárias, se acha que é igual, e dos**
155 **professores consoante o seu grupo, se é igual independente do grupo.**
156 -Não, então eu percebi mal.
157 **-Ok, ok, não há problema.**
158 -Em relação aos alunos, se calhar o ensino secundário usa mais autonomamente. O terceiro
159 ciclo depende.
160 Os professores... Sim, efetivamente há grupos disciplinares que não vêm à biblioteca.
161 **-Quais é que vêm mais e quais é que vêm menos? O que é que acha? Há assim algum que**
162 **se destaque?**
163 -Vêm do Departamento de Matemática e Ciências Experimentais, vêm do Departamento de
164 Línguas, do Departamento de Ciências Sociais e Humanas, mas, por exemplo, do Grupo de
165 Educação Física os professores não vêm, a não ser que sejam convidados para acompanhar
166 as turmas no desenvolvimento de alguma atividade, então isso, sim. Nesse aspeto há abertura
167 de todos os grupos disciplinares para o desenvolvimento ou colaboração no desenvolvimento
168 das atividades.
169
170 **-Ok, muito bem. Quais as principais atividades desenvolvidas pelos alunos e docentes na**
171 **biblioteca escolar? O que é que eles fazem cá?**
172 -Depende. Se a vinda for autónoma, normalmente vêm estudar ou fazer algum trabalho
173 associado ao estudo.
174 Há um grupo muito reduzido, neste momento, de alunos que vêm à biblioteca, por exemplo,
175 passar os intervalos ou, enquanto está à espera do colega que ainda está em aulas, para irem
176 almoçar e, portanto, está ali no seu espaço de lazer ou lê ou consulta o seu telemóvel. Ou
177 então vêm com o professor.
178 Os professores o que é que fazem? Ou fazem trabalho individual, não é? Pode ser trabalho
179 de direção de turma, pode ser trabalho de preparação de aulas ou então vêm com alunos a
180 acompanhar em atividades ou desenvolver, portanto, no decurso da aula vêm fazer um
181 trabalho de pesquisa ou um exercício de leitura.
182
183 **-Ok, muito bem.**
184 **Como classifica a literacia digital dos alunos e docentes que frequentam a biblioteca**
185 **escolar?**
186 - (risos)
187 **-É difícil esta?**
188 -É difícil, vou-lhe dizer... Vou-lhe dizer, não sei, insuficiente? Quer que lhe diga isto?
189 **-O que achar...**
190 **De ambos? De alunos e docentes, certo?**

191 -É assim... Vou dizer suficiente na medida... Nos alunos, na medida em que têm muita
192 perspicácia para determinadas áreas, mas, por exemplo, para processar texto têm muita
193 dificuldade. Há alunos que chegam aqui que não sabem como é que se faz um acento numa
194 vogal, não é? Pronto, ou seja, a sua competência digital depende do que é para fazer.
195 Se é para pesquisar, se calhar eu já sei fazer melhor, mas se for para processar texto, se calhar
196 têm mais dificuldade.

197 **-E dos professores?**

198 -Os professores... Vou-lhe dizer também suficiente, porque também... É assim, no domínio...
199 Lá está, é o inverso. No domínio do processamento de texto, etc., acho que sim, está bem.
200 Depois, para a utilização de outras ferramentas digitais, há mais dificuldade e alguma
201 relutância na sua utilização.

202

203 **-Quais as principais dificuldades sentidas para integrar mais as tecnologias digitais na**
204 **biblioteca escolar?**

205 -Dizer logo assim, é o facto dos computadores estarem obsoletos e não restarem em número
206 suficiente, digamos assim. Embora, nós tenhamos neste momento 6, com 1 que não está
207 operacional, mais 4 portáteis, digamos que já é muito interessante, mas o facto daqueles
208 restarem, pronto, não estão atualizados e isso traz muitos constrangimentos.

209

210 **(interrupção por outra pessoa)**

211

212 **-Como avalia o parque informático e a ligação à internet existente na biblioteca escolar? O**
213 **parque informático já foi dizendo que está obsoleto.**

214 -Sim, e a ligação à internet também. Temos momentos com muitos problemas e demora
215 muito nos computadores dos alunos.

216

217 **-Considera que as tecnologias digitais estão bem integradas no dia-a-dia da biblioteca**
218 **escolar e porquê?**

219 -Estão bem integradas na medida em que nós fazemos a previsão e planeamos atividades
220 nesse sentido. Nem sempre são cumpridas por constrangimentos. O primeiro, sem ser por
221 ordem prioritária, o primeiro é o facto de termos poucos computadores e estarem um pouco
222 obsoletos. O outro é que nem sempre os professores... Ou seja, nós poderemos começar aqui
223 uma atividade, que depois é para dar continuidade na sala de aula, mas depois, sem o apoio
224 da biblioteca, as coisas nem sempre correm como nós pretendemos.

225

226 **-Quais as principais estratégias que implementou para que a biblioteca escolar conseguisse**
227 **integrar as tecnologias digitais?**

228 -Fazer propostas aos professores no plano anual de atividades, propostas concretas.

229

230 **-E agora, para terminar...**

231 **Deseja acrescentar algo que não tenha sido abordado e que considere importante?**

232 -Acho que não.

233 Não sei se correspondo ao que pretendia...

234 **-Claro que sim, agradeço.**

235 **Então, resta-me agradecer a disponibilidade e a sua colaboração.**

236 -Obviamente que a minha formação nessa área, estou em constante aprendizagem.

237 **-Todos nós!**

238 -Há muitas coisas que eu preciso de ajuda para depois ser eu a orientar. Mas vamos fazendo
239 o caminho.
240 **-Pronto, que é o que é preciso! Acho que sim!**
241 **(risos)**
242

Entrevista 6

1 **-Peço então a autorização para a gravação da entrevista...**

2
3 -Sim, autorização, sim, sim.

4
5
6 **-Obrigada. Então, esta entrevista é no âmbito da minha investigação, no âmbito do meu**
7 **mestrado em gestão de informação em bibliotecas escolares da Universidade Aberta.**
8 **Realço que esta entrevista constitui um instrumento fundamental para este trabalho, não**
9 **é? Como é óbvio.**

10 **Os dados recolhidos serão tratados de forma anónima e apenas serão utilizados no âmbito**
11 **deste trabalho de investigação. E então, eu ia começar aqui por uma breve caracterização**
12 **sua, por favor.**

13
14 -Então, eu sou do Grupo 100, pré-escolar. Sou professora bibliotecária há, pois não sei, houve
15 interrupções pelo meio, mas digamos que assim, 5 anos, 3 seguidos. Este é o sexto ano.
16 Estou a iniciar funções neste agrupamento como professora bibliotecária e como já disse,
17 venho do grupo 100. Eu acredito que a biblioteca é um lugar essencial, um espaço essencial
18 para o apoio ao currículo e desenvolvimento de literacias. Eu pretendo dar continuidade ao
19 trabalho já feito pela anterior professora bibliotecária e um dos pontos fracos deste
20 agrupamento é as tecnologias digitais.

21
22 **-Posso só agora aqui... Eu gostava que fizéssemos aqui... Por partes. Pode ser? Em vez de**
23 **desenvolver logo? Sim, sim. Se não se importa, eu vou fazendo as questões.**

24
25 -Então é melhor, é melhor.

26 **-Então as habilitações académicas já me disse...**

27 -Sou licenciada em educação de infância e tenho a pós-graduação em gestão de bibliotecas
28 escolares.

29
30 **-Ok. As funções desempenhadas aqui no agrupamento. Penso que também já a referiu.**

31 -Sim, sim, estou a iniciar.

32
33 **-Como coordenadora de biblioteca escolar, não é?**

34 -Sim.

35
36 **-O tempo de serviço como docente?**

37 -Como docente tenho 8600... quase 25 anos. É, 25 anos de serviço.

38
39 **-Ok. O tempo de serviço como coordenadora já disse aproximadamente 5 anos, não foi? Se**
40 **não me engano.**

41 -Sim.

42 **-Este era o sexto.**

43 -Este era o sexto, exatamente.

44
45 **-Pronto. Ok. A situação profissional?**

46 -Sou do QZP, Quadro de Zona Pedagógica.

47
48

49 **-Ok. E o grupo disciplinar?**

50 -100-pré-escolar.

51

52 **-Então, quais são as principais instalações da biblioteca escolar que coordena?**

53 -As principais instalações é a biblioteca aqui da EB23 de *****, que é a escola-sede.

54 A biblioteca foi requalificada recentemente. Acho que tem um bom espaço, tem boas condições. Pelo que consegui saber, tem computadores, tem internet, tem tablets.

56 A coleção digital e o catálogo têm crescido muito. E também temos um programa da escola digital. Escola virtual, escola digital.

57

58

59 **-O programa?...**

60 -Sim. Não é um programa, é uma ferramenta que os alunos podem utilizar.

61

62 **-Ok. Já lá vamos então.**

63 -Pronto. (Risos)

64

65 **- Aqui, já me falou dos equipamentos, já não vou fazer essa questão.**

66 **As infraestruturas ou equipamentos foram melhorados nos últimos anos?**

67 -Foram.

68

69 **-Ok. Quais deles? Consegue-se saber?**

70 -Os computadores, a biblioteca digital, como eu tinha dito. Temos tablets. E pronto, é só. Digital, é só.

71

72

73 **-E então de infraestruturas?**

74 -Tem boas condições.

75

76 **-Mas foram melhoradas nos últimos anos?**

77 -Sim, foi reestruturada recentemente. Foi algo de reestruturação, sim.

78

79 **-Ok.**

80 -Porque ainda tinha... Eu sei porque a pessoa que acompanha este agrupamento também me acompanhou em *****. Ela não é que tenha sofrido obras, mas foi reestruturada.

81

82

83 **-Ok.**

84 -O espaço tinha aqueles comboios de estantes, como antigamente, e agora já tem um espaço mais amplo, apropriado para receber grupos de...

85

86 **-Por zonas, distribuído por zonas, não é?**

87 -Mas tem um espaço mais amplo, o que dá para receber, por exemplo, duas turmas e poderem estar ali a articular entre elas.

88

89

90 **-Ok.**

91 -E antes não era possível, não é? Porque o espaço estava muito mais reduzido do que aqueles comboios de estantes.

92

93

94 **-Não permitia isso...**

95 **Estão afetos à biblioteca escolar alguns equipamentos informáticos no âmbito do programa Escola Digital ou de outro programa? E quais?**

96

97 -Os equipamentos são os computadores, os fixos.
98
99 **-Então esses não são da Escola Digital. Os da Escola Digital são aqueles kits que deram aos**
100 **professores...?**
101 -Eu tenho um, sim, sim.
102
103 **-...Mas para a biblioteca? Não para os professores nem para os alunos.**
104 -Não, tem a biblioteca.
105
106 **-Para a biblioteca especificamente?**
107 -Não, não.
108
109 **-Tem esses kits?**
110 -Não.
111
112 **-Ok, pronto. Nem no âmbito de outro programa também não houve essa aquisição?**
113 -Não. Outra coisa que o programa digital tem, com o qual eu não concordo, porque me foi
114 dado um computador, estive três anos com ele, agora vou ter que o entregar e vou ter que
115 pegar noutro. Porque é que esse computador que me deram não me pode acompanhar
116 durante o meu percurso?
117
118 **-Pois, é por escola... É distribuído por escola. (...).**
119 -Este é tudo um passo, sim.
120 (...)
121 **-Pois, é assim que funciona...**
122 **De forma geral, como é que os alunos e professores utilizam as tecnologias digitais**
123 **existentes na biblioteca escolar?**
124 -É assim, eles utilizam para pesquisa de informação, para fazer trabalhos, para produção de
125 podcast, de vídeos e os jornais.
126 E o jornal, nós temos um jornal que é o... E o jornal, sim. Os professores também utilizam com
127 guiões de pesquisa, utilizam as plataformas online ou às vezes vão lá para ir ao *Teams*, para
128 consultar o seu e-mail e ferramentas de apoio ao currículo. Mas isto é geral também.
129
130 **-A biblioteca escolar que coordena, disponibiliza recursos digitais, tais como escola virtual,**
131 **escola digital, software educativo, e-books ou videojogos?**
132 -Temos *e-books*, temos o jornal digital e atividades em realidade virtual e alguns projetos.
133 Sim, escola virtual não.
134
135 **-Pois, ok.**
136 **A biblioteca escolar tem jornais e ou revistas em suporte digital?**
137 -Tem jornal.
138
139 **-Ok, já tinha falado, realmente.**
140 **Sente que a biblioteca escolar é uma prioridade do seu agrupamento, e porquê?**
141 -Eu acho que é. Eu acho que é uma prioridade deste agrupamento. Às vezes, nem tanto, mas
142 aqui sim, é uma prioridade deste agrupamento. Na promoção da leitura, da literacia digital,
143 da literacia da informação, da literacia dos mídias, sim. É uma preocupação.
144

145 **-Ok, perfeito.**

146 **Existem diferenças na utilização da biblioteca escolar pelos alunos consoante a sua faixa**
147 **etária ou pelos professores consoante o seu grupo disciplinar?**

148 -A biblioteca é valorizada por todos os docentes, que a veem como um apoio fundamental.
149 Só que depois acabam por não a utilizar da forma como a veem. Acham que é importante,
150 mas não recorrem assim tanto a nós. No sentido de saírem do espaço sala de aula e usarem
151 a biblioteca como uma sala de aula. Eu estou a falar pela experiência que tenho do antes, mas
152 normalmente é um hábito recorrente.

153
154 **-Acha que há algum grupo disciplinar que vai mais vezes à biblioteca, que a utiliza mais**
155 **vezes?**

156 -Sim, o primeiro ciclo, pré-escolar, depois o grupo de português, línguas, mas depois a partir
157 daí acham que a biblioteca não é compatível com a matemática, com as ciências, com a
158 biologia, com a físico-química, com a educação física.

159
160 **-E dos alunos, nota que há faixas etárias que a utilizam mais?**

161 -O 1º ciclo.

162 **-Ok, a nível dos alunos também.**

163 **Quais as principais atividades desenvolvidas pelos alunos e professores na biblioteca**
164 **escolar?**

165 -Ora, é assim, aqui tem muito, eu até posso abrir aqui, porque hoje tive a ver as atividades.
166 Por exemplo, o concurso municipal de leitura. É uma atividade que tanto os professores como
167 os alunos participam muito.

168 Os “miúdos a votos”, que é uma iniciativa da Rede Bibliotecas Escolares e da revista Visão,
169 que, entretanto, terminou. Não sei se estou a fugir ao assunto ou não. Não? Mais... Temos o
170 “Dez Minutos a Ler”, que também é um projeto do Plano Nacional de Leitura, em que eles
171 param dez minutos todos os dias para ler. E aqui está desde o primeiro ciclo, começou de
172 cima, começou pelo secundário, e agora está no primeiro ciclo. É uma atividade que eles
173 gostam muito de fazer, os alunos. Mais... Eles gostam muito também, eu falo da minha
174 experiência, de atividades interativas. Já tive essa experiência. Se for à biblioteca ouvir alguma
175 coisa e uma pessoa põe-se com perguntas, eles não respondem, ou dizem que não sabem, ou
176 passam, ou calam-se. Mas se puser um código QR com quiz e dizem: olha, apontem para lá o
177 telemóvel. Eles já respondem a tudo.

178
179 **-E a nível dos docentes, quais são as atividades que gostam?**

180 -Também são essas atividades que dão menos trabalho. Os “miúdos a votos”, eles não se
181 envolvem muito, envolvem-se mais os alunos. Os “miúdos a votos”... Sabe o que é os “miúdos
182 a votos”?

183
184 **-Pode explicar.**

185 -Os “miúdos a votos” é como se fossem umas eleições, por exemplo agora as eleições
186 autárquicas. Temos os “miúdos a votos”, é feita uma lista dos 20 livros por nível de ensino, e
187 os alunos escolhem um livro sobre o qual querem fazer uma campanha, fazemos também
188 uma campanha de livro. Eles têm o dia de pausa para refletir, depois temos o dia da votação.
189 Vão à biblioteca votar. Tem um boletim de voto. É tudo igual como se fosse uma eleição
190 normal.

191

192

193 **-Com um livro, não é?**
194 -Com um livro, exatamente.
195
196 **-Como classifica a literacia digital dos alunos e docentes que frequentam a biblioteca**
197 **escolar?**
198 -Média.
199
200 **-Ambos?**
201 -Ambos, sim.
202
203 **-Quais as principais dificuldades sentidas para integrar mais as tecnologias digitais na**
204 **biblioteca escolar?**
205 -A dificuldade, eu acho que é a falta de formação em literacia digital dos docentes. Ou então
206 nem sequer é a falta de formação, porque muitas vezes eles têm a formação, mas não põem
207 em prática. Acontece muitas vezes, uma pessoa... Se damos a sugestão de uma atividade em
208 que vamos utilizar... Uma coisa diferente. Eu tive um caso que estávamos a comemorar os
209 500 anos do nascimento do Camões, não é? E eu queria fazer uma atividade que era pegar no
210 poema *o que é o amor...* Não é o que é o amor, o amor era o livro. O do Camões, *o amor,*
211 *“É fogo que arde sem se ver”,* pegar nesse poema e inicialmente contar uma história ligada
212 aos afetos, ver qual era as semelhanças. E ver a perspetiva dos alunos sobre o que é para eles,
213 se o amor realmente “é fogo que arde sem se ver”. E depois construímos um avatar. Cada um
214 construiu o seu avatar e escreveu o texto. Só tive uma turma a participar. Os outros quiseram
215 só fazer um desenhinho, escrever uma frase e não quiseram mais nada. Porquê? Porque tem
216 a ver com o professor. Porque era mais do que aquilo que se calhar eles eventualmente têm
217 capacidade para. E não se verificou só naquele agrupamento, provavelmente aqui também
218 se vai verificar. Também um dos pontos fracos da avaliação da biblioteca é esse, a falta de
219 formação.
220
221 **-Como avalia o parque informático e ligação à internet existente na biblioteca escolar?**
222 -É bom.
223
224 **-Tanto uma coisa como a outra?**
225 -Sim, sim, sim.
226
227 **-Considera que...**
228 -Se fossem ***** já não eram a mesma coisa.
229
230 **-Então difere daqui, por exemplo, para a última escola em que esteve.**
231 -Sim.
232 **-Na última escola em que esteve já...**
233 -Os computadores que os alunos utilizavam na biblioteca eram muito, muito obsoletos,
234 mesmo. Mesmo aqueles do início, início.
235 **-Ok.**
236 **E a internet, já agora, só por curiosidade?**
237 -Lá, a internet... Fraca.
238 **-Também?**
239 -Sim.
240 **-Ok.**

241 **Considera que as tecnologias digitais estão bem integradas no dia-a-dia da biblioteca**
242 **escolar e porquê?**

243 -Sim, estão bem integradas porque em termos de alunos, professores, do trabalho da
244 biblioteca.

245

246 **-A nível geral do que fazem na biblioteca, se acha que lá se consegue trabalhar bem a esse**
247 **nível?**

248 -Sim, sim, porque nós temos a página da biblioteca, temos o blog, temos o *Facebook*, temos
249 o *Twitter*, temos o *Instagram*.

250

251 **-Quais as principais estratégias que implementou para que a biblioteca escolar conseguisse**
252 **integrar as tecnologias digitais?**

253 -É assim, a participar em projetos a nível da PNL e da RBE. Olha, o *Super Searchers* também,
254 estava-me a lembrar.

255

256 **-Ok. Então, para terminar, deseja acrescentar algo que não tenha sido abordado e que**
257 **considera importante?**

258 -É assim, eu gostaria muito de... eu sou sempre muito... acho que toda a gente é como eu. Eu
259 gosto... tenho 55 anos. Eu nunca parei de investir na minha formação. Sempre, sempre,
260 sempre me procurei atualizar, coisas novas porque os alunos cada vez mais precisam de novas
261 estratégias para os podermos levar para onde nós queremos, não é? E eu gostaria que
262 também o corpo docente também fosse nessa direção, não é? Que tivesse a mente mais
263 aberta. E de perceber que às vezes, por exemplo, a biblioteca consegue fazer com os alunos
264 muitas vezes aquilo que as professoras não conseguem fazer em sala de aula.

265

266 **-Gostaria de ter mais colaboração.**

267 -Exatamente.

268 **-Do corpo docente.**

269 -Sim, sim, sim. Mais abertura deles para em conjunto podermos trabalhar para o sucesso
270 educativo dos alunos.

271 **-Exatamente.**

272 -Porque ainda está tudo... pronto, a classe docente também está muito envelhecida, não é?
273 Há pessoas que... há docentes que mantêm sempre o mesmo nível de ensino. Eu tive o meu
274 filho... vou dizer... o meu filho... Eu tive uma professora na *****, matemática, que usava
275 conosco uns apontamentos que, entretanto, saiu da ***** voltou ao lugar dela na escola,
276 como professora de matemática, do terceiro ciclo e secundário, e os apontamentos que ela
277 utilizava comigo eram os que ela utilizava com o meu filho. E como ela, há muitas pessoas
278 assim, continuam sempre na mesma linha, sempre na mesma linha e têm medo de evoluir,
279 não é? E depois dizem, ah, eu não sei, eu não sei o que faço mais para ter a atenção dos
280 alunos.

281 Não há tanta coisa que podemos fazer?

282 **-Pois, os tempos também mudam e temos que nos ajustar, não é?**

283 -Temos que nos ajustar, pois, é isso.

284 **-Então, já agora, vou só fazer-lhe mais uma questão, só mesmo para terminar, que já não**
285 **tinha aqui, mas como estou a dar conta que vem de uma outra escola... Comparando a outra**
286 **escola com esta, nomeadamente a biblioteca escolar, quais são as principais diferenças a**
287 **nível disto que estivemos a falar, nomeadamente a nível da tecnologia digital, que acha**

288 **entre a outra escola e esta? Como é que compara? Já percebi que esta aqui, a nível de**
289 **equipamentos, estará bastante melhor do que a outra, não é?**

290 -Sim, por exemplo, esta tem um ecrã gigante, uma coisa gigante que dá para transportar,
291 como é que se chama aquilo? E nós lá, não.

292 Eu, na biblioteca de um centro escolar, não tinha projetor na biblioteca. Tinha que andar
293 sempre a pedir. Uma altura emprestaram-me um velho, já aquilo, pronto, aqui tem, lá não
294 tinha. Mais... Os computadores... Eu abri a biblioteca do centro escolar na altura em 2011,
295 2012, e os computadores que tinham lá, naquela altura, são os que têm agora. Já passaram
296 13 anos.

297 **-Portanto, a nível de equipamentos informáticos já é muito desatualizado.**

298 -Sim, e nas outras bibliotecas é exatamente os mesmos computadores que têm, que já eram
299 daqueles antigos, tinha aquele POS cinzento, mas os ecrãs continuam a ser os mesmos.

300 **-Nesta, no entanto, já não acontece isso.**

301 -Os computadores já são assim. E nem tínhamos tablets. Não tínhamos.

302

303 **-E a nível, por exemplo, de recursos digitais? Também não tinham?**

304 -Não.

305 **-Aqui tem.**

306 Não. Aqui tem. Não tínhamos jornal digital, nem revista digital. Nem papel, quanto mais
307 digital! Agora vão ter, porque pela participação do iniciativa “miúdos a votos”, que
308 antigamente eles enviavam às escolas participantes, oferecia uma assinatura mensal da
309 revista Visão Júnior. Agora não, como a Visão Júnior está em falência. Eles ofereceram uma
310 assinatura digital da revista. Agora sim, agora vão ter revista digital, mas não. E mesmo em
311 termos de verbas para a aquisição de fundo documental... Não.

312

313 **-Não havia nada...**

314 -Nestes últimos três anos que eu estive lá, foi através de candidaturas que eu fiz, de
315 atividades, que fui conseguindo uma ou outra verba para comprar livros novos, coisas novas.
316 Porque na biblioteca do centro escolar, eu montei-a em 11/12, os livros que estavam lá eram
317 os que estão agora.

318

319 **-E a nível, por exemplo, dos alunos e dos professores? Também notava, por exemplo, que**
320 **estavam, se calhar, um pouco menos evoluídos, digamos assim, a nível de literacia digital?**

321 -Sim, sim.

322

323 **-Ou seja, nota a diferença, se compararmos...**

324 -Porque é assim, o aluno que mexa num telemóvel e que aceda a tudo, não quer dizer que
325 tenha literacia digital. Porque eles, se uma pessoa pedir, olha, vai ao *Word* e faz isto e isto e
326 isto, eles não sabem mexer nas teclas, eles não sabem como colocar uma imagem. Eu ficava,
327 às vezes, assim, admirada, como é que eles têm TIC, não é? E no primeiro ciclo também têm
328 TIC, e depois têm informática, e não, não sabiam fazer essas coisas básicas.

329 E muitas das coisas era eu que ensinava na biblioteca. E depois os professores, imaginemos,
330 acontecia na biblioteca do segundo ciclo, que os professores, pensando que os alunos de
331 português, de ciências, de história, mandavam para a biblioteca para fazer uma apresentação
332 em *PowerPoint*, para apresentar. Eles não sabiam fazer um *PowerPoint*.

333 E, no entanto, já tinham tido TIC no primeiro ciclo. E não, não sabiam.

334 Mas eu, nas formações, e agora falando nos adultos, nas formações que fiz, havia colegas que
335 não sabiam copiar e colar uma coisa no ambiente de trabalho. É impressionante!

336

337 **-Ou seja, há muita gente que...**

338 -Há muita, e eu fiz uma formação em... em rádio escolar, mas tinha outro nome. Porque nós,
339 em ***** tínhamos uma rádio escolar, a Rádio ***** , digital. E, metade do tempo de aula,
340 não é? Da aula síncrona, o professor passava a colegas, que eu pensava que eram XPTO nestas
341 coisas, a terem que partilhar o seu ecrã para ele dizer onde é que tinham que ir buscar isto e
342 aquilo ou outro. E por isso também já se vê, como é que está o nível de literacia digital dos
343 docentes. Temos bons profissionais, temos, mas também temos muito maus, que não sabem,
344 não sabem.

345

346 **-Exato. Ok. Pronto, olhe, resta-me agradecer a sua disponibilidade e colaboração.**

347 -Não, peço desculpa se não...

348 **-Muito obrigada.**

349 -Se eu não estive à altura, ou isso, que eu ainda estou meio baralhada.

350 **-Esteve perfeito, ótimo! Muito obrigada. Agradeço imenso.**

Entrevista 7

1
2
3 **-Então, antes de mais, agradeço a disponibilidade, não é? E vou só fazer-lhe novamente a**
4 **questão, se autoriza então a gravação desta entrevista.**

5 -Sim, senhora.

6
7 **-Muito obrigada.**

8 **Então, vou começar por aqui falar um bocadinho, que acho que já sabe, mas vou então dizer**
9 **novamente, que esta entrevista é no âmbito da minha investigação, no âmbito do meu**
10 **mestrado em Gestão de Informação e Bibliotecas Escolares da Universidade Aberta. Realço**
11 **também que a entrevista constitui um instrumento fundamental para o meu trabalho de**
12 **investigação, é claro, e que os dados recolhidos serão tratados de forma anónima e apenas**
13 **serão utilizados no âmbito deste meu trabalho de investigação. Para começar, ia só aqui**
14 **fazer uma caracterização sua, se me permitir, e pedia-lhe que me dissesse as suas**
15 **habilitações académicas.**

16
17 -Pronto. Então, eu sou professora de Filosofia. A minha formação de base é uma licenciadora
18 em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Depois, tenho também
19 uma pós-graduação em Estudos Europeus pela Faculdade de Direito da Universidade de
20 Coimbra, também. E depois fiz a profissionalização em exercício pela Universidade de Aberta
21 e depois também pela Universidade de Aberta, fiz o mestrado em Relações Interculturais.

22
23 **-Quais são as funções desempenhadas aqui no agrupamento?**

24 -Isto é uma escola não agrupada. Normalmente as pessoas só conhecem os agrupamentos,
25 mas há meia dúzia de escolas não agrupadas e esta é uma delas. As minhas funções são
26 professora de Filosofia e sou professora bibliotecária.

27
28 **-Tempo de serviço como docente?**

29 -Quarenta anos.

30
31 **-Tempo de serviço como coordenadora da biblioteca escolar?**

32 -Dez.

33
34 **-Situação profissional?**

35 -Do quadro. Do quadro da escola.

36
37 **-E o grupo disciplinar?**

38 -É o 410, que é Filosofia.

39
40 **-E agora vamos às questões mais no âmbito da minha investigação:**

41 **Quais são as principais instalações da biblioteca escolar que coordena?**

42 -Temos a sala geral, com a disposição das estantes e dos livros, para os alunos estudarem,
43 usarem computadores, apoio às turmas. Nós também possibilitamos a pesquisa dos alunos
44 em turma, que também é na sala principal. E depois temos duas salinhas adjacentes, esta
45 onde estamos, que é a sala dos equipamentos mais suscetíveis de se estragarem, as
46 impressoras 3D, computadores, impressora, sistema multimédia e de apoio aos filmes e aos
47 podcasts. E depois daquele lado temos outra salinha, que é onde eu faço o meu gabinete,

48 num dos cantinhos e depois também pode ser usada como sala de leitura, às vezes o clube
49 de leitura também funciona lá. Portanto, são dois espaços um bocadinho mais aconchegados
50 e fechados, que permitem que se possa fazer outro tipo de trabalho na biblioteca, que não o
51 da sala principal. Mas mesmo o da sala principal também está dividido em espaços diferentes.
52 Também temos uma zona para jogos de tabuleiro, resguardada lá num canto. Temos o balcão
53 de atendimento, obviamente. Depois temos as mesas e temos aquela zona dos sofás, logo à
54 entrada, para os meninos estarem ali sossegados, a ler uma revista ou a conversar. E
55 basicamente são estes os...

56

57 **-Mas é só aqui, estas instalações, não é?**

58 -É só aqui. É só esta, sim. Só temos esta biblioteca. Como é uma escola não agrupada, só
59 temos uma.

60

61 **-Exato.**

62 **Que equipamentos estão disponíveis para a utilização das tecnologias digitais pelos alunos
63 e docentes dentro da biblioteca escolar?**

64 -Então nós temos 12 computadores portáteis. Temos 40 tablets. Temos uma impressora 3D.
65 Isto só mesmo é equipamento da biblioteca, porque depois nós também usamos o
66 equipamento da escola que está nestas salas. Que não é propriamente da biblioteca, mas é
67 para a escola em geral. Mas como está aqui, nós também o usamos.

68 E digital, depois temos os computadores e acho que não há mais nada.

69

70 **-Quais foram as infraestruturas ou equipamentos que foram melhorados nos últimos anos?**

71 -Em 2010, 2015... Em 2018, talvez, a escola sofreu obras. Teve obras de remodelação.

72 E então mudou tudo. Temos equipamentos novos, como pode ver. Temos cadeiras, mesas,
73 balcão. Temos tudo novo. Sofás. Não sei se deu para entender que a biblioteca está agradável,
74 não é?

75

76 **-Sim, sim.**

77

78 -Foi o resultado da remodelação das obras. Porque antes não era nada disto. Antes era uma
79 salinha lá em cima, sala de aula. Um bocadinho grandinha. Lá no quarto piso. Tivemos a
80 remodelação, com o orçamento da Câmara, mas depois também tivemos o orçamento da RBE
81 para a requalificação do espaço. Foi com esse orçamento que compramos as cadeiras, os
82 sofás e mais algumas coisas que agora não me recordo.

83

84 **-Estão afetos à Biblioteca Escolar alguns equipamentos informáticos no âmbito do
85 programa Escola Digital ou de outro programa e quais?**

86 -Temos a Escola Digital, os LEDs. Os chamados LEDs. Que são exatamente os equipamentos
87 que estão nesta sala e naquela. Agora, o que é... Olhe, sei que temos mais duas impressoras
88 3D. Temos microscópios eletrónicos. Ah, esqueci-me na primeira de dizer, além dos portáteis,
89 também temos oito kits de realidade virtual. Também são mesmo da Biblioteca. Agora
90 lembrei-me.

91

92 **-Os óculos, não?**

93 -Os óculos, exato. Os óculos de realidade virtual. Temos oito kits. Portanto, temos isso. Depois
94 temos todo o sistema de produção multimédia. Câmaras fotográficas.

95

96 **-Que é dos LEDs, não é?**
97 -Que é dos LEDs, exatamente. Como está aqui, é dos LEDs e é da Biblioteca.
98
99 **-Ou seja, não está bem afeto à Biblioteca, mas utilizam todos, não é?**
100 -E principalmente somos nós que utilizamos mais. Porque os professores utilizam estes
101 equipamentos a partir dos projetos que organizam com a Biblioteca. É muito raro um
102 professor dizer que quer ir fazer isto assim e vai diretamente falar com o coordenador dos
103 LEDs. Não. Normalmente passa por um projeto da Biblioteca que decidimos, planejamos,
104 vemos o que é que queremos fazer, o que é que queremos que os alunos aprendam e depois
105 então usam-se estes equipamentos.
106
107 **-Ou seja, há a colaboração, não é?**
108 -Exato. E as pessoas até quase entendem que isto faz parte da Biblioteca. Embora não faça,
109 não é? Administrativamente não faz, mas como está aqui e a Biblioteca faz muitas atividades
110 de utilização do digital com os professores e com os alunos e é uma tradição que já vem de
111 trás. As pessoas estão habituadas a dizer que queremos usar isto ou aquilo e vamos à
112 Biblioteca. Então acabamos por usar muito mais assim com essa linha de entrada a partir da
113 Biblioteca.
114
115 **-Mas, por exemplo, aqueles kits que vieram para os professores e alunos, que era o portátil,**
116 **os auscultadores e a internet, não está nenhum equipamento desse afeto à Biblioteca?**
117 -Não, não. Está com os alunos e está com os professores.
118
119 **-Ok.**
120 **De forma geral, como é que os alunos e professores utilizam as tecnologias digitais**
121 **existentes na Biblioteca?**
122 -De uma forma geral... Vamos começar pelos alunos, não é? Os alunos, quando querem fazer
123 trabalho individual e que precisam de computador ou de tablet, requisitam no balcão. Já o
124 fazem após a pandemia, não é? Nós estamos mais ou menos com este equipamento após a
125 pandemia e estão habituados a fazê-lo. E fazem-no com muita frequência.
126 Posso lhe dar números, mas tinha de ir ver o relatório. Mas também... Mas sim, é muito, muito
127 frequente. Porque os alunos aqui não andam com o seu portátil às costas.
128
129 **-Ah, é? Ok.**
130 -Não andam. Deixam-no em casa. E eu compreendo, porque principalmente os meninos do
131 básico já vêm com as mochilas carregadíssimas de livros. Se ainda tivessem de trazer o
132 portátil, seria mais complicado ainda. Portanto, não trazem mesmo. Então, quando precisam,
133 e precisam muitas vezes, vêm requisitar os portáteis e os tablets. Se não há portáteis
134 disponíveis, utilizam os tablets para pesquisa, para trabalho e para lazer. Também
135 fornecemos esse serviço. Ou seja, eles podem, não têm nada que fazer, querem passar o
136 tempo, também podem requisitar e têm que dizer se é para lazer ou se é para trabalho. Nós
137 fazemos essa distinção, até para os nossos relatórios. X computadores para lazer, X
138 computadores para trabalho. É uma das coisas que fazemos. Isto dos alunos. Depois, os
139 professores, a utilização que fazem é em trabalho com turma. Normalmente, a partir da
140 página da biblioteca, fazem um agendamento online de pedido de utilização da biblioteca.
141 Dizem se querem usar os computadores ou os tablets ou não. Ou se é só o espaço. Mas, na
142 maior parte das vezes, é mesmo para usar os portáteis. E fazem esse agendamento. E temos

143 sempre muitas... Temos mais ou menos, em média, umas duas turmas por dia. Em trabalho
144 digital na biblioteca.

145

146 **-Eu ia questionar-lhe se nessas requisições, por exemplo, os professores percebi que é em**
147 **contexto de aula, portanto, requisitam naquele tempo e entregam, quando termina a aula.**

148 - Sim, sim.

149

150 **-E os alunos, é aqui que requisitam e utilizam, ou podem levar para casa, por exemplo?**

151 -Não, não. É só aqui. É só aqui, neste espaço. Nem sequer deixo levar para a sala de aula.

152

153 **-Ok.**

154 -Também poderia acontecer, mas não deixo, porque depois é muito complicado
155 logisticamente. E então, é trabalhar aqui e só aqui.

156

157 **-Exato. Há um maior controle também, não é?**

158 -Exato.

159

160 **-A biblioteca escolar que coordena, disponibiliza recursos digitais, tais como escola virtual,**
161 **aula digital, software educativo, e-books ou videojogos?**

162 -A aula virtual, não. Porque teríamos de pagar o serviço, não é? Pronto. Isso não. E-books,
163 sim. Temos um conjunto de e-books disponíveis na página da biblioteca, que os alunos e
164 professores, aliás, estão do livre-acesso, mas também são coisas que estão de livre-acesso,
165 portanto, não foram compradas. Mas temos, assim, uma seleção de livros de livre-acesso que
166 toda a gente pode ler, e os alunos também, obviamente.

167 Depois, o que nós temos é um conjunto de recursos digitais, não sei se cabe aí, cabe recursos
168 digitais, que resultam das planificações que eu faço com os professores, em conjunto com os
169 professores, em colaboração com os professores, planificações de apoio ao currículo, seja na
170 área da cidadania, temos muitas planificações na área da cidadania, da leitura, da
171 matemática, projetos que fazemos em colaboração com a matemática, com a física, com a
172 biologia, e todas essas planificações e recursos estão disponíveis na página da biblioteca.
173 Temos lá uma subpágina recursos e depois temos essas... Já é um numerozinho considerável.
174 Fomos construindo ao longo dos tempos e agora já está assim um conjuntinho até muitíssimo
175 bom.

176 Neste momento, vou começar agora a publicar, ainda não publiquei, estou à espera que o
177 ano comece, que as pessoas se integrem, saibam quais são as turmas, conheçam os alunos,
178 um conjunto de planificações com a utilização da Inteligência Artificial. E fiz também, que está
179 para validação na equipa PADDE, um conjunto de diretrizes da utilização da Inteligência
180 Artificial na escola, que depois levarei à aprovação do Conselho Pedagógico e que também
181 será, penso eu, uma novidade na biblioteca do próximo ano, porque penso que precisamos
182 de nos preparar para a utilização da Inteligência Artificial.

183

184 **-E atualizar... na realidade...**

185 **A biblioteca escolar tem jornais e/ou revistas em suporte digital?**

186 -Temos em suporte físico, temos a Visão, não sei se quer também já ir por aí, temos a Visão
187 Júnior e temos o jornal Letras, quando existia, porque acho que agora que já não existe. Mas
188 se continuar a existir, ele vai, mas também é gratuito. Mas pagamos a Visão Júnior,

189 compramos a Visão Júnior e a *National Geografic*. Essas duas em suporte físico. E depois
190 temos o público em suporte digital. Temos a assinatura do público diária.

191

192 **-Sente que a biblioteca escolar é uma prioridade do seu agrupamento? Porquê?**

193 -Ah, completamente, completamente. A biblioteca nesta escola é, pode passar o clichê, mas
194 é o centro da escola. Entra-se na escola pela biblioteca. Pode-se entrar na escola pela
195 biblioteca, não é, a primeira coisa que as pessoas veem de fora, veem a biblioteca. Depois é
196 um espaço central, isso é fundamental, e é um espaço acolhedor. Os miúdos, mesmo quando
197 vêm para a escola e não conhecem ninguém... Onde é que podem entrar? Entram na
198 biblioteca e ficam aqui.

199 E depois é central na dinamização de projetos. Nós temos parceria, nós (equipa da biblioteca)
200 temos parcerias com *Erasmus*, fazemos muitas atividades de *Erasmus* aqui, com o projeto de
201 educação para a saúde, fazemos muitas atividades aqui, sei lá, com a educação física e os
202 projetos de saúde física. Projetos da escola passam quase todos pela biblioteca.

203 Passam quase todos por aqui. Há um ou outro que não, mas por, seriam resíduos pessoais.
204 Ou seja, a equipa deste não se dá muito bem com a equipa.

205 Mas a maioria dos casos passam por aqui.

206

207 **-Existem diferenças na utilização da biblioteca escolar pelos alunos consoante a sua faixa
208 etária ou pelos professores consoante o seu grupo disciplinar?**

209 -Nos alunos da faixa etária, sim. Os alunos do 3º Ciclo frequentam muito a biblioteca.

210 3º Ciclo vêm habituados ainda a leituras. Por outro lado, temos o projeto de *10 minutos a ler*
211 que os obriga a vir buscar livros mais ou menos de 15 em 15 dias. Sim, o 3º Ciclo participa
212 muito mais nas atividades da biblioteca e frequenta muito mais a biblioteca.

213 O secundário há assim um grupinho de alunos que gosta de vir para aqui faz aqui atividades
214 mas a maioria já não. Perfeito é ficar lá fora a conversar com os colegas.

215

216 **-E a nível dos professores?**

217 -A nível dos professores, as diferenças etárias.

218

219 **-A nível do grupo?**

220 -O grupo disciplinar. O grupo disciplinar, o grupo português faz aqui muitas atividades e temos
221 muitos professores de português na equipa o que também acaba por facilitar. E depois temos
222 assim casos pontuais de professores de matemática que fazem aqui atividades, mas não o
223 grupo todo.

224 Professores de física, mas não o grupo todo. Diria que o grupo de português é, talvez também
225 o de geografia. São os grupos que mais frequentam a biblioteca para atividades de
226 colaboração com o currículo.

227

228 **-Quais são as principais atividades desenvolvidas pelos alunos e docentes na biblioteca
229 escolar?**

230 -Além de procurar livros, requisitar livros para casa, ler revistas, jogar xadrez e damas e outros
231 jogos de tabuleiro que temos ali. Vêm aí as atividades que a biblioteca organiza e nós
232 organizamos muitas atividades, desde encontros com escritores, sessões de contadores de
233 histórias, debates, nós temos um grupo de debates que é organizado por quatro alunos do
234 ensino secundário, aí são dos ensinos secundários, que mais ou menos uma vez por período
235 temos um debate alargado a três ou quatro turmas do ensino secundário também,
236 normalmente no Dia Mundial da Filosofia, no Dia Internacional do Contra o Racismo, depois

237 na altura dos Média, também fazemos aqui muitas atividades com as turmas. Atividades
238 mesmo de literacia dos Média, também participamos e temos uma boa parceria com o Plano
239 Nacional de Cinema. Muitas vezes é aqui que passamos aquelas animações do Cinanima e
240 vêm cá os alunos ver essas animações, o que é que lhe posso dizer mais? Faz-se tanta coisa
241 na biblioteca nós temos um projeto quase com 70 atividades anuais com o clube de leitura,
242 também funciona aqui, uma dessas salinhas mais resguardadas. Também temos o
243 “cientificamente provável” que às vezes ao invés de ser na sala de aula também é aqui, os
244 alunos gostam de sair da sala de aula e vir para aqui, mesmo que a atividade até possa ser
245 feita na sala de aula, os professores sabem que eles gostam mais de estar aqui. É um espaço
246 diferente e temos uma ocupação muito boa do espaço.

247

248 **-Como classifica a literacia digital dos alunos e docentes que frequentam a biblioteca**
249 **escolar?**

250 -Para lhe dizer isso, nós temos... Eu pertenço à equipa... coordeno também a equipa PADDE.
251 Não sei se sabe o que é.

252

253 **-Sim.**

254 -A equipa PADDE... e nós costumamos fazer a monitorização da literacia digital de alunos e
255 professores com a aplicação da SELFIE que é um questionário que nos diz... E é assim, e eu no
256 concelho, coordeno a equipa mas depois vou às reuniões da equipa dos restantes elementos
257 do concelho e o que eu posso dizer é que os nossos resultados são dos melhores do concelho,
258 não quer dizer que sejam muito bons mas, no geral, estão acima da média portanto, se disser
259 mas qual é a tua perceção? A minha perceção não é assim tão boa mas...

260 **-Dentro daquilo que vê ao redor...**

261 -A minha perceção não é muito boa mas com base nos resultados... Os resultados são bons,
262 os resultados são bons. Não tenho aqui os dados mas são bons, está sempre tudo acima do 3
263 e a escala é de 1 a 4, há 2 ou 3 situações em que está abaixo do 3, que é quando se pergunta
264 aos alunos se os professores utilizam o digital para fazer avaliação aí está abaixo, mas de resto
265 criação, partilha de conteúdos, segurança, está sempre tudo acima do 3 portanto, os
266 resultados são bons, tanto nos alunos como nos professores. Por aí... Por esses dados que à
267 partida serão os dados mais objetivos. A minha perceção... é assim... mas a minha perceção
268 também é muito... é muito discriminatória, digamos assim, há falta de melhor palavra, porque
269 eu considero que sou muito digital, então qualquer coisa que seja menos, já acho que é mau,
270 ou que não está tão bem... Porque eu não era assim, é verdade, mas quando comecei a ser,
271 quando iniciei as minhas funções de professora de bibliotecária, foi um mundo novo que se
272 abriu, com o digital e então, pus-me a par de tudo e mais alguma coisa, faço tudo e mais
273 alguma coisa. Acho que as minhas competências digitais estão muito acima da média e por
274 isso a minha visão das competências dos colegas acabam, se calhar, por ficar... por ficarem
275 subvalorizadas e se calhar até têm competências digitais razoáveis.

276

277 **-Quais as principais dificuldades sentidas para integrar mais as tecnologias digitais na**
278 **biblioteca escolar?**

279 -Talvez o equipamento, talvez se tivesse mais computadores portáteis, estarem aqui mesmo,
280 porque agora é... Dizer assim: mas vamos comprar portáteis para quê se os alunos todos têm
281 portáteis em casa? Têm-nos em casa, não os têm aqui. Talvez se houvesse mais equipamento,
282 agora, eu também poderia desenvolver mais atividades dirigidas para o digital mas, tenho
283 sempre o problema de colidir com a gestão do currículo dos professores porque, por exemplo,

284 eu agora no 9º ano, vou a todas as turmas fazer uma formação da *Google*, porque fiz formação
285 e agora tenho de a replicar, vou a todas as turmas de 9º ano fazer formação aos alunos de
286 como pesquisar, como identificar imagens manipuladas, notícias falsas, etc. É assim, onde é
287 que eu vou fazer isso? Vou ver se consigo fazer isso na disciplina de cidadania. Porquê? Porque
288 é uma disciplina que à partida tem um currículo mais flexível e os professores não estão aflitos
289 para... para...

290 **- Cumprir o programa...**

291 -Ora, nem mais! Porque depois nas outras disciplinas é muito complicado. Eu podia fazer mais
292 atividades com os alunos, podia, mas esbarramos sempre (eu e a minha equipa), mas
293 esbarramos sempre na necessidade que os professores têm de cumprir currículos, até mesmo
294 com TIC... Até mesmo com TIC... Porque, o ano passado eu tinha uma parceria muito boa com
295 uma professora de TIC que aqui estava, ela fez imensas atividades com os alunos, com os
296 óculos virtuais, com escrita, utilização da inteligência artificial, para pôr música nos filmes que
297 os alunos construía, fizemos muitas atividades mas foi um caso muito especial porque ela
298 era nova... Nova, não era de idade, era nova como professora, foi a primeira vez que deu
299 aulas, estava super-entusiasmada com o facto e acabou por não se preocupar muito com...
300 Ai, se tenho que dar o *Word* todo ou se tenho que não sei quê... E então acabou por fazer
301 coisas fantásticas. Normalmente esbarra-se sempre nessa dificuldade de gestão do currículo
302 mas, mesmo assim, acho que não nos podemos queixar, fazemos muitas atividades.

303

304 **-Ok.**

305 **Como avalia o parque informático e a ligação à internet existente na biblioteca escolar?**

306 -É a melhor da escola, apesar de não ser 100% mas mesmo assim é a melhor da escola,
307 também por isso, por causa disso, muitos professores gostam de vir para aqui com os alunos,
308 trabalhar. Mesmo assim conseguimos... Temos cabo, às vezes é preciso qualquer coisa, este
309 aqui, está tudo com cabos, vá lá... Ligação de cabo... E acaba por ser mais fácil e a wireless
310 aqui também tem bom sinal, melhor do que nas salas de aula.

311

312 **-Ok. Mas há bocadinho tinha falado que se fossem mais portáteis...**

313 -Os portáteis... Estou a falar da ligação à internet não foi isso que me perguntou?

314

315 **-O parque informático e ligação...**

316 -Ai o parque informático... O parque informático, pois, meia dúzia de portáteis não era pior,
317 mas também me cabe a mim fazer projetos para arranjar dinheiro para os comprar.

318

319 (Risos)

320

321 **-Pronto, Ok...**

322 **Considera que as tecnologias digitais estão bem integradas no dia a dia da biblioteca escolar
323 e porquê?**

324 -Sim, estão porque nós apostamos muito no digital, começamos a apostar muito no digital na
325 altura da pandemia em que a biblioteca continuou a fazer atividades com as turmas online,
326 através do *Meet* e da *Zoom*. Eu dava aulas de cidadania em que ensinava muita coisa
327 relacionada com o digital à distância. Portanto, continuámos, na altura não se perdeu nada
328 nesse aspeto, continuámos a trabalhar. Por isso, acho que sim, que nós trabalhamos bem...
329 Não foi essa a pergunta que me fez...

330

331 **-Sim, se estão bem integradas no dia a dia da biblioteca. Ao fim ao cabo foi respondendo...**

332 -Somos muito digitais, muito digitais mesmo...

333 **-Até porque... que sim e que fazem os projetos nesse âmbito...**

334 -Sim, sim, sim...

335

336 **-Quais as principais estratégias que implementou para que a biblioteca escolar conseguisse integrar as tecnologias digitais?**

337 -A primeira estratégia foi eu própria ter-me tornado muito digital, eu reconheço, que se não

338 tivesse feito, também por gosto, mas se não tivesse feito esse trabalho de ir aprofundando...

339 Aparece uma aplicação nova, deixa-me lá ir ver o que é isto, não é? Mas também formação.

340 A rede de bibliotecas escolares também faz muita formação nesse domínio... Isso aí também

341 tem de se louvar o trabalho que a rede faz para dar formação aos seus bibliotecários sobre a

342 utilização do digital e a própria rede incentiva a utilização do digital. Isso aí já não é uma coisa

343 do outro mundo, está bem presente em todas, se não todas, mesmo, as bibliotecas... A maior

344 parte, senão em todas as bibliotecas do país... E entretanto, perdi-me...

346

347 **-Acho que já foi... Eu perguntava sobre as principais estratégias que implementou para que a biblioteca...**

348 -Isso aí foi fundamental e depois, oferecer aos colegas coisas... Olha, temos o *Padlet* gratuito

349 quem quer? Então vá vamos lá trabalhar em conjunto e vamos fazer coisas e utilizar o *Padlet*,

350 por exemplo, para isso tivemos de comprar a licença, mas isso faz parte das minhas funções,

351 comprar as licenças e depois dar aos colegas para fazer. Isso foi, é fundamental, ou seja, eu

352 experimentar, ver que funciona e depois digo: olha, queres, com os colegas que conheço,

353 conheço-os todos, queres experimentar fazer um *Padlet* com esta atividade e com aquela?

354 Ou queres usar o *genially* para, não sei quê, não sei que mais...? Olha, então e agora se

355 recorrêssemos ao *suno* para procurar música para musicar este poema que os teus alunos

356 fizeram? Pronto, esse tipo de coisa e como eu também tenho uma relação muito boa com os

357 colegas, é só pedir...

358

359 **-Ótimo.**

360 -É só pedir e a maior parte deles aceita. Também já sei a quem pedir...

361

362 **-Claro!**

363

364 **Pronto, e então só mesmo para terminar... Deseja acrescentar algo que não tenha sido**

365 **abordado e que considera importante?**

366 -Sim, o apoio da direção. Eu acho que as bibliotecas funcionam bem quando há uma equipa

367 que está motivada, trabalha, que tem boas relações com a maioria, não digo com todos,

368 porque não é possível mas com a maioria dos professores e é apoiada pela direção. E nesse

369 aspeto aqui, desde o primeiro dia, a direção está sempre... Preciso disto, preciso daquilo...

370 Sim, sim. Já vamos ver. Sim, não há problema. Portanto, a própria... O apoio é muito

371 importante.

372 -Sem dúvida!

373

374 **(Risos)**

375

376 **-Pronto, resta-me então agradecer a sua disponibilidade e colaboração.**

377

378 **Obrigada!**

379

380 -Ora essa! Nada, espero que tenha sucesso!

381

382 **-Muito obrigada!**

1 Entrevista 8

2
3 -Então, antes de mais, boa tarde e muito obrigada pela sua disponibilidade, não é? Desde
4 já queria dizer-lhe que a minha investigação é no âmbito do meu mestrado, em gestão da
5 informação e bibliotecas escolares da Universidade Aberta, realço que esta entrevista
6 constitui um instrumento fundamental para este trabalho de investigação e que os dados
7 recolhidos serão tratados de forma anónima e apenas serão utilizados no âmbito deste
8 trabalho de investigação. E já agora então, pedi-lhe a autorização para a gravação do áudio,
9 se não se importar.

10 -Não, não, tudo bem.

11
12 -Muito obrigada. Pronto, começava aqui só com algumas questões sobre... Informações a
13 seu nível, não é, da caracterização do entrevistado. Pedi-lhe as suas habilitações
14 académicas.

15 -Tenho mestrado em multimédia. Portanto, a minha licenciatura é em Belas Artes, mas depois
16 fiz mestrado em multimédia. Sou do grupo 600, portanto.

17
18 -Funções desempenhadas no agrupamento, na escola. Aqui é agrupamento, não é?

19 -É agrupamento. Portanto, é um agrupamento que tem quatro escolas, quatro edifícios e dois
20 satélites que estão em aldeias, que são JIs, Jardins de Infância.

21 Cada uma destas quatro escolas que estão aqui no município, são aqui perto umas das outras,
22 tem uma biblioteca. Na realidade, somos, como o nosso agrupamento tem cerca de 1700
23 alunos, temos direito a dois professores bibliotecários, porque só a partir de 2000 alunos é
24 que seriam três, portanto temos dois professores bibliotecários. Eu, que estou aqui na
25 secundária e que, no fundo, faço a coordenação, tenho a professora bibliotecária do primeiro
26 ciclo, que toma conta dos dois centros escolares que existem.

27 Na EB23, temos, no fundo, uma professora que faz o papel de professora bibliotecária, e até
28 é bastante experiente no assunto, até mais do que eu, mas que não tem o cargo, porque não
29 temos rácio para isso. No entanto, temos uma responsável em cada uma destas bibliotecas e
30 trabalhamos em conjunto. Reunimos, geralmente, à terça-feira à tarde para articular as
31 atividades e isso.

32
33 -E as suas funções aqui?

34 -Eu sou coordenador das bibliotecas, destas, todo o agrupamento.

35 -Apenas, só? Ok.

36 -Também tenho uma disciplina, tenho uma aula, tenho uma turma, quer dizer, mas isso é o
37 que se passa em geral, em todo o país.

38
39 -É professor também, não é?

40 -Sim, eu sou professor da escola, já era, há bastante tempo, e geralmente os professores
41 bibliotecários, acho que é uma prática, em todos os escolas do país, os professores
42 bibliotecários têm que ter uma turma. É o que eu tenho.

43
44 -Tempo de serviço como docente?

45 -Ui, já vai quase em 30 anos isto, não é? Vai a 29, não estou certo, mas tipo 29, 29 anos, deve
46 ser por aí.

47

48 **-Tempo de serviço como coordenador da biblioteca escolar?**
49 -Como coordenador fez agora 8 anos, este vai ser o 9º ano. Como membro da equipa, mais
50 outro... 8 anos antes, desde que quase praticamente vim para a escola, colaborei sempre com
51 a biblioteca, porque interessa-me isto.
52

53 **-Pronto, perfeito! Situação profissional?**
54 -Sou professor de quadro.
55

56 **-E o grupo disciplinar?**
57 -Já disse, é 600.

58 **-Exatamente. Agora vamos mais às questões relacionadas com a minha investigação. Quais**
59 **são as principais instalações da biblioteca escolar que coordena? Já foi dizendo, não é?**
60 -Também já fui dizendo, mas posso repetir para ficar aí. Eu não estou a seguir o guião, mas
61 eu posso dizer agora novamente.
62 Portanto, somos um agrupamento com cerca de 1700 alunos. Temos 4 escolas aqui no
63 município e 2 pequenas escolas satélite nas aldeias, que são só JIs e têm muito poucos alunos.
64 E depois aqui no município, aqui no centro do concelho, temos 2 centros escolares, uma EB23,
65 que também tem, ora bem, 3 turmas do 3º ciclo, só. E depois temos aqui a escola secundária,
66 que tem o resto do 3º ciclo, que é a maior parte, e ensino secundário e ensino profissional.
67

68 **-Que equipamentos estão disponíveis para a utilização das tecnologias digitais pelos alunos**
69 **e docentes dentro da biblioteca escolar?**
70 -Dentro da biblioteca temos, por exemplo, como estamos a ver aqui, temos computadores.
71 São suficientes. Nós já tivemos mais, agora temos menos porque, no caso aqui da biblioteca
72 sede, que é esta, porque temos 20, também acho que é uma pergunta que vem para aí e se
73 calhar não vou dizer na ordem, temos 20 portáteis que são da escola digital, que ficaram. Não
74 foram... Quer dizer, no fundo eles não são da biblioteca. Eles estão na biblioteca, nós
75 utilizamo-los, mas os docentes também. Ou seja, os docentes podem requisitá-los para a sala
76 de aula. É claro, quando fazemos atividades na biblioteca, nós também os usamos para as
77 atividades que aqui fazemos.

78 **-Ou seja, estão afetos à escola, não especificamente à biblioteca.**
79 -Não especificamente à biblioteca, mas como somos nós que coordenamos os empréstimos
80 e o pedido dos professores. Na realidade, acabamos por usá-los. Nas outras escolas, na EB23,
81 tem computadores, mas estavam um bocado obsoletos. Daí que a colega que lá está até disse,
82 temos estes computadores, mais vale não termos. Mas, mesmo colado à biblioteca, tem a
83 sala de informática, uma sala bem equipada, até, com muitos computadores. Daí que não se
84 pode dizer que também estejam mal servidos nesse sentido. Nos centros escolares, tem
85 menos computadores, tem alguns. Também, o público-alvo não necessita tanto, até porque
86 o trabalho das bibliotecas gostamos, e são as indicações que temos até da RBE, gostamos
87 mais nos centros, sobretudo nos primeiros anos, é importante o suporte físico do livro, e que
88 eles o manuseiem. Daí que o digital lá não tem tanta, se calhar tanta importância como tem
89 aqui no terceiro ciclo e no ensino secundário.
90

91 **-Quais foram as infraestruturas ou equipamentos que foram melhorados nos últimos anos?**
92 -Não foram muitos. Na realidade, vieram esses 20 computadores.
93 Está-me a perguntar relativo à biblioteca.
94 **-À biblioteca, sim.**

95 -Não, não tem havido grande investimento nisso, também porque se calhar não temos
96 pedido, se calhar porque também não achamos particularmente necessário, até por isso que
97 eu disse antes, que aqui onde isso será mais necessário, nós temos estes 20 computadores
98 que na realidade somos prioritários no seu uso. (A eletricidade foi a baixo...)
99 Somos prioritários no seu uso, logo, quer dizer, tendo nós os PCs aí, tornou-se desnecessário
100 reivindicar mais isto e mais aquilo. Até por outra razão, porque esta escola há dois anos ou
101 três candidatou-se aos CTEs, que são os Centros Tecnológicos, e foram-nos atribuídos não
102 um, mas dois. Ou seja, são vários milhões de euros de tecnologia que foram colocados aqui
103 nesta escola. Daí que são recursos que não estão afetos à biblioteca, mas que nós também
104 quando é necessário podemos usar, inclusive câmaras de vídeo, não só computadores, mas
105 outros equipamentos, sei lá, sala equipada com ecrã verde, nós também fazemos algum
106 trabalho com o *Chroma key* aqui, não é, para fazer leituras e pronto. Não estão na biblioteca,
107 mas estão na escola e nesse sentido, digamos, acabam por usufruir.

108

109 **-Estão afetos à biblioteca escolar alguns equipamentos informáticos no âmbito do**
110 **programa Escola Digital ou de outro programa? E quais?**

111 -Acho que são esses 20 computadores. Aqueles 20 PCs, 20 portáteis que estão aqui, vêm
112 desse programa. Não vêm dos Centros Tecnológicos, como estava a dizer, mas desse
113 programa da Escola Digital. Mas também, como lhe disse, eles não vieram para a biblioteca.
114 Eles estão na biblioteca para uso comum de toda a escola.

115 **-E não há assim mais nenhum projeto aqui?**

116 -Não, nós temos... as bibliotecas nunca têm dinheiro suficiente para... não tanto para ter...
117 quer dizer, nós não estamos tão centrados na tecnologia quanto isso, nós estamos mesmo
118 mais centrados no livro físico. Naturalmente que a tecnologia é um meio que também tem o
119 seu interesse, mas não é o nosso meio privilegiado para ser franco. Se bem que temos aí... já
120 andamos há alguns anos, nós tínhamos uns tablets que têm a sua utilidade, mas o que nós
121 queríamos mesmo era *e-readers*, ou seja, um meio digital que sirva para ler, ou seja, que não
122 tenha outras funções. Ainda não conseguimos isso, mas está quase.

123 Portanto, agora, digamos, os PCs para trabalhar a literacia... bem, mas acho que já lá iremos
124 à literacia mediática. Pronto, são necessários nesse sentido, mas... é isso. Pronto, vamos
125 avançar, senão já lhe vou responder às perguntas...

126

127 **-De forma geral, como é que os alunos e professores utilizam as tecnologias digitais**
128 **existentes na biblioteca escolar?**

129 -Quer dizer, o que acontece muito, sobretudo aqui nas outras escolas menos, mas aqui nas
130 escolas secundárias, é os alunos virem autonomamente. Vêm fazer trabalhos, isso está
131 sempre a acontecer, é uma coisa que, sei lá, é toda hora, hoje é que é sexta-feira à tarde, e a
132 coisa já fica mais calma, já há turmas que não tem, já está tudo fora, mas geralmente, ao
133 longo da semana, temos sempre aí trabalhos, alunos que vêm fazer trabalhos no computador,
134 e também professores. Se bem que os professores, também, o Estado deu aqui há pouco
135 tempo um computador a cada aluno e a cada professor. Deu, quer dizer, emprestou a cada
136 aluno e a cada professor. Digamos que esses meios estarem aqui fisicamente na biblioteca e
137 também passaram a ser, a partir dessa altura, menos necessários, não é? Porque os alunos,
138 quer dizer, foi-lhes dado um computador, mas eles também, efetivamente, não o trazem e
139 são os que usam mais. Os professores, nem tanto, porque às vezes vêm para cá, para a
140 biblioteca, mas trazem o seu próprio portátil.

141 Não sei se estou a responder à pergunta.

142

143 **-A biblioteca escolar que coordena disponibiliza recursos digitais, tais como escola virtual,**
144 **aula digital, software educativo, e-books ou videogogos?**

145 (-Oh, a luz foi abaixo, fiquei sem os pontos... Não interessa. Mas já vejo, já vejo...

146 **-Esteja à vontade.)**

147 -Ou seja, o que nós temos, a nível digital online, quer dizer, por exemplo, a plataforma que
148 nós utilizamos, que a escola utiliza é o *MS Teams*, o *Microsoft Teams*. E a biblioteca tem um
149 espaço onde os alunos podem escrever, digamos assim, um espaço onde podem fazer
150 perguntas, onde podemos responder diretamente nessa equipa, que é uma equipa que se
151 chama *Biblioteca Alunos*. Também temos uma equipa *Biblioteca Professores*. Ou seja, e
152 tentamos que por essa via, se os alunos tiverem questões, às vezes acontece. Não é que eles
153 usem muito, que não o usam efetivamente. Mas, se for necessário, ela existe. Depois, em
154 termos de imprensa online, temos o *Jornal Público* e a *Visão*. A *Visão* e a *Visão Júnior*, na
155 realidade. Depois, basicamente, é isso. Falta-me aqui qualquer coisa que agora não me
156 lembro... Mas, basicamente, é isso. Ah, já sei, pois... Porque depois também, aqui há dois anos
157 fizemos uma candidatura. Como é que se chamava? Ah, não era uma candidatura. Foi aquilo
158 da *escola 20*, foi ainda decorrente da pandemia, a *escola 21*. Era *20*, *21* e depois passou a ser
159 *21*, *23*. Que tinha, quer dizer, que houve verba para comprar esse tipo de assinaturas. E nós,
160 como participávamos e participamos no projeto do Público “*Isto Não É Comigo*”, que é análise
161 de notícias de imprensa, em que os alunos escrevem pequenos artigos, a partir de notícias
162 saídas, no caso saídas no *Jornal Público*, nós na altura tivemos dinheiro para comprar
163 assinaturas. Até comprámos uma assinatura da *Bola*, que é um jornal desportivo, porque
164 tivemos professores de desporto, de educação física, que acharam que podia ser interessante
165 eles fazerem análise de artigos desportivos nas aulas de educação física. Então comprámos
166 uma assinatura da *Bola*. Não a conseguimos manter porque também tinha que ser justificável.
167 Tivemos a assinatura durante dois anos e depois acabámos por deixar cair. Porque também
168 não vale a pena ter uma coisa que depois, sei lá, os colegas não usam, porque eu não vou dar
169 a assinatura do Público a todos os alunos. Até porque agora há aquele também, ao mesmo
170 tempo, há aquele plano do governo que está a pagar, ou seja, os alunos até aos 18 anos
171 podem subscrever uma assinatura de um jornal ou de uma revista. Ou seja, o que torna, de
172 alguma maneira, também desnecessário nós estarmos a pagar uma quando o Estado está a
173 oferecer a todos os alunos, a partir dos 15 anos, até aos 18, uma assinatura à escolha deles.
174 Não sei se são todos os jornais, mas há ali uma boa seleção de jornais que eles podem
175 subscrever. Aliás, nesse sentido, temos feito alguma... Dar a conhecer, através dos
176 professores, através dos conselhos de turma, a existência dessa... porque às vezes os alunos
177 não sabem ou não querem saber. E tentam motivar, o que pode ser interessante, ter aí uma
178 assinatura gratuita de um jornal nacional de referência.

179 Respondi a outras questões.

180

181 **-Acho que já foi respondendo a esta que eu ia perguntar. A Biblioteca Escolar tem jornais**
182 **e/ou revistas em suporte digital.**

183

184 -Já fui dizendo, portanto, não quero acrescentar mais nenhum.

185 **-Pronto, já disse.**

186 **Sente que a Biblioteca Escolar é uma prioridade do seu agrupamento e porquê?**

187 -Olha, porque fazemos muito esforço para isso. Na realidade, nós tentamos, entre aspas,
188 impor a Biblioteca ao agrupamento. Não vamos, não é possível, espero que seja a direção,

189 dizer que nós somos importantes. Nós temos que nos afirmar, junto da direção, mas também
190 junto dos colegas, como entidade dinâmica, aberta e queremos sempre que isto seja um lugar
191 de bem-estar, onde as pessoas se sintam bem. Tem que ser sempre tudo com alegria. Até
192 para motivar os colegas para participar nos nossos projetos, porque às vezes são muitos e há
193 muitas solicitações atualmente, como sabe, porque também *****, de todos os lados. Agora
194 é só projetos, está toda a gente cheia de projetos e ainda bem que assim é, mas às vezes
195 também depois os colegas começam um a pedir, outro a pedir, outro a pedir, depois ficam
196 sem aulas para o currículo deles. Isso também é compreensível. De qualquer maneira,
197 tentamos, porque como temos assento no Conselho Pedagógico, começa por aí, é mostrar
198 tudo aquilo que fazemos, mostrar serviço, como se costuma dizer, no sentido de que quando
199 vamos ao Pedagógico estamos a falar com os representantes de cada grupo, cada grupo
200 disciplinar ou cada departamento e por aí já chegamos. Mas depois também dar alguma
201 visibilidade à biblioteca, não só com infografias, com cartazes, mas também aparecendo nos
202 sítios, na sala dos professores, fazendo *marketing*, basicamente.

203 *Marketing* não é para vender nada, mas é para vender a ideia de que a biblioteca existe, está
204 cá e temos projetos. Há também depois as redes sociais, também usamos isso como uma
205 estratégia de *marketing*, ou seja, temos um *site* onde colocamos tudo aquilo que fazemos,
206 temos um *site* aberto para a escola toda, um *site* que não é um *blog*, é um *site*, tem tudo o
207 que nós fazemos ao longo dos anos está lá, não só como evidência, mas também para dar
208 essa noção de que nós estamos aqui à espera que os alunos venham cá requisitar livros e que
209 essa seja só a nossa função, que é muito mais que isso. Também estamos nas redes sociais,
210 no *Instagram*, para nos aproximarmos um bocadinho mais dos alunos, onde também vamos
211 dando conta do que vamos fazendo, e no *Facebook*, mas atualmente os miúdos não usam.

212 **-Se calhar é mais para os pais e encarregados de educação.**

213 -O *Facebook* é mais para os pais e encarregados de educação. O *TikTok* era uma coisa... Estou
214 com algum... Não é receio, não me apetece mais uma rede social na realidade, mas tenho de
215 reconhecer que muitos alunos leitores que temos cá na escola são influenciados pelos
216 *influencers* literários do *TikTok*, e existem muitos. Daí que... Não sei se vamos dar esse passo.

217

218 **-Existem diferenças na utilização da biblioteca escolar pelos alunos consoante a sua faixa
219 etária ou pelos professores consoante o seu grupo disciplinar?**

220 -Do ponto de vista dos professores, naturalmente que os professores das línguas e das
221 humanidades são os que usufruem mais e usam mais. De qualquer maneira, nós às vezes
222 costumamos fazer e temos tendência a fazer todos os anos algumas atividades quando
223 encontro outras áreas disciplinares, nomeadamente na área das ciências, na área das artes,
224 porque também temos aqui um curso secundário de artes visuais, e com eles até colaboramos
225 muito, porque eles fazem aqui muitas exposições dentro da própria biblioteca, e temos uma
226 atividade que até é um bocado direcionada para eles que se chama ARCCA, que é uma arca
227 frigorífica, mesmo que temos ali, que não funciona, mas é uma arca em torno da qual
228 acontecem coisas, muitas vezes no âmbito mais da cidadania, e ARCCA é o acrónimo de Arte,
229 Cultura e Cidadania Ativa. Portanto, é o acrónimo que é ARCCA, no caso é com dois Cs, mas
230 nós arranjamós mesmo uma arca. Ok. Neste momento não temos lá nada, mas a arca está ali.

231

232 **-Muito bem. E dos alunos? Nota diferença entre as faixas etárias?**

233 -Os alunos no primeiro ciclo, eu estou mais aqui, mas sei mais ou menos como é que funciona
234 nos outros sítios, no primeiro ciclo eles vão à biblioteca acompanhados, não vão
235 autonomamente, vão com os professores, vão fazer a leitura orientada, ou é a bibliotecária

236 que tem uma atividade, por exemplo, neste mês de outubro é o mês das bibliotecas escolares,
237 geralmente o professor bibliotecário faz umas atividades com os alunos, e então chama os
238 alunos, mas vem a turma toda. Eu aqui também faço, ainda hoje de manhã fiz, para os alunos
239 de 7º ano, estão pelo primeiro ano nesta escola, eu mostro aqui um bocadinho da biblioteca,
240 mostro a nossa disponibilidade para os receber, mostro-lhes a alegria, que acho que é um
241 aspeto fundamental para atrair, tento não ser chato, tento fazer uma atividade que faço
242 sempre, que seja apelativa e que lhes agrade, no sentido também de os cativar.
243 Mas aqui, a partir do 3º ciclo... No segundo ciclo também é um bocadinho assim, se bem que
244 eles de vez em quando já vão mais autónomos à biblioteca, no 3º ciclo e no secundário, a
245 maior parte das vezes eles já vêm autonomamente, é uma biblioteca aberta, eles vão buscar
246 os livros, se quiserem levar levam, se não quiserem não levam, e também vêm estudar e vêm
247 autonomamente, mas também vêm com os professores. Há professores que às vezes vêm
248 aqui fazer algumas atividades, até porque nós temos um ótimo projetor lá em baixo, melhor
249 que o das salas, e quando precisam passar um filme, porque também estamos no Plano
250 Nacional de Cinema, e nesse sentido às vezes eu, como também sou o coordenador do Plano
251 Nacional de Cinema, eu aproveito junto o útil ao agradável e potencio a biblioteca com o
252 Plano Nacional de Cinema, em vez de ir para ali para o auditório, como temos um bom
253 projetor lá em baixo, fazemos para grupos mais pequenos, mas uma coisa mais intensa e mais
254 próxima e um bocadinho mais dialogada no final. E depois quando fazemos atividades,
255 também vêm as turmas, mas é como eu digo, depois eles vêm autonomamente, mas vêm
256 mais para fazer as coisas deles, e nós damos o apoio que for necessário, se eles o pedirem.

257
258 **-Quais as principais atividades desenvolvidas pelos alunos e docentes na biblioteca escolar?**

259 -Eu acho que já respondi. Ah, quais as principais? Eu já respondi parcialmente. Os alunos, por
260 exemplo, aquele miúdo ali, vêm estudar para as disciplinas e lá estão na vida deles.
261 Outras vezes vêm fazer trabalhos nos computadores. Quando a gente... A gente não os
262 chama, os alunos... Não os chama, não é bem assim, porque nós temos, por exemplo, um
263 projeto que é o "Leituras à Solta", que é um programa de rádio, basicamente, e aí eu falo com
264 os professores para eles me arranjam lá dois ou três alunos a turma e tal, para virem... Aliás,
265 temos aqui um dispositivo de gravação, porque nós, ou seja, quando criámos o projeto, nós
266 íamos mesmo à rádio, porque havia aqui uma rádio na *****. Íamos mesmo lá e os alunos
267 liam, estavam lá no ambiente de rádio. Só que a rádio fechou, nós ficámos assim sem chão e
268 o que é que nós pensámos? Bem, nós vamos arranjar aqui outra rádio e arranjámos outra
269 rádio local em ***** , só que não vamos lá a ***** , não é? Que é longe. Então, como é que
270 é? Nós gravamos o programa aqui e a enviamos para lá. E eles passam na sua programação
271 duas ou três vezes por semana, que no fundo são leituras, que às vezes são temáticas, têm a
272 ver com... É uma por mês, é um programa por mês. Às vezes são temáticas, outras vezes não.
273 E que atualmente estamos... Era alunos que íamos pescar aqui e ali, por alguma razão, mas
274 que atualmente é por turma. Cada turma cria o seu programa, todos os meses. Não sei se
275 estou a responder totalmente ou se me estou a espalhar.

276
277 **-Só dos docentes... Quais são as atividades que eles vêm aqui fazer? As principais.**

278 -Os docentes vêm tratar da vida deles. A maior parte das vezes e não querem que a gente os
279 chateie. Eles estão lá na vida deles e não sei o quê. Às vezes fazemos... Há uma ou outra
280 atividade que nós também fazemos para os docentes, por exemplo. Não só para os docentes,
281 mas um bocadinho para a comunidade educativa e para os não docentes também. Que é, por
282 exemplo, literacia financeira com o Banco de Portugal. Fazemos normalmente. Todos os anos

283 fazemos, pelo menos uma sessão em que os professores vêm por inscrição. Ou os
284 professores, ou os não docentes, ou até os encarregados de educação, vêm menos, mas às
285 vezes também vêm. Fazemos uma sessão de literacia financeira, que é muito fixe, muito
286 prática. Eu tenho uns técnicos do Banco de Portugal que vêm gratuitamente e são ótimos,
287 porque também fazemos isso com os alunos de todos os ciclos.

288 Fazemos 4º, 6º, 8º e 11º ano. Todas as turmas, 3 vezes por ano, para cada grupo. Fazemos
289 com o Banco de Portugal, com a Associação Portuguesa de Bancos. E que muitas vezes vão
290 de encontro a estes temas que a Cláudia quer saber. Porque muitas vezes tem a ver com a
291 segurança na web e estamos a entrar aqui na literacia mediática e também um bocadinho da
292 informação, não é? Ou seja, a segurança na utilização das contas bancárias. E que muitas
293 vezes é a literacia financeira em geral, dos serviços bancários, mas que muitas vezes,
294 sobretudo para os 8º e para os 12º anos, começam aqui a entrar naquela fase, nos 11º,
295 naquela fase de já começarem eventualmente a ter uma conta, é segurança na internet.

296

297 **-Muito bem. Como classifica a literacia digital dos alunos e docentes que frequentam a**
298 **biblioteca escolar?**

299 -Quer dizer, a literacia digital são várias coisas, não é? Desde o saber utilizar um computador
300 ou saber interpretar uma mensagem. Literacia de informação, literacia mediática, literacia
301 digital. Quando pôs aí literacia digital, até pensei será que se está a referir só à utilização dos
302 equipamentos?

303 **-No geral.**

304 -Até fui confirmar porque estava na dúvida. Mas ela geralmente integra a literacia mediática,
305 a literacia de informação e mesmo essa apetência para o computador, para trabalhar num
306 computador ou num telemóvel ou no que seja. Quer dizer, a minha ideia, posso estar mais
307 certo ou menos errado, mas aquilo que eu vou vendo: do ponto de vista dos professores
308 depende da faixa etária - professores mais, não quero chamar mais velhos, senão eu também
309 me posso integrar neles, mas mais, que andam há mais tempo nisto... (risos) Varia muito.

310 **-Mais experientes...**

311 -Mais experientes! Mesmo aí, varia muito. Temos colegas que são mais aptos e são mais
312 curiosos e querem e temos também aqueles que não são tolinhos, mas recusam-se um
313 bocado, por todas as razões do mundo ou porque não têm apetência, não nasceram naquilo
314 e então recusam um bocadinho isso e pronto, há dificuldades. Os colegas mais novos, não
315 sinto que haja problemas a esse nível. Pelo menos nunca me apareceram aqui, até porque eu
316 não sou de informática, mas sou de uma área um bocadinho, ou melhor, tenho competências
317 nessa área, competências afins. Eu não sei mexer num computador por dentro, mas trabalhar
318 a parte visual do computador, consigo. Ou a parte de software, quero dizer. Não hardware,
319 mas software. E não sinto que haja esses problemas.

320 Com os alunos, às vezes acontecem coisas muito curiosas. Temos esta ideia de que eles são,
321 e estou a falar mais destes aqui porque não tenho tanta consciência do que acontece no
322 primeiro e no segundo ciclo, mas aqui tenho muita, porque é o público com que eu lido. Às
323 vezes acontecem coisas curiosas. Nós temos a ideia que os putos, os alunos, que isto para
324 eles é como peixe na água, mas às vezes damo-nos conta que eles não sabem fazer
325 determinadas coisas que são básicas. E eu não posso dizer que é a biblioteca que tem agora
326 que resolver esse problema, porque eles têm um TIC, desde não sei quando, até não sei
327 quando. À partida, deveriam saber fazer um *copy-paste* e passar um documento do
328 computador para um *e-mail* ou do computador para uma *pen*.

329 O que se passa é que às vezes não. E são os casos que, quando me aparecem, eu penso assim...
330 Ou seja, na realidade eles têm muitas competências para fazer uma série de coisas nas redes
331 sociais, para os joguinhos e não sei o quê, mas estas tarefas que são de, vamos chamar de
332 trabalho, às vezes eles não sabem. E acho muito estranho que são miúdos que têm, sei lá, 15
333 anos, 14 anos, já andam nisto também há muito tempo, nasceram no meio disto, mas na
334 realidade faltam-lhes essas competências que são muito básicas e que eles não as dominam.
335 Não sei o que é que isto quer dizer, mas constato isso. Mas a biblioteca, nesse sentido, está
336 sempre aí para ajudar. E isso está sempre a acontecer. Então, guardar documentos, como é
337 que eu guardo, onde é que guardou? Onde é que ficou o documento? Guardou e não sabe
338 onde guardou. Ou seja, onde ficou o documento, mandar o documento para o professor ou
339 para o *Teams*, mandar o documento para o *Teams*, ou para o professor, para a equipa, para
340 a turma, ou mandar o documento, meter o documento numa *pen*, uma grande dificuldade de
341 alguns alunos. E quando isso acontece, até faço questão, se houver aí mais grupos, venham
342 cá ver, ponho-os à volta, vamos lá ver como é que se faz isso. Vamos lá ver como é que se faz
343 isso. Porque, opá, é básico. Estamos sempre a tentar ajudar quando acontece, e quando eles
344 vêm aqui a fazer trabalhos, lá está. Detetamos esse problema. Mas, no geral, não acho que
345 haja problemas dramáticos a esse nível. Nesta faixa está, e no secundário não. No secundário
346 acho que, em geral, eles... Agora, a nível de literacia da informação e mediática, aí é que está
347 o problema. Aí é que há muitos problemas. Tanto ao nível de lidar com o computador, é a
348 interpretação da informação. Até para um adulto, e para os professores, às vezes, ou para
349 qualquer pessoa, é difícil distinguir o que é certo do que é errado, o que é verdade... A
350 verdade, sei lá qual é a verdade, mas o que é uma notícia falsa de uma notícia verdadeira. Essa
351 ideia de confrontar as fontes, e agora com a inteligência artificial ainda vai adensar mais esse
352 problema, porque a inteligência artificial ainda não pensa por si. Ou seja, se fizermos uma
353 determinada pergunta, se houver muitas notícias falsas sobre isso na rede, o que é que vai
354 acontecer? Ele vai fazer um texto espetacular do ponto de vista gramatical e de semântica e
355 tudo, mas está tudo errado. E isso pode ser problemático. Aliás, esse é um trabalho, por
356 exemplo, no mês Internacional das Bibliotecas, que é o mês de Outubro, o tema é mesmo a
357 inteligência artificial, ou seja, é isso que estou a fazer com os alunos do 7º ano, quando vêm
358 cá, apresento a biblioteca e faço um pequeno exercício utilizando a inteligência artificial. Acho
359 que é fundamental, e aí eu acho que, não é só a biblioteca, e nós aqui ainda temos muito para
360 fazer, acho que até é um dos nossos pontos fracos é trabalhar mais a literacia mediática e a
361 literacia da informação, acho que ainda não chegamos lá, porque há muito trabalho para fazer
362 aí, porque eu acho que não está a ser muito feito em sala de aula. E aí a biblioteca pode estar
363 na linha da frente. E, por exemplo, ainda agora me inscrevi num projeto, é um projeto que se
364 chama *Lidera*, que é um projeto a nível nacional, e que se chama “Ler Informação Diária para
365 Escolher, Refletir e Agir”, que é, tipo, isto é só para professores bibliotecários, e então, vai
366 haver seis módulos de formação, nós vamos ter formação de duas horas, que a ideia é replicá-
367 la a turmas, ou arranjar colegas que também o façam, ou seja, nós temos um módulo de
368 formação, aquilo está tudo planificado, e é tudo sobre literacia da informação e literacia
369 mediática. Pronto, eu me inscrevi-me, porque acho isso mesmo fundamental, se calhar neste
370 momento é um dos papéis principais da biblioteca, trabalhar essas questões, mais do que a
371 informática, como é que se faz, ou como é que se deixa de fazer, como é que se guarda um
372 documento, é a informação que nos chega todos os dias, por todas as vias, e que muitas vezes
373 parece verdadeira, mas não é.

374

375 **-Quais as principais dificuldades sentidas para integrar mais as tecnologias digitais na**
376 **biblioteca escolar?**

377 -Às vezes a disponibilidade para chegar ao máximo, eu e a equipa, que não somos muitos,
378 somos três, aqui só nesta biblioteca, e eu tenho mais tempo, eles têm duas horas ou três por
379 semana, há disponibilidade, porque isto é um trabalho contínuo, ou seja, para que isso
380 funcione tem que ser um trabalho contínuo, e às vezes é difícil, é difícil para mim, digamos,
381 fisicamente, conseguir chegar a muitas turmas, fazer muitas ações, e também é difícil que os
382 professores me disponibilizem as turmas, para eu estar sempre a fazer coisas agora aqui, tipo
383 o papagaio, sempre a dar a eles, depois... Eu acho que o que é fundamental é que estes temas
384 venham para a ribalta, e que estes temas comecem a ser tratados como currículo essencial
385 nas diferentes disciplinas, não só na disciplina de português, porque às vezes parece que o
386 trabalho da biblioteca é para os professores de português, não, é para qualquer professor, a
387 literacia mediática, a literacia da informação é importante em qualquer disciplina,
388 naturalmente mais explorável numas do que noutras, mas é fundamental, então isto tem que
389 passar para o currículo, como essencial, tem que ser uma competência essencial, não pode
390 ser a biblioteca agora a tapar os buracos todos, porque não vamos conseguir, não temos
391 equipa para isso, pronto, e depois também, é um tema que embora, sei lá, a RBE e o PNL, por
392 exemplo, este projeto aqui, tragam aqui já modelos, coisas para trabalhar, opá, porque isto é
393 tudo muito novo, mesmo a inteligência artificial, não é, e é preciso criar, digamos, exercícios,
394 porque a ideia é ser uma coisa prática, não é, agora estarmos aqui a dar uma aula sobre
395 inteligência artificial, é fazer, então, também não há muito material ainda, está a começar a
396 aparecer, está a começar a aparecer, porque se começou a perceber que o mundo está de
397 patas para o ar, e uma das razões, não será toda, uma das razões é a desinformação. Não sei
398 se respondi, desculpa.

399

400 **-Sim. Como avalia o parque informático e a ligação à internet existente na biblioteca**
401 **escolar?**

402 -Opá, atualmente a ligação à internet é bastante razoável, é claro que às vezes há
403 congestionamento, mas agora que não há esta restrição dos telemóveis, não sei quê, está
404 ótima.

405

406 **-E a nível do parque informático?**

407 -O parque informático, acho que também já de alguma maneira respondi a essa pergunta,
408 nós aqui na escola também, opá, podia ser melhor, sei lá, estes computadores já têm uns
409 anos, a gente como os trata bem, às vezes no final do ano fazemos-lhes umas formatações, e
410 eles lá vão andando, podia ser melhor, agora, gastaram-se nesta escola mais de 3 milhões de
411 euros em informática e noutros equipamentos. Opá, e eles estão aí, não estão é aqui na
412 biblioteca, mas, sei lá, ainda me posso queixar? Pergunto. O Estado deu um computador a
413 cada aluno e a cada professor, emprestou, e ainda me posso queixar que é mau? Opá, eu
414 tenho alguma dificuldade em fazê-lo, quando foram gastos, estão a ser gastos milhões de
415 euros em equipamento, eu acho que às vezes até exageradamente e aplicado em lugares
416 menos, se calhar menos interessantes.

417 **-Mas se calhar então, de acordo com aquilo que me está a dizer, e isto agora interpretando**
418 **um bocadinho o que me foi dizendo, e também o que me disse há pouco também de uma**
419 **outra escola, que disse que se calhar valia mais não ter, não estarem a ser usados os**
420 **computadores, uma vez que estão obsoletos. Se calhar, a nível da biblioteca, e só falando**
421 **da biblioteca, a verdade é que parece que estão um bocadinho já obsoletos, é isso?**

422 -Em geral sim, o que está afeto à biblioteca, sim, mas confesso que pode ser também por nós
423 não estarmos a fazer a força suficiente, ou por várias razões. Todas aquelas que eu disse, os
424 alunos já têm computador, se temos que fazer uma atividade, até podem ser os alunos a
425 trazer o deles, porque é que ainda têm que estar aqui computadores físicos, que a gente sabe
426 que daqui por uns anos vão estar obsoletos como os outros. E a tendência, *****, quando
427 tal, nós não precisamos de caixa nenhuma, isto vai ser só o ecrã. E não vai demorar muitos
428 anos para isso acontecer, está tudo na nuvem. Opa, não sei se há investimentos que... E
429 depois também porque nós centramos muito e tentamos centrar muito, sobretudo na
430 literacia da leitura, centramos muito na questão do livro. Não é que a leitura digital também
431 não seja importante, mas o livro para além de... Porque todos os leitores o dizem, que o livro
432 é o livro, e nada substitui o livro. Se nós queremos formar novos leitores, se os leitores atuais
433 dizem que o livro é o livro, é aquela coisa, aquela tecnologia do caraças, não é? Como é que
434 eu vou criar novos leitores tentando impingir-lhes outra forma de leitura? É o livro, é o livro,
435 está provado. É a melhor tecnologia de sempre.

436

437 **-Considera que as tecnologias digitais estão bem integradas no dia-a-dia da biblioteca**
438 **escolar, e porquê?**

439 -Eu acho que de alguma maneira já fui respondendo, não de forma objetiva, mas quer dizer,
440 a gente usa quando é necessário. E não nos podemos queixar da infraestrutura que temos
441 para, sei lá, quando é preciso, não é? É como eu disse, aqueles 20 PCs estão ali, opá, se eu
442 precisar deles tenho prioridade, eles estão cá. Então se eu for fazer uma atividade, preciso de
443 20 PCs. 20 já não estão 20, agora estão 18, porque dois já estão, acho que estão ali, não é
444 aquele, já estão obsoletos, porque isto depois também, lá está, os equipamentos são
445 utilizados continuamente, utilizados de formas mais corretas e menos corretas, e eles vão-se
446 deteriorando, não é? Quer dizer, não sei se liga, a gente não quer dizer que não use e faz
447 atividades com esses meios quando é necessário, mas não insistimos demasiado, não é o
448 nosso foco principal.

449

450 **-Ok. Quais as principais estratégias que implementou para que a biblioteca escolar**
451 **conseguisse integrar as tecnologias digitais?**

452 -Que pergunta difícil. Pronto, então, nós temos, por exemplo, temos um projeto que se chama
453 “Tecnoliteracias”, que no fundo faz parte daquela rubrica das bibliotecas, que é o “Aprender
454 com a Biblioteca Escolar”, e que se centra na literacia mediática e da informação. Sei lá, por
455 exemplo, e isso vamos fazendo ao longo do ano, às vezes este projeto integra outros, por
456 exemplo, o “Supersearchers Portugal”, que é um projeto da *Google*, que tem haver com
457 pesquisa, ou seja, usar ferramentas avançadas de pesquisa, que já fizemos no ano passado
458 algumas formas, inclusive para professores, porque pareceu-nos a forma mais rápida de
459 chegar, porque isto também foi uma daquelas formações que a gente fez para replicar. Nós,
460 eu, porque aquilo só foi para os professores bibliotecários, no caso para mim e para a *****,
461 nós fomos, quer dizer, nós estarmos a fazer aquilo a uma carrada de turmas, é impossível. É
462 impossível porque, pá, temos outras coisas para fazer, não dá tempo, não há tempo mesmo.
463 Então o que é que nós fizemos? Fizemos para os professores. Porque o professor é aquele
464 que depois chega diretamente aos alunos. Portanto, fizemos essa formação para professores.
465 Pronto, estamos aqui a trabalhar essas competências com os professores para que os
466 professores ajudem os alunos. Sei lá, na *Semana da Internet Segura*, pronto, também
467 realizamos sempre atividades em torno da Internet Segura, às vezes em parceria com o GAF,
468 que é o Gabinete de Apoio à Família e com a Escola Segura. E às vezes fazemos as atividades,

469 porque nesta área há muitas, eles propõem muito tipo de atividades, e fazemos como
470 fazemos com a escola toda, mas fazemos na medida da nossa possibilidade, com os alunos
471 que podemos e com os anos que podemos.

472 Sei lá, ah, estamos, fazemos isto aqui do público na escola, isto também é comigo, que é o
473 que eu até há bocadinho já falei, que é o tal projeto, isto geralmente com as turmas do 12º
474 ano, que é, os alunos leem uma notícia do público, por exemplo, isto é mesmo do público,
475 tem que ser mesmo do público, uma determinada notícia, sobre um determinado assunto da
476 atualidade, e o aluno interpreta a notícia e tem que escrever um texto com 300 palavras, que
477 é enviado, é um concurso, que é enviado para o jornal público, e depois alguns destes textos
478 são premiados, portanto é do âmbito da literacia da informação. Por exemplo, o “Sete Dias
479 com os Média”, também participamos, fazemos algumas atividades em maio, quando o
480 projeto está em prática. Temos também, usamos aquela ferramenta que eu não sei se
481 conheces, que é o *Tagpacker*, que é um agregador de conteúdos, em que pedimos, não é que
482 os colegas colaborem muito, eu tento e vou tentando fazer o melhor que posso, mas eu pelo
483 menos ponho lá sempre muitas coisas, das várias áreas disciplinares. Já há conteúdos, não é?
484 Na internet que sejam interessantes, sobre as diferentes áreas disciplinares, criar as *tags*, não
485 sei se estás a ver qual, como é que é a ferramenta, criar as *tags*, não é? Criar ali *tags*
486 interessantes para que seja fácil alguém ir lá e agregamos estes conteúdos e disponibilizamos
487 no nosso site. Pronto, que também é uma forma de trabalhar. E também, como eu já falei, é
488 a literacia financeira que fazemos com o Banco de Portugal e com a Associação Portuguesa
489 de Bancos. Muitas vezes eles também trazem esses temas, da literacia digital, em geral, da
490 informação e mediática. Somos, fazemos parte do Plano Nacional de Cinema e para que fique
491 claro, o Plano Nacional de Cinema, os professores sempre utilizaram, a escola sempre utilizou
492 o cinema, mas muitas vezes é apenas como um filme de apoio ao currículo. Portanto, a nossa
493 ideia, não é nossa, é do PNC, é ir muito para além disso. Ou seja, é a literacia do cinema, é a
494 literacia cinematográfica. Um bocado centrada no cinema português, mas também em algum
495 cinema internacional que traz temas, assuntos que são interessantes, temas da cidadania, por
496 exemplo, para debater na escola. Temos também um projeto com o Grupo de Filosofia, que
497 se chama *Temas e Debates*, em que os alunos vêm da sala, às vezes são debates interturmas,
498 em que estão duas turmas, assumem posicionamentos e depois discutem temas que podem
499 ir desde assuntos da atualidade até assuntos da cidadania e às vezes também assuntos da
500 própria filosofia, não é? Pronto, temos este programa “Leituras à Solta”, que é o tal de rádio,
501 não é? Mas aí os temas são diversos, mas pronto, normalmente são eles... Eu incentivo-os a
502 fazer. Nunca são muitos em cada programa, são cinco, seis, ainda estiveram cá ontem, e eu
503 ponho-os a fazer. E aí entra-se também na literacia digital, usamos o *Audacity* para fazer isso,
504 e eu ponho-os aqui a fazer. Eu só depois estou ali a dizer, isto não basta dizer as palavras, as
505 palavras têm de ter ansiedade com a boca, têm de ter sentido, têm de ter força, não é? Não
506 é só lê-las, e então trabalho essa parte, enquanto eles vão aqui afinando a gravação e vendo
507 como é que isto funciona.

508 Não acho que é possível fazer mais, mas não será assim particularmente mal o que se faz.

509

510 **-Então, para terminar, deseja acrescentar algo que não tenha sido abordado e que**
511 **considere importante?**

512 -Quer dizer, o que nos faz sempre falta são livros. Uma biblioteca tem de estar cheia de livros,
513 tem de ter as novidades fresquinhas, e tem de ter a literatura, não quero usar uma palavra,
514 queria dizer a literatura séria e a menos séria. Na realidade, atualmente temos muitos alunos,
515 sobretudo no ensino secundário, também já há alguns no 3º ciclo, são bons leitores, leem

516 muito, mas nem sempre leem aquilo que é mais interessante. São muito influenciados pelos
517 *tiktokers*. É um princípio, não é? A nossa ideia é que eles façam essas leituras, é uma ótima
518 forma de começar, mas é possibilitar que evoluam para formas mais complexas de leitura.
519 Então, temos de estar bem apetrechados. E nunca é suficiente, porque aí, embora nós
520 façamos muita pressão, mas aí acho que a direção das escolas tem alguma influência. Nós
521 fazemos muita pressão para que a escola, do orçamento, afete dinheiro à biblioteca, e nem
522 sempre se consegue muito. Nós conseguimos mais dinheiro através das candidaturas.
523 Candidaturas a projetos da RBE, do PNL, é onde nós vamos buscar mais dinheiro para livros.
524 Aqui do agrupamento, não me posso queixar, mas julgo que é mais ou menos geral nas
525 bibliotecas escolares, é preciso fazer mesmo muita pressão para conseguirmos alguma coisa.
526 Até porque temos aqui uma biblioteca imensa e faltam livros, há estantes que não estão
527 cheias de livros, e era isso que eu queria.

528

529 **-Pronto, resta-me agradecer a disponibilidade e colaboração. Muito obrigada.**

530

531 -Nada. Obrigado, obrigado eu.

532

533

ANEXOS

ANEXO I

QUESTIONÁRIOS MABE - ALUNOS

QA Questionário aos alunos¹

Escola: _____ Data: _____

1 Identificação:Masculino Feminino **2 Frequentas o****Ensino Básico:** 3.º 4.º 5.º 6.º 7.º 8.º 9.º Outros cursos **Ensino Secundário:** 10.º 11.º 12.º Curso profissional Outros cursos **3 Vais à biblioteca ou usas os livros e recursos digitais que ela oferece:**

1. Diariamente
2. Semanalmente
3. Raramente e de forma irregular
4. Nunca, porque _____

Nota: Se respondeste Nunca, indica o motivo e termina aqui o preenchimento do questionário.

4 Em que situação mais utilizas a biblioteca?

1. Com os professores, em atividades das disciplinas/ áreas disciplinares
2. Em atividades dinamizadas pela biblioteca
3. Por minha iniciativa, sozinho ou com colegas
4. Noutra situação. Qual?

5 Com que objetivos utilizas a biblioteca? Indica as três situações mais frequentes.

1. Ler livros, jornais e revistas
2. Estudar/ realizar trabalhos escolares
3. Requisitar livros ou outros materiais
4. Utilizar os computadores/ tablets e aceder à Internet
5. Ver um filme ou ouvir música
6. Participar em atividades (efemérides, palestras, eventos de leitura, sessões formativas, projetos, clubes, outras)
7. Conversar/ conviver com os colegas
8. Jogar
9. Noutra situação. Qual? _____

6 Qual a tua opinião sobre a biblioteca?

Sim Não

1. O horário e as regras de funcionamento estão de acordo com as minhas necessidades
2. O espaço permite a utilização ao mesmo tempo por vários alunos e grupos
3. É fácil encontrar os livros e a informação de que preciso

¹ Nos estabelecimentos sem biblioteca escolar própria, as questões devem reportar-se aos serviços e aos recursos documentais que circulam a partir das bibliotecas do agrupamento que servem as escolas. Os questionários devem ser respondidos por alunos a partir do 3º ano de escolaridade. No 1º Ciclo do Ensino Básico, a aplicação dos questionários deve ser mediada pelo professor bibliotecário ou por um docente da turma. Para os alunos desta faixa etária, é facultada uma versão adaptada do questionário, disponível em WWW: <URL: <https://rbe.mec.pt/np4/quest.html>>.

- | | | |
|--|-----------------------|-----------------------|
| 4. São-me dadas sugestões e sinto-me apoiado(a) se procuro um livro ou preciso de realizar alguma pesquisa ou trabalho escolar | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 5. O catálogo bibliográfico é útil nas minhas pesquisas | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 6. Os computadores e os <i>tablets</i> são em número suficiente | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 7. A ligação à <i>Internet</i> funciona bem | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 8. Sou sempre informado(a) sobre as novidades e as atividades que vão sendo realizadas | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 9. Tenho acesso fácil a guiões de trabalho, tutoriais, fichas de leitura e outros materiais | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 10. Comunico facilmente com a biblioteca através da <i>Internet</i> e das redes sociais | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

7 Já participaste em alguma das seguintes atividades promovidas pela biblioteca? Sim Não

- | | | |
|--|-----------------------|-----------------------|
| 1. Aprender a pesquisar informação e a realizar trabalhos escolares | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 2. Obter apoio em tarefas de estudo e de aprendizagem relacionadas com as disciplinas | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 3. Usar o catálogo e localizar os livros e outros materiais nas estantes | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 4. Utilizar programas informáticos para tratamento e produção de imagem, som, apresentações multimédia, gráficos, ... | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 5. Realizar atividades relacionadas com a comunicação social (jornais/ revistas, televisão e rádio) | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 6. Aprender a publicar conteúdos e a ter comportamentos seguros na <i>Internet</i> e nas redes sociais | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 7. Participar em clubes, encontros com escritores, concursos, visitas a exposições, espetáculos musicais, teatrais ou outros eventos | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 8. Outra. Qual? | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

8 Recursos da biblioteca Sim Não

- | | | |
|--|-----------------------|-----------------------|
| 1. Os livros e os recursos existentes na biblioteca são adequados aos teus interesses e necessidades de leitura e de aprendizagem? | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
|--|-----------------------|-----------------------|

9 Qual a tua opinião sobre recursos existentes na biblioteca ou que esta faz circular na tua escola?

	Muito bom	Bom	Médio	Fraco
--	-----------	-----	-------	-------

- | | | | | |
|--|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1. Obras de referência, de consulta e de apoio ao estudo (enciclopédias, dicionários, obras didáticas, cadernos de atividades, provas de avaliação, ...) | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 2. Livros | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 3. Informação organizada pela biblioteca escolar, acessível através da <i>Internet</i> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 4. Recursos digitais (<i>Escola virtual, Aula digital, software educativo, e-books, videojogos, ...</i>) | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 5. Jornais e revistas em suporte papel e digital | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 6. Documentos audiovisuais | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

10 Como classificas o trabalho e contributo da biblioteca escolar para:

	Muito bom	Bom	Médio	Fraco
--	-----------	-----	-------	-------

- | | | | | |
|--|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1. Satisfazeres os teus interesses e as tuas necessidades escolares e pessoais | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 2. Melhorares dos teus resultados escolares | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 3. Saberes usar as tecnologias, a informação e os média | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 4. Gostares mais de ler e leres mais | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

10 Como classificas o trabalho e contributo da biblioteca escolar para:	Muito bom	Bom	Médio	Fraco
5. Leres melhor	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Participares em projetos e atividades com outras escolas, bibliotecas ou organizações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11 Completa as frases:

1. *A biblioteca seria melhor se...* _____

2. *Usaria mais a biblioteca se...* _____

QA2 Questionário aos alunos¹

Escola: _____ Data: _____

1 Identificação:

Masculino Feminino

2 Frequentas o

Ensino Básico: 3.º 4.º

3 Vais à biblioteca ou usas os livros e recursos digitais que ela oferece:

1. Diariamente
2. Semanalmente
3. Raramente
4. Nunca vou, porque _____

Nota: Se respondeste Nunca vou, termina aqui o preenchimento do teu questionário.

4 Em que situação mais utilizas a biblioteca?

1. Com os professores, em atividades das disciplinas
2. Em atividades feitas pela biblioteca
3. Por minha iniciativa, sozinho ou com colegas
4. Noutra situação. Qual?

5 Utilizas a biblioteca para:
(Escolhe apenas três respostas.)

1. Ler livros, jornais e revistas
2. Estudar/ fazer os trabalhos escolares
3. Requisitar livros
4. Utilizar os computadores/ tablets e a Internet
5. Ver um filme ou ouvir música
6. Participar em atividades com o professor bibliotecário ou um convidado
7. Conversar/ conviver com os colegas
8. Jogar
9. Fazer outras coisas. Quais? _____

6 Qual a tua opinião sobre a biblioteca?

Sim Não

1. O horário e as regras de funcionamento estão de acordo com o que preciso de fazer na biblioteca
2. O espaço permite a utilização ao mesmo tempo por vários alunos e grupos
3. É fácil encontrar os livros e a informação de que preciso
4. São-me dadas ideias e sinto-me apoiado(a) se procuro um livro ou preciso de realizar alguma pesquisa para um trabalho escolar

¹ Nos estabelecimentos sem biblioteca escolar própria, as questões devem reportar-se aos serviços e aos recursos documentais que circulam a partir das bibliotecas do agrupamento que servem as escolas. A aplicação dos questionários deve ser mediada pelo professor bibliotecário ou por um docente da turma.

6 Qual a tua opinião sobre a biblioteca?	Sim	Não
5. O catálogo (lista) de livros e outros materiais que existem na biblioteca ajuda-me nas minhas pesquisas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Os computadores e os <i>tablets</i> são em número suficiente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. A ligação à <i>Internet</i> funciona bem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Sou sempre informado(a) sobre as novidades e as atividades que são realizadas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. O professor bibliotecário ou o meu professor dão materiais para me ajudar a estudar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Comunico com a biblioteca através da <i>Internet</i> e das redes sociais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

7 Já participaste em alguma das seguintes atividades realizadas pela biblioteca?	Sim	Não
1. Aprender a pesquisar informação e a realizar os trabalhos escolares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Obter apoio em tarefas de estudo e de aprendizagem relacionadas com as disciplinas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Usar o catálogo e encontrar os livros e outros materiais nas estantes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Aprender a utilizar o computador e a fazer apresentações de trabalhos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Realizar atividades relacionadas com os jornais, as revistas, a televisão e a rádio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Aprender a ter comportamentos seguros na <i>Internet</i> e nas redes sociais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Participar em clubes, encontros com escritores, concursos, espetáculos musicais, teatrais ou outros eventos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Outra. Qual?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

8 Materiais da biblioteca	Sim	Não
1. Os livros e os outros materiais da biblioteca são adequados aos teus interesses e às tuas necessidades de leitura e de aprendizagem?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9 Qual a tua opinião sobre os materiais existentes na biblioteca?	Muito bom	Bom	Médio	Fraco
1. Enciclopédias, dicionários, cadernos de atividades, fichas de apoio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Livros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Sítios da <i>Internet</i> organizados pela biblioteca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Livros digitais (<i>e-books</i>), videojogos educativos, outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Jornais e revistas em papel e na <i>Internet</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Filmes e música	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10 Como classificas o trabalho da tua biblioteca escolar?	Muito bom	Bom	Médio	Fraco
1. A biblioteca tem livros e outros materiais que ajudam a estudar e que me interessam	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. As atividades que faço na biblioteca ajudam-me a melhorar os resultados escolares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Na biblioteca aprendo a usar o computador e a <i>Internet</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. A biblioteca é importante para eu gostar mais de ler	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. A biblioteca ajuda-me a ler melhor	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Por causa da biblioteca participo em mais atividades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11 Completa as frases:

1. *A minha biblioteca seria melhor se...* _____

2. *Usaria mais a minha biblioteca se...* _____

ANEXO II

QUESTIONÁRIOS MABE - DOCENTES

QD Questionário aos docentes

Escola: _____ Data: _____

Grupo de recrutamento: _____

1 Com que frequência costuma usar a biblioteca escolar ou os seus livros e recursos digitais?

- 1. Diariamente
- 2. Semanalmente
- 3. Raramente e de forma irregular
- 4. Nunca, porque _____

Nota: Se respondeu Nunca, indique o motivo e termine aqui o preenchimento do questionário.

2 Com que objetivos utiliza a biblioteca ou os seus recursos no seu trabalho docente?

Assinale as três situações mais frequentes:

- 1. Planear e desenvolver atividades de pesquisa e trabalhos de projeto com os alunos
- 2. Participar e colaborar em atividades de formação de utilizadores
- 3. Dinamizar atividades no âmbito da literacia dos média (*Internet*, jornais, televisão, rádio) com os alunos
- 4. Utilizar os computadores e/ou os dispositivos móveis com os alunos
- 5. Selecionar e requisitar recursos para utilização na sala de aula
- 6. Fazer empréstimo domiciliário com o grupo/ turma
- 7. Participar em atividades organizadas pela biblioteca
- 8. Realizar trabalho profissional e/ou pessoal
- 9. Outro. Qual? _____

3 Em que contextos e com que frequência costuma articular e/ ou planear atividades com a biblioteca?

	Sempre	Regularmente	Ocasionalmente	Nunca
1. Definição de programas formativos e de estratégias de melhoria das competências dos alunos, nas literacias da leitura, da informação e dos média	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Integração de competências de leitura, da informação e dos média na planificação e tratamento de conteúdos/ unidades de ensino	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Seleção ou produção de materiais de apoio necessários à condução de atividades na biblioteca escolar ou em sala de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Realização de atividades de formação de utilizadores para o uso da biblioteca e dos seus recursos impressos, digitais e em rede	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Exploração de tecnologias e ferramentas em ambientes digitais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Colaboração em atividades de promoção do sucesso escolar, apoio educativo, estudo, recuperação, outras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Participação em iniciativas, decorrentes do projeto educativo e dos planos De trabalho das turmas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Organização de eventos culturais, literários, científicos ou artísticos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Ajuda ao envolvimento das famílias em atividades relacionadas com a leitura e as literacias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3 Em que contextos e com que frequência costuma articular e/ ou planear atividades com a biblioteca?	Sempre	Regularmente	Ocasionalmente	Nunca

10. Outro. Qual? _____

4	Muito bom	Bom	Médio	Fraco
Que balanço faz da sua experiência de trabalho e de colaboração com a biblioteca escolar?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

5	Muito bom	Bom	Médio	Fraco
Como classifica o trabalho desenvolvido pela biblioteca no apoio à escola e na satisfação das suas necessidades profissionais e pessoais?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

6 Exprese a sua concordância ou discordância relativamente às afirmações seguintes, no que se refere ao trabalho e serviços da biblioteca:	Concordo plenamente	Concordo	Discordo	Discordo plenamente
1. Garante as condições de espaço e equipamentos necessárias ao bom funcionamento dos seus serviços	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Permite o acesso a turmas, grupos e alunos em atividades escolares ou de lazer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Desenvolve atividades de articulação curricular que promovem o trabalho escolar e o nível dos conhecimentos e capacidades dos alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Realiza um trabalho sistemático no âmbito da promoção do gosto pela leitura e das competências leitoras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Acompanha e apoia os alunos na seleção de documentação, no uso crítico da informação e na produção de conteúdos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Ajuda os alunos na exploração e uso qualificado das tecnologias, da <i>Internet</i> e dos média	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Disponibiliza materiais e instrumentos de apoio ao trabalho escolar e à formação para as literacias a alunos e a docentes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Trabalha com ambientes digitais e ferramentas <i>Web</i> (plataforma <i>LMS</i> , blogues, <i>wiki</i> , redes sociais, ...), facilitadores da comunicação, partilha e difusão de informação e do trabalho colaborativo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Organiza atividades e iniciativas indutoras do desenvolvimento cultural e da formação integral dos alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Favorece o trabalho em rede, o desenvolvimento de projetos e a integração da escola na comunidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

7	Muito bom	Bom	Médio	Fraco
Como avalia o nível dos recursos da biblioteca para apoio à sua prática educativa/ letiva?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

8 Avalie o nível dos recursos existentes na biblioteca ou que esta faz circular na sua escola:	Muito bom	Bom	Médio	Fraco
1. Obras de referência, de consulta e de apoio ao estudo (enciclopédias, dicionários, obras didáticas, cadernos de atividades, provas de avaliação, ...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Livros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Informação organizada pela biblioteca escolar, disponibilizada através da <i>Internet</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Recursos digitais (<i>Escola virtual, Aula digital, software educativo, e-books, videojogos, ...</i>)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Jornais e revistas em suporte papel e digital	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Documentos audiovisuais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9 Como classifica o trabalho e contributo da biblioteca escolar para:	Muito bom	Bom	Médio	Fraco
1. A melhoria dos resultados escolares dos alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. O desenvolvimento das literacias digitais, da informação e dos média dos alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. A promoção dos hábitos de leitura dos alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. A melhoria das competências de leitura dos alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. O desenvolvimento de experiências sociais, culturais e formativas proporcionadas aos alunos, no âmbito de projetos e atividades de parceria com outras escolas, bibliotecas ou organizações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10 Como pode a biblioteca escolar melhorar os seus serviços no domínio da leitura, das literacias e da sua disciplina/ área disciplinar?

ANEXO III

PLANO DE MELHORIA



Avaliação 2018/ 2019

Recomendações do conselho pedagógico

Nenhumas.

Data de apresentação à direção/
conselho pedagógico 0

Observações

A. Currículo, literacias e aprendizagem

Problemas identificados

0

Resultados esperados

0

A.1 Apoio ao currículo e intervenção na ação pedagógica.

Ações de melhoria a implementar

Instrumentos de avaliação/ indicadores de execução a utilizar

0

Responsáveis

0

Data de início 0

Data de conclusão 0

A.2 Formação para as literacias da informação e dos média.

Ações de melhoria a implementar

0

Instrumentos de avaliação/ indicadores de execução a utilizar

0

Responsáveis

0

Data de início 0

Data de conclusão 0

B. Leitura e literacia

Problemas identificados

0

Resultados esperados

0

B.1 Desenvolvimento de iniciativas de promoção da leitura.

Ações de melhoria a implementar

0

Instrumentos de avaliação/ indicadores de execução a utilizar

0

Responsáveis



Avaliação da biblioteca escolar

Rede Bibliotecas Escolares | Sistema de Informação

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

0

Data de início 0

Data de conclusão 0

B.2 Atividades de treino e aprofundamento da competência leitora.

Ações de melhoria a implementar

0

Instrumentos de avaliação/ indicadores de execução a utilizar

0

Responsáveis

0

Data de início 0

Data de conclusão 0

C. Projetos e parcerias

Problemas identificados

0

Resultados esperados

0

C.1 Participação em projetos e iniciativas de parceria interna e externa.

Ações de melhoria a implementar

0

Instrumentos de avaliação/ indicadores de execução a utilizar

0

Responsáveis

0

Data de início 0

Data de conclusão 0

C.2 Envolvimento e mobilização dos pais, encarregados de educação e famílias.

Ações de melhoria a implementar

0

Instrumentos de avaliação/ indicadores de execução a utilizar

0

Responsáveis

0

Data de início 0

Data de conclusão 0

D. Gestão da biblioteca escolar

Problemas identificados

0

Resultados esperados

0

D.1 Recursos humanos, materiais e financeiros necessários à gestão, integração e valorização da biblioteca.

Ações de melhoria a implementar



Avaliação da biblioteca escolar

Rede Bibliotecas Escolares | Sistema de Informação

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

0

Instrumentos de avaliação/ indicadores de execução a utilizar

0

Responsáveis

0

Data de início 0

Data de conclusão 0

D.2 Desenvolvimento, organização, difusão e uso da coleção.

Ações de melhoria a implementar

0

Instrumentos de avaliação/ indicadores de execução a utilizar

0

Responsáveis

0

Data de início 0

Data de conclusão 0

ANEXO IV

RELATÓRIO - PB



Relatório de execução do plano de melhoria 2019/ 2020

Recomendações do conselho pedagógico

Data de apresentação à direção/ conselho pedagógico

Observações

Informação escolar

Escola

Código

Endereço postal

Escola sede de agrupamento

Oferta curricular

Identifique os ciclos/ níveis e os cursos ministrados na escola.

--

Taxa média de transição/ conclusão --

Taxa de abandono escolar --

N.º de alunos com medidas seletivas --

de suporte à aprendizagem e à inclusão

Processo de avaliação

Relatório de avaliação

Intervenientes no processo de avaliação

Ciclo de ensino/ ano	N.º de alunos	N.º de inquiridos	% de inquiridos
Ensino Básico			
3.º Ano	0	0	0%
4º Ano	0	0	0%
5º Ano	0	0	0%
6º Ano	0	0	0%
7º Ano	0	0	0%
8º Ano	0	0	0%
9º Ano	0	0	0%
Outros cursos	0	0	0%
Ensino Secundário			
10º Ano	0	0	0%
11º Ano	0	0	0%
12º Ano	0	0	0%
Cursos profissionais	0	0	0%
Outros cursos	0	0	0%
Total	0	0	0%

Grupos de recrutamento [?]/ outros intervenientes com funções pedagógicas	N.º de docentes	N.º de inquiridos	% de inquiridos
---	-----------------	-------------------	-----------------

Educação Pré-Escolar



Avaliação da biblioteca escolar

Rede Bibliotecas Escolares | Sistema de Informação

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

--	0	0	0%
1º Ciclo Ensino Básico			
--	0	0	0%
2º Ciclo Ensino Básico			
--	0	0	0%
3º Ciclo/ Ensino Secundário			
--	--	--	0%
Total	0	0	0%

Pais/ encarregados de educação	N.º	N.º de inquiridos	% de inquiridos
0	0	0	0%

Outros intervenientes	N.º	N.º de inquiridos	% de inquiridos
0	0	0	0%

Contextualização do processo de avaliação

Fatores internos e externos com influência nos resultados da avaliação

Período em que decorreu o processo de avaliação

-- --

Perfis de desempenho

Relatório de avaliação

A. Currículo, literacias e aprendizagem

Trabalho de intervenção no apoio ao currículo e à ação pedagógica	--
Desenvolvimento de ações promotoras do uso da informação e dos média	--
Impacto na progressão das aprendizagens	--
Impacto na melhoria dos níveis de literacia da informação e dos média	--

B. Leitura e literacia

Desenvolvimento de estratégias e atividades de leitura	--
Incremento do acesso e envolvimento dos alunos em práticas de leitura	--
Impacto no desenvolvimento do gosto e do prazer da leitura	--
Impacto no desenvolvimento da competência leitora	--

C. Projetos e parcerias

Promoção de parcerias e envolvimento em projetos	--
Fomento da participação dos Pais/EE e famílias em atividades conjuntas	--
Contributo para o enriquecimento do papel formativo, visibilidade e integração da escola na comunidade	--



D. Gestão da biblioteca escolar

Integração na escola e cooperação com as estruturas e serviços de gestão pedagógica	--
Liderança e condições de espaço, equipamento e funcionamento	--
Coleção impressa e digital	--
Uso da coleção	--

Avaliação

Relatório de avaliação

Resultados da avaliação

Domínio	Nível obtido
A. Currículo, literacias e aprendizagem	0
B. Leitura e literacia	0
C. Projetos e parcerias	0
D. Gestão da biblioteca escolar	0
Média global	0

Relato dos resultados

A. Currículo, literacias e aprendizagem [+]

A.1 Apoio ao currículo e intervenção na ação pedagógica.

Pontos fortes identificados

--

Pontos fracos identificados

--

A.2 Formação para as literacias da informação e dos média.

Pontos fortes identificados

--

Pontos fracos identificados

--

B. Leitura e literacia [+]

B.1 Desenvolvimento de iniciativas de promoção da leitura.

Pontos fortes identificados

--

Pontos fracos identificados

--

B.2 Atividades de treino e aprofundamento da competência leitora.

Pontos fortes identificados

--

Pontos fracos identificados

--

C. Projetos e parcerias [+]

C.1 Participação em projetos e iniciativas de parceria interna e externa.

Pontos fortes identificados

--

Pontos fracos identificados

--

C.2 Envolvimento e mobilização dos pais, encarregados de educação e famílias.

Pontos fortes identificados

--

Pontos fracos identificados

--

D. Gestão da biblioteca escolar [+]



D.1 Recursos humanos, materiais e financeiros necessários à gestão, integração e valorização da biblioteca.

Pontos fortes identificados

--

Pontos fracos identificados

--

D.2 Desenvolvimento, organização, difusão e uso da coleção.

Pontos fortes identificados

--

Pontos fracos identificados

--

Impactos da biblioteca

Relatório de avaliação

Tendo em conta os resultados obtidos e a sua perceção sobre o trabalho da biblioteca escolar ao longo do período em que decorreu a avaliação, como classifica os impactos da biblioteca nos diferentes domínios?

Escala: 4 - Muito significativo, 3 - Significativo, 2 - Pouco significativo e 1 - Nada significativo

A. Currículo, literacias e aprendizagem

Reforço da motivação para o desenvolvimento pessoal, cultural e científico	--
Melhoria das estratégias de aprendizagem	--
Desenvolvimento das capacidades dos alunos no uso das tecnologias em contexto educativo	--
Aumento das competências dos alunos na utilização e gestão pessoal e escolar da informação	--
Mudança de atitudes dos alunos no uso crítico da informação e dos média	--
Valorização da biblioteca escolar como lugar de aprendizagem e de formação	--

B. Leitura e literacia

Incremento do gosto e dos hábitos de leitura	--
Mudança na atitude e na resposta dos alunos às atividades de leitura	--
Valorização e integração da leitura na vida pessoal e escolar dos alunos	--
Crescimento do trabalho com as turmas em projetos e atividades de leitura	--
Aumento da utilização da biblioteca escolar para atividades de leitura	--

C. Projetos e parcerias

Enriquecimento das experiências de socialização e de formação dos alunos	--
Melhoria da qualidade dos serviços e da gestão sustentável dos recursos	--
Incremento da participação dos pais, encarregados de educação, famílias e outros parceiros nas atividades da biblioteca e da escola	--
Aumento da visibilidade, credibilidade e projeção local e social da biblioteca escolar	--

D. Gestão da biblioteca escolar

Melhoria da qualidade dos serviços prestados e dos recursos disponibilizados	--
--	----



Avaliação da biblioteca escolar

Rede Bibliotecas Escolares | Sistema de Informação

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Incremento do uso da coleção nas práticas de leitura e nas atividades escolares --

Valorização do papel pedagógico, cultural e social da biblioteca escolar --

Aumento da utilização da biblioteca escolar --

Avaliação global

Relatório de avaliação

Síntese global da avaliação das bibliotecas escolares do agrupamento

O preenchimento deste quadro só se aplica aos agrupamentos de escolas. Embora esteja inscrito no relatório da escola sede, pretende ser uma síntese geral da avaliação realizada nas bibliotecas do agrupamento, de modo a facilitar uma visão global do seu desempenho e a adoção de uma política de gestão integrada que promova o desenvolvimento articulado.

<u>Escola</u>	<u>Código</u>	<u>Nível obtido</u>
---------------	---------------	---------------------

Pontos fortes identificados

Pontos fracos identificados

Data de submissão